



BEL LEINE

SAÍDA 21

e outros contos

SAÍDA 21 e outros contos

BEL LEINE

Sumário

Introdução.....	05
A outra história.....	06
Saída 21, a história de Mirian.....	45
Lobotomia.....	54
Acordando no inferno.....	66
O grande evento.....	80
As três mulheres.....	97
Saída 21, a história de Bernardo.....	102
Prisioneiro no paraíso.....	110
O rei e a feiticeira.....	150
Demônios fora da escuridão.....	155
Zeami.....	192
O anjo da guarda.....	195
Saída 21, a história de Guilherme.....	206

“Existem poucas pessoas, mesmo entre os pensadores mais serenos, que não tenham sido ocasionalmente surpreendidas por uma vaga embora empolgante crença parcial no sobrenatural, devido à consciência de um caráter aparentemente tão espantoso que, enquanto meras coincidências, o intelecto foi incapaz de apreendê-las.”

- C. Auguste Dupin em O mistério de Marie Rogêt
(Edgar Allan Poe)

Introdução

Onde vive o sobrenatural?

Em todas as partes do Universo, esperando para ser visto, ouvido e compreendido? Ou nas profundezas obscuras e desconhecidas da mente humana, escondido naquele canto onde o pensamento racional não alcança?

Uma reflexão seria válida, mas quem pode garantir que sua capacidade de refletir vai resistir até o final? E se sua própria racionalidade perder-se no caminho, entregando-se à conjecturas não naturais? Você pode confiar em si mesmo?

No que você pode confiar?

O que atribuímos ao sobrenatural seria apenas uma série de acidentes intrigantes e convenientes, mas, ainda assim, somente coincidências?

É perigoso *duvidar*?

Ainda há muito a ser descoberto, mas você arriscaria uma busca profunda dentro de si mesmo, quando sua própria sanidade pode estar em jogo?

A outra história

A sensação de estar sendo observado — *vigiado* — era nítida, quase física. E acontecia pela terceira vez naquela semana.

O velho Edgar, não pela primeira vez, olhou sobre o ombro à procura do dono dos olhos invisíveis a perscrutá-lo. Nada. A rua encontrava-se deserta como habitual, apenas a sombra da grande mangueira fazia-lhe companhia naquela noite chuvosa de março.

São as águas de março levando o verão, é a promessa de vida no teu coração, ele cantarolou mentalmente, de forma melancólica e impensada. Achava inevitável pensar na antiga canção quando o assunto era as chuvas que encerravam o verão, trazendo com elas a perspectiva de dias mais frios e escuros.

Não que a mente de Edgar se ocupasse demasiado com detalhes assim: verão, outono, chuvas torrenciais ou Tom Jobim. Nem mesmo a contínua sensação de ser vigiado despertava-lhe mais do que incômodo. Se pensasse bem, perceberia que, nos últimos anos, pouco do que acontecia bem diante do próprio nariz lhe interessava realmente.

Danem-se as águas de março.

Atrás de si, fechou o portão da garagem, passou o cadeado e, sem lançar outro olhar em direção à rua — para os olhos anônimos que o espreitavam —, entrou em casa.

Lar.

Todas as luzes estavam apagadas, tal como estivera ao sair pela manhã, e assim deixou que permanecessem. A única claridade provinha da janela da sala de estar, exibindo seus vidros empoeirados através das cortinas semiabertas. Edgar tratou de fechá-las inteiramente.

Privacidade.

Entrou no quarto, trocou de roupa — *roupas de trabalho*, era assim que Elisabete costumava chama-las — e desafivelou o relógio de pulso, mas não

largou-o sobre o criado-mudo antes de conferir os ponteiros: onze e vinte da noite. Talvez estivesse passando tempo demais na empresa, ultimamente.

Se não passasse a maior parte de seu tempo na empresa, qual seria a outra opção?

O lar.

Edgar ligou a televisão e deitou-se na cama. Esticou as pernas o máximo que pôde, obrigando os velhos músculos a esticarem. O movimento causou certa dor, mas a sensação foi agradável: as pernas permaneciam sob a mesa do escritório, encolhidas e praticamente imóveis, durante o dia inteiro. Elisabete quase sempre mencionava o sedentarismo no qual a vida de Edgar se transformara nos últimos quinze anos, e o instigava a praticar exercícios físicos. *Um pouco de atividade fará bem para sua saúde, querido. Saúde física e mental.*

Bem, Elisabete *fizera* exercícios físicos a vida inteira; mesmo depois de aposentada, levantava cedo todas as manhãs, a fim de realizar uma longa caminhada no parque municipal. Vestia-se com roupas modernas, tais como as moças de vinte e cinco anos usam para fazer caminhadas ou trabalhar seus corpos na academia, e, *minha nossa!* como sua velha esposa parecia jovial naqueles trajes! Elisabete munia-se de uma garrafa de água e caminhava durante Deus sabe quantas horas.

Ela praticou exercícios e manteve uma alimentação saudável durante toda a vida, e olha só o que lhe aconteceu.

Edgar usou a manta fina para cobrir as pernas — a manta estivera sobre a cama o tempo todo; havia muito tempo que ele não arrumava a cama antes de sair para trabalhar. Na televisão, o apresentador carismático comandava um programa de auditório, cujo conteúdo era, na opinião de Edgar, superficial e alienante. O convidado da noite — um jovem cantor gospel, muito bem vestido e penteado — não conseguia responder a um quiz sobre novelas brasileiras; o castigo para o fracasso era ter um balão inflável de borracha cheio, não de ar, mas de água, explodido no topo de sua cabeça.

O rosto do rapaz assumiu uma expressão de surpresa quando o conteúdo escorreu do cabelo até os ombros; surpresa não justificável, uma vez que estivera plenamente ciente do destino designado ao convidado que não acertasse as perguntas do apresentador.

Talvez o que o surpreendeu foi o fato de a água estar mais gelada do que o esperado, quem sabe?

Por que eu fui cortar os serviços de TV por assinatura?

Na verdade, não importava. Mesmo os programas exclusivos exibidos pelos canais fechados deixaram de interessá-lo nos últimos tempos.

Edgar pressionou o botão no controle remoto e silenciou o áudio da televisão. Na falta de um abajur — o antigo abajur, utilizado por Elisabete para realizar suas leituras noturnas, havia quebrado na semana passada —, ele utilizava a luz instável e de aspecto azulado da tela como fonte de luz. Estendeu a mão para o lado e agarrou a garrafa de vidro, deixada ali, bem rente à cama, na noite anterior.

Ainda sem levantar, estendeu a mão para o criado-mudo e, não sem certo esforço, conseguiu puxar a gaveta e apanhar o conteúdo que lhe interessava: a caixa de comprimidos. Destacou um da cartela e engoliu-o com a ajuda do conteúdo da garrafa. Depois, ingeriu mais dois ou três goles generosos de vodca e desligou a televisão.

Geralmente, após tomar o tranquilizante e algumas goladas de álcool, o sono o atingia fácil e confortavelmente. Edgar sabia que não levariam muitas noites até que ingerisse o derradeiro comprimido e o último gole de vodca.

Fechou os olhos e sonhou com uma garotinha em um balanço.

A garotinha caiu do balanço e arranhou o joelho. O rosto avermelhado de susto e vergonha, as bochechas riscadas de lágrimas. Edgar sabia que era só um arranhão, nada que não sarasse em alguns dias, nem precisaria de curativos. Ainda assim, caminhou em direção à ela, os braços abertos prontos para um abraço conciliador. Aninhou-a em seus braços e garantiu que tudo ficaria bem.

O toque do telefone, raro e estridente, violou o silêncio da madrugada, arrancando Edgar do universo paralelo onde moram os sonhos.

Descalço, caminhou pela casa escura. Lembrou-se de acender a luz apenas ao alcançar a sala de estar, de onde vinha o soar do aparelho que ousara intrometer-se em seu sono. Edgar não recebia ligações — *praticamente* não recebia ligações —, mas intuía quem estava do outro lado da linha.

— Estou atrapalhando? — Perguntou a voz jovial e feminina, doce e familiar.

— Eu estava dormindo.

— Ah, desculpe, é o fuso-horário... Eu sempre esqueço.

— O que você quer?

— Na verdade, não é nada. Eu só... — Hesitação. Clara nunca hesitava, mas *estava* hesitante. — Não sei, senti vontade de ligar para você.

— Poderia ter ligado de manhã, né? Você sabe que acordo cedo.

— Eu sei, eu sei. Me desculpe, pai. Eu queria ouvir sua voz, me certificar de que está tudo bem. — Nova hesitação. — Sei que não tenho sido uma filha muito presente nem dedicada, mas a situação... Bem, eu não tenho tempo para nada, pai. Meu trabalho está me consumindo e...

— Eu sei, você mencionou isso em nossa última conversa por e-mail. — *Você sempre menciona isso*, ele quis dizer, mas calou-se.

Ela é uma mulher de negócios, Elisabete teria justificado em sua defesa, *assim como você, meu bem*.

Clara prosseguiu:

— Mas eu liguei por um motivo específico, pai. Sei que você vai me achar uma boba, mas vou falar mesmo assim. Sonhei com você e fiquei preocupada.

Edgar pensou em mencionar que, no exato momento em que o telefone tocara, estivera sonhando com ela — ou com a criança que ela havia sido há vinte anos —, mas deixou que a voz envergonhada de Clara prosseguisse:

— Foi um sonho vívido; tudo parecia tão real!

"Sonhei que andávamos em um jardim, mamãe, você e eu. Ambos seguravam minhas mãos: eu era então uma menininha pequena. Você estava me contando a história de um passarinho chamado Nino.

"Na fábula, Nino havia construído uma linda casa de palha para a *família pássaro*, no galho mais alto da maior árvore da floresta. Passava os dias trazendo alimento e pequenos ramos para agradar o passarinho filhote a esposa passarinho.

"Houve um dia em que Nino perdeu-se no caminho de volta para casa. Vagou pela floresta durante muitos dias. Quando, finalmente, encontrou o lar, deparou com a esposa e o filhote passarinho mortos, vítimas da fome.

"Ele não soube o que fazer. Sentia-se mal pela própria imprudência: se prestasse mais atenção no caminho, jamais teria se perdido, trazendo a morte para os passarinhos que mais amava no mundo.

"Nino posou no galho, junto ao ninho vazio, e disse para si mesmo que faria qualquer coisa para ter a família de volta. Mal terminou de dizer as palavras, viu um louva-a-deus aproximar-se. Sua pequena cabeça esverdeada parecia contente, exibia um sorriso agradável.

"O inseto sentou-se ao lado de Nino, envolveu-o em um abraço amigável — os braços cumpridos pareciam tão acolhedores! — e perguntou se o passarinho gostaria de ter a família de volta. Prontamente, Nino respondeu de forma afirmativa, imaginando que essa era uma pergunta tola.

"O louva-a-deus ficou feliz com o consentimento, mas contou-lhe que o milagre traria uma consequência. Mas Nino não se importava nem um pouco com a consequência: desejava apenas ter a família de volta.

"Ele orientou o passarinho a fechar os olhos por apenas um segundo: *quando abri-los novamente, diante de você estará sua família.* Assim aconteceu: o olhar esperançoso de Nino deparou-se com o passarinho filhote e a esposa *passarinha*, vivos, saudáveis e felizes.

"Emocionado, Nino começou a chorar. Acontece que pássaros não podem chorar: a lágrima solitária, ao escapar-lhe do olho negro e perfeitamente circular, deixou-o desidratado. Aquela gota constituía toda água de seu corpo.

"O passarinho não resistiu."

Edgar pigarreou.

— É uma história trágica e anatomicamente equivocada. — Edgar respondeu, imprimindo à voz um tom entediado e indiferente. — Pássaros não choram, é claro, mas o corpo deles é constituído, em boa parte, de água, tal como o ser humano. Uma única lágrima jamais poderia tê-lo matado. E eu nunca contei uma história dessa para você.

É uma porcaria de fábula esquisita e muito trágica para partilhar com uma criança, ele pensou. *Eu jamais teria feito isso com você, Clara.*

Para você, apenas finais felizes.

— São metáforas, pai, sei que o senhor entendeu. E é claro que nunca me contou nada disso. É uma história que eu mesma criei e atribuí ao senhor, em meu sonho. — Ela suspirou, chateada. — Sei que está com pressa e aborrecido por eu tê-lo acordado no meio da noite, mas me escute um pouco mais, por favor. O sonho não terminou aí. — Edgar limitou-se a calar, deixando que a filha, do outro lado desse grande globo que chamamos de Terra, prosseguisse. — Assim

que a história terminou, a mamãe largou minha mão, beijou minha testa e disse que precisava partir. O senhor tentou segurá-la pela mão, detê-la, mas ela afirmou que já estava atrasada. Correu pelo jardim e foi embora. O senhor e eu continuamos a caminhada, em silêncio, dessa vez. Até que, a certa altura, seus passos se tornaram mais lentos... Então o senhor soltou minha mão e desapareceu. Assim, de repente. Sumiu bem diante do meu nariz.

Clara calou-se, aguardando um comentário de seu interlocutor. Edgar permaneceu em silêncio por um instante, avaliando o conteúdo daquele sonho e o fato de sua filha, preocupada, telefonar-lhe no meio da noite, após anos correspondendo-se apenas via correio eletrônico.

— Era apenas um sonho.

Edgar não precisava ser nenhum psicanalista para traçar o óbvio paralelo entre o sonho e a realidade: Clara sentia-se culpada por ter abandonado os pais no momento em que mais precisavam dela, ter estado ausente no funeral de sua progenitora, prosseguir ausente enquanto o pai definhava em meio à obscura e anônima tristeza. Ela sentia culpa e medo: se o pai morresse, ela chegaria a tempo de assistir ao funeral dessa vez?

Não, ele não era *nenhum psicanalista*, mas podia facilmente interpretar os devaneios da mente inconsciente da mulher que, um dia, havia sido uma garota; uma garota que ele conhecera tão bem, talvez melhor do que a si mesmo.

Mas o que disse em voz alta antes de despedir-se e recolocar o telefone no gancho foi:

— Era apenas um sonho.

Edgar retornou à confortável escuridão do quarto, mas seu ânimo perturbara-se. De alguma forma, sabia que essa havia sido a última vez em que ouvira a voz de sua filha.

Às onze horas da manhã, o movimento da porta do escritório desviou a atenção de Edgar. Estivera concentrado na planilha aberta na tela do computador, na qual procurava por onze centavos que divergiam do valor esperado na somatória.

O responsável pela interferência era Hélio — para Edgar, apenas *Hélio*; para o resto da comunidade, *Padre Hélio*. O sexagenário corpulento e míope havia sido companheiro de classe de Edgar, na longínqua época do primário escolar.

Com o sorriso amistoso que lhe era característico desde que Edgar podia se lembrar, Hélio puxou uma cadeira e postou-se à sua frente. Sobre a mesa, largou um jornal e algumas correspondências.

— Poupei sua secretária do trabalho de subir aquelas escadas imensas para trazer sua correspondência. Você acredita que ela quase não me deixou subir?

— Não a culpe. — Edgar deu uma risadinha, clicando no pequeno disquete, localizado no canto superior esquerdo da tela; em seguida, fechou a planilha. *Que se dane os onze centavos.* — A garota, Emily, é nova por aqui. Ela gosta de seguir à risca todos os protocolos: eu disse que jamais deixasse subir à minha sala qualquer desconhecido, e ela, por certo, tomou-o por um desconhecido. É uma dessas pessoas que, por serem tão éticas, se tornam menos humanas.

— Enfim — Hélio apontou os documentos sobre a mesa. —, aí estão suas coisas. Aliás, mal posso acreditar que ainda lê jornal. Meu velho Edgar, você é *velho*, mas não precisa manter hábitos tão antiquados.

— Não confio nessas notícias *online* que podem ser editadas a qualquer segundo. Prefiro o bom e velho papel; se o jornal errar, a errata vai aparecer apenas amanhã: diante disso, os editores são mais precavidos quanto aos erros.

— Essa é mais uma de suas teorias que tentam justificar porque um velho como você não consegue se modernizar e se desprender das velharias que deviam ter ficado no passado, como os jornais em papel que só servem para sujar nossas mãos de tinta.

Edgar poderia explicar ao amigo que o hábito de ler jornal fora adquirido quando Elisabete e ele eram noivos, mas não o fez. Ao invés disso, sorriu do comentário sarcástico.

— Me diga, Hélio, você não quer me levar para almoçar às onze horas da manhã, não é?

— Até chegarmos ao restaurante será onze e quinze; até que o prato seja preparado e servido, onze e meia.

— Almoçar às onze e jantar às cinco da tarde é o que *eu* chamo de hábito de velhos.

— Não seja ranzinza; preciso estar na igreja ao meio-dia e meia. Organizamos um pequeno bazar beneficente. Não sei se conseguiremos arrecadar muita coisa, pois as irmãs só juntaram um monte de quinquilharias dessa vez.

— Boa sorte com isso. — Edgar comentou, enquanto desligava o computador. — Vamos, então. Mas você paga a conta.

— Quem convida paga a conta, não é assim que deve ser?

Edgar apanhou o jornal e colocou-se a caminho do restaurante.

Enquanto aguardavam a chegada do prato, no local onde habitualmente almoçavam — um simpático bistrô a dois quarteirões da empresa —, Edgar lia superficialmente as manchetes do jornal.

Na segunda seção, Hélio, sentado em frente a Edgar, acompanhava distraidamente a leitura do amigo, ainda que as notícias lhe aparecessem de cabeça para baixo. Chamou-lhe a atenção para a pequena coluna na extremidade direita da página.

— Ficou sabendo dessa notícia, Edgar?

— Que notícia? — Ele indagou, desatento, enquanto seus olhos desciam até o local indicado pelo amigo.

A matéria era curta e objetiva; aparentemente, os editores não encontraram grande atrativo ou importância em seu conteúdo: no dia catorze de março, o líder da comunidade judaica do bairro havia sido assassinado dentro da sinagoga. Por motivos ainda desconhecidos, o responsável pelo crime teria entrado no local antes do início de uma reunião. Três pessoas encontravam-se presentes: o rabino e dois ajudantes. O assassino sacou uma faca — *adaga* havia sido a palavra escolhida pelos editores — e acertou o rabino duas vezes no coração e uma vez no abdome. Em seguida, desapareceu e não foi encontrado desde então.

— Mais um triste assassinato na metrópole. — Edgar comentou, quase indiferente.

A notícia não trazia nada de excepcional. Dezenas de assassinatos aconteciam na cidade todos os dias. Não que não se condoesse pelas pessoas mortas e seus familiares; era só que o crime havia se tornado comum demais para que qualquer cidadão dispensasse-lhe muita atenção.

— Você não está entendendo. — Hélio sorriu, parecendo divertir-se ligeiramente com a ignorância de Edgar. — O assassino *desapareceu*.

— Ele há de ser encontrado, cedo ou tarde.

— Edgar, ele *de-sa-pa-re-ceu*.

— O que quer dizer com isso?

Hélio imitou o movimento de um mágico ao fazer uma carta de baralho desaparecer:

— Exatamente o que eu disse: o maldito assassino virou *nada* assim que passou pela porta da sinagoga.

— Não é isso o que diz o jornal.

— Claro que não. Não é assim que a mídia séria está noticiando os fatos, principalmente porque não é algo que se possa provar. Mas existem duas testemunhas oculares, e ambas atestam que assistiram o assassino e sua adaga transformar-se em *nada* bem diante de seus olhos.

— Isso é coisa de Hollywood. Vai me dizer que o cara era um fantasma que veio só para matar o rabino e desaparecer em seguida?

— Não estou dizendo nada disso. Acontece que eu conheço uma das testemunhas, um dos rapazes que ajudavam o rabino a organizar os últimos preparativos para a iminente reunião.

Edgar aprumou-se na cadeira, subitamente interessado. Hélio não tinha o costume de mentir ou exagerar fatos, de modo a merecer sua confiança e atenção. Talvez sua honestidade narrativa fosse proveniente de uma longa experiência de vida como líder religioso.

O garçom aproximou-se, carregando em uma bandeja dois pratos e dois copos de suco de laranja. Trocou algumas amenidades com Hélio e Edgar, velhos conhecidos; serviu-lhes e, antes de partir, comentou brevemente sobre o tempo e a previsão meteorológica para a primeira semana de outono.

Hélio apanhou seu talher. Sorrindo de um jeito divertido e misterioso, parecia uma criança prestes a começar o relato de uma horripilante história de terror, enquanto seus ouvintes permaneciam atentos e interessados, dispostos em volta da fogueira de um acampamento para escolares.

— Oscar é o seu nome: o garoto é filho de um antigo amigo meu.

— Oscar é um nome judeu?

— Não sei. — Fez um gesto impaciente com a mão, indicando que aquela informação não era importante. — Você sabe, meu caro Edgar, que minha conduta religiosa tem sido, desde sempre, buscar a relação ecumênica e salvar todas as almas, sem exceção.

— Claro que sei, você já me explicou a respeito uma dezena de vezes. — Revirou os olhos, como se estivesse entediado.

— Por esse motivo, mantenho relações amigáveis com todos os líderes religiosos do bairro — nem todos, tudo bem; alguns são simplesmente intratáveis. — O pai de Oscar ocupa uma posição importante na sinagoga; *trocamos figurinhas* há muito tempo. Por isso, Oscar, com a confiança que deposita em mim desde menino, foi me procurar na igreja, na quinta-feira passada, após o assassinato do rabino.

"Ele estava pálido e abatido. Em apenas um dia, sua vida havia se transformado. Disse-me que sua visita era confidencial. Não desejava, principalmente, que o pai descobrisse a respeito. Não encontrara solução para o mistério em sua própria religião, e agora queria ouvir a opinião de um padre.

"Ocupamos o banco dianteiro da igreja vazia, bem diante de Nosso Senhor. Percebi que o rosto espinhento e aflito tinha algo realmente importante a dizer. Só não imaginava que o conteúdo do assunto seria, digamos, *tão interessante*. — Hélio cortou um pedaço de carne e abocanhou. Edgar nem tocara no prato, interessado na história ímpar que o amigo relatava.

"Oscar disse que estivera auxiliando o rabino Adam uma hora antes do início de uma reunião. Organizavam alguns livros que servem ao interesse da comunidade judaica. Contavam com a ajuda de outro adolescente, Calebe. Era a primeira vez que o coitado trabalhava nessa sinagoga; sua família mudou-se para cá há menos de um mês."

— Pelo amor de Deus, Hélio! Chegue logo no ponto que quero saber! O que o tal de Oscar lhe contou? Ele *viu* realmente o assassino sumir?

Hélio ignorou a intromissão, envolvido em seu próprio ritmo narrativo.

— Calebe, Oscar e o rabino Adam organizavam os livros, tiravam o pó da prateleira e jogavam conversa fora, quando um homem completamente desconhecido — pele caucasiana, olhos negros, meia-idade, quase calvo — entrou na sinagoga. Suas maneiras eram nervosas, agitadas.

"Ligeiramente hesitante, o rabino Adam avançou em sua direção, indagando, de forma polida, o que desejava o cidadão. O homem ergueu os olhos para ele e, com a voz trêmula de uma donzela apaixonada, perguntou: *você é o rabino responsável por essa sinagoga?* O rabino Adam respondeu que sim, poderia dizer-lhe o que desejava? Note que a hesitação e quase impaciência do pobre rabino devia-se, principalmente, ao fato de que as portas da sinagoga só abririam quando a reunião estivesse perto de começar; isso significa que o

estranho só poderia ter invadido o local, seja forçando a entrada ou passando pela porta que o ajudante desatento, por acaso, poderia ter esquecido aberta. — Em uma breve pausa, Hélio levou uma garfada à boca.

"De qualquer forma, ali estava o invasor, diante do rabino, perguntando-lhe quem era. O cidadão considerou a resposta satisfatória, pois sacou a adaga do bolso do casaco — sim, ele trajava um baita casaco de couro sintético, mesmo nesse calor.

"Os movimentos foram tão rápidos que os jovens nem tiveram tempo de *pensar* em agir. O assassino largou o corpo já sem vida bem no meio da sinagoga, virou as costas e caminhou em direção à saída com passos largos, sem olhar para trás. Antes mesmo que pudesse alcançar a porta, desapareceu."

— Os garotos o viram *desaparecer*?

— De forma tão clara quanto eu vejo você neste instante.

— Ele não pode ter corrido muito depressa, a ponto de *parecer* ter desaparecido? Ou, quem sabe, ter-se escondido atrás da parede da sinagoga?

— Os meninos sabem bem o que viram. Acredite, nenhum dos dois tem motivos para mentir.

— Será que não? — Edgar tentava raciocinar. Agora que já conhecia a história, pôs-se a iniciar o almoço. — Existe a possibilidade de serem cúmplices do assassino?

— Conheço Oscar desde seu nascimento. O garoto é um desses *nerds*... É assim que os jovens chamam os meninos e meninas excessivamente estudiosos e viciados em jogos eletrônicos. É um judeu convicto de sua religião, embora tenha colocado sua fé em dúvida essa única vez. Um rapaz educado e amoroso. Tenho absoluta certeza de que nada teve a ver com o assassinato, a não ser tê-lo testemunhado.

— Deve haver uma explicação racional, Hélio.

— Sim, é claro. Acredito que sim. Mas a situação é curiosa e intrigante.

— O que diz a Polícia a respeito desse... *desaparecimento*?

— Os investigadores ignoram a possibilidade de os garotos estarem corretos. Dizem que, sob intenso estresse, seus olhos podem ter *pegado a febre*. Em outras palavras, eles tiveram uma alucinação coletiva. Os policiais foram categóricos a esse respeito. O delegado chegou a ridicularizá-los quando, chocados e vulneráveis, eles relataram exatamente tudo o que viram.

“Diante do descrédito da Polícia, os pais dos meninos — e até mesmo eu — os orientaram a desapegar da versão realística do acontecido. Então, Oscar e Calebe mudaram a versão, alegando que o homem *desapareceu* no sentido de simplesmente se colocar fora do alcance de suas vistas.”

— Mas Oscar e Calebe *sabem* o que viram.

— Exato.

— Tem de haver uma explicação.

— Naturalmente. Mas simplesmente não consigo encontrá-la.

— O que a Polícia diz sobre o motivo do crime?

— Intolerância religiosa.

— Pode ser, tendo em vista que o criminoso não roubou nada do local do crime, e procurou se certificar de que Adam era o responsável pela sinagoga.

— Já foi descartada a hipótese de crime de ordem pessoal, tendo em vista que o pobre rabino não tinha inimigos e não estava envolvido com qualquer atividade criminosa. Era um homem decente, isso te atesto; bem casado, dois filhos adultos, uma netinha. Homem fiel a Deus. Um bom cidadão. Não tinha vícios.

— Isso é o que *você* acha. Não conhecemos o pecado oculto dos homens. Nem mesmo você conhece, *padre*. — Edgar mastigou um pedaço de bife, pensativo. — Quando um homem se inclina perante o confessor em busca de penitência e perdão, ele revela a você seus terríveis atos; mas, ainda assim, não lhe confia tudo. Há sempre um resquício de pecado que permanece omissos.

— Apenas Deus sonda nossos corações, meu caro, eu sou apenas um homem. É claro que não tenho conhecimento dos pecados mais íntimos de meus irmãos, só sei o que *eles* desejam que eu saiba... Mas, embora não conheça muito bem o pobre rabino, duvido muito que o cidadão tivesse um pecado oculto tão terrível que terminasse por levá-lo à morte. A suspeita — acredito que quase o veredicto também — é que o assassino seja um lunático recém enlouquecido. Esse tal lunático atende pelo complicado nome Niosmar Gregório de Freitas, mais conhecido como Nino.

— Então já é conhecida a identidade do assassino? — Edgar admirou-se, espantado ainda mais com a capacidade de Hélio em surpreendê-lo.

— Eu não disse que a história tinha terminado. Nino, o homem de *meia-idade, calvo e de olhos negros*, não possui qualquer antepassado de violência;

jamais esteve em uma delegacia. Professor em uma universidade de renome, doutor em Geofísica. Escreveu um ensaio sobre a relação entre magnetismo e eletromagnetismo — ou algo do tipo, não me lembro bem agora. Um verdadeiro gênio. Pai de família: casado há onze anos, tem uma filha de oito. Levava a menina à escola todos os dias e possuía uma relação amigável com todos seus contatos na comunidade. Era um bom professor, os alunos o adoravam. Tanto é que nenhum deles acredita que seu querido professor possa ter assassinado um rabino.

— E quanto à religião? O tal Professor Nino era religioso?

— Batizado na igreja católica por ocasião do nascimento; a família dizia-se católica, ainda que não devota. O que se chama popularmente de *católico não praticante* — o que, na verdade, quer dizer que você *não é católico*, mas isso não vem ao caso. A esposa é evangélica, e Nino jamais se opôs à religião dela. Pelo contrário, muitas vezes foi visto na igreja, a fim de assistir a filha cantar no coral.

— Essa história está ficando cada vez mais estranha. — Edgar bebericou o suco de laranja e percebeu que Hélio já havia terminado o próprio almoço.

— A Polícia investigou a vida de Nino, obviamente. Pediram à esposa que compartilhasse tudo o que sabia a seu respeito. A esposa, assustada com as notícias assombrosas sobre seu marido, e aterrorizada com o sumiço dele, obedeceu de boa vontade. Só que não havia muito a dizer.

"Ela apresentou apenas uma informação aparentemente relevante: em 2011, nas vésperas do segundo aniversário da filha do casal, a família envolveu-se em um acidente que poderia ter sido fatal se eles não tivessem *muita* sorte.

"Nino conduzia o veículo moderno e esportivo quando os três voltavam da casa da sogra que morava em uma cidade vizinha. Já era alta madrugada, e Nino haveria de defender sua tese de doutorado no dia seguinte; se não chegassem em casa depressa, ele não teria tempo para descansar antes do importante momento. Acontece que a noite estava chuvosa e a pista escorregadia. Acima da velocidade permitida, o carro de Nino trafegava perigosamente. A esposa pediu que reduzisse a velocidade. Ele respondeu que desejava chegar em casa logo e, afinal, era um bom motorista.

"Ele não mentia ou exagerava quanto às suas qualificações ao volante, mas todos cometem enganos. Ao fazer a curva na pista tortuosa, o pneu esquerdo deslizou e ele perdeu o controle da direção. O carro foi lançado para a pista

contrária, de onde vinha outro veículo. Este, por sua vez, conservava a velocidade adequada.

"Os dois automóveis teriam colidido em cheio se Nino não possuísse um bom reflexo e desviasse no último segundo. Ainda assim, ambos os automóveis encostaram apenas um milímetro, o que foi o suficiente para fazer o carro rodopiar quatro vezes e, por pouco, não despencar na ribanceira que cercava a autoestrada. Não se pode dizer que o outro motorista teve a mesma sorte: ele, de fato, *despencou* da ribanceira."

— Mas por que a esposa contou essa história? Não parece ser realmente relevante diante da acusação de assassinato.

— O investigador pediu informações a respeito de algum transtorno mental ou sintoma atípico que o marido já houvesse experimentado em toda sua vida. E, em 2011, após o acidente, Nino enfrentou uma severa depressão que, por pouco, não o levou ao suicídio. Na época, ele abandonou a carreira, pouco demonstrava interesse pela filha pequena e pela esposa, era como se nada mais o interessasse. Passava dias a fio trancado em seu quarto, desejando se manter longe de tudo e de todos. Emagreceu dez quilos e tornou-se anêmico.

— Ele caiu em depressão porque se culpou pelo *quase acidente* da família, e pela morte do motorista do outro carro.

— É isso o que pensa a esposa. Nino não gostava de falar a respeito do acidente de 2011. Ela o obrigou a tratar-se com um terapeuta; Nino partilhava com o médico vários assuntos pessoais, inclusive os sintomas de sua depressão, mas negava-se a comentar sobre o acidente. O terapeuta — que gradativamente o ajudou a curar-se da doença — diagnosticou depressão severa causada por um intenso sentimento de culpa.

— De qualquer forma, como podem ter certeza de que o professor é, de fato, o assassino? Existem muitas pessoas depressivas por aí, e nem por isso elas são acusadas de assassinar rabinos.

— Oh, não, o fato de ter sido depressivo não quer dizer muita coisa, até onde se sabe. Mesmo porque Nino tornou a lecionar e viveu de forma normal nos anos sucedentes. Apresentou sua tese e recebeu o título de doutor. Foi totalmente curado da depressão à base de ansiolíticos e acompanhamento terapêutico. É muito mais simples o motivo pelo qual sua ligação com o crime é inquestionável: ele foi visto por terceiros ao entrar na sinagoga e, quando Calebe

e Oscar narraram ao desenhista retratista da equipe de investigação as características específicas do rosto do assassino, o rosto retratado no papel possuía as feições de Nino.

— Quem o viu entrar na sinagoga?

— A faxineira do imóvel vizinho e uma transeunte na rua da sinagoga. Ambas descreveram-no tal como fizeram os garotos. E mais: a senhorita transeunte havia sido sua aluna na faculdade. Ela ergueu a mão em um cumprimento educado, mas, parecendo aflito, o professor não respondeu.

— Puxa vida! — Edgar terminou seu prato, mas permaneceu sentado, ainda tentando raciocinar. *Há de existir uma explicação lógica tanto para o assassinato quanto para o dito desaparecimento do assassino.*

— E, para terminar, adivinhe só. — Hélio tornou a exhibir seu sorriso de menino. — Nino jamais teve qualquer ligação com o rabino. Ao que tudo indica, seus caminhos não se cruzaram nem ao menos na fila do supermercado.

— Minha nossa, Hélio, como você pode saber *tudo* isso?

— Em parte, descobri através de Oscar; e também porque tenho um amigo policial, agente da Inteligência. Ele não está no caso, mas está inteirado da situação.

— E o que a Polícia pretende fazer a seguir?

— Primeiro, encontrar o cidadão e prendê-lo. Depois, interrogá-lo. Há muitas perguntas a serem feitas. Perguntas que, sem a figura do suspeito, são impossíveis de responder. Pense bem, a Polícia costuma partir do pressuposto do *motivo* do crime, certo? Pelo menos era isso o que eu lia nas histórias da Agatha Christie... Mas, se não existe, aparentemente, *qualquer ligação* entre o criminoso e a vítima, por onde podemos começar?

Edgar suspirou teatralmente:

— Você fundiu minha cuca.

— Te dei algo em que matutar antes de dormir, hein? — Ele deu risada e levantou-se. — Vamos, pois, mistérios à parte, eu tenho um bazar para tomar conta.

Era difícil para Edgar acostumar-se aos dias longos do outono. Adaptar-se ao fim do horário de verão era-lhe dispendioso.

De qualquer maneira, mesmo sem consultar o relógio, sabia que a noite já havia caído, e a maior parte dos funcionários da empresa partira. Apenas Emily remanescera, alegando precisar de mais um tempo para concluir alguns serviços, os quais não puderam ser terminados em horário de expediente: *o que ela quer é acumular horas-extras*, ele pensou.

Mas às oito e meia da noite já não havia ninguém em todo prédio. Somente a luz da sala do escritório de Edgar estava acesa e o local encontrava-se tão silencioso quanto um cemitério. Trabalhar no mais completo silêncio o agradava. Nem mesmo o barulho dos geradores dos ares-condicionados das demais salas incomodava à essa hora.

Ele retirou da gaveta da escrivaninha um sanduíche gelado e o mastigou sem prestar-lhe atenção, envolvido novamente em planilhas. Apanhou a garrafa plástica que descansava sobre a mesa e sorveu alguns goles de água morna.

Quando espreguiçou-se, mentalmente exausto, o relógio no canto inferior da tela do computador indicava onze e quinze. Ele bocejou e desligou a máquina, deixando o serviço restante para o dia seguinte.

Ponderando se deveria ou não levar consigo o guarda-chuvas — a caminhada até o estacionamento era cumprida o suficiente para deixá-lo molhado se estivesse chovendo —, Edgar aproximou-se da janela para avaliar as condições climáticas do final de noite. Abriu a persiana e espiou: chuviscava. Os pingos eram grossos o suficiente para fazer com que seus velhos pulmões adoecessem.

Estava prestes a fechar a persiana quando algo o deteve. Não foi a figura postada do outro lado da rua, mas sim aquela sensação, a *sensação* com a qual se habituara nos últimos dias: estava sendo vigiado novamente.

Mas agora era diferente; desta vez, ele podia *ver* o seu observador.

Não era possível vislumbrar as feições do rosto, é claro; não daquela distância, em meio ao chuvisqueiro que comprimia um ar fantasmagórico àquela rua quase sempre desprovida de transeuntes e, principalmente, porque o rosto ocultava-se sob um guarda-chuva negro.

Mesmo que não pudesse enxergar o rosto de seu observador, sabia que este o observava. Como poderia ter tanta certeza de que aquela face, escondida sob o guarda-chuva, estava voltada para cima, *para ele*? Era um mistério até mesmo para o próprio Edgar.

O observador era uma mulher. Ele podia enxergar o corpo esbelto, vestindo uma saia-lápis muito justa e escura, uma blusinha preta sem tema e um sapato alto finíssimo (do tipo que Elisabete costumava usar antes da maldita doença). Tudo em seus modos evidenciavam tratar-se de uma mulher de negócios, elegante e séria.

Aquela mulher o espreitava há dias.

Por quê?

Edgar não tinha a menor ideia.

Apanhou a carteira e a chave, trancando atrás de si a porta do escritório. Não sabia por qual motivo estava sendo perseguido, mas, de qualquer maneira, a moça de negócios não parecia realmente uma ameaça. Nada a temer.

O que ela poderia fazer contra mim?, ele pensou, jocoso. *Jogar spray de pimenta em meus olhos?*

Por algum motivo obscuro, a ideia levou seus pensamentos de volta ao professor Nino e ao assassinato do rabino Adam.

Hélio sempre me conta as histórias mais loucas.

É, assim havia sido desde a faculdade. Hélio e seus infinitos contatos (por Deus, aquele garoto era amigo da *escola inteira!*), e, com *seus contatos* conseguia as histórias mais absurdas, assombrosas, dramáticas ou hilariantes que Edgar já havia escutado na vida.

Edgar desceu as escadas, deixou o prédio da empresa, passou pelo pequeno jardim que o rodeava e seguiu até o estacionamento. Percorria o mesmo trajeto há trinta e três anos, pouco mais do que idade de Clara.

Mesmo do outro lado da rua, o barulho do salto alto era inconfundível; tal como havia sido com Elisabete em seus melhores dias. Edgar caminhava pela calçada acidentada, o guarda-chuva aberto e os passos curtos. Voltou-se apenas uma vez e a vislumbrou: lá estava ela, sua perseguidora, a enigmática *mulher de negócios*.

Ele apressou o passo e ela também.

Será que ela é louca? Não consigo pensar em qualquer motivo para ser perseguido. Principalmente por uma mulher. Sou sexagenário, e não sou nenhum Richard Gere.

Edgar alcançou o estacionamento. O atendente, um rapaz conhecido e amigável, o cumprimentou:

— Boa noite, Sr. Edgar.

— Boa noite, garoto. E até amanhã.

Mas Edgar não se moveu em direção ao próprio carro. Observou a moça entrar em um veículo e assumir o volante. O carro francês, azul-escuro, estivera estacionado bem próximo à entrada do estacionamento. Curioso, ele aguardou o próximo movimento da desconhecida. Ela não deu a partida; era como se esperasse por ele. Através do vidro filmado, era impossível enxergar as feições.

— Perdeu a chave, Sr. Edgar? — O rapaz perguntou, tentando imaginar por que Edgar continuava postado à entrada do estacionamento, observando um veículo lá fora.

— Não perdi, não, a chave está aqui... — Ele respondeu, distraído, sem tirar os olhos do carro azul-escuro.

Convencido de que ela realmente aguardava sua próxima ação, despediu-se do rapaz e entrou no próprio carro.

A mulher de negócios o seguiu até sua casa.

Mesmo com o auxílio das pílulas e do álcool, Edgar não pôde conciliar o sono.

Desde a morte de Elisabete, sua vida se transformara em monotonia; nenhum acontecimento — exceto pequenos e habituais problemas no trabalho — fora capaz de roubar-lhe o sono ou capturar sua atenção por muito tempo. Mas aquela noite era diferente: ele pensava na estranha figura que o perseguia, e por isso não conseguia dormir.

Levantou-se, calçou os chinelos e seguiu até à sala de estar. Através da janela, pôde divisar a rua banhada pela luz artificial do poste de iluminação: em frente à velha mangueira, o carro da *mulher de negócios* estava estacionado.

O que diabos está acontecendo? Ela dorme no carro apenas para me vigiar? Será que é maluca? Ou será que eu estou ficando maluco?

Ele acendeu a luz da sala de estar e sentou-se no sofá, imaginando que morreria de tédio se não encontrasse algo com o que se ocupar até que a mente acalmasse e ele fosse capaz de adormecer; ou, em última instância, até que o dia amanhecesse e Edgar pudesse seguir para a empresa.

Em primeiro lugar, decidiu passar um café. O velho relógio de ponteiros da cozinha exibia as duas horas da manhã, pontualmente. Edgar não tinha certeza

de haver pó de café para o preparo: há um bom tempo não consumia qualquer alimento na própria casa; todas as refeições eram feitas na rua ou dentro de seu escritório na empresa.

Espiou dentro dos armários quase vazios e encontrou um pacote de pó de café ainda fechado, intacto. Satisfeito, iniciou a tarefa.

Enquanto a água fervia, Edgar retornou à janela, afastando a persiana mais uma vez: resoluto e enigmático, o carro azul-escuro permanecia. Ele suspirou, subitamente invadido por um sentimento de autopiedade. Era um velho solitário, viciado em pílulas, álcool e trabalho (*workalcoholic*, como a nova geração gostava de dizer) e agora começava a enlouquecer.

Não há futuro para mim, ele pensou amargamente, completamente dominado pela lúgubre e detestável complacência por si mesmo.

A água no fogo já levantara fervura quando ele abriu a estante da sala (sobre a qual, antigamente, a televisão repousava, antes de ser transferida para o quarto), apanhou a grande e pesada caixa de papelão e a levou para a cozinha.

O súbito desinteresse pelo café o fez desligar o fogão, abandonando a jarra de água. Sobre a estreita mesa da cozinha, abriu a caixa de papelão — Edgar a chamava, intimamente, de *Caixa das Memórias* —, retirando, lentamente, os objetos de seu interior.

Elisabete, indicava a inscrição à tinta preta sobre o papelão. A caligrafia era de Edgar, e ele se lembrava com nitidez do dia em que escrevera o nome da esposa pela última vez.

O primeiro objeto a ser retirado da caixa era o aparelho celular. Moderno e protegido por uma capa temática cor-de-rosa — o celular e a capa foram presentes de Clara, enviados via correio no último natal da vida de Elisabete. Edgar retirara a bateria e guardara o celular na Caixa das Memórias para que permanecesse praticamente intocado.

Praticamente intocado era uma expressão extremamente adequada, visto que uma mulher sem domínio da maior parte dos músculos do corpo jamais utilizaria um celular. Edgar não sabia se o presente de Clara havia sido estúpido ou otimista demais.

Ele deixou o celular de lado, sobre a mesa, e passou para o próximo objeto: o livro de receitas culinárias. A capa dourada havia sido adicionada há dezoito anos, por ocasião da transferência de posse: o livro tinha, pelo menos, sessenta

anos. Havia pertencido à avó de Elisabete, depois à mãe e, por fim, como tinha de ser, à própria Elisabete. A capa original encontrava-se engordurada, motivo pelo qual Elisabete o revestiu com a brilhante capa dourada. Edgar virou as páginas até alcançar as últimas, nas quais a caligrafia redonda e impecável de sua esposa acrescentara as próprias receitas de doces e salgados. O mais lógico seria, Edgar sabia, que o livro prosseguisse na sucessão quase natural de proprietárias, mas ele não tencionava entregá-lo à filha. Em primeiro lugar, porque Clara não viria buscá-lo, e ele não tencionava mandar um objeto com tamanho valor sentimental usando o insípido correio; segundo, Clara não herdara as habilidades culinárias de suas antepassadas e, provavelmente, não entenderia o valor que o livro tinha para a família. Edgar sabia que o livro de capa dourada, no qual o punho de Elisabete, munido de uma caneta esferográfica, apoiara-se tantas vezes, terminaria esquecido no apartamento de Clara, abandonado em um canto qualquer. *Sei que isso há de acontecer sem remédio, mas que, ao menos, aconteça quando eu já não estiver mais aqui para testemunhar.*

Edgar fez o livro repousar sobre a mesa, ao lado do celular, e passou para o próximo objeto. O álbum de casamento. Ali estava Elisabete, o sorriso habitual estampado no rosto (um pouco mais largo naquele dia), os dentes brancos, quase reluzentes, os olhos mirando a câmera com a expressão mais alegre que uma mulher é capaz de manifestar. Ao seu lado, Edgar, jovem, igualmente sorridente, metido em um terno preto caro (caro *demais* para seu orçamento da época), uma gravata azul-escuro discreta, mas, ainda assim, exuberante. O momento mais feliz da vida de ambos havia sido congelado e eternizado pela câmera, mas suas lentes não puderam captar a terceira pessoa presente: oculta sob o ventre de Elisabete, Clara certamente sorria, sentindo toda a alegria da mãe através do pulsar do coração.

Podem ter sido eternizados nesse vulgar pedaço de papel, mas a verdade é que esses momentos estão mortos.

O próximo álbum de fotografias era caseiro: trazia imagens de Edgar e Clara, antes de deixar o país. Elisabete também estava presente entre as fotos, mas com pouca frequência. Nos últimos dez anos, a esposa detestara ser fotografada. Em uma das imagens, o braço de Clara envolvia seus ombros delicados, enquanto Elisabete sorria para a câmera (pela primeira vez, um sorriso *falso*). Seus olhos negros miravam a lente, mas estavam preocupados e distantes;

ocupava um assento no velho sofá da sala de estar, pois suas pernas já não eram capazes de sustentá-la por muito tempo. *Muito tempo*, aquela altura, queria dizer cerca de uma hora.

Edgar aproximou a fotografia do rosto, buscando captar toda energia daquele momento. Elisabete estava triste, mas estava *lá*. Ele imaginava se, de alguma forma, esse poderia ser considerado um pensamento egoísta, mas a verdade era que ele não se importava: com saúde ou não, gostaria que Elisabete estivesse ainda presente. Ele reparou na camiseta regata amarela que a esposa trajava naquele dia de verão, lembrando-se de que ela havia sido, na ocasião, recém-diagnosticada. O diagnóstico abalara a família toda, é claro; principalmente Clara: a jovem trancou-se no quarto e recusou-se a deixá-lo, sentindo toda a pressão que o diagnóstico de uma mãe fatalmente doente pode trazer à uma garota que acabava de deixar a adolescência.

Mas Edgar mantinha-se otimista. Mesmo quando Elisabete lhe confidenciou — com sua voz de passarinho, tentando controlar as lágrimas — que não sentia qualquer progresso nas fisioterapias. Dentro de sua pele, os músculos pareciam feitos de farinha; as ligações entre cérebro e músculos eram intermitentemente interrompidas.

Não desanime, meu bem, ele a exortara com sincero otimismo. *Eu tenho certeza de que sua melhora será progressiva. Pode ser lenta, mas progressiva.*

Os médicos não acreditavam nisso, Clara não acreditava nisso, Elisabete não acreditava nisso. Eles provaram-se certos em pouco tempo. Clara anunciou sua mudança para a Austrália, onde conseguira uma bolsa de estudos (oportunidade imperdível, ela declarou), e Elisabete desistiu da fisioterapia.

Essas lembranças o atingiram como um golpe físico. Ele largou o álbum de fotografias sobre a mesa. O objeto escorregou e foi para no chão, a seus pés. Indiferente, ele apoiou os cotovelos na mesa e enfiou a cabeça entre as mãos, acometido por uma crise de choro — algo que não ocorria desde o funeral de Elisabete, no dia 17 de novembro.

Homem não chora, era a voz de seu velho e falecido pai, vinda de algum lugar em um passado longínquo. Edgar limpou as lágrimas com as costas da mão, devolveu os objetos à Caixa das Memórias, e a guardou de volta na estante. Depois, abriu a porta da sala de estar e saiu, com passos resolutos, em direção à rua.

O carro azul-escuro permanecia parado ao meio fio. O vidro filmado impossibilitava qualquer vislumbre do motorista, mesmo a uma distância tão curta, mas Edgar não se importou. Fechou os dedos em um nó e deu três toques curtos no vidro.

A figura dentro do carro baixou o vidro, deixando à mostra o rosto de anjo. Tal como previsto, tratava-se uma mulher bonita, traços finos e olhos inteligentes; olhos azuis: mesmo sob a parca iluminação da rua, ele podia ver que eram azuis. Devia estar com cerca de trinta e cinco anos de idade, e pareceu contente em deparar com Edgar.

— Boa noite. — Ela disse, com a polidez de uma *mulher de negócios*. O tom em sua voz parecia indicar que ela já esperava por ele, não houve surpresa. — Como você está, Sr. Edgar?

— Quem é você, moça? — Edgar apoiou as mãos no vidro abaixado, impaciente. Percebeu que os nós dos dedos estavam pálidos devido à força impressa ao apertar a base da janela. — O que você quer de mim?

Você existe?, ele quis perguntar, mas não conseguiu formular as palavras, tão insanas soavam.

— Finalmente o chuveiro deu uma trégua, não é? — Ela perguntou, o tom displicente de quem encontra um velho colega e tenta iniciar uma conversa amigável.

— Você está me seguindo há uma semana! Pelo amor de Deus, o que você *pode* querer de mim? — Pensou por um breve segundo. — E como diabos sabe meu nome, dona?

— Sr. Edgar, seu nome não é a única coisa que sei sobre o senhor. E, sim, tenho te seguido há algum tempo. Meu objetivo era chamar sua atenção, e aqui está você.

— *Aqui estou eu!* — Ele exclamou, aturdido e confuso. — Fale o que quer de mim!

Não era a primeira vez que a ideia de sequestro lhe passava pela cabeça. Mas aquela mulher parecia realmente inofensiva. E, de qualquer maneira, por que um sequestrador em potencial haveria de seguir deliberadamente um empresário durante uma semana antes de, finalmente, sequestrá-lo?

— Fico feliz que finalmente tenha vindo até mim. Não gosto de entrar na vida da pessoa sem ser convidada. O senhor me perguntou o que quero de você:

tenho um assunto para tratar. Uma proposta, mais precisamente. Acha que podemos conversar amanhã, em um lugar tranquilo e melhor iluminado?

— Por que não me diz logo o que quer?

— Porque não é tão simples. É um assunto, digamos, complexo. Podemos tomar um café. Ou um drinque. O que acha?

— Eu... — Ele afrouxou a pressão dos dedos, olhando ao redor da rua vazia, mais confuso do que jamais estivera em toda vida. — Eu não sei, dona. Não sei o que pensar.

— Ora, vamos. É só uma conversa. O senhor é um empresário, Sr. Edgar. Vai me dizer que nunca se reuniu com colegas ou clientes para discutir uma proposta importante?

— Muitas vezes, mas nenhum deles ficou me *perseguido* durante uma semana antes de me convidar para um drinque!

— Conheço um bar apropriado para uma conversa tranquila e informal. Chama-se Café Mary Ann e fica a uns dois quilômetros da sua empresa. Que tal nos encontramos lá, amanhã, depois do expediente? Claro que o senhor precisaria deixar o escritório bem mais cedo do que o usual. Dezenove horas, eu sugiro. Está de acordo?

Edgar sorriu, achando graça naquela ímpar e soturna situação. Bateu as mãos, indicando que aquela conversa estava terminada.

— Tudo bem, dona. Tudo bem. Vamos nos encontrar no tal bar, amanhã, às dezenove. Só espero que você não esteja planejando uma armadilha para roubar-me os rins. Posso garantir que seria melhor você ir atrás dos órgãos de alguém bem mais jovem.

A moça sorriu e deu a partida no carro.

— Não se preocupe, Sr. Edgar. Asseguro-lhe de que não tenho interesse algum em seus rins. Até amanhã.

Acenou com a ponta dos dedos e partiu, deixando Edgar sozinho na rua úmida e deserta.

Com o jornal entre as mãos ligeiramente trêmulas, Edgar aguardava a chegada de sua nova e excêntrica colega.

Às dezoito e cinquenta e nove, a porta da cafeteria anunciou a entrada dela com um simpático e aconchegante tilintar de sinos. A *mulher de negócios* exibiu

seu sorriso polido ao identificá-lo sentado à última mesa do pequeno recinto. Talvez apreciasse o fato de que a mesa estivesse relativamente afastada de todas as outras.

Supondo que o assunto que ela tem a tratar é confidencial.

Ela trajava um vestido formal e elegante, os saltos agulha levando Edgar a pensar, mais uma vez, em Elisabete. Ao ocupar a cadeira à sua frente, apoiou sua pequena bolsa sobre as pernas e estendeu a mão sobre a mesa.

— Boa noite, Sr. Edgar.

— Pode começar me dizendo seu nome.

— Chame-me de Ana, Sr. Edgar.

— O que posso fazer por você, *Ana*?

—Primeiramente, façamos nossos pedidos. — Apanhou o cardápio e o examinou rapidamente. — Optarei pelo *dry martini*. E o senhor?

— Vou ficar com uma boa dose de vodca. — Ele respondeu, baixinho, imaginando que um drinque haveria de cair muito bem agora.

Acenou para o garçom. O empregado anotou os pedidos e retirou-se educadamente.

— Quero lhe pedir desculpas por tê-lo seguido durante esse tempo, Sr. Edgar.

— Tudo bem, dona, tudo bem... Só quero que me diga o que quer de mim e vamos acabar logo com isso. Sem ressentimentos, a vida segue.

De alguma forma, isso tudo tem a ver com Elisabete; o pensamento foi repentino, surpreendentemente invasivo.

— Agora que já formalizei meu pedido de desculpas, vamos ao assunto pelo qual viemos.

Ela mantinha o sorriso polido e a expressão simpática, quase conciliadora. Tudo em suas maneiras buscava despertar a confiança e simpatia do interlocutor. Mas Edgar não baixaria a guarda. *Talvez essa dona seja louca. Não parece louca, mas não se deve julgar o livro pela capa, diz a antiga sabedoria popular.*

A dona prosseguiu:

— Trata-se de uma proposta complexa e delicada. O senhor está pronto para ouvi-la?

— Sem mais rodeios, dona. Diga.

— Sei que o senhor sente a falta de Elisabete, Sr. Edgar. E a expressão *sentir falta* não dá conta de quantificar a intensidade de sua saudade. Ainda assim, o senhor sempre preferiu a expressão *sentir falta* à simples palavra *saudade*. Não é assim que pensa?

Sim, era exatamente dessa forma que Edgar pensava. Mas não se lembrava de ter partilhado essa sua pequena idiossincrasia com alguém. Limitou-se a assentir, e ela continuou:

— Foi por isso que, na madrugada de ontem, o senhor foi acometido pela insônia e levantou-se da cama. Foi remexer no passado: revisar fotos e pertences de Elisabete, na tentativa de sentir a presença de sua esposa. Mas não conseguiu; ao invés disso, sentiu-se ainda mais solitário e triste. Esses sentimentos o impeliram a atravessar a rua e bater na janela do meu carro.

Edgar a fitou, incapaz de articular palavras. A moça provavelmente utilizara binóculos ou algum tipo de lente de aumento moderna para vigiá-lo no interior de sua casa. De que outra forma ela poderia saber o que *sabia*?

Que tipo de lente de aumento atravessa paredes? A única janela da cozinha dá para o lado sul da casa; o carro da moça estivera estacionado ao lado norte. E haveria de ser um *senhor binóculo* para permitir-lhe enxergar com tamanha nitidez os objetos manipulados por Edgar na noite anterior.

Teria ela instalado câmeras em minha casa?

Câmeras captam sentimentos?

Quanto aos sentimentos, trata-se de mera especulação. Ela deve ser uma conhecedora meticulosa da psicologia humana, de forma que traduziu meus sentimentos a partir de minhas expressões.

Mas ela teria que ser dotada de habilidades telepáticas para conhecer a idiossincrasia do usar a expressão sinto falta em detrimento da palavra saudade.

— Está admirado de minhas palavras, Sr. Edgar? — Ela indagou, quase divertida.

O garçom aproximou-se e serviu os drinques rapidamente. Edgar não tocou em seu copo imediatamente, mas a *mulher de negócios* sorveu um pequeno gole de sua própria bebida.

— Vodca pura, hein? — Ela exibiu aquele sorriso conciliador que dizia *confie em mim*. — O senhor é um homem forte.

— Como pode saber que tive insônia e fui mexer nos pertences da minha mulher, dona? — As palavras saíram hesitantes, baixas, imprecisas.

— Não importa no momento. Talvez mais tarde o senhor entenda, talvez não. Mas agora que já provei meu *dry martini*, posso lhe fazer a proposta. Sem rodeios, como o senhor pediu. O assunto é complexo, como mencionei, mas comecemos com uma pergunta simples: o senhor gostaria de ter sua esposa de volta?

Edgar olhou ao redor, atônito. A resposta estava na ponta da língua, é claro, sempre estivera, mas, como um homem adulto, sabia o que era e o que não era possível nesse mundo de Deus. Sua esposa falecera, deixara de respirar, em seu cérebro não havia ondas de energia; nesse exato momento, seus músculos há muito tempo inúteis se decompunham sobre os ossos. A alma de Elisabete dormia junto a Deus, aguardando o grande dia, o dia do Julgamento Final.

Era uma pergunta boba. *Uma pergunta louca e cruel, isso sim*, ele pensou, imaginando se o casal que ocupava a mesa mais próxima podia ouvi-los. Pouco provável; entretinham-se um ao outro, envolvidos em um conversa apaixonada.

— Gostaria, Sr. Edgar?

— G-gostaria. É cla-claro que gostaria, mas...

— Gostaria que a terrível e degenerativa esclerose, em sua versão mais impiedosa, não a tivesse acometido? Que o sistema nervoso dela jamais apresentasse qualquer anormalidade? Que os neurônios não se degenerassem em vida e ela pudesse viver de forma saudável até a velhice? Até que, aos noventa e seis anos, após a tua partida, Sr. Edgar, ela se deitasse na cama, cansada após uma tarde agradável no parque com seus bisnetos, fechasse os olhos e, *só então*, partisse para sempre? O senhor gostaria disso?

— G-gostaria...

— E o senhor acredita quando lhe digo que é possível?

Certo dia, na cidade de Betânia, Jesus Cristo dissera a um homem morto: *Lázaro, sai para fora*; e, voltando-se para os demais: *desatai-o e deixai-o ir*.

Hélio mencionara a passagem bíblica na missa algumas centenas de vezes. Em todas as vezes, a ideia de um homem deixando o túmulo ao escutar a voz de Deus deixara Edgar arrepiado e assombrado.

Como o bom cristão que era, respondeu sem hesitar:

— Sim, eu acredito que seja possível.

— E o que o senhor faria para ter Elisabete de volta? Não a Elisabete que partiu, frágil e doente, mas a sua esposa alegre e saudável?

— Eu faria qualquer coisa.

A resposta foi impensada e sincera. Edgar surpreendeu-se com a espontaneidade com a qual deixou sua garganta.

— Qualquer coisa? — Ana arqueou uma sobrancelha e bebericou, delicadamente, mais um gole do *dry martini*. — *Qualquer coisa* é muito abrangente. Está certo de sua resposta?

— Tão certo quanto poderia estar, Ana.

Ela assentiu lentamente, visivelmente satisfeita com sua resposta. Prosseguiu:

— Ontem, na hora do almoço, o padre Hélio e o senhor partilharam uma conversa interessante. Falavam sobre o assassinato do rabino Adam. — Edgar nem ao menos pensou em indagar, novamente, como Ana poderia saber mais aquela informação. — A discussão foi uma oportuna coincidência, tendo em vista de que eu mesma haveria de comentar algumas coisas sobre o ocorrido.

— O que *você* sabe sobre o assassinato na sinagoga?

— Sei que Niosmar Gregório de Freitas, o Professor Nino, perdeu a filha de dois anos e a esposa em um acidente de carro ocorrido em 2011.

— Hélio me disse que o acidente foi fatal apenas para o outro motorista.

— Essa é *outra* história, Sr. Edgar. Estou lhe contando o que aconteceu antes. O que aconteceu da *primeira vez*. — Edgar franziu o cenho. — Sei que está confuso, e talvez não chegue a entender tudo. Mas vai compreender o que lhe diz respeito, o que deverá fazer e por que o irá fazer. — Tomou mais um gole da bebida. Pela primeira vez, Edgar fez o mesmo. — Mas vamos retornar ao Professor Nino.

"Como eu dizia, em 2011, o Professor Nino dirigia acima do limite de velocidade permitido na estrada, uma estrada tortuosa e acidentada, pouco confiável. Além disso, encontrava-se ligeiramente distraído. Preocupava-se com a atividade do dia seguinte: desejava descansar algumas horas, mesmo que poucas, a fim de estar com a mente tranquila. Haveria de defender sua tese, cujo tema era a relação entre o magnetismo e o eletromagnetismo, para receber o título de doutor. Era, sem dúvida, uma ocasião importante em sua vida profissional. E isso era tudo em que ele conseguia pensar enquanto dirigia.

"Na curva, o pneu deslizou no asfalto úmido, arremessando o carro para o outro lado da pista. De forma extremamente inoportuna, mas nada inesperada, outro veículo surgiu na estrada. O motorista chamava-se Fernando, era corretor de imóveis e planejava se casar no ano seguinte.

"Nenhum dos dois motoristas pôde desviar a tempo. Os carros colidiram, lançando a ambos ribanceira abaixo. O veículo do Professor Nino capotou algumas vezes antes de alcançar o rio sob a ribanceira.

"O corpo da menina e da Sra. Freitas foram encontrados já sem vida; porém, o Professor Nino ainda respirava. O *airbag* o salvou, ainda que o mesmo não pudesse ser dito da mulher que ocupava o banco do passageiro.

"No hospital, o professor ficou inconsciente durante muitas horas. Escoriações sérias cobriam seu corpo; o fêmur esquerdo havia partido (ele haveria de mancar pelo resto da vida), e os músculos do pescoço sofreram lesões não permanentes.

"Em três meses, o manco professor deixou o hospital. Mas o trauma na perna esquerda não era o maior de seus problemas. Como o senhor pode intuir, a vida dele mudara completamente. Ao sair de casa, o Professor Nino tinha uma família; quando retornou, a casa estava vazia.

"Acredito que o senhor se solidarize com o Professor Nino, não é, Sr. Edgar? — Edgar assentiu, os pasmos lábios entreabertos. — No caso do professor, havia, além da dor da perda, o sentimento de culpa. Terrível, não? *Culpa*: a maior parte dos seres humanos que conheci acredita que esse seja o pior dos sentimentos.

"Nino tentou se matar. Ingeriu uma quantidade aleatória de pílulas para dormir. A tia, que o visitava frequentemente após o acidente, o encontrou desfalecido no chão do quarto. Chamou uma ambulância e ele foi salvo pelos paramédicos.

"Mas a mente humana é algo curioso, Sr. Edgar. Ela se *acostuma*. Com o passar do tempo, o professor acostumou-se com a falta da esposa e da filha; tornou a lecionar e conseguiu levar uma vida confortável, apesar de nada feliz.

"Na semana retrasada, comecei a acompanhar seus passos, tal como fiz com o senhor. De início, ele notou minha inusitada vigilância, mas não sentiu mais do que indiferença. Depois, começou a se sentir ameaçado. Foi à Polícia. Prestou queixa a meu respeito, mas os policiais de plantão não estavam muito

preocupados (ou interessados). O boletim de ocorrência foi registrado, e eu continuei a observá-lo.

"Quando Nino não pôde mais suportar a insistente e misteriosa vigilância, veio até mim. Perguntou-me o que eu queria dele. Marcamos o encontro em uma balada jovem (o professor Nino tornou-se adepto de baladas depois de ficar viúvo e perder a filha). Foi necessário certo esforço para que pudéssemos nos comunicar sobre o barulho alto da música eletrônica. Eu expliquei o que ele precisava fazer para ter a família de volta.

"Ele aceitou imediatamente."

— Isso não é possível... — Edgar murmurou, mais para si mesmo.

Mas sabia que era possível, *sim*. Era possível e tinha acontecido.

Ana prosseguiu:

— Eu imaginei que o inofensivo professor haveria de repensar sua concordância imediata, tornar a conversar comigo mais algumas vezes antes de colocar em prática sua parte da missão. Achei que a bebida alcóolica que lhe entorpecia o cérebro naquele momento o levara ao imediato consentimento. Mas, quando o professor acordou na manhã seguinte, a ideia estava clara em sua mente e ele sabia o que devia fazer.

"O Professor Nino fez o que lhe era cabido."

— Você... Você o mandou assassinar o rabino? — Edgar baixou o tom de voz para um sussurro.

— Missão dada, missão cumprida. Nino teve sua recompensa. Na segunda versão de sua própria história, a garotinha e a esposa foram salvas; o único carro a cair da ribanceira pertencia ao outro motorista.

— Ele viveu seis anos, ciente de que, ao final do sexto ano, haveria de matar o rabino?

— Sim. Algumas vezes, ele deixou de acreditar. Disse a si mesmo que tudo aquilo havia sido um sonho: o acidente de carro, a morte da família, seu encontro comigo. Mas, em seu íntimo, ele sabia. Ele *sabia* que, no dia dezenove de março, assassinaria a facadas o líder da sinagoga.

— Como isso é possível?

Edgar pensava nos filmes de ficção científica, aos quais assistira a vida inteira. Aquela mulher de olhos azuis, sentada à sua frente, bebericando um *dry martini* vermelho, estava lhe dizendo que viagem no tempo era possível?

Ela está dizendo que pode trazer minha esposa de volta. Elisabete, feliz e saudável.

— Como isso é possível? — Ele insistiu.

— *Como* é uma pergunta que não vou responder. Seu significado complexo pode parecer-lhe complicado e irreal demais, a ponto de *fundir sua cuca*. O senhor gosta dessa expressão, não é? — Edgar assentiu com gravidade, começando a sentir-se entorpecido. O fator entorpecente não era a vodca, mas as palavras de Ana. — Mas alerta que toda ação tem uma reação recíproca. Tudo tem um preço. Entenda, Sr. Edgar, eu não estou aqui para distribuir presentes a alguns seres humanos aleatórios; venho cumprir uma missão importante. Escolho meus parceiros de trabalho, eles realizam o que lhes peço e eu concedo o pagamento. Tudo de acordo com o negociado. Mas há consequências, e cabe à pessoa lidar com elas.

— Qual foi o preço que o Professor Nino pagou, além da culpa pelo assassinato a sangue frio do rabino da comunidade local?

— A morte.

Ela deixou a palavra no ar e, com um meio sorriso quase sarcástico (ainda assim *carismático*), ela terminou a bebida. Descansando o copo na mesa, explicou:

— Os dois jovens adolescentes testemunharam o assassino desaparecer bem diante de seus olhos. A Polícia não acreditou, mas eles não mentiam. Desaparecer é só uma forma diferente de morrer. — Edgar anuiu, tomando um gole da vodca. A boca adormecida mal sentia o gosto do álcool. — O Professor Nino matou e morreu; sua recompensa foram seis anos felizes ao lado de sua família e a absolvição da culpa por ter levado à morte sua própria filha e a esposa.

— Mas por que o rabino Adam?

— Os *comos* e os *porquês* hão de ficar em oculto por enquanto. Talvez você possa compreender mais tarde, quando estiver ao lado de sua esposa, tomando um agradável café da tarde na cozinha. Elisabete jamais saberá da *outra história*; a história na qual ela sofre de uma doença terrível, degenerativa e fatal. A história na qual sua filha jovem parte para o estrangeiro, buscando fugir dos horrores da doença da mãe; é a pessoa que ela mais ama no mundo e, por isso, não consegue encará-la mais. Mas o senhor, Edgar... O senhor saberá. A *outra história* o

perseguirá como um fantasma de outra vida. Durante dez anos, o senhor pensará: *no dia vinte e quatro de março eu vou assassinar um ser humano*. Eu não vou mentir, Sr. Edgar. Haverá culpa. Mas haverá, também, salvação.

— Elisabete jamais saberá da doença... — Edgar saboreou a ideia, piscando algumas vezes, a fim de desanuviar a mente quase letárgica.

— Mas o senhor *saberá*. No ano 2007, Elisabete, então com cinquenta e um anos, irá ao médico realizar alguns exames de rotina; o resultado será uma taxa de colesterol ligeiramente alta, com a qual ela deverá se precaver ingerindo menos alimentos gordurosos ou industrializados. Nada de tremores musculares, sem mais fraqueza ou espasmos. A sigla ELA não fará parte da vida de Elisabete. Ela lerá a respeito em revistas médicas, assistirá em documentários ou em filmes, e isso é tudo.

— Eu viverei dez anos ao lado de minha esposa, e depois *desaparecerei*.

— Exato. Mas não desaparecerá antes de realizar a parte da missão que lhe cabe, é claro.

— Eu terei de assassinar alguém. — Ele afirmou, e sua voz, quase um sussurro, soou estranha aos próprios ouvidos.

Ao invés de responder, Ana abriu a bolsa e retirou um pequeno pote de vidro, parecido com uma amostra grátis de perfume.

— Essa é a dose letal de arsênico que será colocada na bebida do sujeito de sua missão.

Entregou-lhe o conteúdo, passando-o sobre a mesa. Edgar imaginou se ela não deveria agir com maior discrição.

— Arsênico?

Ele já ouvira falar dessa potente substância, é claro. O veneno havia levado ao fim a vida de figuras famosas, como o revolucionário Simón Bolívar e Napoleão Bonaparte; havia sido utilizado como método de suicídio por Adolf Hitler e o poeta Thomas Chatterton.

Incolor e sem sabor, a morte da vítima acontecia dentro de dois dias.

— Vê minha generosidade? — Ana sorriu. — Nino teve de entrar em uma sinagoga e assassinar à facadas o rabino. O senhor só deve oferecer uma bebida ao sujeito e aguardar de vinte e quatro a quarenta e oito horas. Podemos negociar agora o seu desaparecimento: antes ou depois da morte?

— Antes. Logo após o envenenamento.

— Justo.

— Vai me dizer quem é a vítima?

— O sujeito de sua missão é o líder da igreja católica de sua comunidade.

Edgar teve a sensação de que o estômago subia-lhe à boca. Tornou a gaguejar:

— Dona, v-você não p-pode estar se referindo a... a... Hélio?

— O senhor foi escolhido por um motivo, Sr. Edgar: é a pessoa mais próxima do padre em questão. Para o tipo de morte que cabe a ele, o senhor é o mais indicado para o cumprimento dessa parte da missão.

— Ah não... — Edgar levou a mão à testa, sentindo a pele subitamente quente. — Hélio... Hélio é meu amigo!

— Sr. Edgar. — Ana estendeu as mãos sobre a mesa, a fim de alcançar as mãos dele. — Se o senhor não o fizer, outro o fará. E, pela quantidade de informações que recebeu, não poderei deixá-lo viver. Se eu deixasse, o senhor correria à casa de seu amigo e pediria que se protegesse do iminente assassinato. O senhor teria de morrer (ou desaparecer, como preferir chamar), e sua esposa, aquela a qual o senhor poderia salvar, permanecerá morta. Eu escolheria outra pessoa para designar a incumbência. Estamos falando de sua esposa, Elisabete. O senhor pode salvá-la.

Edgar retirou as mãos e afundou o rosto nelas, pouco se importando com discrição neste momento. O vidro com o conteúdo mortal descansava sobre a mesa, ao lado do copo de vodca.

— Ah, Deus, ah, Deus! Que escolha terrível você colocou em minhas mãos!

Edgar não sabia ao certo se dirigia-se à Ana ou a Deus.

— O senhor sabe qual é a escolha mais prudente a ser feita.

— Mas por que Hélio? É uma pessoa honesta! Um bom padre, um ser humano maravilhoso, um amigo ainda melhor. *Por que* o Hélio?

— Entenda que tudo isso faz parte da Grande Missão. — Ana prosseguiu em seu tom de voz conciliador, quase amavelmente professoral. — O senhor foi escolhido para fazer parte disso. Não deve questionar o que não necessita saber. Conhecimento demais é prejudicial.

— Eu sou apenas um velho solitário! — Edgar lamentou, novamente sob a terrível sensação de autopiedade. — Levo uma vida lamentável que parece interminável. Só isso.

— O senhor pode mudar sua própria história.

Sentindo o suor escorrer pelas têmporas e axilas, o ar pareceu rarefeito, quase tóxico. Achou que desmaiaria.

— O senhor não vai desmaiar. — Ana disse, com o sorriso de uma enfermeira simpática (ou condescendente?). — Está nervoso, mas isso é tudo. Sua saúde é plena, admirável, considerando sua idade.

Edgar assentiu lentamente. Quando falou, dirigia-se mais a si mesmo do que à Ana:

— Eu farei. Eu farei! Elisabete deve ser salva.

Ana ofereceu a mão sobre a mesa.

— Temos um acordo?

Hesitante, Edgar apertou a mão estendida.

Missão dada é missão cumprida.

O Professor Nino cumprira sua parte na missão, e Edgar haveria de cumprir a dele.

Hélio chegou pontualmente às oito horas da noite. Calado, Edgar o conduziu até a sala de estar, onde pediu que se acomodasse. Passara um bom tempo desde que o amigo estivera em sua casa pela última vez. Comentou:

— Na última vez em que você esteve aqui, Elisabete estava viva.

Acrescentou para si mesmo: *Se você puder chamar de viva uma pessoa prisioneira no próprio corpo.*

Procurou sorrir com naturalidade ao ocupar o assento no sofá, ao lado do amigo. Hélio pareceu não notar que seus lábios tremiam quase tanto quanto as mãos. Com um sorriso jocoso, ele comentou:

— Não aguentou esperar mais uma semana para me ver, e resolveu me convidar à sua casa?

Edgar tentou fazer a risada soar espontânea, mas o que saiu de sua garganta foi quase um ganido histérico.

Dessa vez, Hélio percebeu e fez a pergunta que, provavelmente, fizera a si mesmo desde que recebera o excepcional convite de Edgar.

— O que há, Edgar? Não costumamos nos encontrar a não ser em nossos almoços semanais, e noto óbvia preocupação em você.

Por bem conhecê-lo, já antecipava a preocupação de Hélió — além de tratar-se de um encontro inabitual, Hélió era dotado de natural e apurada percepção — talvez o ofício de padre exigisse essa habilidade —, portanto, planejara uma resposta convincente:

— Queria conversar com alguém sobre... — Hesitação sincera. Ainda era dolorido dizer o nome da esposa falecida em voz alta. — É sobre Elisabete.

— Você sente falta dela, eu sei. — Hélió exibiu um sorriso triste e compreensivo. — Eu estava esperando o momento em que você traria o assunto à tona. Ninguém deve sofrer sozinho. Partilhar o sofrimento alivia o coração.

— Você diz palavras bonitas, Hélió, mas sabe que sou quase insensível à bela filosofia. Meus heróis morreram envenenados por absinto: eles escreveram sobre a tristeza e o desespero que há na vida. São os únicos sentimentos possíveis. Não existe nada de belo, Hélió, tudo é preto e branco. E, se alguém enxerga o colorido, é louco ou imbecil.

Hélió pareceu pensativo, possivelmente admirado com a súbita e inusitada manifestação de melancolia do outro.

— Talvez ser louco ou imbecil seja uma coisa boa, afinal. Muitas vezes já ponderei sobre essa questão aparentemente tão simples, até mesmo tola: não seriam os loucos mais felizes do que os ditos *mentalmente* sãos?

Edgar negou com um gesto rápido, passando para a próxima questão:

— O que é a *vida*, Hélió? O que é isso que nós chamamos de vida?

Hélió ponderou por um instante, entre entretido e perturbado. O velho amigo sempre adorara conversar sobre o Universo e o Infinito, mas nunca encontrara em Edgar um interlocutor apropriado. Edgar se interessava pelas questões práticas da vida, como escolher as melhores estratégias para melhorar as vendas na empresa ou a posição de seu time de futebol na tabela de classificação do campeonato nacional.

— A falta de Elisabete o faz pensar nessas questões, não é? A verdade, meu amigo, é que não importa; não interessa a nós, simples seres humanos, questionar a vida, tentar entendê-la. Nossa obrigação é vivê-la da melhor forma possível, tratar-nos uns aos outros com gentileza e procurar nos divertir. Elisabete fez todas essas coisas. Se é isso o que te incomoda, eu conheci Elisabete, e posso afirmar que ela soube viver.

Edgar sacudiu a cabeça com impaciência.

— Não é disso que estou falando. Refiro-me ao objeto *vida*. A linha do tempo. Nascer, crescer, reproduzir-se e morrer. Será que é só isso, mesmo? Ação e reação, decisão e consequência? E se a linha do tempo não tiver nada a ver com o que imaginamos? E se ela não for a linha reta que traçamos desde a explosão do Big Bang até este momento, momento em que você e eu sentamos no sofá da minha sala de estar e conversamos, pela primeira vez, de um assunto não trivial? Você e eu, duas pessoas completamente insignificantes, diante das outras sete bilhões que nos são contemporâneas?

— Nós desenhamos a linha do tempo como a enxergamos. — Hélio respondeu com simplicidade. — Nascer, crescer, morrer; ação e reação. Continuidade.

— E se milhares de duplas iguais a nós estiverem tendo a mesma conversa nesse exato momento, exatamente na mesma casa, sentados no mesmo sofá, com diferenças sutis, todas elas em outras dimensões? Em uma das dimensões, eu decido suicidar-me, engolindo todo o conteúdo de um pequeno frasco de veneno. Mas, em outra dimensão, eu prefiro dá-lo a você, meu único amigo verdadeiro.

— Não há outras dimensões, Edgar. — Hélio exibiu seu sorriso de padre: preocupado e compreensivo, ouvinte atento. — Deus fez a Terra para nós, entregou o tempo para nós e, tal como eu disse, devemos fazer o melhor proveito dele. Isso é tudo.

— Estamos convictos de que o tempo é uma continuidade infinita, completamente alheia às nossas miseráveis existências. Mas talvez não seja assim. Talvez o momento que vivemos agora já tenha acontecido em *outra história* — ou outra dimensão, se preferir assim. E talvez torne a acontecer duas, três, mil vezes mais. Com diferenças sutis ou grosseiras. Logo, o que importa? Posso matar a mim mesmo, e irei reviver novamente; posso matá-lo, e você retornará à vida, de novo e de novo.

— Bobagem, Edgar. — Hélio abandonara o tom de voz do padre compreensivo e tornara a ser o amigo impaciente, assustado diante de uma horrível possibilidade que começa a se desenvolver em sua mente. — Você sabe que Deus nos deu apenas uma chance. Se estiver pensando em suicídio, sugiro que repense. Não há lugar para os suicidas no Paraíso. Se cortar os próprios pulsos, não matará apenas a carne, mas também o espírito.

— Espírito! — Edgar escarneceu, sentindo-se estranhamente divertido. Quase desvairado, talvez. — Não existe espírito algum, Hélio. Esqueça essa história de Adão e Eva. Essa conversa fiada que inventaram apenas porque não conhecem a verdade.

— Está colocando sua fé em cheque, Edgar? Compreendo que esteja triste, e talvez devêssemos conversar com mais franqueza sobre o que passa na sua cabeça. Lembre-se de que não há perdão para aquele que blasfema contra o Espírito de Deus.

— Mentira, mentira, mentira. — Edgar sorriu.

Sentiu-se levemente culpado por divertir-se com o horror estampado na sempre tão serena expressão de Hélio. Mas o sentimento de culpa era secundário. Havia algo de libertador em seu próprio discurso herege, assim como em testemunhar a honesta perplexidade do amigo. Quase incapaz de conter-se, prosseguiu. Mal notou o próprio tom de voz que aumentara significativamente.

— Deus é uma mentira; o Universo é uma mentira. Você é uma mentira, Padre Hélio, e eu também sou. O que importa minha resolução nesse exato momento? Talvez o tempo passe e passe, e eu retorne a esse ponto específico e tome uma decisão contrária à decisão que tomei na primeira história. Ou talvez não. De qualquer maneira, o que importa? *Tudo* é uma mentira.

Ana o havia alertado sobre o perigo de enlouquecer, caso procurasse entender os *comos* e os *porquês* de um universo sobre o qual nada conhecia.

Mas que importância haveria em enlouquecer agora? Estava prestes a assassinar o melhor amigo.

E ressuscitar Elisabete.

Suspirou, subitamente ansioso em pôr fim ao trabalho sujo.

— Estive passando o café; aguarde um momento, vou servi-lo.

Deixou Hélio e seus olhos aturdidos na sala de estar, ocupando-se em servir o café nas xícaras de porcelana — as preferidas de Elisabete. Em uma delas, adicionou o líquido transparente, tão inodoro e insosso quanto um gole de água.

A dose letal, Ana dissera.

— Edgar. — Hélio começou, em tom reflexivo, quando Edgar retornou à sala de estar, ambas as mãos ocupadas com as xícaras de porcelana. — Os gregos imaginaram Cronos, o deus do tempo, como um devorador de crianças.

Ele comia os próprios filhos, destituindo-lhes a juventude, arrebatando-lhes o futuro e apagando o passado. Percebe a metáfora, meu amigo? Tal como Cronos, é isso o que o tempo faz a todos nós: devora e consome.

Edgar sorriu com tristeza e tornou a sentar-se ao seu lado. Respondeu, quase em um sussurro:

— O tempo *devora e consome*, então cabe a nós somente esperar pacificamente pelo Paraíso.

Edgar sentiu a dor da ironia queimar a garganta, e ofereceu a Hélio a xícara envenenada.

Devorador ou não, o tempo deixou de existir quando a garrafa de vodca chegou ao fim.

Edgar deixou que o recipiente de vidro rolasse alguns centímetros pelo assoalho do quarto. Ao menos *para ele*, o tempo deixara de existir: o álcool tornara sua mente obscura e imprecisa.

Com o corpo sexagenário embriagado, seminu e deitado no chão, praticamente incapaz de mover-se, Edgar fechou os olhos, imaginando se Hélio sofreria antes de partir. Ainda pior, ele pensaria no velho amigo quando estivesse à beira da morte? Haveria de desconfiar do terrível ato criminoso que cometera?

Claro que não. Perceptivo ou não, Hélio jamais poderia adivinhar, Edgar disse a si mesmo. Mas a simples ideia era dolorida demais, e ele deixou-se chorar. Lamentou pelo pobre Hélio, lamentou por si mesmo e, acima de tudo, por Elisabete.

A mulher de negócios estava me enganando. Como poderia ela, uma simples mulher de meia idade, mais uma entre os sete bilhões de seres humanos do mundo, ser a Senhora do Tempo? Eu, velho tolo, acreditei e assassinei meu melhor amigo.

Levou a mão ao peito dolorido. Ao que parecia, estivera chorando por mais tempo que pudera contabilizar. Os olhos pareciam secos, desidratados. Talvez devesse levantar; talvez, quando retornasse à sociedade, o mundo fosse outro. Quem sabe, nesse mundo diferente, Hélio ainda estivesse a circular, livre e alegremente, espalhando a Palavra de Deus a quem quisesse ouvir, trazendo no bolso uma palavra de conforto e um sorriso acolhedor.

Esse mundo existe apenas na imaginação de um velho idiota. Não existe outra história. A única esperança que ainda posso ter é a de encontrar a maldita mulher de negócios e obrigá-la a me entregar mais uma de suas deliciosas doses letais de arsênico, a qual eu misturarei no meu próprio café, e engolirei de uma só vez.

Ele tentou levantar do chão, mas não conseguiu imediatamente. A cabeça parecia pesada e dolorida. Ele refez o movimento, e dessa vez conseguiu levantar.

Mas algo estava diferente na atmosfera do quarto. Descobriu que, afinal, não estivera deitado no chão do quarto. Encontrava-se em sua própria cama, e usava pijamas: pijamas que haviam sido presente de Elisabete.

Ele se lembrava, com clareza, do momento em que ela o entregara, embrulhado em uma caixa desproporcionalmente grande, em seu aniversário de cinquenta e dois anos. Usara-o por um longo tempo, mas em 2017 ele não existia mais.

Como era possível que estivesse vestindo-o agora?

O Professor Nino desapareceu dentro da sinagoga. Eu desapareci no chão do meu quarto, ao lado de uma garrafa de vodka vazia.

A porta do quarto estivera fechada, mas alguém moveu a maçaneta e empurrou-a ligeiramente. A presença atrás da porta hesitava.

— Ei, pai. Você está vestido? Posso entrar?

Edgar reconheceu a voz da filha imediatamente. Clara, postada atrás da porta do quarto — onde não pisara durante os últimos dez anos —, perguntava-lhe com tamanha naturalidade se podia entrar.

Ela não esperou muito tempo pela resposta. Usava um vestido branco — Edgar lembrava-se bem dele, pois havia sido objeto de discórdia entre pai e filha diversas vezes, devido ao seu reduzido cumprimento. Jovial e sorridente, com o cabelo preso em um rabo-de-cavalo, ela sorriu para ele e perguntou-lhe como estava. Não esperou pela resposta antes de dizer:

— Estou indo para uma churrascada com a turma. Me dê um beijo de despedida.

Edgar piscou algumas vezes, tentando entender por que não se sentia embriagado após esvaziar a garrafa de vodka. Somente aquela dor de cabeça forte, mas agora suportável.

Clara tomou o silêncio do pai por um sinal de insatisfação. Baixou os ombros, contrariada, e franziu a testa.

— Puxa, pai, esquece o tamanho do meu vestido. Todas as minhas amigas usam roupas curtas. Quero que você me ache bonita!

Edgar aproximou-se, sentindo lágrimas nos olhos. Enlaçou-a em um abraço apertado.

— Você está linda, querida. Acho que nunca estive tão linda.

Ela afastou-se delicadamente, observando os olhos marejados com curiosidade.

— O que é isso, pai? Por que está chorando?

Ele sorriu e não respondeu.

— Onde está sua mãe, querida?

— Está na cozinha, pai. Preparou o café da manhã e mandou eu vir acordá-lo. Ela está preocupada porque você teve pesadelos durante a noite e dormiu mais do que o habitual. — Uma ideia passou-lhe pela cabeça. — Ei, não deixe que ela o veja chorando. Aí sim vai pensar que você está doente ou coisa assim.

Ela passou as costas das mãos em seus olhos a fim de livrá-los das lágrimas, aplicou-lhe um beijo rápido na bochecha e deixou-o, caminhando aos saltos, como fazia todas as vezes em que estava contente.

Edgar procurou organizar os pensamentos, mas imediatamente deu-se conta de que era impossível fazê-lo.

Não tente entender os comos e porquês ou acabará enlouquecendo.

O Professor Nino chegou a acreditar que estivera sonhando; acreditou que não havia *outra história*. Mas, no fundo, ele *sabia*.

Quando chegar o dia, terei de cumprir minha parte na missão.

Afinal, missão dada tem de ser missão cumprida.



Saída 21

(A história de Mirian)

O controle remoto do portão eletrônico não funcionou. Parada em frente à garagem, Mirian pressionou o botão com mais força, ponderando se o motivo da falha se deveria ao iminente esgotamento da bateria. A pressão adicional não mostrou resultados. Ela aproximou-se do portão e tentou novamente, como se a proximidade pudesse exercer alguma influência.

Resignada, sacou do bolso a chave da porta de entrada e tentou acomodá-la na fechadura. A chave não encaixou. Tentou novamente e mais uma vez não obteve sucesso.

Esse não é meu dia de sorte, Mirian pensou, recorrendo à campainha.

Consultou o relógio digital na tela do celular. Quatro e meia da tarde. Torcia para que Charles já tivesse retornado do trabalho. Do contrário, seria obrigada a entrar em contato com um chaveiro, a última alternativa para resolver o duplo e repentino problema.

Para sua surpresa, não foi Charles quem atendeu à porta. À frente dela, postado preguiçosamente sobre chinelos, com o cabelo desarrumado e olhos ligeiramente injetados, um completo estranho surgiu.

— O que deseja? — Ele perguntou com naturalidade.

Mirian piscou algumas vezes, desacreditando sua própria visão. O desconhecido pareceu entediado enquanto aguardava por sua resposta.

Ela recuou alguns passos, a fim de observar mais atentamente a fachada da casa. Era possível que tivesse se enganado de residência? Havia se casado há pouco tempo, mudara-se há apenas dois meses, é claro, mas enganar-se *tanto assim*? Impossível. Aquela definitivamente *era* sua casa. O lar que dividia com Charles, o lugar onde planejava criar seus filhos.

Se Mirian não cometera nenhum engano, o desconhecido postado na soleira de sua porta era um invasor.

— Eu vou chamar a Polícia! — Mirian exclamou, compreendendo subitamente: aquele homem só poderia ser um bandido e estava roubando objetos de sua casa!

Um bandido calçando chinelos e bermuda, com o cabelo desalinhado e ar de quem estivera apreciando o famigerado sono da tarde?

— Vai chamar a Polícia por que, moça? — O desconhecido franziu o cenho, subitamente interessado, quase divertido. — Você está bem?

— Como poderia estar *bem*? — Ela espantou-se. — Quem é você? O que faz na minha casa?

Um amigo de Charles, ela refletiu. *Ele é um amigo do Charles! Certamente um cara descuidado da própria aparência, alguém que visita os outros sem pentear o cabelo ou trocar de roupa, mas ainda assim apenas um amigo do meu marido. Que vergonha, ameacei chamar a Polícia.*

— Ah, desculpe. — Ela cobriu os olhos com a palma da mão por um instante. — Estou tão envergonhada. Você deve ser algum amigo do Charles, não é?

— Não conheço nenhum Charles. — Ele deu uma risadinha. — Quem é você, afinal? Alguma doida?

Ela abriu a boca para revidar a afronta, mas desistiu. Algo mais importante chamava-lhe a atenção: a cor da parede da sala de estar. De onde estava, podia divisar parte do cômodo, e era fácil notar a cor esverdeada da parede. Mirian lembrava-se bem de ter escolhido a cor creme para o recinto: a escolha havia sido difícil, pois Charles insistira na tradicional tinta branca, ao passo em que ela desejava ter na parede da sala de estar a cor creme. Mirian terminara por vencer a discussão.

Então por que a parede apresentava aquela horrível cor esverdeada? Só uma pessoa desprovida de bom gosto escolheria aquele tom!

— Eu posso ajudá-la de alguma forma? — O homem perguntou.

Isso é loucura, ela pensou, procurando compreender a inusitada situação, mas não conseguia chegar à qualquer conclusão imediatamente satisfatória.

Talvez Charles esteja pregando uma peça em mim.

Mas Charles não era do tipo que pregava peças.

Sob o olhar do desconhecido, ela apanhou o celular e telefonou para o marido. A voz circunspecta e rouca não demorou a responder à chamada.

— Oi, amor. — Ela não sabia como explicar o acontecido. Decidiu dar outro rumo à conversa antes de contar sobre o desconhecido parado à soleira de sua porta e a cor esverdeada da parede da sala de estar. — Eu já estou em casa. Onde você está?

Breve hesitação, e a voz de Charles pareceu ainda mais cordata quando ele perguntou:

— Quem está falando?

— Como assim, *quem está falando?* Sou *eu*, a Mirian, quem mais poderia ser?

— Sinto muito, mas a senhora telefonou para a pessoa errada. Tenha uma boa tarde.

Charles encerrou a ligação sem aguardar resposta.

— Está tendo um dia ruim, hein? — O desconhecido comentou, observando-a com certa curiosidade.

Ela não respondeu. Obviamente, acontecimentos *realmente* inusitados ocorriam naquele dia. Primeiro, o bizarro atalho na estrada principal da cidade; depois, o desconhecido que parecia tão à vontade na casa *dela*, cujas paredes até esta manhã haviam sido cor creme e agora eram esverdeadas; finalmente, Charles simplesmente não reconhecia sua voz.

Eu tenho certeza de que esta é minha casa. Tenho certeza de que as paredes da sala de estar são da cor creme. E estou ainda mais certa de que Charles é meu marido e acaba de desligar na minha cara, alegando não me conhecer.

Não estou ficando louca.

Mirian jamais apresentara, em toda sua vida, qualquer indício de distúrbios ou transtornos mentais. Sua família era saudável. Ela não era dada a vícios, muito menos dotada de excessiva imaginação. Enlouquecer estava fora de cogitação.

Aturdida demais para despedir-se do estranho, ela retornou ao carro. Tentou decidir-se a quem recorrer. Deveria procurar por Charles na empresa e perguntar-lhe por que não reconhecera sua voz ao telefone? Ou talvez devesse seguir até o escritório onde ela trabalhava? Quem sabe seguir até a casa de seus pais?

A última opção pareceu apropriada. Talvez o pai ou a mãe pudesse oferecer algum tipo de explicação para aquela série de singularidades. Deu a partida no automóvel e iniciou a curta jornada até à residência da família.

Mirian respirou com certo alívio ao não detectar qualquer alteração na casa. *Que pensamento maluco, por que haveria algo de diferente na casa?*

Porque acabo de testemunhar paredes cor creme se tornarem esverdeadas.

Estacionou em frente ao velho sobrado e buzinou duas vezes, conforme o hábito familiar: ao invés de tocar a campainha, Mirian pressionava a buzina suavemente por duas vezes; o pai ou a mãe surgia para abrir o portão.

Desta vez, ninguém apareceu.

Talvez não estejam em casa, ela ponderou.

A fim de certificar-se, saltou do carro e tocou a campainha. Em alguns segundos, a mãe surgiu à porta.

De alguma forma, ela parecia diferente. Mirian não saberia precisar exatamente o que havia mudado em sua fisionomia, mas estava certa de que havia algo de não usual em sua progenitora.

— Pois não? — Ela indagou, aproximando-se do portão e observando Mirian com polida atenção.

— Mãe, abra o portão, por favor. Coisas estranhas estão acontecendo. O Charles não reconheceu minha voz ao telefone. Mas isso não é tudo: tentei entrar em minha casa e o controle remoto do portão da garagem não...

— Desculpe. — A mãe interrompeu, formal. — Creio ter escutado a senhorita me chamar de *mãe*.

— Claro que sim, eu... — Mirian não deu continuidade à própria frase. Era óbvio que as estranhezas não haviam acabado em Charles a ignorá-la.

— Você se enganou, querida. — A mãe prosseguiu, observando-a com estranheza.

Mirian sentiu o pulso disparar e lágrimas irrigarem seus olhos. O que estava acontecendo? Por Deus, *o que estava acontecendo?*

De olhos fixos no rosto da mãe, ela perguntou, embora já antecipasse a resposta:

— A senhora não está me reconhecendo, mãe?

— Minha querida, eu não tenho uma filha. — Ela a observava com benevolência e certa condescendência. — Posso notar que você não está nada bem. Quer que eu chame um médico?

Mirian limpou as lágrimas com as costas da mão, ao mesmo tempo em que balançava a cabeça em um gesto educado de negação.

— Obrigada pela atenção. — Conseguiu dizer, antes que soluços de desespero comessem a sacudir seu corpo.

Sob a mira benevolente e preocupada daquela que havia sido sua mãe, Mirian retornou ao carro e deixou para trás a familiar rua onde havia crescido, onde havia vivido tantas e tantas histórias.

A certa distância da residência da família, Mirian estacionou ao meio-fio e deixou-se chorar compulsivamente. Quando sua capacidade de raciocínio retornou à plenitude, ela compreendeu que tudo havia começado no atalho da estrada principal, a Saída 21.

Mirian deixou o escritório à uma e meia da tarde. A bolsa pendia do braço, sacudindo ao ritmo de seus passos apressados. Ela largou-a no banco do passageiro, posicionou-se ao volante e cruzou o estacionamento.

O atendente do guichê sorriu ao pegar o ticket de sua mão. Comentou:

— Acelerada como sempre, né?

— Nada novo sob o sol, Alex. — Ela sorriu de volta. — Estou indo visitar um cliente.

— Novo cliente?

— Sim. A causa parece promissora. Ex-funcionário processando uma multinacional. A falta de equipamento de segurança resultou em um acidente grave. O rapaz de vinte anos perdeu uma das pernas.

— A desgraça de um é a fortuna de outros. — Alex deu uma risadinha.

— Não diga isso. — Ela riu também, sentindo-se levemente culpada ao fazê-lo. — Não me agrada a desgraça alheia. Só procuro fazer justiça... E quem sabe ganhar alguns trocados enquanto faço isso.

— Sempre tão ética a Dra. Mirian. — Ele zombou.

— Deseje-me sorte, Alex.

— Desejo toda sorte, é claro. Inclusive, desejo que fique rica e abra seu próprio escritório.

— Se eu ficar rica, não advogo nunca mais. — Ela riu. — Vou para o Caribe e passo o resto dos meus dias descansando sob o sol, tomando drinques de tequila.

Ele jogou a cabeça para trás em uma gargalhada divertida. Depois, apontou para o próprio relógio de pulso, teatralmente.

— Está atrasada, Mirian. Vá ver seu cliente.

— Não estou atrasada, você sabe que pontualidade é uma qualidade que muito prezo.

— Então por que parece tão apressada?

— Porque meu cliente mora em outra cidade, fica a cerca de uma hora e meia daqui. Preciso pegar a estrada e imprevistos podem acontecer. É bom estar prevenida.

Através do espelho retrovisor, ela pôde divisar um veículo a aproximar-se. Ele alinhou-se à traseira de seu carro. O motorista parecia irritado com o bloqueio na cabine. Mirian encerrou a conversa antes de partir:

— Adeus, Alex. Se você nunca mais me vir, saiba que viajei para o Caribe e estou bem longe dessa cidade poeirenta.

Nenhum imprevisto sobreveio-lhe a caminho da residência do novo cliente. A conversa com o rapaz cuja perna fora decepada foi fluente e tranquila. Ele decidiu-se por deixá-la assumir a causa e, ao final da visita, ofereceu-lhe biscoitos e café.

O relógio digital do painel do carro indicava três e trinte e nove da tarde quando ela retomou a estrada principal. Por não conhecer plenamente o caminho, programou o aparelho GPS para guiá-la de volta para casa. Ligou o rádio e escolheu uma estação de Pop Music. Cantava junto com Bruno Mars quando o aparelho GPS sugeriu um trajeto alternativo.

Se Mirian optasse por desviar da estrada principal e seguir pelo atalho recomendado, chegaria com vinte minutos de antecedência ao seu destino. Ela ponderou a respeito dos vinte minutos a ganhar: poderia adiantar o jantar; talvez conseguisse terminá-lo antes de Charles retornar do trabalho.

Vinte minutos significam muito se você considerar que o cotidiano de uma jovem trabalhadora recém-casada é muito, muito corrido.

Ela girou o volante cuidadosamente para a direita e tomou o atalho. Tratava-se de uma via de mão única, estreita, perfeitamente asfaltada, desprovida de fendas ou lombadas. Cercada por florestas fechadas, a estrada era tranquila e deserta. Além do ronco brando do motor, ela escutava o piar longínquo de pássaros, e esse era todo o som existente naquele pacato lugar. Não havia radares nem semáforos e a extensão do pavimento parecia interminável além das suaves curvas. Apesar do denso matagal a circundar a Saída 21, não havia

sinalização que indicasse a presença iminente de animais silvestres, o que Mirian achou particularmente curioso.

O veículo deslizava sobre o asfalto recém-recapeado e a sensação era prazerosa. Mirian notou que, no aparelho GPS, a representação em escala de seu automóvel deixou de mover-se através das linhas coloridas que usualmente representavam as estradas e avenidas. Provavelmente, o sinal da rede móvel era falho por aquelas bandas.

Que estrada longa, ela pensou, distraidamente, ao mesmo tempo em que consultava o relógio do painel do carro: 15:59h. *Pensei ter consultado o relógio há cerca de dez minutos e ter visto exatamente esse mesmo horário.*

Mas essa não é a única coisa estranha acontecendo. Há algo de diferente nesta estrada. É como se... Como se...

Era difícil colocar em palavras, mas ela conseguiu chegar à uma conclusão. Considerando todo o trajeto percorrido, a estrada parecia idêntica a cada vinte metros quadrados, como se um pequeno trecho se repetisse centenas de vezes. Mirian observou mais atentamente para provar sua tese: as árvores da floresta não eram diferentes em altura e distância entre elas, se comparadas com os próximos vinte metros quadrados. O asfalto não apresentava qualquer proeminência; os pássaros cantavam, ligeira e ritmicamente, como se repetissem o mesmo som a cada minuto.

Mais uma vez, Mirian indagou-se a respeito do comprimento daquela estrada. Quanto tempo mais levaria até que o veículo tornasse a desembocar na estrada principal, conforme prometido pelo aparelho GPS? Ela não tinha como inferir, pois a representação em menor escala permanecia estática no dispositivo digital.

Tal como o relógio do painel que insistia: 15:59h.

Estou dirigindo nesta estrada há cerca de quinze minutos. O relógio definitivamente pifou.

Lançou um olhar rápido para o medidor de combustível e constatou que ele também permanecia imóvel.

A mão direita alcançou a bolsa deixada sobre o banco do passageiro e retirou o aparelho celular. Mirian prendeu a respiração ao consultar o relógio digital no display: 15:59h.

É inacreditável que ambos os relógios, o software do GPS e o mostrador de combustível tenham apresentado defeito ao mesmo tempo.

Um, dois, três, quatro, cinco, ela entoou pausadamente, contabilizando os segundos enquanto percorria outras dezenas de trechos idênticos. Quando a contagem chegou ao número sessenta, ambos os relógios insistiram em marcar o mesmo horário.

Que lugar é esse, afinal?

Ligeiramente assustada, Mirian pressionou o pé sobre o acelerador, ansiosa por uma mudança de ambiente. Não pôde precisar com exatidão quanto tempo levou até que seu veículo finalmente tornasse a desembocar na autopista principal, mas acreditava ter percorrido a recursiva estrada por cerca de duas horas.

Aliviada ao escutar os familiares sons do trânsito, Mirian deixou a Saída 21 e juntou-se aos demais veículos que trafegavam pela estrada principal. Lançando um olhar de esguelha, quase temeroso, em direção ao relógio do painel, contemplou o exato momento em que 15:59h transformava-se em 16:00h.

Buscando compreender o ocorrido, Mirian imaginou que, talvez, tivesse sofrido um desmaio ou alucinação enquanto dirigia pelo atalho. Dessa forma, um percurso que não durou nem um minuto poderia ter *parecido* demorar quase duas horas.

Tenho certeza de que estive lúcida e saudável durante todo o tempo.

Estacionou em frente à garagem de casa e tornou a consultar o relógio. Conforme o previsto, chegara com vinte minutos de antecedência. Se Charles já tivesse retornado do trabalho, talvez a ajudasse a elucidar o mistério singular que lhe ocorrera.

Algum detalhe está escapando à minha percepção, prejudicando minha racionalidade. Tenho certeza de que existe uma explicação lógica, talvez até bem óbvia, a qual eu simplesmente não estou conseguindo enxergar.

Sim, haveria de existir uma explicação muito evidente para esse caso e, quando ela a desvendasse, riria da própria tolice, nervosismo e superstição.

Desceu do carro e tentou abrir a portão da garagem utilizando o controle remoto. Ele não funcionou.

O controle remoto não funcionou porque aquela casa não era sua. Charles não reconheceu sua voz porque ele não era seu marido. Sua mãe a tratara com a piedade de uma estranha porque elas jamais haviam se conhecido.

Mirian respirou fundo, segurou o volante com firmeza e tomou a única atitude possível: retornou à Saída 21.

O sol começava a se pôr quando ela refez o caminho original e acostou à beira do matagal onde, poucas horas atrás, estivera o atalho. Desta vez, o aparelho GPS não sugeriu qualquer via alternativa. A linha que representava a estrada principal era reta e unidimensional, desprovida de bifurcações.

O dedo trêmulo clicou na opção *escolher outro trajeto*. A mensagem eletrônica retornou imediatamente: *não existem outras opções para o trajeto escolhido*.

— O caminho alternativo. — Mirian murmurou. — A Saída 21. Eu preciso percorrer o caminho de volta para recuperar a minha vida.

Outro veículo buzinou antes de ultrapassá-la, levando-a a perceber que estivera perigosamente parada à beira da estrada.

Ela tornou a dar a partida e, lançando um último olhar para o local onde outrora houvera um atalho, retomou o caminho de casa. O destino era uma realidade à qual ela não pertencia.



Lobotomia

Quando mencionou o assunto pela primeira vez, com ares de brincadeira, ele riu e eu ri também. Em minha concepção, essa era mais uma de suas piadas de gosto duvidoso. Não que tal abominável decisão não concordasse com sua personalidade ou com os humores terríveis que ele apresentava naqueles tempos, ou com a doença que corroía sua alma todos os dias. Meu total descrédito deveu-se à forma casual com a qual ele abordou a questão.

Ocupou a poltrona da minha sala de estar, esticou os pés sobre a mesinha de centro, abriu um romance policial e comentou:

— Tive uma ideia esses dias. Uma ideia para resolver todos os meus problemas de uma vez por todas. Vou fazer uma *loucotomia*.

— Vai fazer uma *o quê?* — Perguntei com uma risadinha.

Loucotomia: meu melhor amigo se referia à prática cirúrgica obsoleta e terrivelmente invasiva usando a particular e idiossincrática alcunha. Até aquele dia, eu pouco ouvira falar a respeito. Recorria às imagens hollywoodianas nos meus arquivos mentais enquanto ele falava. Como se lesse meus pensamentos, ele disse:

— Como *McMurphy*. — Ele refletiu por um instante. — *Jack Nicholson* fez um belo trabalho.

— De que forma uma lobotomia resolveria seus problemas, cara? — Indaguei, divertido. — Seria necessário arrancar seu cérebro inteiro para livrá-lo da loucura.

Ele sorriu com certa complacência e mudou de assunto.

Hoje, sobre a mesma poltrona na minha sala de estar, jaz o meu melhor amigo — ou o que restou dele. Nesse exato momento, enquanto escrevo meu relato, seus olhos vazios, desprovidos de emoção ou compreensão, fitam a tela do televisor sem realmente vê-la. O corpo, capaz apenas de movimentos letárgicos ou involuntários, permanece quase estático, exatamente como eu o deixei no início desta manhã. Em meia hora, quando minha narrativa estiver terminada, irei alimentá-lo, pois será hora do almoço.

Às vezes me pergunto se faço bem em manter viva aquela máquina sem alma, o invólucro que, um dia, abrigou uma consciência.

Acho que o faço por moralidade.

Meu amigo sempre foi diferente das outras pessoas. Destacava-se por sua inteligência, criatividade e riso fácil, mas era tímido e problemático. Apesar de apresentar-se simpático e acessível, costumava retrair-se, recolhendo-se em seu quarto para ler, escrever e escutar música. Frequentemente, abdicava acompanhar-me às festas que tanto apreciava por encontrar-se em estado de inexplicável e inesperado desalento.

Sua saúde delicada e passado sombrio eram gatilhos para esses momentos de intensa solidão e abatimento. Ele adoecia com frequência, o que o obrigava a permanecer na cama durante longos e doloridos períodos. Ele já se acostumara à essa condição, é claro, pois desde a mais tenra idade seu inconstante estado de saúde assemelhava-se ao de alguém vinte anos mais velho.

A fragilidade física o manteve distância dos colegas, quando meu amigo encontrava-se em idade escolar, pois sua mãe optou por aulas particulares em detrimento da frequência regular à escola fundamental. Sem amigos, ele tornou-se um adolescente solitário.

Ainda na puberdade, sua saúde estabilizou razoavelmente e a família decidiu-se por matriculá-lo no colégio do bairro. Mas, embora o corpo físico já estivesse apto para tal, o coração impressionável de meu amigo não estava. Acuado diante de tantos alunos, ele constrangia-se diante de um simples cumprimento de boas-vindas. Não demorou até que os valentões da escola o notassem e comesçassem a implicar com ele.

Mas meu amigo, apesar de tímido e problemático, como já mencionei, era valente e perspicaz. Ainda no primeiro semestre de sua matrícula, percebeu que, se prosseguisse solitário, constituiria alvo fácil diante dos *bullies* da escola. Dessa forma, disfarçando sua intenção com extrema simpatia e impressionante articulação, ele aproximou-se de mim e de meus amigos no corredor do colégio:

— Soube que vocês estão procurando um vocalista para sua banda. — Foi o que ele disse.

Sim, procurávamos um vocalista para nossa banda de garagem há algum tempo, desde que o último desaparecera ao mudar-se de cidade.

— Você pode ir lá em casa fazer um teste. — Eu sugeri, adivinhando estar diante de mim o artista a quem tanto buscamos nos últimos meses.

Os valentões deixaram de provocá-lo e ameaçá-lo quando, de cabeça erguida e com um sorriso impetuoso no rosto, ele passou a entrar na escola acompanhado por mim e meus colegas de banda. As garotas passaram a notá-lo e, em pouco tempo, meu introvertido amigo tornou-se popular.

Éramos um quinteto promissor e tínhamos um investidor rico e poderoso: meu pai. Pouco antes de completarmos dezoito anos, assinamos contrato com uma gravadora de renome na cena do rock *underground*, na época, e iniciamos nossa primeira turnê pelo país. Jovens, famosos em nosso meio e providos de dinheiro, nossa realidade era brilhante. Vivíamos intensamente; não pensávamos no futuro. O presente era um emaranhado nebuloso e delirante de música, drogas e libertinagem.

Não pensávamos no futuro, mas falo apenas em meu nome quando afirmo que, igualmente, não pensava no passado. Em relação a isso, o que passava pela cabeça do meu amigo era outra história. Em meio ao riso fácil, à aparente alegria constante e à plena juventude que ele exprimia, eu jamais poderia prever que tipo de demônios morava em sua alma, até o dia em que ele contou-me a história de sua infância.

Aconteceu depois de um show, em nossa primeira turnê internacional. A estadia era cara, por isso poupamos dinheiro ao dividir um quarto de hotel, ele e eu. Acordei de madrugada, sentindo frio. O cobertor fornecido pelo hotel de luxo parecia-me insuficiente diante das baixas temperaturas. Decidi acender a lareira automática e, assim que levantei da cama, sobressaltei-me com a silhueta do meu amigo: em meio à semiescuridão do quarto, de pé em frente à janela, ele contemplava a desértica paisagem peruana.

— Você tem apenas três horas para dormir, antes que retomemos a viagem. — Observei, atrapalhando-me ligeiramente com os comandos da lareira automática.

— Dormir é para os fracos. — Ele respondeu, distraído.

Juntei-me a ele diante da janela envidraçada. Durante alguns instantes, admirei com certa reverência o solo arenoso a estender-se por quilômetros até perder-se de vista.

— Eu estive pensando nele. — Meu amigo sussurrou, pegando-me desprevenido.

— *Nele*, quem? — Estranhei.

Não houve resposta. Ele guardou silêncio durante o próximo minuto. Um pouco assustado com seu tom de voz lúgubre, suas feições obscuras e suas palavras aparentemente aleatórias, decidi voltar para cama. Mas antes que eu pudesse retornar ao conforto de meu leito, a voz sussurrante e melancólica me deteve.

— Eu estava pensando nele porque ele esteve aqui. Por um breve momento, mas esteve. Meu pai.

Seu pai jazia morto há vinte anos. Eu pouco sabia a seu respeito, apenas o que me contara meu amigo: falecera, de causas naturais, abandonando o filho aos cinco anos de idade.

Guardei silêncio, incapaz de articular uma resposta adequada. Meus próprios pensamentos foram tomados pelo medo e inexplicável mau presságio. Ele continuou falando, mas parecia não se dirigir a mim, exatamente. Talvez falasse consigo mesmo:

— Ele veio aqui, esta noite, para me fazer lembrar... Ela estava dormindo e ele a acordou. Ele não sabia que eu estava olhando. Não sabia que *eu sabia* de tudo. Eu ficava calado porque tinha medo. Ele poderia fazer a mesma coisa comigo, não podia? Claro que podia, se quisesse. Mas não fez. Ele gostava dela, na real, mas não conseguia expressar seus sentimentos. Era apenas a forma dele de manifestar-se. Não tinha culpa. Nem eu. Eu não tinha culpa. Não tinha. Não tinha. Não tinha.

Não sei quantas vezes meu amigo repetiu esta última frase, mas cada repetição me causava um calafrio. Ele cruzou os braços, como se abraçasse a si mesmo, e começou a balançar o corpo para frente e para trás, ao ritmo das próprias palavras.

— Não tinha, não tinha, não tinha...

Horrorizado, procurei em seus olhos algum sinal de sanidade e não encontrei. Segurei seu braço com força, obrigando-o a suspender o movimento e encarar-me. De forma um tanto abrupta, ele interrompeu a própria fala e voltou os olhos para mim, como se percebesse minha presença subitamente. Como se

procurasse livrar-se da letargia, piscou algumas vezes e, com uma expressão confusa, perguntou-me o que estava acontecendo.

Não pude responder. Guiei-o até sua própria cama, pedi que deitasse e remexi em minha mochila em busca de alguns comprimidos. De vez em quando, eu usava antipsicóticos a fim de livrar-me mais rapidamente do efeito de alucinógenos ingeridos em noites de festa e, desta vez, eles seriam muito úteis para acalmar a mente abalada do meu amigo.

O remédio surtiu efeito tranquilizante, de forma que, em meia hora, ele fechou os olhos e adormeceu serenamente. Não posso dizer o mesmo a meu respeito: escutando o vento desértico bater contra o vidro da janela, combinado com o zunido elétrico da lareira, não pude conciliar o sono. Era impossível deletar de minha mente a imagem do falecido pai de meu amigo — a quem eu jamais vira, na verdade, mas podia imaginar — postado diante de nós, a observar o sono de seu filho.

Finalmente, o sol raiou, elevando a temperatura. Levantei-me da cama, acometido por uma terrível indisposição e mau humor, mas nenhuma dessas sensações era pior do que a preocupação que consumia meu coração. Pois eu sabia: meu melhor amigo estava enlouquecendo.

Mas, pela manhã, ele estava bem disposto e, como sempre, animado. Não restara vestígio algum do homem a contemplar a paisagem sem realmente vê-la, balançando-se ritmicamente como um legítimo paciente do Dr. Bacamarte. Tomamos um avião em direção ao nosso próximo destino e não tornamos a comentar o incidente até a semana seguinte.

A turnê havia terminado e retornávamos para casa. Meu amigo disse-me que não queria ir para sua própria casa naquela noite. Ele não explicou o que sentia, mas posso inferir que temia a solidão. Permiti que pernoitasse em minha residência, pois vivia sozinho em uma casa grande, na qual sobrava espaço para hóspedes.

Assistíamos à televisão quando ele decidiu retomar o assunto. Não mais nos encontrávamos em um quarto escuro diante de uma paisagem imponente e assustadora, mas, ainda assim, senti-me atemorizado diante de seu tom de voz, o qual retornara à monótona melancolia que tanto me impressionara naquela noite. Apesar disso, seus olhos apresentavam lucidez reconfortante.

— Eu sonhei com meu pai. — Ele explicou. — Pude vê-lo com clareza diante de mim, ao pé da cama no quarto do hotel. Sua expressão desaprovadora me fez sentir um imbecil. O que não é novidade, pois, em vida, era assim que ele sempre me fazia sentir.

— O que seu pai fez? Você dizia coisas sem sentido sobre ele, mas suas palavras me levaram a intuir que existe algo muito ruim em seu passado.

— Minha história é só mais uma história. — Ele sorriu com tristeza. — Uma história ordinária... Ainda assim, me faz sentir mal até hoje. — Ele suspirou como se tentasse decidir se deveria seguir adiante com sua triste e *ordinária* narrativa. — Meu pai morreu quando eu tinha cinco anos, mas lembro-me dele tão nitidamente quanto lembro de alguém que vi ontem.

“Papai era contador por profissão, mas jogador de futebol por paixão. Quando soube que mamãe estava grávida, desejou que fosse um menino para poder ensinar-lhe a arte de jogar futebol. Seu desejo foi realizado parcialmente. Ele ganhou um filho, mas totalmente desprovido de habilidade e interesse pelos esportes. Tal como minha mãe, minha paixão estava nos romances, na poesia e na música.

“Não era segredo que seu filho era uma decepção. Se ele desejava prover-me de acessórios esportivos, comprar-me uniforme de time e bolas de futebol, gastava seu dinheiro em medicamentos, internações hospitalares e livros. Não demorou muito até que ele transformasse sua decepção em depressão profunda. Pouco mais tarde, a doença o levou a desprezíveis hábitos: álcool e violência.

“O álcool era ingerido diariamente e a violência era dirigida contra minha pobre e indefesa mãe. Mesmo aos três ou quatro anos, eu tinha discernimento suficiente para saber que algo estava errado, considerando que mamãe acordava com um olho roxo e ia para cama com a boca rachada. Ela inventava desculpas, dizia que havia se acidentado e eu, ainda que intuitivamente inferisse um problema muito maior, acreditava em suas mentiras. Pelo menos, acreditei até o dia em que o vi espancá-la.

“A cena que presenciei você pode imaginar. Mais uma história sobre violência doméstica. Mas eu fiquei confuso, principalmente em relação aos meus próprios sentimentos. O que deveria fazer? Intervir? Tentar apartá-los? Gritar para que papai parasse? Chorassem muito alto para que ambos pudessem me ouvir? Ou deveria acionar a Polícia? Chamar os vizinhos?

“Qualquer uma dessas atitudes poderia ter salvado, ao menos temporariamente, minha mãe, mas eu permaneci inerte, observando-os sem ser visto. Quando o show de horrores terminou, eu voltei para minha cama e adormeci confortável e tranquilamente. Só voltei a pensar nisso muitos anos mais tarde, naquela noite em Lima.”

— Você não pode se culpar por uma coisa que aconteceu há tantos anos. — Comentei. — Principalmente considerando que você tinha apenas cinco anos de idade. Que julgamento pode se fazer de uma criança dessa idade, pelo amor de Deus?

— Eu não me sinto exatamente *culpado*. — Meu amigo refletiu, e eu percebi o quanto era difícil para ele explicar-me a respeito. — Acho que a cena infiltrou-se na minha cabeça, e ela — a cena, simplesmente — é quem me atormenta desde então. Eu nunca havia pensado nela de forma consciente, entende? Mas sempre estive ali, à espreita, aguardando o momento oportuno para surgir.

— Entendo. — Anuí, embora achasse difícil compreender a situação e os sentimentos do meu melhor amigo.

— Desculpe por ter te assustado, cara. — Ele comentou com uma risadinha. — Devo ter parecido um maluco.

— Eu estava prestes a ligar para o manicômio. — Eu brinquei, aliviado. Ali estava meu velho amigo e ele *não estava* prestes a enlouquecer.

Ao menos, foi o que pensei na ocasião, mas, é claro, eu estava *muito* enganado.

O próximo indicio de loucura surgiu de forma muito parecida, mas foi durante uma apresentação da banda em território nacional. Poucos meses haviam se passado desde nossa estranha experiência no Peru. Meu amigo, interrompendo uma música, largou o microfone no chão e retirou-se para o camarim. Lá dentro, deixou-se cair no chão e chorou compulsivamente durante ininterruptos quinze minutos. Depois, levantou-se, aprumou-se e disse que estava pronto para retomar o show. Eu nunca soube o motivo de suas súbitas e intempestivas lágrimas.

Advieram outras e inúmeras crises, tendo elas se tornado cada vez mais evidentes e impressionantes. Agora, meu amigo alternava seus estados de espírito entre intensa euforia e estados de profunda depressão, sendo que esse último contava com algumas poucas e não muito frequentes alucinações.

Seu quadro tornou-se insustentável. Com a ajuda dos demais membros da banda e alguns outros amigos pessoais de meu melhor amigo, intercedemos e imploramos para que ele procurasse um médico. Um tanto contrariado, ele cedeu.

O médico o diagnosticou e prescreveu fármacos controlados e terapia cognitivo-comportamental. Meu amigo tomou os remédios e visitou a terapeuta regularmente, o que garantiu a ele e à banda alguns meses de paz e esperança. Porém, nossa tranquilidade foi abruptamente interrompida por uma crise emocional que levou meu amigo a tentar o suicídio.

Após a tentativa — felizmente — fracassada, ele foi conduzido compulsoriamente à internação em uma casa de repouso. Ali, ele foi tratado com medicamentos ainda mais fortes e, quando estes não apresentaram o efeito esperado, os médicos o conduziram ao tratamento com eletroconvulsoterapia.

Alguns meses de intensa terapia aliviaram suas tendências suicidas, garantiram alguns anos de tranquilidade e estabilidade de humor, mas feriram seu ego de forma irreparável. Muitas vezes, ele mesmo trazia o assunto à tona, em forma de brincadeira, como se tentasse provar para nós — e para ele mesmo — que o fato não lhe causara dor. Posso exemplificar utilizando uma ocasião em que, durante um ensaio da banda, ele reclamou de dor de cabeça e emendou, com uma risada aparentemente muito sincera e espontânea:

— Será que consigo curar essa dor de cabeça com mais alguns choques no cérebro?

Ele procurava disfarçar, mas eu conhecia seus verdadeiros sentimentos em relação a isso. A terapia de choque, apesar de segura, indolor e efetiva, fez desabar o que restava de sua autoestima. Meu amigo jamais estaria disposto a deixar-se internar novamente; nunca mais permitiria que o submetessem ao tratamento que, apesar de ter-lhe salvado a vida, destruiu o seu amor próprio.

Foi por isso que quando as crises retornaram, apesar do uso correto dos medicamentos e das frequentes conversas com a terapeuta, meu amigo decidiu-se por fazer uma lobotomia e, parafraseando sua própria fala, resolver todos os seus problemas de uma vez por todas. Então ele sentou-se sobre a poltrona da minha sala de estar e disse que estava planejando fazer uma *loucotomia*.

— Comprei duas passagens aéreas para o Chile. Ida e volta e boas acomodações. Topa? — Meu amigo disse.

Tomado pela surpresa, descobri-me incapaz de me mover. Parado diante da porta do meu apartamento, ele exibia seu sorriso de menino travesso, provavelmente perguntando-se se eu sairia do caminho e o deixaria entrar no apartamento. Acontece que eu estava por demais embasbacado a observá-lo: onde, até ontem, havia um cabelo comprido e farto, não havia mais nada. A cabeça repentinamente careca somada às duas passagens aéreas que ele sacudia à minha frente produziram um efeito estonteante em mim, principalmente porque eu já havia resolvido aquele enigma em minha mente. Podia inferir com precisão o que o levara a raspar a cabeça e comprar duas passagens aéreas para o Chile. Embora já soubesse a resposta, fiz a pergunta assim mesmo, pois não havia outra coisa para dizer:

— O que... O que você pretende fazer no Chile?

Ele deu uma risadinha.

— Vou fazer a cirurgia, é claro.

Dito isso, afastou-me de forma a passar pela porta e instalar-se na minha sala de estar. Tornou a ocupar sua poltrona preferida.

Eu permaneci diante da porta de entrada, tentando raciocinar. Meu amigo tinha uma ideia horrível em mente a haveria de colocá-la em prática sem dúvida. Eu precisava convencê-lo do quanto sua resolução era insana, precisava dizer a ele para deixar aquela bobagem de lado e tentar seguir a vida da melhor maneira possível, mas não encontrei as palavras certas. Sentei-me no sofá e perguntei:

— Até onde sei, trata-se de uma cirurgia ilegal.

— Claro que é ilegal. — Ele respondeu com simplicidade. — Neste século, nenhum país legalizou a prática de cortar fora o pedaço do cérebro que traz problemas. O que eu acho um absurdo, uma lei retrógrada.

— Tenho certeza de que existem motivos para a proibição de tão invasiva prática.

— É uma tentativa, cara. Preciso tentar.

— Mas e se não der certo?

Ele deu de ombros. Insisti:

— Por que o Chile?

— Fiz muitas pesquisas na Internet. Não na superfície da Internet, é claro, esse tipo de serviço você não negocia assim. Descobri um cara disposto a fazer esse pequeno favor para mim, em troca de algumas dezenas de milhares de dólares. — Abri a boca para dizer alguma coisa, mas, novamente, não encontrei palavras. Ele prosseguiu: — Não se preocupe, trata-se de um cirurgião renomado. Ele sabe o que faz. Tem quarenta anos só de Medicina. É neurocirurgião há bastante tempo. Fazer incisões em cérebros é sua prática diária.

— Mas não lobotomias, estou certo disso. — Comentei, finalmente.

— Não, *loucotomia*, não. Mas qual a diferença? Ele abre a cabeça das pessoas, arranca a parte problemática e fecha de novo. É de alguém com essa experiência que eu preciso.

— O tal doutor abre a cabeça das pessoas e retira tumores lá de dentro, por exemplo, pois, *normalmente*, é isso o que neurocirurgiões fazem.

— Como eu disse, não é tão diferente.

— Faz toda diferença do mundo.

— O cara é muito bom no que faz, trata-se de um dos peritos mais reconhecidos do Chile. É dono do hospital particular onde trabalha e, sim, já fez algumas *loucotomias* antes.

— E qual foi o resultado das cirurgias feitas anteriormente?

— Foram bem sucedidas, embora tenham deixado os pacientes com algumas sequelas. É praticamente inevitável que sobrem sequelas.

— Que tipo de sequelas? — Horrorizei-me.

— Falhas na coordenação motora, tremedeira, diminuição significativa das emoções, apatia e, em alguns poucos casos, amnésia temporária. De bom grado, troco minha maldita doença por qualquer uma dessas coisas.

— Você sabe o quanto suas palavras são loucas?

— É minha decisão, cara. Você pode me acompanhar ou não. Estou nessa de qualquer maneira.

— Ele vai te operar no hospital, contando com toda a higiene sanitária que é necessária em qualquer incisão desse porte?

— Serei cadastrado como epilético no registro do hospital. Somente ele e uma reduzida equipe saberá a verdade. Tudo dentro dos padrões. Não se preocupe com isso, não entregaria minha cabeça a um açougueiro.

— Cristo, você está mais louco do que eu imaginava.

— Mas estou prestes a resolver isso. — Ele sorriu.

O avião pousou em solo chileno na manhã de segunda-feira. Desembarcamos com nossa reduzida bagagem e seguimos para o hotel. Meu amigo encontrava-se em notável bom humor. Embora eu tivesse me mantido calado e taciturno durante toda a viagem, ele pareceu não notar ou desprezou deliberadamente minha intensa preocupação. Estou certo de que ele intuía um bom desfecho para aquela história; ele acreditava genuinamente que a cirurgia seria bem sucedida e, apesar de submetê-lo a sequelas, talvez permanentes, ele acreditou ter encontrado a solução para seu problema.

Deixamos nossas malas no luxuoso hotel e tomamos um táxi em direção ao hospital. Meu amigo, usando seu espanhol intermediário, conversou alegremente com o motorista durante todo o trajeto, abordando trivialidades sobre o clima gélido daquele inverno em Santiago, culinária e algumas peculiaridades da cultura chilena.

O hospital era suntuoso e elegante, o mais célebre do país. Era frequentado por pessoas da alta sociedade, como políticos, artistas e empresários milionários. Trajando minhas roupas nada elegantes, senti-me destoante dos demais, mas encontrava-me por demais em péssimo estado de espírito para me ocupar com essa preocupação. Com jeito de quem se sente em casa e sabe muito bem o que está fazendo, meu amigo aproximou-se do balcão de atendimento e, novamente em seu espanhol carregado de sotaque, disse à atendente que havia uma cirurgia marcada para aquela tarde.

Meu amigo foi encaminhado para um quarto-apartamento. Eu o acompanhei, carregando a maleta que ele trouxera: nela, havia os exames pré-cirúrgicos feitos ainda em nosso país, exames esses de rotina, como hemogramas e urocultura, para provar a aptidão de meu amigo para uma neurocirurgia.

A simpática enfermeira entrou no quarto quando ele já se encontrava confortavelmente instalado sobre o leito. Após cumprimentar-nos e proferir alguns comentários amenos — utilizando um espanhol pausado e compreensível —, ela pegou uma seringa e injetou um líquido transparente no braço do meu amigo.

— Pré-anestésico. — Ela explicou a ele. — Em alguns minutos, você será encaminhado para o centro cirúrgico.

Meu amigo anuiu, imediatamente sonolento. Quando a enfermeira deixou-nos a sós, aproximei-me de seu leito e sussurrei, rezando para que, miraculosamente, meu amigo criasse algum juízo de última hora e desistisse daquela loucura:

— Ainda há tempo. Desista e vamos para casa.

Letárgico devido à anestesia, ele sorriu e sacudiu a cabeça em negativa. Estava resoluto e qualquer tentativa minha era vã.

— Te desejo toda sorte do mundo, meu amigo. — Eu disse, sentindo a voz falhar um pouco devido à lágrimas iminentes.

Confiante de possuir toda a *sorte do mundo*, meu amigo assentiu e disse, antes de cerrar as pesadas pálpebras.

— Obrigado, cara.

Aquela foi a última vez em que a consciência brilhou em seus olhos.



Acordando no Inferno

Em junho de 1969, às vésperas do meu Juramento, em um seminário do Interior, fui guiado pelo Diabo em uma viagem ao Inferno.

A severa doença que debilitava meus pulmões corroía meus brônquios, tornava o ar rarefeito, aumentava a temperatura corporal a inacreditáveis níveis e obrigava o coração a trabalhar arduamente. Recusei as sugestões e insistências dos meus irmãos que me diziam para procurar um médico e internar-me em um hospital. Eu não estava disposto a adiar o momento mais aguardado da minha vida por causa de uma enfermidade para mim tão familiar.

Acontece que meus pulmões sempre foram naturalmente fracos, ocasionalmente obrigando-me a permanecer dias inteiros em meu leito, afastado da sociedade e confinado à doentia solidão. O fato de ser atacado por minha velha inimiga, justamente nessa especial ocasião, revelava, a mim parecia, uma tentativa do Diabo de me afastar da sociedade mais uma vez: ele conhecia, em sua tenaz sagacidade, os planos de Deus para mim como futuro padre, e procurava impedir meu ministério a qualquer custo.

Você precisa visitar um médico urgentemente, disse meu colega de quarto, com a testa franzida e as bochechas ruborizadas de honesta preocupação.

Eu sacudi a cabeça em negativa, fraco demais até mesmo para verbalizar meus pensamentos. Depois, fechei os olhos e imediatamente adormeci pesadamente, a mente débil sem forças para sonhar.

O sono profundo e enfermo foi interrompido por um toque leve em meu ombro. As pestanas doloridas e pesadas recusaram-se a abrir imediatamente, mas, não sem muito esforço, consegui apenas semicerrá-las. Sentia a testa ardente, o corpo ligeiramente trêmulo, a pele alternando manifestações de frio e calor.

Quis pedir a meu colega de quarto para me deixar dormir em paz: uma boa noite de sono haveria de curar-me. Qual foi minha surpresa ao descobrir que diante de mim não estava meu colega de quarto! Sob a luz do luar que penetrava através da janela aberta, pude divisar o rosto do homem sentado em minha

cama, cuja mão permanecia apoiada delicadamente em meu ombro. O toque era agradável, leve como uma pena.

De olhos bem abertos agora, fitei o surpreendente visitante. Eu o conhecia, mas não conseguia lembrar sua identidade nem da ocasião em que fomos apresentados. Estupefato, sentei-me na cama com as costas apoiadas na cabeceira. Finalmente, compreendi: à minha frente, estava a materialização em carne e osso do homem retratado na mais famosa pintura de Vicente Caruso. Os olhos azuis, europeus e descontextualizados, piscaram com benevolência, enquanto os lábios finos sorriam docilmente.

— Rubens. — Ele entoou meu nome.

A voz grave assemelhava-se ao trovoar de uma tempestade, embora os lábios sorridentes não abrissem ao falar: permaneciam selados, exatamente como o Cristo na obra de Caruso.

— Eu te escolhi como Minha testemunha. Levante-se e deixe-me guiá-lo pelo caminho que lhe mostrarei. Não tenha medo, pois nem seu corpo nem sua alma sofrerão mal algum.

Minhas pálpebras tornaram a pesar sobre meus olhos. Fechei-os novamente, e Jesus Cristo pousou sua mão leve como pena contra minha fronte. Quando a libertou, abri os olhos.

Todos os sintomas de minha doença haviam desaparecido. Eu era um homem saudável novamente. Mas, embora meu corpo gozasse pleno estado de graça, senti os pelos dos braços eriçarem diante do cenário no qual me encontrava.

Eu já não reconhecia meu dormitório. Rajadas de vento frio faziam meu cabelo esvoaçar. A sensação era a de que meu corpo não resistiria, mas meus pés descalços permaneceram firmes sobre a terra. Eu havia deixado meu quarto quente, em pleno verão, e agora estremecia em um solo desconhecido.

Cruzei os braços sobre o peito em uma vã tentativa de proteger-me do frio. Sob meu pijama, o corpo enrijecia, quase como se congelasse. Confuso, desejei retornar à paz doentia de meus aposentos.

Ergui o rosto para contemplar meus arredores. Embora o vento congelante soprasse do leste, o local onde eu misteriosamente surgira estava em chamas. Havia lagos de fogo espalhados até onde minha vista alcançava. Ergui os olhos para cima e descobri, atordoado, que não havia céu: o infinito azul havia sido

substituído por uma massa profunda cinza-avermelhada, como uma substância em perpétua combustão.

O chão arenoso sob meus pés apresentava uma cor avermelhada, doentia, do tipo jamais encontrado em nenhuma praia existente. Esfreguei os olhos na tentativa de livrar-me daquela terrível visão, mas quando tornei a abri-los, encontrava-me no mesmo lugar.

Julguei ouvir algo além do assombroso rajar do vento, e logo identifiquei dois temíveis e distintos ruídos: o primeiro era o gargalhar de centenas de vozes em uníssono; não havia nada de humano na risada. O segundo som, mais temível do que o primeiro, era de difícil reconhecimento: vozes de mulheres e homens que clamavam por socorro, gritos abafados, gritos agudos, gritos graves; todos eles sofriam em eterna agonia.

Olhei ao redor, procurando pelo homem saído da tela de Caruso, Jesus Cristo, aquele que havia prometido me guardar e proteger, mas não O encontrei. Percebi lágrimas se agruparem em meus olhos e, sentindo-me abandonado, deixei que rolassem pelo meu rosto, abundantes e desesperadas.

Em meio ao rio em que se transformara meus olhos, pude contemplar algo novo em meio àquela terra desamparada. Do outro lado de um dos lagos de fogo, uma sombra se aproximava. Identifiquei-a como uma silhueta humana a caminhar a passos lentos e deliberadamente tranquilos. Era como se a pessoa — poderia ser um homem ou uma mulher, eu não conseguia distinguir a essa distância — não temesse esse horripilante cenário.

Senti inveja de sua tranquila passividade e vergonha por minha postura covarde. Limpei as lágrimas com as costas da mão, aprumei meu corpo e, controlando alguns resquícios de soluços lacrimosos, aguardei a aproximação do misterioso recém-chegado.

— Seja bem-vinda, Testemunha de Jesus Cristo.

O homem estendeu a mão em minha direção. Havia em seu rosto um sorriso amigável, carregado de compaixão, embora suas feições fossem severas como as de um trabalhador do campo. Sua pele enegrecida pelo sol parecia envelhecer precocemente, e seus olhos transpareciam o cansaço de quem já viu todos os horrores deste e de outros mundos.

Apertei sua mão frouxamente, tão assombrado ainda me sentia, e a descobri calosa e áspera. Como se adivinhasse meus pensamentos, ele comentou:

— Sou pescador por profissão e testemunha por vocação.

— Quem... Quem é você? — Indaguei.

Estava certo de que aquele emblemático homem só poderia ter surgido de outro século: suas feições eram incomuns em dias atuais, algo no formato de seu nariz e queixo apresentava formas rústicas como só existira na antiguidade; sua roupa, uma única túnica de lã branca produzida evidentemente com produto animal, de corte nada usual; seu cabelo, muito rente ao crânio, não havia sido moldado com as máquinas modernas com as quais os seminaristas costumavam aparar seus cabelos.

Confirmando minhas suspeitas, ele respondeu:

— Eu testemunhei a água tornar-se vinho. Eu vi quando os demônios deixaram o corpo de um homem e correram para habitar dentro dos porcos. Presenciei o momento exato em que Ele lançava mão sobre os olhos de um cego e imediatamente o homem voltava a enxergar.

— Como isso é possível? Você e eu não poderíamos estar juntos. Sou um nascido do século vinte!

— Tudo aqui é atemporal e temporário.

— Não entendo!

— Eu vi quando os pregos transpassaram Suas mãos e o último estertor abandonou Seu corpo mortal. Após sua partida espiritual, herdei um importante legado. Eu escrevi um livro. Um livro que tem ajudado a guiar a Humanidade, um livro que desperta a curiosidade e o medo nos Homens.

“Certo dia, surgiu à minha frente um anjo em forma de homem. Seu rosto resplandecia como o sol e suas vestes eram feitas de nuvens. Sobre sua cabeça estava o arco celeste; era grande como um gigante e sua voz fazia a Terra estremecer.

“Em sua mão havia um pequeno livro. Pedi ao anjo que o entregasse a mim. Ele o fez e ordenou que eu o comesse. Alertou-me que seria doce em minha boca, mas amargo em meu ventre.”

— Você... Você é João. — Balbuciei, sentindo a admiração sobrepor-se ao medo e a agonia. Eu já não prestava atenção às risadas dos demônios, aos gritos dos mortos, ao chão flamejante ao meu redor.

João prosseguiu:

— Seis anjos já tocaram suas trombetas ao longo de vinte séculos. O último fará retumbar a superfície da Terra. Mas antes há trabalho a ser feito. Ainda existem profecias a ser difundidas. Rubens, você deverá profetizar a povos, nações, línguas e reis, tal como eu fiz há vinte séculos, quando soou a primeira trombeta.

— O que devo profetizar?

— Quando retornar aos seus aposentos, escreve tudo o que viu. Os Bons lhe acreditarão, aos Maus você tentará convencer. Há almas a ser salvas, mas nem todas serão.

Dito essas enigmáticas palavras, João deu as costas para mim e tornou a caminhar por onde viera. Eu o observei afastar-se, não mais temeroso. Agora eu meditava sobre a importante missão que havia sido designada a mim. Em silêncio e com muita brevidade, agradei a Deus por ter me escolhido como Sua última testemunha na Terra.

João desapareceu de minha vista. Permaneci onde estava, contemplando o cenário ao meu redor. Imaginava o que aconteceria a seguir: haveria eu de despertar na segurança de meu quarto, acometido pela familiar e impertinente enfermidade que me assolava desde os mais tenros anos de minha vida?

— Quão bela é a criação do seu Deus. — Comentou alguém às minhas costas.

Voltei-me para encontrar o dono daquela voz musical, docemente angelical. O sorriso do homem era branco, quase inumanamente brilhante, mas não havia qualquer traço de afabilidade: seus dentes pontiagudos manifestavam algo como escárnio, cinismo zombeteiro. Quase tão branco quanto seus dentes eram sua tez e suas vestes. Os olhos negros — todo seu globo ocular era de uma perfeita e regular negritude — pareciam tão profundos quanto lagos de um pantanal.

Tudo em sua aparência e maneiras dispensavam apresentação. Eu reconheci imediatamente a identidade do homem à minha frente.

— Venha comigo. — A bela voz continuou. — Sou o Portador da Luz, por isso o Criador me escolheu para trazer a Revelação.

Meus pés, pesados feito chumbo, recusaram-se a obedecer, mas meu coração intuía que era preciso. Lúcifer caminhou à minha frente, passos firmes e elegantes. Ainda hesitante, eu o segui.

Na boca, é doce como o mel, mas ao chegar ao ventre, se torna amargo, pensei, meditando pela primeira vez a respeito do verso que eu conhecia há tanto tempo.

— O que você verá agora jamais tornará a testemunhar. Se você acha que este lugar é terrível, está muito enganado. Tudo aqui — o céu flamejante, o fogo, os gritos e gargalhadas — foi projetado para satisfazer sua imaginação e ajudá-lo a compreender o que verá a seguir. Mas esse é o Inferno fruto da criatividade humana, o Inferno concebido na Idade Média por padres tolos e líderes políticos sagazes, com intuito único de enganar o povo e mantê-lo sob controle.

Engoli em seco, sentindo a garganta adormecida. Lúcifer tornou a exhibir seus dentes sarcásticos e pontiagudos e prosseguiu:

— Eu disse que você jamais tornará a ver o lugar que lhe apresentarei porque nunca pertencerá a esse lugar. Ele é destinado para os impuros da Terra. Deus ama cada uma das almas que habita o mundo que Ele criou, mas muitas vezes esse amor não é recíproco. Nesses casos, que são muitos, Deus os envia para mim e permite que eu faça a eles o que bem entender. Ele me concede esse tipo de liberdade desde que eu continue cumprindo minha parte do acordo: respeitá-Lo incondicionalmente como meu criador. Tenho feito isso há séculos, e parte do meu trabalho — a derradeira parte — ocorre agora, depois estarei livre Dele para sempre. Haverá de reinar perpetuamente sobre as almas que serão minhas e só minhas.

— Deus pediu que *você* viesse ao meu encontro?

— Ele quer que eu o guie através do meu mundo. Quer que você registre cada um dos eventos que acontecem por lá, pois Ele tem esperanças de que muitas almas se arrependam de seus pecados e convertam-se ao Cristianismo a partir de suas palavras, Rubens. Tal como tem sido com os leitores do Apocalipse. Mas resta pouco tempo. João teve dois milênios para ser lido. O seu tempo é significativamente inferior ao dele.

— Está falando do Fim do Mundo?

Lúcifer suspirou, irritado.

— Você aprende devagar, não é? É claro que estou falando do Fim do Mundo. Ele se aproxima e seu Deus deseja salvar mais algumas almas antes de fazer o globo azul explodir. Eu te odeio, Rubens, odeio tanto quanto odeio

qualquer outro servo de Deus. Então, se sou obrigado a submeter-me à vontade divina e bancar o guia turístico com você, vamos acabar logo com isso. Venha.

Decidi segui-lo. Caminhei em sua direção, mas não pude dar mais do que um passo. Meus pés pareceram afundar em algo gelatinosamente espesso, inominável, inexistente. Depois, meu corpo pareceu despencar por um abismo, envolto em uma escuridão profunda, a gravidade exercendo tremenda força sob meu corpo, como se eu afundasse em um buraco negro. Mas tudo durou apenas um segundo. Logo, meus pés descalços encontraram chão firme e meus olhos foram atingidos pelos brilhantes raios de sol.

Pisquei algumas vezes, tentando me acostumar com a luz.

Não havia mais rajadas de vento. O sol aquecia minha pele quase congelada e a sensação era agradável. Olhei ao redor e encontrei itens familiares que me fizeram sentir confortável: ruas pavimentadas, automóveis, semáforos, edifícios. Porém, tudo o que eu já conhecia parecia ter sofrido significativas alterações. Os carros estacionados ao meio-fio eram diferentes dos quais eu estava acostumados, embora pudesse reconhecê-los facilmente por sua função de automóvel. Não havia mais casas como eu as conhecia. Em seu lugar, apenas edifícios monumentais, nada usuais em meu tempo. Lembrei-me de que o prédio mais alto que eu já vira possuía somente cinco andares. Aqui, a construção mais baixa contava trinta andares. A mais alta parecia tocar no céu.

— Isso é o Inferno? — Perguntei, debilmente, admirado com a beleza e imponência daquele desconhecido centro urbano.

— Sim. — Lúcifer respondeu. Apontou o edifício imediatamente à nossa frente. — Reconhece este prédio?

— Tenho certeza de que nunca estive aqui antes.

— Esse lugar abrigou o seminário onde você mora atualmente.

Boquiaberto, observei a imensa construção feita majoritariamente de concreto, cujas laterais exibiam largas faixas de vidro. Ao tocar o vidro, os raios de sol refletiam sobre a rua, causando um efeito impressionante.

— O *seminário*?

— O prédio que você conhece foi demolido e deu espaço para esse belo edifício. Não ficou muito mais bonito assim?

Eu concordava, mas não admiti em voz alta. Calado e admirado, continuei a contemplá-lo.

O sentimento em meu coração era ambíguo. Eu temia pela missão a mim atribuída, temia pelas almas que não seriam salvas quando o último anjo fizesse soar sua trombeta, mas também desejava permanecer naquele lugar. Tudo ali parecia belo, acessível, pleno. Eu não me importaria se o prédio de meu seminário fosse substituído por aquele suntuoso edifício.

— A cobiça. — Lúcifer comentou. — A cobiça está em você. É assim que começa. Primeiro, vem o desejo. Depois de saciado, há outro desejo e assim sucessivamente. Dessa forma, o Homem nunca estará satisfeito. É assim que eu ganho almas.

Envergonhado, baixei a cabeça. Ele exortou:

— Venha.

Lúcifer caminhava em direção ao prédio. Postamo-nos diante de uma majestosa entrada. Sobre ela, uma fachada brilhante anunciava: Fábrica Gateway View.

A porta de vidro abriu-se diante de nós. Assustado, notei que não havia porteiro. Meu guia explicou:

— A porta possui um mecanismo sensorial. Quando o visitante se aproxima, ela o detecta e abre automaticamente.

Fascinado, transpassei a porta. O hall de entrada me deixou mais atônito ainda. A sala de recepção era ampla e iluminada. Poltronas felpudas e tapetes de pele decoravam o local. Havia aparelhos eletrônicos espalhados sobre mesas e escrivaninhas, e eu não reconheci nenhum deles.

À mesa principal da recepção, havia uma jovem. Seu rosto era pálido como o de uma enferma, os lábios desprovidos de cor quase se integravam à pele do rosto. Os olhos, azuis e infinitamente tristes, pareciam desinteressados, ausentes.

Seguindo Lúcifer, aproximei-me da jovem. Ela ergueu os olhos em nossa direção, e eu pude distinguir mais do que ausência e desinteresse em suas expressões: havia agonia.

— Em que posso ajudar? — Ela disse. Sua voz era fraca, débil, quase impessoal. Notei olheiras profundas sob seus olhos.

— Queremos visitar a ala de produção.

A moça apertou um botão sobre um enorme painel colorido instalado em sua mesa. Seus olhos não acompanharam o movimento das mãos, tão

acostumada ela estava em exercer suas funções. Ao comando do botão, um elevador se abriu a alguns metros de onde estávamos.

O elevador era diferente de todos que eu já havia visto. Provido de diversos botões, o espaço interior era amplo e revestido de um material parecido com camurça. Dentro dele, o ascensorista nos aguardava. Assombrado, contemplei os olhos do funcionário e o que encontrei era algo muito semelhante aos devastadores sentimentos da recepcionista. Sob seus olhos, manchas escuras e profundas transpareciam todo o cansaço do pobre homem.

— À ala de produção. — LúCIFER solicitou ao ascensorista e foi prontamente atendido.

As portas do elevador se abriram. Deparei-me com uma sala vazia e pequena, mas tão pós-moderna, bonita e funcional quanto os outros ambientes que eu já havia conhecido naquele lugar. Descobri tratar-se de uma antecâmara. Meu guia e eu a atravessamos até alcançar um enorme portão automático.

LúCIFER escolheu um botão sobre o painel fixado à parede, e o grande portão de aço abriu-se. Recuei um passo, novamente assustado com a ação automática da porta de entrada. Quando o portão abriu completamente, deparei-me com algo inesperado. Em contraste com todo o restante do edifício, o local à minha frente parecia pertencer ao século dezenove. O enorme porão estendia-se por muitos quilômetros à minha frente, a ponto de ser impossível divisar a parede oposta. O centro encontrava-se apinhado de maquinários enfileirados, aparentemente sujos com algo semelhante à graxa.

Centenas — talvez milhares — de maquinários sopravam fumaça negra, evidentemente tóxica, produzindo em meus fracos pulmões prolongado e dolorido acesso de tosse. Milhares de funcionários, compostos por homens, mulheres e crianças, operavam as máquinas. De pé, as mãos dos funcionários trabalhavam ininterruptamente. Seus olhos não desviavam por um único momento. As roupas estavam completamente sujas e os rostos cobertos com a fuligem escapada da máquina.

— Quem permite que esses trabalhadores operem nessas insalubres condições? — Indaguei, revoltado.

LúCIFER limitou-se a exibir seu sorriso sarcástico.

Às nossas costas, um homem surgiu carregando uma pesada caixa de papelão. Com evidente esforço, ele a apoiava sobre a cabeça. Passou por nós sem

nos cumprimentar. Seguiu em direção aos maquinários, descansando sobre o chão seu pesado fardo. Retirou da caixa pães e começou a distribuí-los para os trabalhadores.

Aproximei-me e inspecionei o conteúdo da caixa. Havia dezenas de pães em péssimas condições. Alguns estavam mofados e outros em quase em estado de decomposição.

Os trabalhadores recebiam o pão e os consumia com voracidade. Não pareciam se importar com o estado do alimento. Enquanto comiam com uma mão, continuavam seu trabalho com a outra. Indignado, segurei o braço do entregador, impedindo-o de prosseguir seu nefasto trabalho.

— Você não pode alimentá-los com esses pães sujos! — Exclamei.

O entregador me devolveu um olhar horrorizado, livrando-se do meu aperto com agonia. Imediatamente, retomou a distribuição dos pães.

Uma voz grave e metalizada pareceu surgir de lugar nenhum. Mais tarde, meu guia me explicaria tratar-se de autofalantes projetando uma mensagem robótica. *Todos receberão a Punição Nível Um por falta cometida em local de trabalho*, disse.

Houve uma manifestação de descontentamento generalizada, mas durou apenas um segundo. O entregador de pães recolheu os alimentos daqueles que já haviam recebido, mas não ingerido, recolocou-os na caixa, tornou a colocar o fardo sobre a cabeça e retornou ao local de onde havia saído.

Surpreso, voltei-me para meu guia:

— O que aconteceu?

— Você interrompeu o serviço de um dos trabalhadores e atrasou a tarefa dele. Quando um funcionário comete uma falta, todos os outros são punidos também. Desta vez, como o atraso ocorreu por apenas alguns segundos, receberam o castigo mais leve, chamado Punição Nível Um.

— Ficarão sem alimento?

— Ficarão sem alimento por três dias.

Abri a boca, indignado. Meu coração pareceu comprimir-se contra o peito.

— Sinto muito. — Murmurei para ninguém em especial.

— Não é a primeira vez que isso acontece. Eles já estavam sem comer há três dias devido à outra punição.

— Imagino como serão as punições dos demais níveis...

— Fique à vontade para imaginar.

— Isso é desumano! — Tornei a exclamar. — Alguém precisa fazer algo para acabar com isso! E se eles vierem a perecer?

— Você quer dizer *falecer*?

— Sim!

Lúcifer deu risada.

— São almas imortais, Rubens.

Encarei-o por um longo momento, incapaz de acreditar no que começava a compreender.

— Isso acontecerá eternamente? — Perguntei, nada disposto a escutar a resposta.

— Para sempre e sempre. — Meu guia sorriu.

Operando o maquinário — a linha parecia produzir algo semelhante à garrafas plásticas —, um jovem com cerca de vinte anos parecia mais cansado do que os demais. Sua pele pálida era ressecada e mais velha do que ele mesmo, os olhos injetados exibiam uma coloração avermelhada, do tipo que só pode ser adquirida após muitas noites em claro. Ele piscou algumas vezes antes de cambalear ligeiramente. Por um breve momento, retirou a mão da linha de produção, abandonando parte da garrafa plástica sem dar prosseguimento à sua tarefa. Levou as mãos à cabeça, como se dominado por uma terrível vertigem. Em seguida, recuou alguns passos, dando de encontro com as costas de outro funcionário.

O rapaz deixou-se cair no chão, inconsciente. O operário em quem ele havia esbarrado nem ao menos olhou para trás. Os outros funcionários prosseguiram seu ininterrupto trabalho.

Fiz menção de aproximar-me do rapaz a fim de despertá-lo do desmaio e ajudá-lo a levantar-se, mas vislumbrei o rosto sorridente do meu guia. Eu pioraria a situação se tornasse a intrometer-me nos negócios da fábrica.

Demorou alguns segundos até que o rapaz recobrasse a consciência. Aturdido, levantou-se cambaleante, tornou a apanhar seu utensílio de trabalho e retomou a tarefa.

Impiedoso e inumano, os autofalantes tornaram a bradar: *Punição Número Dois*.

Nova rápida exclamação de descontentamento e todos retornaram ao habitual silêncio.

Eu começava a me sentir enjoado. O barulho das máquinas pareceu reverberar alto em meus ouvidos, embora tivesse se mantido estável o tempo todo. Senti vertigem, imaginando que eu mesmo desmaiaria. Mas meu corpo recobrou a plena função dos sentidos rapidamente. Voltei-me para meu guia e fiz a pergunta que eu não gostaria de fazer:

— Qual é a Punição Número Dois?

— Água. Eles não receberão água durante três dias consecutivos.

Engoli em seco.

— Quantos níveis de punição existem?

— Quatro, podendo todos ser aplicados conjuntamente ou quantas vezes for necessário. A punição de nível três é a privação do sono. Os operários são impedidos de desfrutar as três horas de sono as quais têm direito todas as noites.

— Qual é o quarto nível?

Lúcifer relatou detalhadamente o quarto nível de punição aplicado a operários insubordinados e negligentes. Senti o coração interromper suas batidas por um segundo, incrédulo diante das terríveis palavras que ouvia. Meu senso de realidade deixou de existir, e eu senti como se estivesse afundando em um mar de lama, tamanho efeito as palavras medonhas causaram em mim.

Assim que terminou o relato, meu guia levou um dedo ao lábio, como se pedisse silêncio.

— Sela as palavras que acabo de dizer. — Ele disse. — Isso deverá ser mantido em segredo até que chegue o Fim dos Tempos.

Fez um sinal com a mão, indicando que eu o acompanhasse.

Refizemos o caminho de volta à recepção. A recepcionista permanecia imóvel à espera de clientes. Lúcifer não a cumprimentou antes de deixar a fábrica.

De volta à rua, respirei aliviado. Mas sentir alívio fez surgir o sentimento de culpa: eu haveria de voltar à segurança de minha cama no seminário, mas outras almas sofreriam durante a eternidade.

Minha função é salvá-las, compreendi subitamente. Usando minhas palavras, testemunharei tudo o que aqui foi visto aqui e não permitirei que as pessoas terminem como funcionários dessa fábrica de horrores.

Eu já não sentia cobiça ou desejo por aquela cidade. Agora que eu conhecia seus segredos, tudo o que desejava era partir.

Postado em frente ao prédio, meu guia disse:

— Você conhece a história que o apóstolo João conta à Humanidade. Está chegando o dia em que Deus arrebatará da Terra os bons. Ele os levará para viver eternamente em paz no Paraíso. Os maus permanecerão para presenciar as agonias do fim, e depois serão destinados ao Inferno que você acaba de conhecer.

“Mas, antes disso, o mundo testemunhará a ascensão da Besta. Ela haverá de reinar durante sete anos. Os primeiros três anos e meio serão um reino de paz e prosperidade. Findado esse período, o que virá a seguir será miséria e caos. Os maus desejarão o arrebatamento, mas serão indignos dele. Desejarão a morte, mas não a alcançarão.

“Você, Rubens, presenciará tudo isso como Testemunha de Deus. Quando pedir que venha a chuva, a chuva virá. Quando determinar que haverá provisão de alimentos, todos serão alimentados. Mas sofrerá ao testemunhar o perecimento dos seus irmãos. Tentará convencê-los ao arrependimento, mas poucos te ouvirão.

“Ao final de três anos e meio de amargura e sofrimento, os maus serão encaminhados para Inferno. Mas você seguirá para o Paraíso, pois cumpriu sua missão.

“Eu gostaria que Deus tivesse escolhido um de Seus anjos para anunciar-lhe as profecias, mas Ele quis a mim e não devo questioná-Lo devido ao acordo que já mencionei.

“Espero que você não obtenha sucesso em sua missão, é claro, pois você e eu somos inimigos nesse jogo chamado Guerra Espiritual. Mas cumpra o que lhe foi ordenado. Escreva tudo o que viu e ouviu, convença a todos os mortais da Verdade e salve a alma deles de minhas mãos. — Ele sorriu, evidentemente satisfeito em terminar seu trabalho. — Adeus, Rubens. Você jamais tornará a ver minha face.”

Dito isso, desapareceu. Por um segundo, permaneci onde estava, contemplando, assombrado, a fachada do edifício que um dia havia sido o seminário. Depois, meu corpo pareceu ser novamente sugado por um buraco negro.

Incapaz de respirar, abri os olhos e sentei-me na cama. Levei as mãos ao peito, massageando-o desesperadamente.

Meu colega de quarto surgiu ao meu lado. Sua voz alarmada pareceu chegar a mim de uma distância quilométrica.

— Rubens, Rubens!

Aos poucos, meus pulmões pareceram novamente capazes de aspirar. Procurei acalmar-me. O corpo sofria calafrios novamente, eu sentia minha pele ferver, febril.

— Eu disse que você deveria ter ido ao médico... — Meu colega de quarto comentou. — Consegue respirar agora?

Assenti. Recuperava a respiração e o autocontrole quase completamente. As lembranças da visão profética emergiram em minha mente, atordoadoras.

Meu colega de quarto me encarava, preocupado. Eu sorri para ele, e disse que estava bem. Notei o quarto iluminado. A luz da lua desaparecera, dando lugar ao brilhante sol de verão.

Amanhecera. Era chegada a hora de realizar meus votos perpétuos.

Meio século se passou desde minha visão. Guardei-a em silêncio até que fosse chegada a hora da revelação. Hoje, aos setenta anos de idade, converti muitas almas, resgatando-as do Mal para encaminhá-las diretamente para o Bem. O sétimo anjo ainda não fez soar sua trombeta, mas haverá de fazê-lo em pouco tempo.

Por isso, transcrevo aqui tudo o que testemunhei, a fim de que meu leitor creia e arrependa-se de seus pecados. Ainda há tempo. Por enquanto.

Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça!



O grande evento

Primeira Parte

“A gente não sabia que ele ia mesmo detonar”, o jovem Christian repetia pela décima vez, encarando as lentes da câmera. As palavras eram súplicas para que o mundo inteiro acreditasse naquele rosto inchado e riscado de lágrimas. Igualmente, implorava o garoto de óculos, Billy: quase engasgou com as próprias lágrimas durante a entrevista.

Na opinião pública, não havia culpa para Christian e Billy. Ao menos, em relação aos assassinatos propriamente ditos, a evidência de sua inocência se fazia perceber nas palavras e lágrimas quase infantis. Era bem provável que estivessem falando a verdade ao alegar não terem previsto a carnificina que viria a seguir; não poderiam imaginar quais eram as verdadeiras intenções do amigo.

Desde o dia sete de fevereiro, o fim trágico do desfile de carnaval era o assunto predileto dos noticiários. Qualquer um que ligasse a televisão reveria as terríveis imagens. Capas de revista exibiam fotos de Stanislav Geynrikn e sobre sua cabeça a inscrição, em letras garrafais: *capturado*; ou traziam legendas sensacionalistas como *o temível assassino foi pego*. A matéria era manchete de todos os jornais locais.

Sobre Stanislav Geynrikn, a opinião pública se dividia, em parte alguma havia unanimidade. Alguns desejavam ver Geynrikn deportado, embora fosse, oficialmente e a despeito da comoção popular, seu conterrâneo, nascido em mesmo solo, filho de pais imigrantes legais. A maior parte dos cidadãos esperava que o Estado se encarregasse de aplicar a prisão perpétua. Os mais saudosos lembravam a extinta pena de morte, e planejavam levar aos seus representantes no Parlamento, em forma de baixo-assinado, um pedido formal de exceção: *que retorne a Pena Capital apenas desta vez, queremos a cabeça do assassino*.

Que o diabo carregue aquele russo maldito, disse um encolerizado cidadão, em uma entrevista para o canal cinco.

Acontece que Stan não era russo.

Ele havia nascido naquela mesma cidade, era tão cidadão quanto qualquer outro. Bem, *mais ou menos*: não por vontade do próprio Stan. Se a escolha estivesse em suas mãos, teria nascido em Tashkent, onde passaria a vida inteira com muita satisfação. Às vezes, sonhava com a bela cidade que deu à luz ao patriarca da família; via a si mesmo caminhando pelas ruas metropolitanas, belas, cheias de vida e natureza, tão diferente daquele mar cinzento de prédios, automóveis de todas as marcas, homens de negócio e gente sem religião. Acontece que os pais — *traidores da nação* — fugiram de Tashkent quando a mãe estava grávida de seu terceiro filho. Ao todo, eram quatro, sendo o último Stanislav: o único Geynrikn nascido longe do verdadeiro lar.

Stan não conseguia entender a decisão dos pais em fugir da terra natal, abandonando sua casa e abandonando todos os princípios morais que implicavam a deserção. *Ah, não*, ele não era cego nem surdo: compreendia as duras condições sob as quais seu povo sobrevivia. Sabia que sua família remanescente na terra natal não vivia tão confortavelmente quanto ele mesmo — por mais difícil que fosse a vida naquele bairro repleto de traficantes de drogas e violência iminente, Stan morava em um apartamento aconchegante, ia à escola de ônibus escolar, não era obrigado a trabalhar, possuía celular e videogame —, mas fugir nunca é a melhor opção. Muito menos quando *fugir* implica abandonar o lugar designado por Deus para você. Afinal, se Ele colocou a família Geynrikn em Tashkent, era ali que eles deveriam ficar. Se os pais não conseguiam enxergar isso, ele via com muita clareza. Constava em seus planos para o futuro mudar-se para lá. Logo depois de realizar a Santa Peregrinação, é claro: a prioridade era cumprir o quinto pilar islâmico.

Mas esses eram os planos a longo prazo. Por enquanto, pelo fato de ainda não ter atingido a maioridade, precisaria da aprovação dos pais para viajar, o que, ele bem sabia, jamais lhe seria concedida.

De qualquer maneira, ele podia esperar. Ao final daquele ano haveria de terminar o Ensino Médio e, antes de abandonar a terra que não lhe pertencia, ainda havia algo que precisava ser feito.

O corpo franzino de Billy, os ombros arqueados e a testa espinhenta sugeriam, no máximo, quinze anos de idade completos, mas o documento de identidade comprovava sua maioridade, o único entre os três colegas a ter dezoito anos. Sendo assim, nas noites de sábado, ele era o responsável oficial por entrar na loja de conveniência, sacar sua identidade e trazer aos outros um engradado de cerveja de má qualidade e um litro de gim barato.

Às onze e meia da noite, o trio estava embriagado. Se o álcool não tivesse assumido o controle da mente de Stan, ele jamais teria dito a frase que mudaria o curso da história daquela cidade. A fim de afastar a letargia que ameaçava-lhe cerrar os olhos, piscou algumas vezes e fitou a lua branca a iluminar parcialmente o estreito beco: os muros de concreto que os rodeavam, as latas de lixo espalhadas com desleixo, o asfalto sujo sobre o qual estavam sentados.

— Não será difícil construir o dispositivo para explosão.

— Explosão? — Christian ecoou, sem surpresa, fitando com olhos injetados e avermelhados o chão sob seus pés.

— Tem muita gente que eu ia querer explodir. — Billy comentou, igualmente inexpressivo.

Stan pensou em Azamat e sua fórmula. Os ingredientes eram fáceis de conseguir e o procedimento relativamente simples.

— Vamos construir? — Perguntou em voz alta.

— Construir *o quê*? — Christian indagou, surpreso.

— O dispositivo para a explosão.

— Tipo uma bomba?

— Uma bomba.

— Podemos jogá-la na porta da casa do Sr. Taylor? — Billy interveio, pensativo. — Se pudermos, pode contar comigo. Ele quase me reprovou por causa do projeto sobre matrizes. Que diabos, eu estava gripado e faltei à aula de Matemática naquele dia. Por acaso ele acha que não sou capaz de resolver simples matrizes? — Ele caiu no riso; a um observador desinformado pareceria que Billy acabara de escutar a piada mais engraçada já conhecida.

Esqueça o professor de Matemática, Stan quis falar, mas sua língua não foi capaz de articular as palavras. O álcool a entorpecia e, de forma ainda mais incisiva, forçava suas pálpebras a descer sobre as pupilas retraídas.

A conversa com Azamat acontecera há três dias.

— Por que construir uma bomba, Stanislav? — Azamat perguntou.

Conversar com o amigo via *chat* não era ilegal, é claro; sua conta no site de relacionamentos estrangeiro também não o era. Ainda assim, de forma muito prudente, Stan considerou apropriado acessar o conteúdo da rede utilizando recursos para esconder a identificação de seu computador.

A pergunta de Azamat surgiu no canto inferior da tela. O amigo utilizava o russo, idioma que Stan aprendera em casa e Azamat via aulas online. Ele era avesso aos meios de comunicação virtuais, julgando-os supérfluos e, muitas vezes, demasiadamente tentadores e viciantes. Mas confidenciara a Stan, certa vez, que ele mesmo já estava viciado em aparelhos eletrônicos. O site de relacionamentos em questão — criado pelos eslovacos, embora Azamat nada tivesse de eslovaco — constituía muitas vezes a causa de sua depressão moral, auto-aversão e sentimento de culpa.

Stan digitou sua resposta imediatamente:

— Para fazer com que eles *saibam*.

— É assim que você pretende passar a mensagem?

Stan ficou confuso. Por que Azamat parecia desconfiado? Estaria considerando sua ideia ruim?

Não fazia sentido que o amigo condenasse sua ideia. Se havia alguém nessa Terra capaz de entender os motivos e meios de Stan só poderia ser Azamat. O amigo virtual havia compartilhado detalhes de sua trajetória de vida, o que incluía confecção de dispositivos explosivos (de pequeno porte, é verdade, mas tão explosivos quanto qualquer outro), designados para expurgar o Mal, exterminar os inimigos da Fé. Havia sido bem sucedido em suas empreitadas. Estaria julgando Stan fraco e inábil? Ou tolo e impulsivo?

Talvez não o levasse a sério por sua tenra idade, no final das contas.

— Bombas explodem de forma rotineira por aqui. — Azamat digitou. — *Kazhdy den*, diariamente. — Enfatizou. — Mas aí as coisas são diferentes.

— Muito diferentes, é verdade. É ridículo: as pessoas desfilam por aí como se não houvesse amanhã. Compram, consomem; compram e consomem. Você ficaria espantado se pudesse ver. Sei que está a par dos modos ocidentais, mas se *presenciasse* ficaria chocado. É bem pior quando você vê presencialmente. Mal

posso esperar para me ver livre dessa gente egoísta e hostil. Preocupam-se apenas consigo mesmas, suas famílias e seus pertences. Não pensam em Deus.

— Eu entendo como você se sente... Mas quero me assegurar de que sabe o que está fazendo. Se for descoberto, isso irá arruinar sua vida. Todos os seus planos estarão comprometidos. Você será preso, provavelmente para sempre. Você é muito jovem, meu querido Stanislav. Tem certeza de que sabe o que está fazendo?

— Você nunca é jovem demais para cumprir a vontade de Deus. Sei que Ele não irá me desamparar. Eu não serei descoberto. Você pode me ajudar, Azamat?

— Conheço uma fórmula que poderá te servir.

Stan e Billy juntaram-se a Christian em seu quarto. O lugar era apertado e abafado, apesar do clima congelante de inverno. Espalhadas pelo chão e pela cama, havia revistas de histórias em quadrinhos: Christian estivera organizando-as por ordem cronológica de publicação antes da chegada dos amigos. A televisão estava ligada, a tela exibia a palavra *pausa*: o videogame conectado à ela encontrava-se em *stand by*.

— E então? Quando vamos começar? — Stan perguntou, assim que entrou no aposento.

— Começar o quê? — Christian surpreendeu-se, levantando uma pequena pilha de revistas para dispô-la na prateleira, onde deveriam repousar.

Stan afastou algumas revistas e sentou-se na cama. Apanhou uma delas e, de forma distraída, constatou que possuía um exemplar daquela edição.

— A construção do dispositivo, é claro. Tenho pensado nisso há um tempo. Inicialmente, planejava realizar tudo sozinho, mas ontem à noite acabei dando com a língua nos dentes. Pensei muito a respeito, e cheguei à conclusão de que quero vocês no meu time. Três é melhor do que um.

— Cara... — Christian deu risada. — Você não tá falando da *bomba*, né?

— Claro que estou. Vocês pensaram que eu estava brincando?

— Óbvio que acho que está brincando!

Billy apanhou uma revistinha, sentou-se no chão e pôs-se a folheá-la. Comentou:

— Talvez seja divertido. Lembra de quando construímos uma representação em pequena escala de chuva ácida no projeto de Ciências do ano passado? Eu me diverti pra caramba fazendo aquilo.

— Usamos enxofre e azul de bromotimol. — Christian lembrou, saudosos. — Conseguimos nota máxima com esse projeto. Teve também a vez em que o Stan desenvolveu um lance pra descobrir se os líquidos comumente usados no cotidiano são ácidos ou alguma coisa assim... Você usou beterraba, não foi Stan?

— O extrato da beterraba indicava se a substância era ácida ou alcalina. — Stan observou. — Testamos em líquidos normalmente utilizados na rotina das pessoas. Mas eu não inventei isso; peguei na internet e espalhei pra todo mundo que a ideia era minha.

— Até os professores ficaram admirados. — Billy riu.

— Mas, na verdade, eu só estava reproduzindo a descoberta alheia. — Deus de ombros. — De qualquer maneira, isso não importa. O que temos em mãos agora é mais perigoso e desafiador do que qualquer projeto de Ciências.

— Claro, a bomba. — Christian sorriu, partindo para a próxima coluna de revistas organizadas. — Já sabe como faremos isso?

— Tenho uma fórmula interessante.

— Mais importante do que *como* — Billy interveio, ajeitando os óculos quadrados sobre o nariz. —, a pergunta é *por quê*?

— Para nos divertirmos, só isso. — Stan respondeu com simplicidade. — Desenvolvemos o dispositivo e chamamos a galera da escola. Vamos até a floresta e lá explodimos sem que ninguém se machuque.

— E se o fogo alastrar? — Christian franziu o cenho.

— Os bombeiros logo aparecem, podem crer.

— E se vierem atrás de nós? — Ele insistiu.

— É uma brincadeira inocente, cara.

— E se alguém se machucar?

— Tomaremos todas as precauções para que isso não aconteça. Obviamente, observaremos a detonação de uma distância segura.

— Só não quero fazer igual aqueles doidos. — Christian deu uma risadinha, escarnecedor. — Aqueles muçulmanos barbudos que explodem os prédios depois de gritar *Allahu Akbar* ou sei lá o quê.

Billy e Stan fitaram o amigo simultaneamente, surpresos com a piada. Subitamente constrangido, Christian defendeu-se:

— Desculpe, Stan. Eu esqueço que você é... Bem... Desculpe por desrespeitar sua religião, cara.

Stan assentiu com complacência, taciturno:

— Já estou acostumado com isso. Minha fé é desrespeitada com uma frequência espantosa, você nem imagina o quanto.

— É que você é tão normal que eu esqueço que é... Quero dizer, *normal*, no sentido de... — Christian engoliu em seco, odiando-se por atrapalhar-se com as palavras e piorar a situação. — Você entendeu o que eu quis dizer.

Stan sorriu.

— Deixa pra lá.

Billy baixou a revistinha no chão e levantou-se, disposto a acabar com aquela conversa embaraçosa. Havia tomado uma decisão:

— É isso aí, Stan. Vamos construir a bomba. Vai ser divertido.

Quando Stan retornou à casa, todas as luzes já estavam apagadas. Somente vozes provindas da televisão perturbavam o silêncio noturno: o irmão adormecera no sofá com o controle remoto na mão.

Stan desligou o aparelho, sacudiu os ombros de Oleg suavemente e sugeriu que fosse para a cama.

— Você trabalha cedo amanhã. — Alertou, utilizando a língua materna, de acordo com o costume familiar.

— A mãe estava preocupada com você, ficou na rua até tarde. — Oleg disse, espreguiçando-se. — Ela acha que você anda bebendo com seus amigos.

— Algumas cervejas, o que tem de mais? — Stan deu de ombros, ligeiramente irritado com a intromissão.

— Não sei. — Oleg bocejou. — Você que se entenda com a mamãe.

Aceitando a sugestão do irmão caçula, levantou-se do sofá e seguiu para a própria cama.

Stan esperou que ele desaparecesse completamente antes de seguir até a cozinha. Examinou os armários, onde a mãe guardava os utensílios de cozinhar. Encontrou o que precisava: uma panela de pressão. Antiaderente, havia sido

comprada recentemente, o que garantia seu bom estado. Observou-a com atenção, girando-a a fim de analisar todos os ângulos. Certamente serviria para sua empreitada.

Recolocou-a no lugar. Haveria de roubá-la no dia seguinte, quando estivesse prestes a iniciar a construção do dispositivo. Claro que a mãe sentiria falta do utensílio, mas poderia demorar um bom tempo. A panela de pressão não era usada com frequência. Muito provavelmente, seu desaparecimento só seria notado depois do Grande Evento.

Satisfeito, seguiu para o próprio quarto. Abriu a porta silenciosamente: era bem provável que Oleg já estivesse profundamente adormecido, tamanha era a facilidade com a qual o irmão mais velho entregava-se ao sono. Caminhando nas pontas dos pés, enfiou-se sob o cobertor, apoiou a cabeça no travesseiro macio — a mãe sempre escolhia os travesseiros mais macios e confortáveis na hora de comprá-los, era quase um dom de sua progenitora —, e adormeceu quase instantaneamente, tal qual o irmão mais velho.

Sonhou com o Grande Evento.

Embora o sonho estivesse repleto de imagens conturbadas e imprecisas, Stan reconhecia o Grande Evento, o acontecimento que mudaria sua vida espiritual, o levaria para mais perto de Deus, o consagraria como um servo justiceiro. Em sua mente adormecida, pessoas fantasiadas dos mais diversos temas transitavam por ruas apinhadas. Crianças sorridentes carregavam copos plásticos contendo refrigerante, enquanto os pais as tomavam pela mão, tomando o devido cuidado para não perdê-las entre a aglomeração humana constituída, majoritariamente, por pessoas negras e latino-americanas. A multidão seguia os carros alegóricos enfeitados, coloridos e brilhantes. As mulheres que não vestiam fantasias pintavam o rosto: simulavam máscaras de cores vivas e alegres ao redor dos olhos, e traziam em seus copos plásticos doses generosas de cerveja.

Stan viu a si mesmo em meio à aglomeração, quase esbarrando nos transeuntes que dançavam ao som da música proveniente do carro alegórico. Deparou com homens risonhos, cujas maçãs do rosto encontravam-se avermelhadas pela maquiagem intensa, olhos e lábios pintados, vestidos femininos coloridos, repletos de lantejoulas.

Às suas costas, a mochila parecia cada vez mais pesada.

O toque do celular, acomodado sobre o criado-mudo, despertou-lhe bruscamente. Oleg resmungou algo ininteligível, depois virou o corpo a fim de mudar de posição, mas não parecia realmente desperto. O barulho havia incomodado a parte consciente de seu cérebro, mas não o suficiente para fazê-lo despertar.

Do outro lado da linha, estava Christian e sua voz ansiosa.

— Não consigo dormir, Stan. Fico pensando na bomba. E se algo der errado?

Stan suspirou, impaciente.

— Confie em mim, tudo dará certo.

— E se não der?

Stan sentou-se na cama, muito próximo à exasperação:

— Qual é? Você está querendo cair fora, é isso? Se for ficar com negativismo, prefiro que realmente saia dessa e deixe o Billy e eu nos divertirmos.

— Tudo bem, Stan, foi mal. É só que estou preocupado.

Ok, ele compreendia as emoções do amigo. Não podia negar certa apreensão, ele mesmo. O sonho que acabara de ter, um pequeno prólogo do Grande Evento, denunciava seus sentimentos. Estava preocupado também.

Afinal, sempre há a possibilidade de algo dar terrivelmente errado... *Como se me descobrissem, por exemplo.*

Deus estará me protegendo. Ajo em nome Dele, Ele não há de me desamparar.

— Vai dormir, Christian. Amanhã temos aula, e já são duas horas da manhã. Vê se relaxa. E confie em mim.

Stan devolveu o aparelho ao criado-mudo e tornou a fechar os olhos. Quando sua mente deixou-se conduzir pelo confortável inconsciente, o mundo dos sonhos o envolveu mais uma vez, e ele tornou a sonhar com o Grande Evento.

Segunda Parte

“O crescente aumento da imigração ilegal tem preocupado as autoridades, levando-as a pensar em medidas mais eficazes para sanar o problema, utilizando métodos que não desrespeitem os direitos humanos de indivíduos que se dispõem a atravessar as fronteiras, assumindo diversos riscos pessoais.”, dizia o apresentador do jornal, quando Constanza apanhou o controle remoto da mão da filha e desligou a televisão. A menina esboçou uma rápida expressão de descontentamento, cedendo em seguida: deixaria de ver seu desenho animado preferido, o qual começaria logo após o jornal, mas a causa era justa; levantou-se do sofá em um pulo, subitamente satisfeita com a intervenção da mãe e empolgada com o que viria a seguir.

— Deixe eu lhe colocar as asas. — Constanza pediu, ao que a menina atendeu prontamente. Ela afivelou as asas de penas sintéticas à fantasia de fada cor-de-rosa, depois apanhou a varinha, igualmente cor-de-rosa, e estendeu-a à filha. Observou-a da cabeça aos pés, rapidamente, averiguando a composição, e achou-a perfeita. Sorriu e beijou sua bochecha. — É a fada mais linda que já vi.

Com um sorriso alegre, satisfeita com o elogio, a pequena Alicia segurou a mão de Constanza, pronta para partir. A mãe pediu que esperasse apenas um segundo, desejava conferir os itens em sua bolsa; o fez rapidamente: o mais importante ali estava, os documentos pessoais de mãe e filha.

Constanza apanhou-os, observando-os atentamente por um momento. A priori, pareceriam legais e autênticos a qualquer policial que porventura as abordasse a caminho da festa. Mas se houvesse qualquer desconfiança por parte dos oficiais, e eles decidissem realizar uma averiguação mais aprofundada, a fim de verificar a veracidade dos documentos junto à torre de registros... Bem, nesse caso, Constanza estaria encrencada.

Ela guardou os documentos e retomou a mão da filha. Esse pensamento era recorrente, um mau presságio com fundamento. *Um dia, há de acontecer*, seu eu pessimista insistia, categórico. *Mas esse dia não será hoje*, o lado otimista respondia com maior convicção.

— Você não tem que trabalhar hoje, mamãe? — A *fada* Alicia indagou, distraída. Ao invés de caminhar, saltava; a varinha de condão chacoalhava ao ritmo dos saltos.

— Não, querida. Tirei o dia de folga para levar você à festa.

— Que bom, mamãe. Obrigada.

Constanza sorriu. Alicia era a criança mais educada e carinhosa que ela conhecia. O status de mãe a tornava uma juíza parcial, é claro... Ambas se detiveram diante do ponto de ônibus. Em poucos minutos, o veículo que as levaria ao destino parou diante delas.

Ainda saltando, Alicia subiu os degraus. O motorista recebeu o dinheiro das passagens e sorriu para Alicia.

— Aonde vai a fadinha cor-de-rosa?

— Vou na festinha. — Alicia respondeu timidamente, escondendo-se entre as pernas da mãe.

— Estão indo pro Bloco 181? — O motorista voltou-se para Constanza. Ela assentiu. — A festa está bombando por lá.

— Ouvi dizer. — Constanza concordou, amparando-se com uma mão junto à barra vertical, enquanto a outra ocupava-se de Alicia. — Uma amiga sugeriu que fôssemos para lá, ela vai todos os anos. Tirei o dia de folga para levar minha filha. Ela quase não sai de casa; será saudável para ela.

O que Constanza omitiu foi o motivo pelo qual Alicia *quase não saía de casa*. Como explicar o medo que sentia a cada vez que ambas se aventuravam a deixar a segurança do lar, a cada vez que um policial passava por elas, acenando breve e polidamente para Constanza e levantando um polegar para Alicia, à maneira dos policiais de cumprimentar crianças pequenas?

Ao imigrar, Constanza imaginara uma vida bem diferente da que hoje vivia. Em seu país de origem, punha-se a sonhar com uma vida confortável, alguns pequenos luxos, Alicia frequentando uma boa escola, fazendo amiguinhos e crescendo de forma saudável. Mas a realidade mostrara-se oposta ao sonho. A começar, a viagem que as trouxera à vida presente havia sido desconfortável e dolorosa. Passaram horas dentro de um caminhão, aglomeradas em um cubículo, junto a algumas dezenas de outros imigrantes ilegais. A cada dez minutos, o coração de Constanza disparava ao imaginar que Alicia perderia o fôlego dentro daquela horrível cabine, e era forçoso perguntar a cada período se a menina estava bem, ao que ela assentia, embora estivesse pálida e em seus pequenos olhos o brilho infantil adormecesse.

Mas não dormia para sempre. Assim que pôde esticar as pernas, sentir o sol a aquecê-la e comer de forma apropriada, o brilho voltou aos olhos da pequena Alicia. Ela era a criança alegre, carinhosa e educada que sempre fora. Isso significava uma pequena vitória para Constanza.

O apartamento que lhes fora arranjado pelos homens da imigração não passava de um cômodo único, pequeno e sem janelas. Não era exatamente o que Constanza imaginara — na verdade, estava bem longe disso —, mas haveria de servir por enquanto. Talvez de forma exageradamente otimista, esperava que a vida melhorasse em um futuro muito breve.

Os dias passaram e sua esperança não foi cumprida. Os homens que lhes auxiliaram no processo de imigração cobravam a ajuda, e cobravam caro. Trinta por cento do salário de Constanza seguiam direto para o bolso do homem loiro, alto, de rosto avermelhado que aparecia no apartamento a cada quinzena para cobrar o que, dizia ele, era seu por direito.

O salário de Constanza era pequeno e mal cobria as despesas básicas (incluindo o homem da imigração). Ele provinha de duas fontes: nos dias úteis, Constanza trabalhava com corte e costura para uma empresa cuja fachada não conhecia. Junto à outras vinte mulheres, costurava durante quinze ou dezesseis horas por dia, em um cômodo pouco maior do que seu próprio apartamento. O local, tal como sua residência, era desprovido de janelas. Os verões eram principalmente desconfortáveis, mas a gerente do departamento prometera adquirir um ventilador: promessa feita quando Constanza chegara ao país, há dois anos e nunca cumprida. A outra parte do salário provinha de seu trabalho na residência de uma senhora casada, sem filhos, habitante de um bairro nobre da cidade. Constanza trabalhava como empregada doméstica, o que custava-lhe cerca de oito horas no sábado e outras oito no domingo — a patroa era exigente e pedia que a empregada cumprisse o horário de expediente como uma trabalhadora legal o faria. Constanza não estava certa de que a Lei se aplicava ao seu caso, funcionária ilegal em uma casa de família, tampouco possuía condições de avaliar se as leis trabalhistas, citadas pela patroa, eram verídicas. Mas o caso era que necessitava trabalhar, pois a pequena Alicia tinha que comer.

Claro que Constanza, quando não estava cansada demais até mesmo para pensar, refletia sobre as condições sob as quais vivia em sua terra natal em comparação com os dias atuais. Certa vez, chegara à conclusão de que em seu

país de origem a vida era melhor. Ao menos, Alicia podia ficar sob os cuidados e atenção de sua avó, mãe de Constanza, quando hoje era obrigada a ficar sozinha no pequeno apartamento durante todo o período de trabalho de Constanza, sendo sua única companhia a televisão.

Mas não era sobre isso que Constanza pensava agora. Acomodando Alicia ao seu lado, sentou-se no banco acolchoado do ônibus. Solicitar o dia de folga à senhora do apartamento havia sido um risco — ainda neste momento, a velha poderia estar ponderando demiti-la, sem direitos, devido à sua audácia —, mas Alicia assistira na televisão pessoas a comemorar a data festiva e sentira vontade de fazer igual. Constanza, cujos desejos infantis haviam sido muito pouco atendidos, desejava o melhor para sua filha, e decidiu que valia a pena arriscar-se para dar-lhe algumas horas de entretenimento longe da televisão. Ximena, a velha senhora que ocupava a máquina de costura ao seu lado nos dias úteis, citou o Bloco 181, uma das maiores atrações da data que reunia, em sua maioria, os habitantes latinos da cidade. Diante dessa informação, Constanza considerou que, em meio a tantos imigrantes oficiais e seus familiares, seria improvável que as autoridades encontrassem os ilegais que porventura estivessem por ali misturados.

— Olha, mamãe, olha! — Alicia apontava o carro alegórico repleto de cores, ao redor do qual pessoas dançavam, fantasiadas ou trajando roupas alegres e coloridas.

O ônibus estacionou para que mãe e filha saltassem e seguissem, com passos alegres e conversa animada, em direção à festa colorida que iluminava a tarde cinzenta, e as fazia esquecer que o sol pálido não aquecia.

— Veja, Alicia. — Constanza indicou um palhaço alegre, de cujo pescoço pendia um suporte de madeira repleto de algodões-doces coloridos. — Você quer um?

A menina assentiu prontamente. Depois que Constanza entregou as moedas nas mãos enluvadas, ele estendeu um algodão-doce para a sorridente fada, acrescentando com sua voz de palhaço:

— Um pedaço de nuvem, direto do céu, para essa bela fadinha.

Alicia sorriu timidamente, agarrou o doce e começou a devorá-lo. O palhaço afastou-se, oferecendo sua mercadoria à outras crianças sorridentes, sempre criando frases e proferindo-as em sua ridícula *voz de palhaço*. Constanza

observou os lábios de Alicia sujos de açúcar, açúcar esse que se espalhava por suas bochechas, enquanto a menina se deleitava com o *pedaço de nuvem*, tornando o rosto inteiro deliciosamente pegajoso.

A fim de evitar perder-se de Alicia, Constanza agarrava sua mão de forma incisiva. Não bastava muito para que a menina se perdesse em meio à festiva multidão. Pensando nisso, ela aplicou um pouco mais de força ao aperto das mãos.

O carro alegórico movimentava-se lentamente pelas ruas do bairro. Neste momento, encaminhava-se para o local onde mãe e filha se encontravam, mas, mesmo a duas quadras de distância, era possível escutar a música nitidamente. Tratava-se de uma canção latina, a qual Constanza conhecia desde sua mais tenra infância. Contagiada pelo ritmo, cantou e dançou com Alicia que, rapidamente, aprendeu os passos e a letra do refrão.

Quando a música terminou, dos alto-falantes do carro alegórico uma canção nacional, igualmente dançante, foi iniciada. Sempre cantando e dançando, Constanza e Alicia atravessaram parte da multidão, percorrendo o caminho que as levaria ao vendedor de refrigerante.

O veículo festivo encontrava-se a apenas uma quadra dali. Não demoraria mais do que cinco minutos até que Alicia pudesse vê-lo de perto.

Elas alcançaram o vendedor de refrigerantes e Alicia terminou uma lata rapidamente. Apontou na direção de onde o carro alegórico vinha:

— Ele está chegando, está chegando! — Ela exclamou. — Mamãe, ele está chegando!

Constanza assentiu, contente pela ansiedade alegre da menina. Há quanto tempo Alicia não se divertia assim? Era verdade que estava gastando um bom dinheiro com aqueles doces e refrigerantes, talvez fizesse falta no orçamento doméstico, mas ela decidiu que valia a pena, só para ver aqueles olhos negros e grandes brilharem.

Com a lata vazia entre as mãos, Constanza procurou com os olhos a lixeira mais próxima, onde pudesse depositá-la. Em sua procura, deparou-se acidentalmente com algo que, a princípio, lhe pareceu uma sombra em 3D, mas logo entendeu tratar-se de um garoto. O que o assemelhava à sombra que Constanza julgara ver eram as roupas negras e a cabeça encapuzada. Vestido assim, destoava-se dos foliões, todos tão coloridos e fantasiados. Mas não eram

somente as roupas que tornavam aquele garoto diferente dos demais: eram seus olhos. Enquanto os outros olhos sorriam, aqueles pareciam cheios de raiva. Sim, *era* raiva que aquele garoto sentia. Constanza sentiu pelo desconhecido duas emoções ambíguas: medo e compaixão. Medo do olhar tão sombrio quanto às roupas, e compaixão pela falta de divertimento, pois todos se divertiam, com sua exceção. *Por quê?* Aliás, por que viera, se não para se divertir? A julgar pela mochila que carregava nas costas — aparentemente, tão pesada — era bem possível que estivesse retornando ou caminhando em direção ao trabalho ou a um dia de estudos e, descontente por não poder participar da festa, odiava aqueles que sorriam e dançavam.

Mas todo esse pensamento não durou sequer dois segundos. A atenção de Constanza retornou à felicidade intensa de Alicia e ao carro alegórico que se aproximava, fazendo-a esquecer imediatamente do soturno rapaz.

— Ele está demorando muito. — Alicia queixou-se. — Vamos até ele!

Dito isso, a garota livrou-se da mão de sua mãe. Constanza estivera distraída durante aqueles dois segundos em que se preocupou com o rapaz encapuzado, o que a fez afrouxar o aperto. Agora Alicia corria solta entre a multidão. Constanza gritou a plenos pulmões, ordenando para que a menina voltasse. Em meio à música, Alicia não poderia escutá-la, rapidamente tornando-se mais uma pessoa em meio à algazarra. Sua pequena estatura perdeu-se entre as maiores.

— Alicia, Alicia! — Constanza gritava, mas apenas os foliões mais próximos podiam ouvi-la.

Em tão pouco tempo, a menina havia desaparecido. Um turbilhão de pensamentos invadiu a mente de Constanza, todos em uma fração de segundo. Eram tantos, então não era nenhum.

Alicia sumiu, se eu não achá-la agora mesmo, nunca mais a encontrarei. O registro dela é falso. Se tiver que recorrer às autoridades, eu serei descoberta, e ela tampouco achada. Quem poderá encontrar uma menina sem registros? Eles irão duvidar de que eu seja verdadeiramente sua mãe. Como poderia provar? Se alguém a sequestrar, ela poderá ser vendida por facções criminosas, como aquela a qual representa o loiro alto que vem cobrar pagamento à cada quinzena; ou, se encontrada por pessoas de boa índole, Alicia será colocada em um abrigo para

crianças abandonadas, pois não poderão encontrar sua verdadeira mãe, uma vez que meus registros, tais como os dela, são falsos.

Ela estava chorando e não percebeu.

— Acalme-se. — Uma mão feminina pousou sobre a sua. — Vou ajudá-la a encontrar sua filha.

A boa samaritana era uma moça loira, desprovida de qualquer traço latino, negro ou árabe, e seus olhos azuis transbordavam piedade. Seu rosto estava repleto de lantejoulas verdes que cintilavam sob a luz pálida do sol. Segurou a mão da mãe chorosa e atravessou a multidão, pedindo a quem escutasse:

— Estamos procurando uma garotinha perdida. Por favor, ajude-nos a encontrar uma garotinha perdida!

Se as lágrimas que marejavam os olhos de Constanza não atrapalhassem sua vista, ela poderia perceber a aproximação do rapaz de preto. Parecia tentar se misturar aos demais, mas permanecia destoando pelas roupas e pelo olhar.

Ele parou em meio à multidão, retirou a mochila das costas e descansou-a sobre o chão. Atraindo alguns olhares curiosos, abriu o zíper e retirou de dentro o que parecia uma panela de pressão. Ainda enquanto repousava a panela no asfalto a acionava algum tipo de dispositivo, as pessoas mais próximas atinaram ao que ocorria. Alguém gritou:

— Ei, aquele garoto tem uma bomba!

Mas o menino encapuzado estava longe do alcance do homem que gritava. Devido à música alta, poucos puderam escutar.

Ele deixou a panela de pressão no asfalto. Ninguém conseguiu deter sua corrida desatinada para longe da multidão e da bomba recém-acionada.

Quem percebeu imediatamente tentou fugir, mas não pôde vencer o alcance das chamas.

A cabeça de Constanza começou a girar e ela sentiu como se estivesse em um carrossel. Podia ver, de forma muito nítida, os cavalos de brinquedo flutuando em círculos. Ela estava sobre um deles: o pelo sintético de seu cavalo era branco, a sela sobre a qual montava, cor-de-rosa. Sua mãe a observava girar e, a cada vez que o cavalo de Constanza passava por ela, estendia sua mão até que ambas se tocassem. Ela nunca estivera em um carrossel durante toda a vida, mas as cenas em sua mente eram tão límpidas que facilmente se passaram por lembranças de uma infância não vivida.

Constanza abriu os olhos. A cabeça ainda girava, mas não havia carrossel nenhum sob seu corpo. Sua mãe também não estava lá. O que havia, ao redor, era a versão apocalíptica de uma festa horrível, na qual pessoas fantasiadas ou trajadas de roupas coloridas jaziam deitadas no chão, rodeadas pelos fluídos vermelhos que, mortalmente, abandonavam seus corpos.

Algum fogo havia sido extinguido, mas a fumaça negra ainda atrapalhava a visão. Ainda assim, ela pôde vislumbrar um palhaço caído, a poucos metros de seu próprio corpo. O que restava eram algodões-doces chamuscados, negros, tais como a peruca colorida que descansava ao lado do dono. A maquiagem, tão bem feita, Constanza havia reparado, estava manchada de vermelho: um rio de sangue escorrido do crânio do que havia sido um palhaço.

Onde está o carrossel?, ela pensou com desespero, procurando com os olhos. Foi dar com a boa samaritana que em outra vida a ajudara a procurar pela filha: estendida imediatamente ao seu lado, os olhos azuis encontravam-se permanentemente abertos, a testa e as bochechas decoradas com lantejoulas brilhantes.

O rosto bonito lembrou-lhe Alicia e trouxe a realidade de volta. Sua filha estava desaparecida, e o rapaz soturno explodira uma bomba em meio à comemoração. *Onde está minha pequena Alicia? Onde está?*

Um dia, haveria de acontecer, e esse dia é hoje. O pensamento não fazia sentido, mas nem por isso a abandonava.

E esse dia é hoje.

A cabeça ainda girava, mas não doía. Ela gostaria de levantar-se, mas sentia-se fraca demais para isso. A respiração começava a falhar. A cada segundo, era como se o ar se tornasse rarefeito, como naquele dia, dentro do caminhão, quando dezenas de imigrantes ilegais roubavam o oxigênio dos pulmões de sua filha.

A música parou. Já não havia alegria nas ruas, apenas gritos intermitentes por socorro. A pequena Alicia surgiu. Daquele jeito, olhando-a de cima, a cabeça contornada pela luz pálida do sol, assemelhava-se a um anjo.

— Mamãe, mamãe! — Ela chorava. — Você está viva, mamãe?

Constanza quis dizer que sim, estava viva e tudo ficaria bem; a perdoava por ter-se lançado entre a multidão, largado sua mão protetora. Sim, a perdoava, não daria bronca nem castigo. Era assunto esquecido. Agora elas poderiam andar

de mãos dadas pelas ruas festivas, aguardar a chegada do carro alegórico e, talvez, conseguir mais alguns algodões-doces e refrigerantes.

Ela queria dizer essas coisas à pequena Alicia, mas não conseguiu. Ao invés disso, deixou que os olhos fechassem e a cerrassem eternamente na escuridão anônima.



As três mulheres

Camberra, Austrália

Foi um impulso. *Um daqueles seus impulsos*, como diria seu pai, se pudesse vê-la neste momento. O sol era forte ao meio-dia no verão, e ela se sentia um tanto desidratada. Ficou contente por entrar na tenda: um lugar escuro e fresco, tão diferente do clima da rua. Eva tinha vindo de muito longe, mas não era exatamente para lá que andava caminhando. Ou pelo menos era isso o que *achava*.

Vou explicar a vocês como começa essa história: Eva é loira, bronzeada e usa saltos altos quando anda pelas ruas de Camberra naquele início de tarde. Alguns homens param para olhá-la e os estudantes mexem com ela. Ela não dá bola para ninguém. Principalmente porque sabe que sua alma gêmea a está esperando em algum lugar do futuro. Sabe disso porque sua madrinha lhe contou. Sua madrinha tinha visões.

O que aconteceu foi que Eva estava pensando justamente nisso, nas visões de sua madrinha, quando entrou na tenda da Srta. Magdalena. Ela deveria estar se preparando mentalmente para a entrevista de emprego que teria na Buckway Avenue, mas pensava no amor de sua vida, aquele que haveria de surgir em um futuro próximo: estudante latino, de cabelo muito preto, olhos castanhos e pele morena. *Caliente* era a palavra que vinha à sua mente, quem sabe a única palavra que conhecia em espanhol. E ele deveria vir de Porto Rico, de acordo com a profecia da madrinha.

O clima dentro da tenda era agradável, a deixava longe do barulho do trânsito e das pessoas. Ela pediu um copo de água à pessoa que a atendeu: um indiano de olhos estreitos que não olhava diretamente em seus olhos.

— Água não. — Ele disse em um inglês ruim.

Ela ficou confusa, mas achou melhor não insistir. A tenda era dividida em duas partes por uma cortina estampada em vinho e vermelho, e na parte onde Eva e o indiano estavam não havia nada mais do que almofadas espalhadas pelo tapete vermelho.

O indiano foi sentar-se em uma das almofadas, no canto extremo da sala, e agora escrevia em um bloquinho de notas que Eva não imaginava de onde poderia ter saído. Ele não levantou os olhos nenhuma vez. E, em certo momento, ela teve a impressão de que ele estava chorando. Eva pensou em puxar assunto com ele algumas vezes, mas julgou não ser uma boa ideia.

Levou muitos minutos até que alguma coisa acontecesse, e Eva quase se arrependeu de ter entrado. Poderia se atrasar para a entrevista no escritório da fábrica Hunney. Talvez tivesse sido bobagem ter entrado na tenda, afinal. A Srta. Magdalena parecia muito ocupada para atendê-la.

O indiano levantou-se, num pulo, fazendo com que ela própria mal pudesse conter um sobressalto.

— Vá sala dela. — Ele disse, imediatamente voltando ao seu bloco de anotações.

Eva hesitou um momento, mas abriu a cortina que separava as duas únicas alas da tenda. Deparou com uma mulher de pele morena, vestindo roupas tradicionais da Índia e um sorriso distraído no rosto. Ela fitava a parede e demorou alguns segundos até que notasse a presença de Eva.

— Olá, jovem. — Ela cumprimentou. A voz doce pareceu melodia aos ouvidos de Eva. Fez com que a ligeira apreensão esvaísse. — Sente-se, por favor.

Ela obedeceu e ocupou um lugar entre duas almofadas estampadas com motivos florais e aspirou o cheiro de incenso: estava acostumada a ele, sempre a fascinou. Sua madrinha os acendia todos os dias, em vários aposentos da casa.

— Me diga o seu nome. — A Srta. Magdalena disse, semicerrando os olhos à luz das velas. Só agora Eva percebeu que ela segurava cartas de baralho. — E o que deseja saber.

— Meu nome é Eva. — Ela disse com reverência, mas começava a pensar no que se dizia por aí sobre *charlatanismo*. — E não sei exatamente o que quero saber.

Srta. Madalena assentiu docemente, ainda com aquele sorriso entre abobalhado e distraído no rosto, e espalhou as cartas no tapete — vermelho, continuação do primeiro.

— Eva, escolha uma carta. — A velha senhora pediu solenemente, ao que ela prontamente obedeceu. — Agora a devolva para mim.

Ela observou a carta por um segundo. O sorriso desapareceu de seu rosto como se tivesse levado um golpe de surpresa. Seus olhos não estavam mais semicerrados, e agora Eva conseguia ver o quanto eles eram grandes e escuros.

— Menina, querida... — Ela balbuciou, parecendo tão humana que assustou Eva. Não havia mais bruxaria solene em suas palavras. — Essa carta que você tirou... Você não pode tê-la escolhido! É a carta da morte.

— Carta... Carta da morte? — Eva perguntou, sentindo o coração palpitar e a cabeça girar repentinamente.

— Você não pode tê-la escolhido, ela estava fora do baralho! Eu mesma a tirei! — Os olhos da velha senhora passavam de Eva para a carta, atônitos. — Não gosto de prever a morte de meus clientes, por isso retirei a carta da morte do baralho e a queimei. Isso é... Isso é impossível.

— O quê...? O que isso quer dizer exatamente?

— Será que não vê, minha jovem? Por favor... Não, não diga isso. — Ela tinha fechado os olhos e parecia conversar com alguém; certamente, esse *alguém* não era Eva. — Uma menina tão... Jovem! O que pode...? Não, não quero dizer isso á ela.

— Senhora... — Chocada, Eva mal percebia que levantava da almofada e aumentava o tom de voz. — Está me assustando, por favor, pare!

— É a morte! — Seu tom havia mudado. Estava mais firme agora, ainda que carregado de angústia. Suas pupilas estavam dilatadas, e Eva teve certeza de que ela enxergava sua alma, tão profundo era o olhar da bruxa. — A morte vem e é a forma de uma mulher. Uma mulher sem rosto. Não! Não *uma* mulher, mas três. Três mulheres sem rosto! Uma veste branco, outra veste azul e a última usa um vestido vermelho. — A velha estendeu a mão trêmula para Eva, como se suplicasse. Eva deu um passo para trás, definitivamente tomada pelo terror.

Parado ao vão da cortina aberta estava o recepcionista indiano, e parecia tão assustado quanto ela própria. — Por que fez isso, menina? Por quê? Não devia ter entrado aqui! Você foi amaldiçoada e trouxe maldição á minha casa!

Ela não era capaz de ouvir nem mais uma palavra. Girou nos calcanhares e correu para fora. O indiano lhe abriu passagem imediatamente.

A luz do sol pareceu-lhe uma bênção. Eva tomou a direção contrária do seu caminho inicial. Não tinha mais disposição alguma para a entrevista no escritório da fábrica. Sabia que sua maquiagem tinha derretido tanto por causa do calor — que graças ao medo tinha aumentado drasticamente — quanto por causa das lágrimas que faziam o rímel manchar o rosto. Ela limpou as bochechas com as costas das mãos e passou os dedos ao redor dos olhos, mas era incapaz de conter as lágrimas. A bruxa tinha dito coisas horríveis, e seu coração agitava-se dentro do peito. Quando ela tomou o ônibus de volta para casa, as pessoas a observavam com curiosidade.

Eva tentou prosseguir o dia normalmente, mas você deve imaginar o quanto foi difícil disfarçar o medo e a angústia. Ela não quis partilhar o acontecido com ninguém, pois não queria ser julgada como tola e crédula. Ninguém seria capaz de imaginar precisamente a expressão terrível no olhar da bruxa somente a partir de seu relato; ninguém poderia captar a energia daquele lugar se não entrasse ali ao menos por um segundo. Naquela noite, ela não conseguiu dormir.

Por apenas um minuto, quando a madrugada se dissipava por completo e o sol despontava indiferente no horizonte, Eva fechou os olhos e cochilou. Então ela viu com toda a clareza as três mulheres mencionadas pela bruxa. Trajavam vestidos iguais, distinguindo-se apenas por suas cores. Uma das mulheres vestia branco, a outra vestia azul e o vestido da última era vermelho, como a tapete da tenda da Srta. Magdalena. Seus rostos eram pálidos como bonecas de cera, mas não possuíam feições. Elas estavam sentadas á uma mesa grande e redonda. Um jantar começava a ser servido.

Carne, damas. Anunciou uma voz masculina profunda e desencarnada. *Esse é o prato do dia.*

Uma voz suave, porém firme, chamou o nome de Eva. De alguma forma, ela soube que a palavra havia sido proferida por uma das três mulheres sem lábios.

E, com a mesma estranheza, ela sabia que sua própria carne era servida naquele lúgubre jantar.

Entenda, Eva tinha apenas dezessete anos quando isso aconteceu. Mas ela jamais se esqueceu da profecia e do sonho, embora tenha mantido em absoluto segredo durante muitos anos, até que, em certa noite, ela decidiu partilhar comigo a história que a assombrava há tanto tempo.

Só para mim.

Nós nos conhecemos durante um acampamento entre colegas da faculdade. Tornamo-nos melhores amigos, eu era seu fiel confidente. Estava perdidamente apaixonado por ela, mas esse era um segredo meu. Eu o revelei posteriormente, resumindo meus sentimentos em palavras breves, quando me aproximei de seu ouvido sem vida e sussurrei. Foi naquela noite chuvosa, quando ela estava tão bonita e maquiada em seu leito de morte.

Eva não teve tempo de ligar a predição da bruxa e seu sonho à causa da sua morte, mas *eu* sei. Vou contar o que aconteceu nos anos posteriores à profecia.

Ela conheceu o porto-riquenho com quem sua madrinha havia sonhado. De fato, sua pele era morena, o cabelo muito negro e seus olhos castanhos. Mas o que a madrinha não previu foi que o homem era louco: louco de ciúme pela bela Eva. Mas Eva não percebeu imediatamente, não pôde mensurar o quanto os sentimentos daquele homem poderiam destruí-la. Não viu, pois o amor tem o poder de cegar as pessoas.

Ela estava mais bonita do que nunca em seus trajes de casamento: obviamente, usava um belo vestido evasê branco.

O matrimônio completava dois anos na noite em que Eva apareceu na minha casa, chorando como uma criança. Contou-me que, motivado pelo ciúme, o marido a machucara fisicamente. Possesso pela raiva, ameacei matá-lo; ela pediu para não fazê-lo. Adverti que ela devia procurar as autoridades, mas Eva não sentia vontade de puni-lo ou deixá-lo. Nesse momento, tudo o que desejava era desabafar seus sentimentos infelizes, chorando ao lado de seu melhor amigo.

Ela retornou à própria casa e tentou seguir em frente, mas os ataques continuaram a acontecer. Agora, ela tentava disfarçar a dor física e emocional que lhes eram infligidas diariamente, e não mais partilhava seus aborrecimentos comigo. Acredito que seu objetivo era mentir à si mesma, por amor de seu

marido, procurando convencer-se de que, um dia, ele haveria de melhorar seu caráter e o ciúme cessaria.

Se Eva pensava assim, estava enganada. Na noite de sua morte, os vizinhos escutaram o porto-riquenho esbravejar, gritando palavras desvairadas que degradavam Eva, acusando-a de traição conjugal. Pela primeira vez, ela gritou mais alto. Disse que estava cansada e partiria agora mesmo: voltaria para a casa dos pais, de onde nunca deveria ter saído. Então ele pegou o facão de cortar carne e a atacou.

Eva trajava um vestido azul na ocasião. Mas quando a polícia a encontrou, sua roupa banhada de sangue poderia levar qualquer um a supor que se tratava de um vestido vermelho.



Saída 21

(A história de Bernardo)

Quando, pela quarta vez nos últimos dez minutos, a pequena Camila reclamou uma visita ao banheiro, Bernardo desligou o rádio e, observando as meninas através do espelho retrovisor, procurou manter a paciente serenidade em seu tom de voz:

— Camila, querida, eu já disse que vamos encontrar um banheiro logo, logo. Você pode aguentar só mais um pouquinho?

— Papai, eu preciso *muito* fazer xixi!

A seriedade em suas palavras aliada à expressão de agonia em seu rosto provocou gargalhadas em Samara. De início, Bernardo não compreendeu o motivo do riso da esposa, mas, observando os olhinhos circunspectos e preocupados de Camila, riu também.

— Não tem graça nenhuma. — A menina cruzou os bracinhos sobre o peito e franziu a boca. — Estou avisando que preciso ir ao banheiro antes que um... um *acidente* aconteça.

— A mamãe e o papai já entenderam. — Mariana interveio, ligeiramente irritada com a irmã caçula. — Já, já vamos resolver o seu problema. Agora fica quieta e espera! Você não vê que ficar reclamando não ajuda em nada, sua *reclamação*?

Mariana estava certa. A prioridade de Bernardo era resolver o problema da filha, mas havia uma longa estrada a percorrer antes de alcançarem a próxima parada. Isso o preocupava, pois Camila havia deixado as fraldas havia poucos meses, e talvez não fosse capaz de conter a necessidade por muito tempo. Como se lesse seus pensamentos, Samara comentou:

— Precisamos *mesmo* parar em alguma padaria ou posto de gasolina, querido.

Bernardo apontou o mapa na tela do dispositivo de GPS. Precisariam percorrer mais cinquenta quilômetros até alcançarem o posto de gasolina mais próximo. Samara suspirou com impaciência diante da nova informação e voltou-se para Camila:

— Aguenta só mais um pouquinho, meu bem.

Ela assentiu, embora a agonia permanecesse em seus olhos grandes e escuros. Indiferente ao tormento da irmã, Mariana pediu:

— Mamãe, estou com fome. Posso abrir mais um pacote de bolachas?

— Não acredito que vocês terminaram aquele pacote todinho. — Samara respondeu, sem exasperação, ao mesmo tempo em que retirava da sacola um novo pacote de bolachas recheadas e o entregava à filha.

— Claro que terminamos o outro pacote, mamãe. Está sendo uma viagem longa.

Bernardo riu diante do comentário inesperado e maduro demais para sua idade. Samara também riu e apanhou uma bolacha para si mesma.

— Veja. — Ela apontou uma placa de sinalização a cerca de dez metros. — Há um atalho. Se o tomarmos, chegaremos ao posto de gasolina em cinco minutos.

— Ótima ideia. — Bernardo concordou.

O atalho consistia em uma estrada estreita, de mão única, cercada por uma floresta de árvores altas e imponentes. Ele podia escutar o canto dos pássaros, como se viessem de algum lugar longínquo do interior da floresta. O piar era

peculiarmente rítmico, musicalmente repetitivo, como se os pássaros daquela floresta tivessem criado um refrão.

— Que estrada bonita. — Samara comentou, observando através da janela aberta. — É impressão minha ou está mais fresco aqui?

A cidade fervilhava nos verões, e o verão daquele ano estava sendo particularmente mais quente. Mesmo na estrada principal, com os vidros abertos e o carro vencendo cento e dez quilômetros por hora, o mormaço castigava a todos os passageiros do veículo. Porém, a mudança atmosférica na Saída 21 era notável. A temperatura parecia ter despencado dez graus, o que tornara o clima muito mais agradável.

— Agora o papai não precisa ligar o ar condicionado. — Mariana comentou, mordiscando uma das bolachas recheadas. — Agora eu não estou mais sentindo calor.

— Eu já disse que não posso deixar o ar condicionado ligado por muito tempo. — Bernardo rebateu, ligeiramente aborrecido. Aquela conversa havia se repetido muitas vezes durante a viagem. As meninas e a esposa insistiam para que ele ligasse o dispendioso ar condicionado, e ele sempre tinha que explicar o porquê de não deixá-lo ligado por longos períodos. — Imagina se o mantivéssemos ligado durante *toda* a viagem? O quanto de combustível eu gastaria?

Samara revirou os olhos e suspirou com irritação. Bernardo sabia o quanto a esposa detestava as medidas econômicas severas que tomava ocasionalmente, mas ele preferia contrariá-la do que desperdiçar o dinheiro da família. Ele abriu a boca para revidar, zangado diante da desaprovação dela, mas Mariana interrompeu com um comentário curioso:

— Vocês perceberam que os passarinhos estão cantando da mesma forma várias vezes?

— O que quer dizer com isso? — Samara respondeu com uma risadinha interessada. — Está dizendo que o canto dos pássaros é sempre igual, em geral? — Assumiu o tom didático que lhe era característico: quando as filhas lhe faziam perguntas, ela imediatamente se tornava uma professora paciente. — Não são iguais, o canário tem sua forma típica de cantar; já o bem-te-vi possui esse nome justamente porque...

— Não, mamãe, eu sei que *existem* diferenças. Estou falando dos passarinhos daqui, desta floresta. Parece que a música deles não muda.

Samara silenciou por um instante, provavelmente averiguando a veracidade da afirmação de Mariana. Bernardo fez o mesmo. O comentário da filha confirmava algo que já lhe ocorrera, mas sobre o qual não havia refletido.

— Tem razão. — Samara aquiesceu, pensativa. — É como se... É como se eles repetissem exatamente o mesmo piar a cada minuto. — Voltou-se para o marido. — Engraçado, né?

— Esquisito. — Bernardo anuiu, repentinamente desinteressado, ao mesmo tempo em que observava a tela do dispositivo GPS. Apontou o carro em escala que representava seu próprio veículo no display do aparelho. — Veja, o GPS não está funcionando. É como se o carro estivesse parado.

— E a estrada desapareceu.

Samara estava certa. Deveria haver uma linha colorida a representar, em escala, a Saída 21, mas ao invés disso, havia a extensa área verde simulando uma floresta. Ele lembrou-se de que não havia reparado no dispositivo antes de apanhar o atalho, apenas seguira a placa. Era bem possível que o software não reconhecesse a Saída 21, por algum motivo qualquer: por isso, não havia linha a representá-la.

— Esse lugar não se encontra no mapa do dispositivo. — Bernardo explicou. — Isso acontece com certa frequência. Talvez a estrada seja nova e o aparelho ainda não recebeu uma atualização a respeito dela.

A esposa não respondeu, entretida com os próprios pensamentos. Consultou o horário no relógio de pulso e tornou a voltar a atenção para a paisagem lá fora. Camila interrompeu sua meditação:

— Mamãe, vamos demorar muito para chegar ao banheiro?

— De fato, já deveríamos ter chegado. — Samara voltou-se para o marido. — Não acha que está demorando muito?

— Segundo a placa na estrada principal, chegaríamos em cinco minutos. Já passaram cinco minutos?

Ela tornou a consultar o relógio de pulso. Franziu o cenho e, usando o dedo indicador, deu dois tapinhas no visor.

— Puxa vida, meu relógio quebrou.

— Você trocou a bateria há menos de um mês! — Bernardo observou. — Vou reclamar na relojoaria. Veja no seu celular que horas são.

A esposa fez conforme solicitado.

— Dez e vinte e um. Não sei dizer precisamente a que horas entramos no atalho, mas sinto que já se passaram cinco minutos. A estrada é bem mais longa do que parecia inicialmente. — Bernardo observou-a de esguelha e captou certa aflição em seus olhos. — Você não acha que ela é *muito* longa?

— Estamos demorando bem mais do que o planejado, mas...

Com um choramingo, Camila interrompeu suas palavras, avançando em direção ao banco da frente, de forma que seu rosto ficou bem próximo ao de Samara.

— Mamãe, o *acidente* aconteceu.

— Tudo bem, querida, tudo bem. — Samara a consolou, voltando-se para Bernardo em seguida. — Amor, pare o carro. Vou ajudar a Camila a limpar-se e trocar de roupa.

Ele deu a seta antes de estacionar o carro ao meio-fio, mas reconheceu a inutilidade de seu ato imediatamente. A estrada estava deserta. Nenhum veículo havia surgido durante o tempo em que estiveram por lá. Talvez a placa que sinalizava o atalho passasse despercebida para a maioria dos motoristas. Ele mesmo a teria ignorado se Samara não estivesse atenta.

Ele tamborilava os dedos contra o volante enquanto a esposa e a filha caçula, entre o carro estacionado e a beira da floresta, ocupavam-se na tarefa de trocar a roupa suja.

— Pode ligar o rádio de novo, papai? — Mariana pediu.

Bernardo tornou a ligar o aparelho, mas tudo o que escutou foi estática. Ele trocou a estação, passando por diversas rádios, mas não obteve sucesso. Pelo jeito, não havia sinal FM na estrada. Abriu o porta-luvas e retirou o *pen drive*: o conteúdo haveria de entreter e satisfazer a vontade da filha.

Camila e Samara retornaram e Bernardo deu a partida. O sorriso de alívio da filha mais nova o deixou igualmente aliviado. Saber que a pobre garota já não sofria com a aflição biológica o tranquilizava. Se a estrada parecia mais longa do que julgara a princípio, o fato já não lhe perturbava tanto.

— Um pouco de música para nos fazer mais alegres. — Samara comentou, notando o rádio ligado.

Acompanhada de Camila e Mariana, a esposa cantava junto com os famigerados palhaços Patati e Patatá. Ocasionalmente, as meninas erravam a letra e as três gargalhavam. Apesar da aparente diversão, Bernardo detectava apreensão nas feições da esposa.

Quando a música acabou e a próxima faixa iniciou, ela tornou a apanhar o celular e consultou o horário.

— Que estranho. O relógio do meu celular também parou de funcionar. Ainda são dez e vinte e um.

— Dê uma olhada no meu para sabermos que horas são. Logo deveremos parar para almoçar.

Samara pegou o celular do marido e, ao analisá-lo, suas pupilas dilataram ligeiramente.

— Amor, são dez e vinte um.

— Isso não é possível.

— Então o relógio do seu celular *também* parou de funcionar.

Bernardo estava prestes a comentar a impossibilidade de tal constatação, mas começava a ficar preocupado. Havia algo de errado acontecendo, a angústia anônima de sua esposa era justificável. Ele não saberia nomear o problema, mas certamente havia um.

— Verifique a internet, querida. — Ele pediu.

— Não há sinal de internet. — Samara concluiu, analisando ambos os aparelhos celulares. — Nem sinal de telefone.

— Ou de rádio. — Bernardo lembrou-se.

Ela voltou o rosto para fora da janela com a resolução de quem procura por algo.

— Amor, você não acha que as árvores são muito parecidas entre si? Eu já havia notado isso faz tempo, mas achei que fosse impressão minha. Agora, com todas as estranhas coincidências acontecendo, os celulares, meu relógio, as estações de rádio e essa estrada que nunca acaba, começo a achar que não é impressão minha coisa nenhuma.

— As árvores são muito parecidas em todos os locais do mundo.

Ele respondeu com uma risadinha divertida, procurando confortá-la, mas atentou-se à perfeita simetria da floresta. Era como se a cada vinte ou trinta metros quadrados a floresta se repetisse ininterruptamente.

Por isso o canto dos pássaros pareceu rítmico para Mariana: eles estão repercutindo sem parar.

A palavra *loop* ocorreu-lhe, mas ele buscou afastar da mente tal disparate. *Tenho assistido a muitos filmes de ficção científica ultimamente*, desculpou a si mesmo.

As meninas pareciam ligeiramente sobressaltadas, provavelmente alarmadas com o tom de voz e a expressão da mãe. Bernardo procurou distraí-las, sugerindo que escolhessem outra música para tocar no rádio.

Duas canções terminaram e a estrada continuava a repetir a si mesma. No celular, ainda eram dez e vinte e um da manhã.

Loop.

Bernardo observou o mostrador do tanque de gasolina e, com certo alívio, descobriu que restava bastante combustível. Na verdade, mais do que o esperado: era como se o ponteiro do mostrador não houvesse movido um milímetro desde que o veículo adentrou o atalho, o que, de acordo com suas contas, talvez tivesse acontecido há quarenta minutos.

— A Saída 21 mostrou-se mais demorada do que a estrada principal, afinal.
— Ele disse, buscando transmitir causalidade ao comentário. — Devíamos ter permanecido nela.

— E como deveríamos. — A voz da esposa foi quase um murmúrio.

Mental e secretamente, Bernardo passou a contabilizar o tempo gasto na estrada usando as faixas musicais reproduzidas do *pen drive*. Considerando a média de quatro minutos para cada canção, outros quarenta minutos haviam transcorrido sem qualquer novidade.

Samara começou a chorar com calculada discrição. Lágrimas silenciosas riscavam seu rosto. No banco de trás, as meninas se entretinham em uma brincadeira musical de bater com as mãos. Aproveitando o momento de distração das filhas, ele perguntou à esposa, baixando o tom de voz o máximo possível:

— O que foi, amor?

— Essa estrada... Essa estrada não tem fim. Tem algo muito errado acontecendo. É como se estivéssemos presos neste lugar.

— Que absurdo, querida! — Ele riu, embora soubesse que não havia nada de *absurdo* no comentário de Samara. — A estrada é um pouco mais longa do que esperávamos, e isso é tudo.

Ela ergueu o rosto para ele, e havia incredulidade em seu olhar pétreo:

— Bernardo, você percebeu que o mostrador de gasolina não se move? Já se deu conta de que nenhum relógio está funcionando? Notou que essa maldita estrada não existe no GPS? Por favor, não tente me convencer de que está tudo bem!

— Amor, você nunca foi do tipo supersticiosa, o que está acontecendo com você?

Ele estendeu o braço direito e afagou-a a fim de consolá-la. Ela tornou a observar a paisagem, mas as feições endurecidas denunciavam inconsolável e irreparável apreensão.

— De acordo com minhas contas, estamos nesta estrada há cerca de uma hora e vinte, uma hora e meia. — Ele disse mais para si mesmo.

Uma ideia animadora lhe ocorrera. O semblante perscrutador e esperançoso de Samara notou e aguardava um desfecho.

Bernardo girou o volante e fez um retorno proibido. A estrada de uma via jamais permitiria o tráfego na contramão, é claro, mas o motorista pouco se importava com isso. Com um sorriso promissor, explicou à esposa:

— Se dirigirmos por, no máximo, duas horas, estaremos de volta à estrada principal. Tudo o que aconteceu nas últimas horas foi bizarro e assustador, mas contra fatos não há argumentos: se refizermos o caminho, uma linha única e sem curvas, indubitavelmente voltaremos ao ponto de partida.

Samara não respondeu, mas pareceu relaxar, mostrando confiança nas palavras do marido. Ao final de trinta minutos, ela retomara a cantoria com as crianças: as três mulheres pareciam divertirem-se novamente. *É assim que deve ser uma viagem de família*, Bernardo meditou, estremecendo levemente. *Ainda encontrarei uma explicação plausível para as coisas estranhas que aconteceram na Saída 21. Farei isso em uma cama confortável, após uma refeição caprichada, acompanhada de uma sobremesa deliciosa.*

Ele prosseguia contabilizando o tempo através das músicas do *pen drive*. Ao término da trigésima faixa, ou seja, cerca de duas horas após ter iniciado o retorno, Samara abaixou o volume do rádio. As crianças haviam adormecido, e ela reassumiu sua expressão circunspecta e meditativa.

Outros trinta minutos transcorreram sem qualquer mudança na paisagem. E mais sessenta minutos.

O conteúdo do *pen drive* chegou ao fim. A primeira faixa tornou a ser tocada, reiniciando a sequência.

— Já deveríamos ter retornado à estrada principal à essa hora. — Samara comentou com terrível desalento.

— Sim, já deveríamos. — Bernardo concordou.



Prisioneiro no paraíso

“Escrever ficção é esconder a verdade a olhos vistos.”
- Thomas Liebert

29/06

Tudo nessa casa é triste e parece abandonado, Mari pensou, mas o que disse realmente foi:

— Que casa grande, não é?

Em concordância, a diarista sorriu, à maneira jovial de uma moça que não atingiu os vinte anos de idade.

— É pelo menos quatro vezes maior do que *minha* casa. — Ela mostrou quatro dedos para Mari, depois sinalizou para que a seguisse até à cozinha. — Se o dono tivesse bom gosto, teria tornado esse lugar um palácio. Mas, pelo jeito, ele nada sabe sobre decoração. Quero dizer, nada *sabia*, quando ainda estava... Bem, quando ainda estava *acordado*. Você conhece a história, Srta. Mari...? É senhora ou senhorita?

— Recentemente, tornei-me senhorita de novo. — Mari sorriu com simpatia. — Mas pode me chamar apenas de Mari. Quanto a conhecer a história dele, li alguma coisa na internet. A tia me disse o que eu já tinha lido, e o prontuário médico não trouxe grandes novidades. Cheguei à conclusão de que não há muito que saber.

A diarista deu de ombros.

— Não, mesmo. Nem os médicos sabem o que pensar. Eu fico com muita pena dele, sabe? — Ela suspirou, perdendo o olhar em algum ponto do azulejo amarelado da enorme cozinha. — Dá pra ver que foi bonito quando saudável. E é muito jovem para estar tão doente.

— Você trabalha aqui há quanto tempo, Érica?

— Quase três anos.

— Conheceu a enfermeira que trabalhou aqui, antes de mim?

— *As enfermeiras.* A rotatividade aqui é grande, sabe? Uma dezena de enfermeiras passou por essa casa. A maior parte delas não gosta de comentar sobre o motivo que as levou a desistir do emprego.

— Provavelmente, a Dona Vitória não remunera muito bem seus empregados. — Mari zombou, mas, na realidade, estava sendo bem remunerada pelo próprio serviço.

Érica balançou a cabeça em negativa.

— Ela paga bem, sim. Eu, como diarista, não tenho do que me queixar. Não acredito que com as enfermeiras seja diferente. Acontece que... — Ela hesitou, o rosto parcialmente iluminado por um sorriso timidamente misterioso. — Acontece que as pessoas daqui são incrivelmente supersticiosas. Você veio da cidade grande, talvez não entenda.

— Sei bem como são as *pessoas supersticiosas*. — Assentiu, empática. — Eu mesma sou uma delas.

— Você pode ser supersticiosa, mas quando a cidade é pequena e as pessoas mal instruídas, a situação é grave. Não estou dizendo que sou melhor do que eles, longe de mim tal presunção, mas sou *escolarizada*, sabe? Estudei na capital durante o Ensino Médio. Eu ia fazer faculdade, mas minha mãe adoeceu e, como filha única, tive que voltar para cuidar dela. O que quero dizer é que o tempo passado fora dessa cidade abriu meus olhos para o mundo. Sei diferenciar o que é real e o que é crendice. Sei o que é Ciência e o que é fé.

— Você é uma garota muito eloquente. E inteligente também. — Mari a admirou com sinceridade. — Talvez seu futuro não deva se limitar à essa cidade.

— Preciso cuidar da mamãe. — Ela deu de ombros, sem afetação. — Enfim, má remuneração nunca foi a causa da deserção recorrente nesta casa, estou bem certa disso. A Dona Vitória contrata diaristas e enfermeiras através da agência. Contratou somente enfermeiras locais ao longo desses três anos, mas

simplesmente não dava certo. Suas mentes simples se assustavam com enorme facilidade. Só de entrar na casa, já sentiam arrepios. Você não está arrepiada, está, Mari? — Érica gargalhou como se tivesse contado a piada mais engraçada da História.

— Não, não estou. — Mari riu também.

— Finalmente, a Dona Vitória percebeu que a solução era contratar alguém de fora da cidade. Alguém que estivesse livre de preconceitos e superstições. — Fez um gesto amplo com a mão, indicando a cozinha. — Já conheceu a cozinha. Venha, vou te mostrar os outros cômodos.

— Érica, primeiro me leve ao quarto do paciente. Estou curiosa para conhecê-lo.

Ela virou-se e foi seguida por Mari. Enquanto venciam os degraus intermináveis da escada de alvenaria, a diarista praticava sua eloquência:

— Como eu disse, a maior parte das enfermeiras desistia do serviço e voltava aos seus antigos empregos no precário hospital da cidade. Certa vez, encontrei-me com uma delas: sofri uma severa crise de cólicas, e tive que ir às pressas para o hospital. Aproveitei a oportunidade para perguntar a respeito de sua evasão da casa do Liebert. *Por que trocar um emprego confortável, simples e tranquilo, por outro, precário e insalubre?*, indaguei. Muitas vezes, há falta de materiais básicos no hospital, como luvas: diversas vezes, vi enfermeiras manejar seringas e trocar fraldas geriátricas com mãos nuas.

— O que a enfermeira respondeu? — Mari quis saber, interessada e ligeiramente ansiosa pela resposta.

Atingiram o andar de cima. Érica seguia em direção ao último quarto no longo corredor.

— Ela disse que não suportava as vozes. Sentia-as dentro da cabeça. Achou que enlouqueceria se permanecesse aqui.

Érica apoiou a mão na maçaneta, mas, antes que pudesse girá-la, Mari a deteve gentilmente.

— A enfermeira anterior alegou ouvir vozes?

— Ao que parece, ela e todas as outras. — A diarista exibiu um sorriso evidentemente zombeteiro. — Você não acredita nisso, né? É, certamente, uma mulher inteligente e profissional. Veja, eu estou nessa casa há três anos, compareço religiosamente uma vez por semana para a limpeza. Nunca vi, ouvi ou

senti nada sobrenatural. — Ela pensou por um instante, ainda zombeteira. — Uma vez, escutei barulhos de pancada vindos de um dos quartos. Fiquei com um pouco de medo, não vou negar, mas fui verificar pessoalmente. Descobri um ninho de ratos; a Dona Vitória precisou contratar uma dedetizadora. Isso é tudo. Nada de histórias de terror, nada de casas mal assombradas.

— É claro, é claro. — Mari estendeu a mão para a maçaneta. — Hora de conhecer meu paciente.

O quarto era grande e impecavelmente limpo. Dois grandes abajures, cujas lâmpadas encontravam-se apagadas, cercavam a cama. A iluminação central era forte e eficiente. A luz do sol, dimanada através da janela aberta, reforçava a sensação de que o quarto era — quase excessivamente — bem iluminado.

O paciente parecia profunda e tranquilamente adormecido sobre o leito, o corpo escondido sob lençóis alvos e imaculados, os olhos terminantemente cerrados.

Érica tem razão, talvez ele tenha sido bonito quando saudável.

— Não é uma pena? — A diarista franziu os lábios tristemente, fitando o homem adormecido.

— Sim, é uma pena.

— O médico não acredita em recuperação.

— Em minha profissão, já vi de tudo. — Encarou Érica gravemente. — Assisti pessoas desenganadas pelos médicos despertarem do coma e retornarem alegremente às suas antigas vidas; já vi também gente receber diagnósticos positivos e morrer algumas horas depois.

— É uma profissão dura, não é? Como você consegue suportar?

— Nos últimos anos, minha especialidade tem sido a geriatria. Cuidei de muitos senhores e senhoras nos últimos dias de suas vidas. Estou segura de que cuidar do Thomas será muito parecido com isso; só que, talvez, seu tempo seja mais prolongado.

— Dessa vez, você tem em mãos um paciente bem tranquilo. Thomas certamente não reclamará de nada. — Ela deu uma risadinha, depois enrubesceu. — Desculpe, não quis zombar da situação dele. Foi só uma piada.

Mari retribuiu com uma piscadinha:

— Tudo bem, ele não pode se queixar à nossa patroa.

Quando Érica partiu, Mari apanhou a lista de deveres, escrita à mão pela Dona Vitória, e começou o trabalho. Não havia muito a ser feito: a rotina consistia em troca de fraudas, aplicação de soro, rodízio de lençóis.

O pobre escritor tem levado uma vida bem pacata.

Às oito horas da noite, após ingerir o próprio jantar e injetar na veia de Thomas o jantar dele, Mari acomodou-se na espaçosa e aconchegante cadeira de balanço, ao lado da cama do paciente, e balançou suavemente, fitando a parede branca do quarto de forma distraída.

— Esse será o emprego mais entediante da minha vida. — Murmurou.

Tinha sido advertida sobre isso, é claro. Dona Vitória explicara sobre o isolamento social que o emprego implicaria inevitavelmente. A casa do paciente estava a, no mínimo, quinze quilômetros do centro da pequena cidade. Mari sabia que, se precisasse fazer compras, deveria chamar um táxi, pois seu corpo quase obeso requeria uma quantidade considerável de energia para realizar longas caminhadas. Dona Vitória havia fornecido o telefone de um taxista eficiente, de sua própria confiança; embora o sinal da televisão fosse péssimo naquela região, o telefone funcionava perfeitamente.

Mari reconhecia a si mesma como um indivíduo extremamente sociável que gosta de estar entre seus pares. O isolamento parecer-lhe-ia algo terrível há alguns meses, mas agora serviria muito bem. Conversara com o terapeuta a respeito, e sua opinião profissional foi: *encare como um período de férias de si mesma. Você precisa disso, Mari. Precisa de um tempo de silêncio para entrar em contato consigo mesma e reorganizar sua mente. O momento não poderia ser mais oportuno.*

Ela acreditou nas palavras do médico, mas agora começava a duvidar. E se o isolamento a entediasse demasiadamente? E se o tédio a conduzisse de volta aos problemas dos quais fugia: Guilherme e o filho que eles nunca tiveram? Bem, esses eram os *problemas recentes*. Os problemas antigos haveriam de retornar fatalmente: o maldito sentimento de culpa, Samuel e a doença que dera cabo de sua vida.

Ela suspirou alto e voltou-se para o paciente:

— Você vai me entediar, Thomas. Eu sei que vai.

Observou-o por um instante. Apesar de muito pálido, ele parecia sereno, descansado. Mari considerou que ela mesma jamais conseguiria atingir tal estado de placidez.

— Onde você está, hein? De certo, não está *aqui*. Ao menos, sua alma não está. — Ela imaginou o quanto pareceria boba a um observador, falando assim com um homem desacordado. — Se estiver me escutando, comece agora a fazer o caminho de volta. Sei que esse é um mundo frio, cheio de pessoas más, mas vale a pena. Vale a pena pelos pequenos prazeres da vida... Pelos breves momentos de amor sincero. Seja lá aonde você estiver, não acredito que seja muito melhor do que aqui, de qualquer maneira. — Pensou por um segundo. — Quer saber? Você deveria *mesmo* voltar. É muita covardia de sua parte fugir desse jeito. Sim, é verdade, assumi esse trabalho para fugir *um pouco* da minha própria vida... Mas com você é diferente. Sua tia Vitória te ama muito, sabia? Ama como se fosse sua mãe. E como você retribui? Deixando-a preocupada, aflita, durante três anos! Tenho certeza de que tem amigos, uma namorada, talvez. — Ela deu uma palmadinha amigável em sua mão eternamente imóvel. — E quanto aos seus fãs, cara? Você os abandonou! Tenho certeza de que estão ávidos por uma nova história, esperando o momento em que você vai abrir esses olhos preguiçosos e colocar essas mãos para trabalhar. Eu estava lendo seu livro sabia? Era um livro de contos. Confesso que não consegui passar do primeiro capítulo. Não costumo ler histórias de terror, elas me provocam pesadelos. Mas vou te dar uma chance! Vou retomar o livro e lê-lo até o final, em consideração a *você*. Simpatizei contigo, sabia? É um tanto caladão, mas acho que vamos nos dar bem.

Ela se levantou. Tentou imaginar qual seria a própria reação se ele *realmente* despertasse por causa de seu discurso estúpido. Que surpresa sentiria se Thomas a obedecesse e abrisse os olhos! Diante da ideia, os pelos de seu braço se arrepiaram. Ela riu da própria tolice.

— Thomas, o que eu disse sobre acordar... Bem, esqueça. Se você deixar seu estado de coma, eu perco meu emprego. — Com uma risadinha, tocou o interruptor e apagou a luz. — Boa noite.

Érica chegou pontualmente, às dez horas da manhã. Ao meio-dia, Mari e ela sentaram-se à grande mesa da sala de jantar, a fim de desfrutar o almoço preparado por Mari. Era bom ter alguém com quem conversar, para variar. Melhor dizendo, era bom ter um interlocutor que participasse *ativamente* do diálogo.

—Você já leu algum livro do Thomas, Érica? —Mari indagou, levando à boca uma garfada de macarrão.

— Sou fã de Thomas Liebert desde que comecei a trabalhar aqui. Já li todos seus livros. Aliás, tive a honra de ler os volumes pertencentes ao próprio autor. Peguei emprestado da biblioteca dele. — Ela sorriu, entusiasmada. — Gosto mais dos contos do que dos romances. Meu conto preferido é Quando Eles Voltam. Já leu esse?

— Ainda não.

— Acredito que seja o conto mais famoso de sua carreira. Conta a história de uma garota de catorze anos chamada Lídia. Além de paraplégica, Lídia era quase cega e patologicamente antissocial. Frequentava a escola regular e sofria *bullying* por causa de suas deficiências e sua aparência (ela era especialmente *feia*, diga-se de passagem). Certo dia, ela teve acesso a um antigo ritual de magia negra, através do qual conseguiu entrar em contato com o Diabo em pessoa. Lídia e o Diabo fizeram um acordo: ela lhe entregaria a alma se pudesse ter vinte e quatro horas de vida como uma “menina normal”. Capaz de andar e enxergar como as outras crianças, a menina apanhou a faca de cortar carne de sua mãe (a família possuía um açougue) e a escondeu na mochila. Sentou-se em sua cadeira de rodas e agiu naturalmente durante a manhã toda, fingindo-se deficiente para não levantar suspeitas. Na hora do intervalo, a inspetora empurrou sua cadeira até o pátio e a deixou sozinha para tomar um sol, o que era parte da rotina. Agindo rápido, Lídia levantou-se e esfaqueou grande parte dos adolescentes, principalmente aqueles que costumavam zombar dela. — Érica tomou uma golada de refrigerante. — Claro que esse foi um resumo do conto. Thomas Liebert escreve muito bem, conta a história em detalhes fascinantes, de forma que o leitor quase *enxerga* a cena descrita. É uma habilidade que poucos autores possuem, eu acho.

— Parece uma boa história, realmente. Mas devo admitir que não sou muito chegada em histórias de terror.

Não preciso de ficção, já vivo minha própria história de terror todas as noites, ela pensou com ironia amarga.

Érica continuou a tagarelice em tom juvenil:

— A venda dos livros de Liebert triplicou depois que ele ficou doente.

— Posso imaginar. O coma repentino e sem explicação é uma história de terror da vida real. As pessoas se interessam muito por desgraças autênticas.

— O que aconteceu com Thomas Liebert me faz lembrar de outros escritores que viveram dramas parecidos com suas próprias histórias fictícias. Por exemplo, Agatha Christie: ela desapareceu misteriosamente durante dez dias. Investigadores tentaram desvendar o mistério, sem resultados, o que tornou a vida real muito parecida com seus romances. Tem também o caso de Edgar Allan Poe, o famigerado contista e poeta que enlouqueceu repentinamente e morreu sem causas aparentes, levando todo mundo a pensar nos personagens dele, que também enlouqueciam. Não é intrigante?

— Tão intrigante que triplica a venda de livros.

— É uma pena que Liebert não tenha conhecimento sobre seu recorde de sucesso. — Érica mastigou uma porção de macarrão, pensativa. — Acha que um dia ele saberá?

— Você está perguntando se Thomas despertará do coma? — Mari balançou a cabeça em negativa. — Pouco provável. Tive acesso aos laudos médicos. Há três anos, ele foi encontrado aqui, nesta casa, completamente apagado, como se estivesse desmaiado; desde então, não tornou a despertar. Foram realizados exames exaustivamente. A Dona Vitória gastou uma pequena fortuna na época. — Engoliu um gole de refrigerante. — Quer saber qual foi o diagnóstico?

Érica anuiu, ansiosa.

— Não houve diagnóstico *nenhum*. Os médicos simplesmente não sabem o que levou o escritor ao estado de catatonia. *Estado de catatonia* possivelmente permanente.

— Tipo, nenhuma lesão física no cérebro ou coisa assim?

— Nada. Sua fisiologia é perfeita, ele tem saúde para dar e vender.

— Bizarro!

— Um pouco bizarro, talvez.

— *Um pouco?* — Érica abriu a boca, surpresa, e deu uma risadinha. — Mari, esse é o ápice da esquisitice. Eu já tinha lido na internet sobre o estado permanente de catatonia de Thomas Liebert. Isso me levou à extenuantes pesquisas sobre o assunto — sou uma pessoa muito curiosa, como você já deve ter percebido. — Obtive resultados impressionantes. De acordo com as estatísticas, sabe quantas pessoas catatônicas existem no Brasil? Não chega a um por cento da população! Em todos os casos, a catatonia é transitória. Ou seja, o paciente acorda após um período muito curto.

— Por isso os médicos preferem dizer que Thomas está em *coma*.

— Mas não foi de repente, sabe? — Érica meditou, recostando-se na cadeira. — Há uma pequena biografia introdutória em seu primeiro romance. Há fatos bem interessantes nela.

“Em breves palavras, Thomas conta sobre sua visita ao psiquiatra, quando tinha cinco anos de idade. Aconteceu pouco tempo depois de passar a viver sob a tutela da tia, após perder os pais em um acidente automotivo. O diagnóstico do psiquiatra foi psicose infantil: ele apresentava paranoia e momentos de catatonia. Era como se “entrasse em transe”, entende? Mas, gradualmente, os sintomas desapareceram. O que é bastante estranho, uma vez que o tratamento farmacológico prescrito pelo médico não foi ministrado, pois a tia recusava-se a drogar o menino. Thomas explicou que os sintomas não desapareceram exatamente. O que aconteceu foi que ele aprendeu a lidar com algo chamado *Submundo*, o que, ao que parece, era um lugar para onde ele ia quando encontrava-se em estado de catatonia.

“Ele não explicou o significado do tal *submundo*, embora os fãs tenham cansado de perguntar a respeito.”

— Talvez ele esteja lá agora. — Mari meditou. — Talvez tenha fugido para o Submundo.

— Embora ele tenha aprendido a controlar e esconder a psicose infantil, a doença acabou evoluindo e terminou por fazê-lo catatônico permanente no final. É o que *eu* acho.

Ou, Mari duvidou, o tal Submundo realmente exista. E, talvez, seja de lá que Samuel sai todas as noites para me visitar.

Mari percebeu, no exato momento em que este pensamento lhe ocorria, o quanto precisava conversar sobre Samuel. Não tudo a seu respeito, é claro, mas um pouco. De vez em quando, sentia necessidade de falar sobre a morte do irmão, sobre sua partida não *tão definitiva assim*. Mas ela nunca permitiu-se falar a respeito em voz alta. Pelo menos, não até aquele momento.

Aquela casa grande e triste parecia o local perfeito para desencadear uma confissão com mais de vinte e cinco anos de idade. Mari aproveitou a oportunidade para incluir Samuel na conversa e, dessa forma, aliviar um pouco o peso de seu coração:

— Psicose infantil... Já vi casos assim no hospital onde trabalhei. Além disso, tive um irmão autista. São doenças bem distintas, é claro, mas posso imaginar o quanto a Dona Vitória sofreu por causa do sobrinho psicótico.

— Imagino que seja realmente muito difícil conviver com crianças assim. Como é o autismo?

— Varia muito de pessoa para pessoa. — Mari explicou, levando mais uma garfada à boca. Percebeu que as mãos tremiam. Procurou fazer a voz soar natural, embora o coração estivesse ligeiramente acelerado. Foi bem sucedida em manter a aparência serena; o sabor da comida a ajudava a manter o autocontrole. — Samuel possuía habilidades de comunicação extremamente limitadas, seu vocabulário era quase nulo. Mamãe e eu cuidávamos dele, enquanto nosso irmão mais velho e o papai sumiam por aí, horas a fio, passeando juntos. Só Deus sabe o que faziam... Eu tinha oito anos na época; Samuel, cinco. Cuidar dele era tarefa difícil, principalmente porque ele estava sempre zangado. Era um menino facilmente irritável. Quando demasiadamente aborrecido, lançava objetos em nós.

“Normalmente, arremessava brinquedos, mas, certa vez, atirou o cinzeiro de prata do papai, acertando a cabeça da mamãe. Ela caiu no chão, imediatamente desmaiada, e ele começou a rir. — Érica a fitava, interessada. Era, certamente, uma garota ávida por conhecimento, conhecimento de qualquer natureza. Provavelmente, sua curiosidade era a maior responsável por sua notável inteligência. — Samuel gargalhava, enquanto eu, tão desesperada quanto uma menina de oito anos pode ficar, tentei ligar para a emergência, mas não me lembrei do número. A mamãe levantou-se poucos minutos depois. Estava zonz, mas sentia-se bem. Pediu que eu guardasse segredo. Não queria que papai

soubesse; ocasionalmente, papai se excedia ao nos castigar, e mamãe tinha medo de que Samuel ficasse realmente machucado dessa vez. Eu obedeci.”

Samuel ocupava seu pensamento agora, quase uma presença física. Ela podia vê-lo, como em uma lembrança muito recente: seu pequeno corpo estendido sobre o leito do hospital, os olhos cerrados para sempre, a tez assustadoramente pálida e, em alguns pontos, levemente arroxeadas.

Mari mastigou silenciosamente por um segundo antes de prosseguir:

— Dois meses depois do episódio do cinzeiro de prata, Samuel subitamente começou a sentir-se mal. Sentia dores fortes no peito e passava a noite tossindo. Foi diagnosticado com pneumonia. Havia tubos plugados às veias, um aparelho respiratório substituía seus pulmões.

“Ele ficou internado durante duas semanas inteiras, e morreu no hospital.

“No dia seguinte ao funeral, mamãe insistiu para que retornássemos à rotina. Ela pretendia amenizar os efeitos da morte prematura de nosso irmãozinho, e acreditava que ajudaria se retomássemos nossas vidas. Meu irmão mais velho e eu íamos à escola, voltávamos e nos deparávamos com a casa vazia que Samuel tinha deixado para trás.

“Sim, o sentimento de vazio era perturbador. Como mamãe insistia para que procurássemos viver normalmente, eu tentava. Mas *viver normalmente* era impossível, pois minha rotina havia sido imensamente alterada. Antes, eu cuidava de Samuel em tempo integral, praticamente não me ocupava com qualquer outra atividade que não envolvesse vigiá-lo ou cuidar dele.

“Então, na terceira noite posterior à sua morte, eu peguei a boneca que mamãe havia me dado de Natal e brinquei durante muitas horas, sem ser incomodada. Só então percebi o quanto Samuel havia sido pesado em minha jovem vida. Naquele mesmo momento, aos oito anos de idade, eu descobria o quanto eu sou uma pessoa horrível: a morte de meu irmãozinho de cinco anos havia tirado um peso enorme de minhas costas, e eu sentia uma terrível sensação de alívio. — Observou o rosto interessado de Érica, sem realmente dispensar-lhe maior atenção. O que via, com os olhos da memória, era uma garotinha triste, carregando sobre os ombros toda culpa do mundo. — Nunca contei isso a ninguém. Nem mesmo ao meu terapeuta. Sinto muito vergonha disso. Você é a primeira pessoa a saber dos meus sentimentos ruins a respeito de Samuel.

— Puxa, Mari. — Érica baixou os olhos. — Essa é uma história bem triste. Sinto muito. Mas você era apenas uma criança, não deveria se sentir culpada por nada.

— Meu terapeuta tenta me convencer disso há dez anos. Mesmo que eu jamais tenha compartilhado com ele meus reais sentimentos sobre meu irmãozinho, ele intuiu a culpa. — Mari sorriu com tristeza. — Mas é impossível me livrar desse sentimento. Após a morte de Samuel, desenvolvi distúrbios alimentares. Descontava meus maus pensamentos na alimentação irregular. Aos quinze anos, eu já estava obesa. Preciso controlar meu peso o tempo todo. Como você pode ver, estou novamente às portas da obesidade.

— Sinto muito, Mari. Você é uma pessoa ótima; gostaria que as coisas tivessem sido mais fáceis na sua vida.

— Todos temos demônios a enfrentar, não é? — Sorveu um gole de refrigerante. — Cada um de nós carrega um peso sobre os ombros, seja ele leve ou pesado. De qualquer forma, todos nos sentimos sobrecarregados de vez em quando.

O coração de Mari parecia mais leve após o relato da história de Samuel, mas Érica jamais haveria de conhecer a versão integral. Deliberadamente, fora deixado de lado o trecho em que Samuel, na noite do funeral, voltava ao lar para visitá-la e, na noite posterior, repetia a visita.

Samuel jamais deixara de vir. Atualmente, ele transitava todas as noites pelos corredores da casa de Thomas.

Essa era a parte da história que jamais havia sido compartilhada. Como poderia? Mari não conseguiria descrever o som dos chinelos de dedo de Samuel, enquanto ele perambulava pelos corredores, *sempre* pelos corredores. Como poderia relatar o fato de que, após caminhar exaustivamente, de um lado para o outro, *de um lado para outro*, ele batia à porta de seu quarto — não era o barulho dos nós dos dedos, mas sim de um crânio contra a madeira? Como ela poderia explicar que Samuel fizera isso centenas de vezes em vida, e fazia também depois de sua morte?

Érica levantou-se e, em sua característica espontaneidade, envolveu-a em um abraço consolador.

Através da janela do quarto de Thomas, Mari fitava o deserto verde lá fora. Não refletia sobre Samuel ou a recente conversa com Érica: desta vez, pensava em Guilherme. Aguardava seu telefonema. Esperava que ele ligasse para perguntar se ela estava bem, se conseguira se adaptar à solidão do novo emprego, se precisava de alguma coisa.

Não seja tola, ele não vai ligar, censurou a si mesma. Ele já se esqueceu de mim. Já passou da hora de eu esquecê-lo.

Mari sentou-se, ocupando a cadeira ao lado da cama de Thomas. Apoiou o livro no colo: logo iniciaria a rotineira leitura vespertina.

— Thomas, de quanto tempo você precisa para esquecer uma pessoa que, durante onze anos, significou o mundo para você? — Observou o rosto impassível do paciente, quase esperando por uma resposta. — Eu preciso de muito mais do que *seis meses*, pode estar certo disso. Guilherme, graças a Deus por ele, não precisou. Em cento e oitenta dias, ele esqueceu completamente a mulher que foi sua esposa durante onze anos. O que acha disso? Essa é uma bela história de superação, não é?

Com um sorriso tolo, mas sarcástico, ela abriu o livro.

— Vamos retornar ao romance, Thomas? É hora de nossa leitura da tarde. Você gosta dessa parte do dia. Claro que gosta, é escritor. O dia está lindo e ensolarado, nada mal para uma tarde de inverno. Mas não estou com vontade de ir lá fora, você está? Não, né? Certo, nada de banho de sol hoje. — Recostou-se confortavelmente. — Eu já li esse romance antes. Na minha adolescência. É um clássico, você conhece?

Mari ergueu a capa em sua direção, como se ele pudesse analisá-la, e aguardou um segundo antes de retomar a posição.

— Provavelmente conhece... Bom, vamos lá. Estamos chegando à parte em que Dorian deseja permanecer jovem para sempre e, quase acidentalmente, transfere ao próprio retrato um porvir de velhice, lascívia e angústia e, ao mesmo tempo, livra a si mesmo de todas essas desgraças da vida.

Mari retomou a leitura em voz alta, mas foi interrompida ao virar a primeira página.

Me tira daqui.

Acho que você pode me ajudar.

Mari olhou ao redor, atônita, procurando o dono das frases repentina e absurdamente sussurradas. A voz masculina pareceu surgir de algum lugar dentro do quarto.

Distraída com a leitura, talvez eu tenha confundido: a voz veio do andar de baixo. Pode ser um vendedor batendo à porta, algo assim. Visita inusitada e inesperada, é verdade, mas parece ser a única explicação.

Mas por que um vendedor diria coisas estranhas, assim? Será que eu confundi as palavras? Eu devo descer e ver se tem alguém realmente à porta?

Todos os pensamentos ocorriam de uma vez, e não demoravam mais do que uma fração de segundo para atravessar sua mente ligeiramente confusa.

É como se a voz estivesse dentro da minha cabeça. Definitivamente, não vem de dentro do quarto como pareceu a princípio.

Sim, ela viera de dentro da sua cabeça, mas não era sua própria e conhecida voz.

Minha imaginação, sempre tão intensa, deve ter aferido demasiada vida a algum dos personagens de Oscar Wilde e inventou disparates aleatórios. Foi isso e nada mais.

Ela folheou o livro à procura de algum trecho que pudesse evocar tais frases. Não havia nada remotamente parecido com as palavras sussurradas pela voz desconhecida.

Dizendo a si mesma para esquecer, *que bobagem*, iniciou a leitura do primeiro parágrafo da página. De forma quase inconsciente, baixara o tom de voz, como se estivesse à espera de nova manifestação da voz intrusa. Ela leu a primeira frase.

Enfermeira!

Me ajude.

Me ajude!

Você pode me ajudar.

Mari levantou-se em um salto. Derrubou o romance no chão e levou as duas mãos à cabeça, como se buscasse protegê-la da voz invasora. As palavras deixaram de ser sussurros: altas e claras, elas reverberavam como pancadas físicas dentro do cérebro.

É só minha imaginação, tentou consolar-se, buscando a racionalidade sobre a emoção. Deixei levar-me pela obscuridade do romance, isso é tudo. Não estou enlouquecendo.

De pé, no centro do quarto, com as duas mãos sobre a cabeça, Mari respirou fundo.

Quando eu era criança, assisti ao filme Janela Indiscreta do Hitchcock; fiquei com medo do assassino durante um mês. Tive pesadelos todas as noites. Lembro bem disso. O que está acontecendo agora é parecido. Tudo nessa casa sugere um cenário de filme de terror. Sou uma pessoa impressionável e estou sofrendo pequenas alucinações. Isso é tudo. Não quer dizer que sou louca. Só preciso manter a calma.

Ela respirou fundo outras três vezes.

Mas a razão perdia força, sua mente tornava-se cada vez mais emotiva. Seu coração batia com pressa rítmica. Sentia vontade de correr. *Mas correr para onde?*

— Chega de ler por hoje. — Murmurou e pegou o livro do chão.

O melhor a fazer era seguir para o próprio quarto e procurar esquecer esse momento estranho, acalmar-se e depois retomar a rotina. Pensaria nisso mais tarde, e encontraria uma razão plausível para tudo aquilo.

Não, enfermeira!

Não vai embora.

Espera!

Você precisa me tirar daqui!

O pulso disparou. A dor de cabeça era intensa, e havia lágrimas involuntárias em seus olhos. O livro tornou a escapar de suas mãos.

As pernas trêmulas já não eram capazes de amparar seu corpo. Ela deixou-se cair sentada no chão. Envolveu com os braços a cabeça dolorida, enquanto as lágrimas transformavam-se em choro copioso.

— SAIA DA MINHA CABEÇA! — Gritou.

A frase soaria ridícula e irracional se houvesse alguém ali para ouvi-la; se esse alguém fosse seu terapeuta, soaria preocupante.

Me escuta, droga!

Preciso da sua ajuda.

Levante e pegue o livro que derrubou no chão.

Mari levantou-se. Surpresa com sua própria obediência, apanhou o romance de Wilde.

É o fim da linha, enlouqueci de vez. Os pensamentos amontoavam-se, como uma pilha de roupas sujas sobre o cesto da lavanderia. *Quando uma pessoa começa a obedecer às vozes em sua cabeça, é o fim da linha.*

Tire seus óculos.

Segure-o junto ao livro, bem firme, com a mão direita.

Com a mão esquerda, segure minha mão.

O romance de Wilde e os óculos tremulavam na mão direita, enquanto a outra envolvia os dedos inertes do Escritor. Ela pensou, incapaz de controlar os próprios soluços:

Eu deveria simplesmente correr para fora dessa casa. Pedir as contas e dar o fora daqui. Sou uma ótima profissional e posso encontrar um outro bom emprego. O tédio e a solidão estão me enlouquecendo, é isso.

Concentre-se, insistiu o intruso dentro de seu cérebro.

Preciso de sua total concentração agora.

Feche os olhos.

Mari livrou-se da mão inerte, repelindo-a.

— Não! Não vou fazer o que uma voz na minha cabeça manda! Isso é ridículo. Isso é... Isso é *patológico!*

Você fez um juramento, enfermeira.

Jurou salvar pessoas.

Você pode me salvar.

Não recuse prestar socorro.

— Ah, Senhor! — Ela rezou, quase aos brados. — Me livra disso, Senhor, me liberta do demônio da loucura!

Isso não tem nada ver com loucura, enfermeira.

Nunca teve.

Segure minha mão agora.

Ou nunca mais sairei da sua cabeça.

— Me ajuda, Senhor, me ajuda, Senhor... — Ela implorou, enquanto tornava a pegar a mão do paciente.

Enfermeira, respire fundo.

Esvazie a mente.

Concentre-se.

Você vai fazer uma viagem.

Quero que pense em um cenário imaginário.

Qualquer um.

Pense em um livro que leu.

Pode pensar no estúdio de Basil, onde o retrato de Dorian Gray jaz, ainda inacabado, suspenso no cavalete.

Mari, apesar da falta de concentração, obedeceu. Ao fechar os olhos, viu a si mesma no centro do estúdio de Basil, tal como concebido por Oscar Wilde e imaginado por ela.

Os olhos permaneceram firmemente cerrados, enquanto algo na atmosfera do quarto mudava. Mesmo sem abrir os olhos, ela era capaz de inferir com certeza: não se encontrava mais no quarto de Thomas. Um som novo a rodeava, familiar e agradável. Ela sabia onde estava.

Abra os olhos.

Mari abriu. Deparou-se com o mar. As ondas mansas quebravam-se na costa, produzindo o som inconfundível e belo.

Isso é impossível, ela pensou, ao mesmo tempo em que se agachava e apanhava um punhado de areia.

Deixou que os grãos escapassem entre seus dedos, enquanto a outra mão ainda ocupava-se do livro e dos óculos. Era absurdo estar no quarto de seu paciente em um instante, e no instante seguinte seus pés calçados tocassem a areia da praia. Apesar da incoerência, todas as sensações eram absolutamente reais.

Montanhas de proporções colossais cercavam a areia clara e macia; a água do mar era cristalina, mas havia nela uma admirável tonalidade de azul. Um tempo melhor favoreceria ainda mais a bela paisagem, mas nuvens cinzentas cobriam o céu e o vento gelado soprava da maré.

Eu deveria estar em um quarto com cheiro de doença, ela pensou, quase deslumbrada. *Mas abri os olhos no Paraíso.*

Você precisa me encontrar, era a voz do intruso novamente, mas dessa vez não lhe causou qualquer desconforto.

— Me deixe admirar esse lugar um pouco. — Ela respondeu, caminhando em direção ao mar. Desejou estar descalça; o chinelo de quarto, carregado de areia, não era nada apropriado para um dia de praia.

Enfermeira, concentre-se.

Esse lugar pode ser hipnotizante de vez em quando.

Você pode molhar os pés mais tarde.

Eu prometo.

Agora, siga pela trilha.

Relutante, Mari concordou, afastando-se do mar.

Em meio à floresta, havia uma trilha reta e acidentada. Abaixo, estendia-se o abismo florestal. Mari deteve-se por um instante, sentindo-se um pouco vertiginosa, e observou o despenhadeiro feito de árvores e matagal florescente. O vento forte agitava as folhas. Ela encolheu-se ligeiramente, cruzando os braços sobre o peito para proteger-se do frio.

Retomou a caminhada e alcançou o final da trilha. Pensara estar em uma ilha e esperava encontrar outra praia do outro lado da trilha, mas estivera enganada. Adentrara um pequeno bosque.

O agradável lugar a fazia pensar em um cenário de filmes românticos: árvores circundavam a cabana feita de madeira, o piar de pequenos pássaros, folhas amarelas caídas no chão, como se fosse outono. *Isso aqui é ainda mais bonito do que a praia*, ela pensou, admirada.

Entre na cabana, enfermeira.

Mari obedeceu, notando que a cabeça já não doía.

A porta estava aberta. Mari deparou-se com a sala de estar ampla e pouco mobiliada. Tal como nos filmes românticos, havia uma lareira, um sofá e um tapete de pele de urso branco. Velas em elegantes candelabros iluminavam o lugar.

— Obrigado por vir, enfermeira.

Sobressaltada, ela abriu a boca para gritar, mas o som não saiu. Estática por um longo instante, a boca aberta no formato da letra O, Mari observou o homem à sua frente.

Não havia dúvidas de que aquele era seu paciente. Mas, *neste mundo*, ele encontrava-se de pé à sua frente, tão saudável e real quanto ela mesma. E sua voz já não suave dentro de sua cabeça. Agora, ela o escutava normalmente.

Esse é Thomas, tal como ele era há três anos.

— Thomas? Como... Como tudo isso é possível?

— Desculpe por ter entrado na sua cabeça daquele jeito. — Ele baixou os olhos, encabulado. — *Invadido*, mais precisamente.

— Me diga... Me diga o que você quer de mim. — Mari balbuciou, indecisa sobre o que sentir ou pensar.

— Qual é seu nome, enfermeira?

— Maria Eduarda. M-mas todos me chamam... Me chamam de Mari.

— Mari, te chamei aqui porque quero que você me mate.

— O quê?

— Quero que dê um fim no meu corpo lá em cima. Você pode injetar uma overdose de remédios, me sufocar com um travesseiro ou simplesmente deixar de me alimentar com o soro. Você escolhe. Garanto que não sentirei nenhuma dor.

— Não posso fazer isso! — Mari exclamou, horrorizada, lembrando-se do quanto detestava a ideia de eutanásia. Sempre abominara.

— Preciso que faça isso. Ou te perseguirei pelo resto da sua vida.

— Pode me perseguir! Eu não sou nenhuma assassina. Por favor, me diga o que é esse lugar! Não entendo o que está acontecendo.

Thomas — *aquela versão* de Thomas — pareceu pensativo.

— Eu suspeitei que você diria isso. Por isso mandei trazer dois objetos, ao invés de somente um.

Mari fitou os óculos e o livro em sua mão. Havia se esquecido deles.

— Por que me mandou trazê-los? O que tem a ver...?

— São nossas chaves. — Ele suspirou pesadamente, depois dirigiu-se a ninguém em especial. — Eu tentei, eu tentei! Não posso me culpar por não ter tentado. É a enfermeira que não quer me matar.

Mari piscou, aturdida com suas palavras, repentinamente desejando ir embora daquele lugar fantástico.

— Thomas, me deixe ir embora. Quero voltar para o quarto.

— Iremos juntos. Dê-me o livro.

Ela estendeu o romance.

— Thomas, isso está acontecendo *de verdade*? Estamos mesmo neste lugar?

— Segure os óculos, Mari. — Thomas agarrou o livro com a mão direita. — O caminho de volta é parecido com o caminho de ida. Você pensou em um lugar imaginário para me encontrar aqui; agora vai mentalizar meu quarto na Terra. Feche os olhos e concentre-se.

Thomas fechou os olhos, pronto para partir. Mari agarrou sua mão.

— Estou com medo. Estou com medo de não conseguir voltar. Pode segurar minha mão?

Ele sorriu — *um sorriso tão saudável*, ela não conseguia deixar de pensar no homem doente no mundo real — e disse:

— Claro, Mari. Segure minha mão.

Ela fechou os olhos e pensou na cadeira de balanço junto à cama do paciente. A imagem em sua mente era nítida, impressionante.

A atmosfera mudou novamente. Havia deixado a cabana.

Mari abriu os olhos e colocou os óculos sobre o nariz. Sentia-se estranhamente fraca, sonolenta. No quarto do paciente, tudo permanecia inalterado, exceto pelo fato de que os olhos de Thomas Liebert estavam abertos. Letárgicos e espantados, mas *abertos*.

— Thomas! — Ela exclamou, quase eufórica. — Não posso acreditar! Você acordou *mesmo*!

Ele tentou falar, mas apenas um grunhido doentio escapou da garganta. Ele piscou várias vezes, a luz o incomodava. Suas pupilas encontravam-se ligeiramente dilatadas.

— Nós conseguimos, Thomas! Conseguimos! — Impulsivamente, ela envolveu-o em um abraço. Nunca vira um paciente recuperar-se tão repentinamente, era satisfatório vê-lo *vivo*. — Você estava certo! Tudo aquilo era real. Eu pensei que estivesse louca...

Ele tentou sorrir, mas os lábios apenas se contorceram.

— Você precisa de um tempo para se recuperar. — Ela disse, solidária. — Vou ligar para sua tia, contatar o médico. Ele saberá qual o melhor procedimento para acelerar sua recuperação.

Thomas sacudiu a cabeça lentamente, negando.

— Não quer que eu os contate? — Thomas confirmou. — Ok, então... Só achei que sua tia ficaria tão contente em revê-lo... — Ele negou mais uma vez. —

Tudo bem, você que sabe. — Ela acariciou seu cabelo e sorriu. — Bem vindo de volta ao mundo real, Thomas.

14/07

Thomas caminhou até a porta do quarto, a passos lentos e vacilantes, como um bebê ao dar os primeiros passos. Quando retornou à cama, exausto, Mari comemorou, batendo palmas.

— Você está indo muito bem! — Observou. — Graças a Deus eu tive a oportunidade de observar um zilhão de terapeutas ao longo da minha jornada. Meu conhecimento não será o suficiente para reabilitá-lo completamente, é claro, mas estamos progredindo.

— Pro-gre-din-do. — Ele repetiu, devagar, enfatizando especialmente a última sílaba. Sorriu. — Obri-ga-do.

— Não há de quê, Thomas. Quer que eu leia um pouco agora?

— Ago-ra não. — Ele levantou a mão direita, em um gesto convidativo. — Vamos.

Mari franziu o cenho.

— Vamos aonde?

— Vem. — A mão permanecia estendida. — Pegue... Li-vro.

Ah, Jesus, ele quer viajar de novo.

Bem, por que não? Mari aprendera a ir e voltar. Que mal haveria voltar ao paraíso? Lembrava-se bem da água do mar, cristalina e azulada, as ondas quebrando na areia branca. *Nem o Havaí tem praias tão lindas como aquela.*

Mari apanhou o livro e colocou-o na mão fraca de Thomas. Depois, pegou uma caneta azul sobre o criado-mudo e agarrou-a com força. Segurou a mão do paciente e fechou os olhos. Desta vez, mentalizou o cenário paradisíaco.

A praia era a mesma, mas agora o sol brilhava. Não havia nuvens no céu nem ventania. Tudo estava ainda mais belo desta vez.

Mari ergueu o pescoço em direção ao sol, os raios incidiram diretamente sobre ela. A sensação era maravilhosa. Ela retirou o casaquinho de lã e jogou-o na areia.

— Tire os sapatos, também. — Thomas sugeriu. — Prometi que a traria de volta para molhar os pés. Vou cumprir minha promessa.

Ela sorriu para ele, mais uma vez admirada com seu aspecto saudável e bonito. Sua dicção era perfeita neste mundo, tal como seu andar. Tendo dobrado a barra das calças de moletom, ele caminhou suavemente até o oceano. Mari o seguiu.

— Maré baixa, clima quente e sol brilhante. — Ele observou. — Gosta assim?

— Isso é perfeito.

— Imaginei que gostaria. — Sentou-se à beira do mar e Mari o acompanhou. — Minha versão com céu nublado e ventania não te agradou, né?

— Você controla o clima daqui?

— Mari, esse lugar é *meu*. — Ele saboreou a expressão surpresa no rosto dela e deu risada. — Você também tem um lugar *seu*, sabia? Talvez tenha energia suficiente para chegar até ele, como eu tenho.

— Thomas, isso é algum tipo de dom?

— Talvez. — Ele deu de ombros, fitando o horizonte. — Pode imaginar o que há do outro lado do oceano?

— Há o que *você* quiser que haja.

— Precisamente. Mas eu nunca pensei a respeito. Nem mesmo após ter passado três anos aqui. Gosto do mistério.

— Talvez do outro lado esteja a África. Simples assim.

Thomas anuiu, sorridente.

— Se cruzarmos o horizonte a nado, talvez chegássemos à Namíbia. Mas não a Namíbia real: a minha versão particular dela.

— Isso é incrível.

— Mas nem tudo é paradisíaco por aqui, Mari. Talvez eu deva contar a história desse lugar para que você possa entender.

— Por favor. Mal posso esperar. — Ela riu. — Nunca vivi nada tão extraordinário assim. Ainda penso na possibilidade de estar completamente louca.

— Te asseguro de que isso nada tem a ver com loucura... Antes de começar, preciso te dar um alerta importantíssimo: segure bem essa caneta.

Mari olhou para a caneta em sua mão. Essa parte ela já havia entendido: o objeto trazido da Terra era a chave para entrar e sair daquele lugar.

— Fiquei preso aqui por causa de um livro. — Acomodou o romance de Wilde sobre as pernas. — Mas esse é o final da história. Vamos ao começo. Está pronta para escutar a história mais fantástica de todos os tempos?

— Pronta e curiosa.

— Descobri esse lugar quando eu tinha cinco anos. Não é coincidência alguma o fato de isso ter acontecido justamente quando aprendi a escrever. Mais precisamente, quando aprendi a escrever *histórias*.

“Para minhas professoras, eu era um garoto prodígio; para meus colegas de turma, um ídolo. Para minha tia Vitória, eu era um pequeno psicótico.

“Acontece que eu não tinha controle sobre minhas viagens ao Submundo. Eu agarrava o objeto mais próximo, fechava os olhos e surgia onde bem entendia. Meu primeiro cenário foi uma loja de brinquedos. Mais tarde, eu já teria visitado todos os países do mundo, as profundezas dos oceanos, as galáxias e os buracos negros. Eu só precisava de um estudo a respeito do meu destino: quanto mais informações eu soubesse, mais detalhado meu cenário seria. Simples assim.

“Na opinião da minha tia — e do meu psiquiatra também —, eu era uma criança traumatizada com a morte dos pais, procurando consolo em escrever histórias e, ocasionalmente, entrar em estado de catatonia. Expliquei à tia Vitória que, de forma parecida com o ato de sonhar, eu simplesmente fechava os olhos e surgia em outro lugar. Para mim, essa era a coisa mais simples do mundo. Achava que acontecia com todos os outros garotos da minha idade.

“Compreendi mais tarde que não era bem assim. Nenhum dos meus amigos fazia essas *viagens*. Eu era olhado com estranheza quando comentava a respeito. Aos sete anos, decidi, muito sabiamente, guardar minhas viagens para mim mesmo. O psiquiatra não entendeu a súbita *cura* do menininho psicótico.

“Criei duas regras para mim mesmo: primeira, não contar a ninguém sobre o Submundo; segunda regra, viajar apenas quando estivesse dentro do meu quarto, sem perigo de ser descoberto por pessoas do mundo real.

“As regras funcionaram, e o pequeno Thomas passou a ser visto por *todos* como um menino normal, com inteligência acima da média e uma capacidade incrível de inventar e escrever histórias.”

— Por que chama esse lugar de Submundo, Thomas?

— Como você o chamaria?

— Paraíso, certamente.

— Sempre tive a sensação de estar *descendo* da Terra quando venho até aqui. Quando adolescente, fui fã de Mitologia Grega e, por isso, apelidei meu lugar especial de Submundo. Está familiarizada com o termo?

— Não.

— A antiga civilização grega acreditava na existência de um lugar chamado Hades, também conhecido como Mundo Inferior ou Submundo. Quando a pessoa morre, sua alma desprende-se do corpo e viaja através dessa dimensão, o Submundo. Não sei se existe aquilo que denominamos *alma*, mas uma coisa é certa: não é nosso corpo físico que está aqui, neste lugar, agora. A partir dessa analogia, apelidei meu paraíso.

— Engraçado, eu tenho a sensação de estar *subindo* ao deixar a Terra, não *descendo*, como você mencionou.

— Sempre imaginei que, para cada indivíduo, a experiência com o Submundo seria diferente. Como nunca conheci alguém que já houvesse viajado, jamais pude ter certeza... Enfim, continuando minha história: o Submundo tornou a significar um problema na minha vida quando atingi a adolescência, e as questões tipicamente adolescentes começaram.

“Você sabe como é: puberdade, espinhas, bebedeira com os amigos, maconha, decepção amorosa. Minha primeira decepção amorosa me levou a um vício em viagens, as quais eu fazia quando todos na casa estavam adormecidos. Isso quer dizer que eu passava a noite inteira em botecos irreais, jogando fliperama, ou percorria bibliotecas com prateleiras infinitas e empoeiradas. Escolhia o cenário que me interessasse no momento.

“Viajar me fazia esquecer a garota responsável por minha decepção — o nome dela era Luísa, ainda me lembro bem disso —, mas também me privava de uma noite saudável de sono. Exausto, eu dormia durante as aulas, dormia no caminho de volta pra casa, dormia na mesa da cozinha. A tia Victória simplesmente não entendia, pois passava no meu quarto todas as noites e me via profundamente adormecido. Começou a suspeitar de que eu sofria de narcolepsia.”

— Os médicos te diagnosticaram errado durante toda sua vida. Primeiro, disseram que era psicótico e catatônico, depois narcoléptico. Seu último diagnóstico errôneo foi catatonia de novo.

— Os cientistas têm um nome para tudo, mas não podem batizar aquilo que não conhecem.

“Aos quinze anos, percebi que, se não tornasse a controlar minhas visitas ao Submundo, acabaria por enlouquecer minha pobre tia, ou terminaria intoxicado pelas drogas contra narcolepsia prescritas pelo neurologista.

“Saí de casa aos dezenove. Comecei a vender livros e me tornei relativamente famoso com meus contos e romances de terror. Fazia meu próprio horário e, morando sozinho, as visitas ao Submundo estavam liberadas. Muitas das minhas histórias foram escritas na cabana, outras aqui, à beira do mar. Eu só precisava trazer meu *notebook*.

“Ocasionalmente, uma visita me obrigava a retornar do Submundo. Era *despertado* por um toque da campainha: amigos, namoradas, minha tia, vendedores de porta em porta.

“Deixe eu te explicar uma coisa, Mari: a maioria dos escritores detesta ser interrompido. Sua história pode ser arruinada por uma intervenção indesejada no fluxo de ideias. Aconteceu muitas vezes: eu sentia estar perdendo grandes momentos das minhas histórias por causa de uma maldita interrupção. Decidi mudar de casa mais uma vez: desta vez, escolheria o lugar mais isolado desse Estado.

“Essa decisão me trouxe até a cidade que agora é o seu lar também, Mari. Aqui, ninguém me incomodava. Era perfeito. Bati meus próprios recordes de venda nessa época. A editora ficou impressionada com a qualidade de minhas histórias, e a quantidade de livros que eu era capaz de escrever em curtos espaços de tempo.

“A maior parte dos dias, passei na cabana ou à beira do mar. Eram meus lugares preferidos. Viajar para outros cenários acabou se tornando entediante, pois qualquer coisa feita repetidas vezes se torna chata. A não ser escrever: o ato de escrever é libertador, você pode se transformar em qualquer pessoa. O Submundo pode te transportar para qualquer lugar, mas não pode te *transformar em outra pessoa*.

“O mesmo acontece com o ato de ler. — Ele indicou o romance que descansava sobre as pernas. — Você é leitora, sabe bem o que quero dizer. Nos intervalos entre o lançamento de um livro e o início de outro, eu escolhia um volume e sentava aqui, exatamente onde estamos agora, para ler durante horas a fio.

“Sempre estive plenamente consciente de que o objeto trazido lá de cima servia como portal entre um mundo e outro. Mesmo sem provar, eu sabia que, sem o objeto terreno, eu não poderia ultrapassar a tênue e invisível linha que divide os dois mundos. Dizia a mim mesmo para tomar cuidado com meu pequeno transporte.

“Tenho certeza de que você já se distraiu em um momento importante. Já esqueceu de ministrar um remédio a um paciente, já esqueceu uma caneca no fogo, já foi para cama sem escovar os dentes. Eu lia um livro de contos de Lovecraft quando adormeci deitado na areia. Lovecraft contava sobre um cientista determinado a fazer funcionar sua fórmula de ressuscitação. Sonhei que visitava um necrotério; ali estava o personagem de Lovecraft, pedindo minha ajuda para ministrar sua fórmula inovadora em um defunto. Eu concordava, e seguíamos juntos até um dos gavetões. Quando ele puxou a maçaneta e deixou à mostra o rosto do falecido, eu me surpreendia ao ver a mim mesmo sobre a esteira de metal.

“Mas o sonho não importa; sonhos são somente sonhos, exceto pelos rastros que eles deixam. Mas chego nessa questão daqui a pouco. Acontece que eu acordei assustado. Sobre meu peito, não descansava o livro. Meu portal para o outro mundo havia sido levado pela maré.

“Claro que fiquei desesperado. Nadei durante horas, caminhei pela praia em busca do objeto perdido. Imaginei que a maré, assim como o levara, haveria de trazê-lo de volta. Procurei todos os dias, o dia todo, durante dois meses, até estar convencido de que jamais poderia encontrá-lo.”

Mari olhou ao redor, observando as dimensões da praia. Sim, certamente, seria praticamente impossível reencontrar um objeto perdido no mar.

— Tentei imaginar-me no meu quarto, uma tentativa boba de voltar sem o portal. De nada adiantou.

“Entediado, tentei viajar para outros lugares, mas descobri que a Terra é o único ponto de partida para qualquer outro lugar. Eu estava definitivamente

preso no meu paraíso. Com o passar do tempo, a cabana, a praia, a trilha e o trecho do bosque que eu conhecia tornaram-se terrivelmente enfadonhos.

“No segundo mês de prisão, decidi me aventurar pelo bosque. Essa é uma das coisas que eu jamais deveria ter feito, pois as coisas que presenciei encheram minha mente de pesadelos durante as noites a seguir. Mas também me livrou um pouco do tédio.

“Você já conseguiu entender *o que é* esse lugar, Mari?”

— É a imaginação realizada.

— Exatamente. Tudo o que criamos em nossas mentes, ao longo da vida, não desaparece simplesmente ou fica guardado nos campos da memória. As coisas que imaginamos ganham vida neste lugar; aqui, todos os cenários e personagens que você criou existem, de fato.

“Quando você lê um livro, cria uma imagem em sua cabeça. No Submundo, esse cenário existe, o personagem existe, a história aconteceu. Acredito que sejam cenários diferentes para cada um dos leitores, e também para o escritor. Por exemplo, eu imagino uma casa ao escrever e a descrevo para você. Então, você, como leitora, constrói a casa na sua imaginação, mas ela será um pouco diferente da casa imaginada por mim.”

— É uma realidade subjetiva.

— Tanto quanto nossos pensamentos. Eles não são iguais, ainda que parecidos.

“Enfim, eu entrei no bosque. Não sabia o que procurava, só desejava livrar-me do tédio obscuro em que minha vida havia se transformado.

“Caminhei bastante entre as árvores altas, até encontrá-la: Lídia. Você conhece a Lídia.”

— A menina do conto. Sua personagem.

— Desta vez, ela não estava sobre a cadeira de rodas. Ao contrário, caminhava com perfeição, tal como no dia em que se vingara de todos os alunos do colégio. Escondi-me atrás de uma árvore, observando-a, boquiaberto. Era *minha* criação. Ali estava Lídia, *minha Lídia*. Eu estava admirado, mas também com medo. Tentava imaginar o quanto ela sabia sobre si mesma, sobre seu próprio mundo, sobre mim. Será que me reconheceria como seu criador? Ou acreditava ser uma pessoa de verdade?

“Eu precisava pagar para ver. Aventurei-me ao caminhar em sua direção. Percebi que ela andava em círculos, repetindo a frase: *na escuridão eu encontro redenção*.”

“No conto, é o que Lídia diz quando vende a alma para o diabo em troca de uma oportunidade de vingança. Ela repetia a frase sem parar, alheia à minha presença. A curiosidade venceu o medo, eu ergui minha mão e a toquei. — Thomas tocou o ombro de Mari. — E foi exatamente assim: o toque era real. Ao perceber-me, Lídia interrompeu abruptamente sua insana caminhada em círculos, voltou os olhos cheios de ódio para mim e gritou: *você é um deles!*”

“Acho que ela se referia aos alunos da escola. Acreditou que eu era um dos meninos que costumavam zombar dela. Avançou para cima de mim, as mãos erguidas em direção ao meu pescoço. Desta vez, ela não trazia a faca de cortar carnes de sua mãe, aquela que usou contra os alunos. Antes que pudesse alcançar minha traqueia, desatei a correr de volta para a cabana.

“Em duas semanas, o tédio insuportável venceu e eu retornei ao bosque. Dessa vez, levava uma faca eu mesmo, muito parecida com a faca de Lídia. Mas não percorri o mesmo caminho. Fiz outra trilha. Encontrei o Sr. G.”

— Eu li o conto O Velho do Saco.

— Ou seja, encontrei o velho do saco em pessoa dentro do bosque. — Thomas deu uma risadinha. — Assim como acontece na lenda, ele sequestrava crianças e as colocava dentro do saco de pano, levava até sua casa e utilizava suas peles e ossos para fazer botões. Você conhece minha versão da velha lenda, a versão que usei no conto. Encostado em uma árvore, lá estava ele, usando sua cartola, fumando seu charuto vermelho, carregando um saco de pano vazio.

“Eu não precisei chamar-lhe a atenção. Ele me viu. Ao primeiro contato visual, eu recuei, ao mesmo tempo em que levantava minha faca em posição de ataque. Ele apenas sorriu. Recuei um pouco mais, indeciso quanto a correr de volta à cabana ou tentar estabelecer algum tipo de diálogo insano com um psicótico infanticida.

“*O que você está fazendo aqui?*”, ele disse, mas era como se a voz não saísse de sua boca. Parecia não vir de lugar nenhum. *Você não pertence a esse lugar. Volte para casa, carinha.*”

— Ele costumava se dirigir às crianças com essa expressão, *carinha*.

— Imagina o quanto ouvir isso me assustou. — Ele riu. — O Senhor G. avançou em minha direção e eu recuei mais uma vez. Percebi que suas unhas, que mais pareciam garras, estavam prontas para o ataque.

“Abaixe a faca, Thomas, ele me surpreendeu; ao contrário de Lídia, ele conhecia muito bem seu papel no mundo. Sabia até me nome. Sua vida não me interessa, carinha. Não desse jeito. Gostaria de dar uma voltinha lá no seu mundo, qualquer dia desses. Imagino que haja muitas criancinhas por lá.

“Você não pode cruzar os mundos, respondi com voz débil. *Você pode?,* ele arqueou a sobrancelha, divertido, e não respondeu.

“Engoli em seco, imaginando o que aconteceria se aquele monstro pudesse viajar entre os mundos. Certamente, encontraria muitas crianças para servir-lhe de matéria prima.

“Retornei à cabana, resoluto em nunca mais retornar ao bosque. Tive sorte em encontrar Lídia e o Senhor G.: uma era esquizofrênica demais para pensar com a razão e descobrir minha cabana, o outro não estava interessado em mim. Mas e se eu, por acaso, encontrasse, por exemplo, VladKiller, o assassino da Vila dos Anjos? Você conhece esse romance? VladKiller matava homens e mulheres adultos: certamente adoraria enfiar-me uma estaca no coração.

“Quase apodreci de tédio, mas não retornei ao bosque. Minha única atividade era tentar entrar em contato com minhas enfermeiras, mas não obtive sucesso até encontrar você.”

— Por que não conseguiu contatar as outras?

— Vou tentar explicar, mas não é fácil colocar em palavras minhas impressões sobre os dois mundos, as duas realidades. O que digo, não digo com certeza. É somente o que *eu* suponho: os dois mundos estão ligados por uma linha tênue, como uma linha de costura. Ainda assim, é como se eu estivesse no subsolo, sob muitas e muitas camadas de terra.

“Eu, aqui embaixo, preciso me esforçar para ser ouvido por vocês, as enfermeiras que estão lá em cima. É preciso muita energia para conectar-me com vocês.”

— Você podia me ver?

— Não via, mas ouvia. Como uma frequência ruim de rádio, mas *ouvia*. Era mais fácil escutar os pensamentos do que a voz. Se eu me esforçasse bastante, conseguia fazer minha voz ultrapassar a barreira e chegar até vocês, em suas

mentes. Provavelmente, a frequência de recebimento das outras enfermeiras era fraquíssima. O que chegava até elas eram frases fragmentadas, palavras quase sem sentido. Eu gritava palavras simples *socorro*, *me ajuda*, mas não tinha certeza de que estava sendo escutado. De qualquer forma, se eu não conseguia formar uma frase completa, como poderia orientá-las a fazer a viagem?

“As enfermeiras iam e vinham em um fluxo constante. Não permaneciam no cargo por muito tempo. Talvez se assustassem com minhas interferências. Há também uma diarista, uma juvenzinha que, uma vez por semana, vem limpar meu quarto. Acho que o nome dela é Érica.”

— Sim, a Érica.

— A mente dela é um cofre. Feita de aço. Nunca consegui escutar uma palavra de sua mente, e ela nunca recebeu sequer uma mensagem minha.

— Por quê?

— Não faço ideia.

— Érica é uma garota inteligente e cética. Talvez seja o ceticismo dela que não o deixar entrar.

— Provavelmente. Talvez seja necessária uma mistura de credulidade fácil, sensibilidade imaginativa e perspicácia. Ao que parece, as outras enfermeiras eram crédulas, mas não sensíveis e perspicazes.

— Mas isso é especulação.

— Mera especulação.

— Thomas, quando cheguei aqui, você queria que eu o matasse. Quando falei que não o faria, você pediu para salvá-lo. Por quê?

— Chegamos à uma questão importante, enfermeira. — Ele sorriu, tomando nas mãos o *livro-chave*. — O livro de H.P. Lovecraft se perdeu no mar, mas não deixou de existir. Ele ainda é um portal. Eu estava aqui, meu portal estava aqui: a matemática fazia sentido. Para voltar à superfície, precisei de um novo portal, uma nova chave. Ou seja, um novo objeto terrestre.

“Abandonar um portal no Submundo implica deixar uma fenda entre os dois mundos. Você pode inferir a consequência disso, não pode?”

— Ao deixar a porta aberta, permitimos que os seres do Submundo subam à Terra. — Mari respondeu, tentando imaginar o impacto que uma invasão de seres imaginários poderia causar ao mundo real.

— A pequena e maluca Lúdia, VladKiller e, é claro, o Velho do Saco, podem transitar livremente por lá. Não só eles. Todos os personagens que já imaginei durante a vida. São centenas, se não milhares. Pense nisso, Mari: eu não escrevia histórias infantis: meus personagens não são coelhinhos cor-de-rosa ou sapos falantes.

— São assassinos loucos.

— Se não são assassinos, são vítimas. É assim que funciona com um escritor de suspense.

— Talvez você esteja enganado. — Mari estendeu as pernas, sentindo a deliciosa água morna atingir suas coxas. — Talvez não haja fenda nenhuma.

— Talvez. Mas, para manter minha consciência tranquila, preferi sugerir que simplesmente me deixasse morrer. Mas, no fundo, eu sabia que você não realizaria meu pedido.

— Você aceitou muito rápido minha negação. — Mari zombou.

— Eu não queria morrer, Mari. Gosto da vida. Gosto da superfície e gosto do Submundo.

— E se o Senhor G. se libertar e começar a matar criancinhas no mundo real? — Mari ergueu uma sobrancelha, zombeteira.

Ela não conseguia conceber tal cenário. Era bem provável que Thomas se preocupasse sem necessidade.

Ele assumiu uma expressão séria e preocupada, o que a perturbou ligeiramente.

— Mari, se o Senhor G. se libertasse, eu jamais poderia me perdoar.

Uma onda baixa e fraca quebrou-se em sua canela. Ela permaneceu em silêncio por um momento. Pôde ouvir o canto de um pássaro.

— Por que acha que eu fui a única a escutá-lo? — Perguntou.

— Não faço ideia. Mas talvez você saiba.

— Eu?

— O que a torna sensível, Mari? Deve haver algo em sua história de vida que a tornou sensível a outros mundos.

O rosto de Samuel surgiu em sua mente, como resposta à indagação de Thomas.

— Talvez eu saiba, mesmo. — Ela respondeu, pensativa.

— O que é?

— Eu tive um irmão. O nome dele era Samuel. Tinha cinco anos quando faleceu. Era uma criança séria, zangada e irritável. Não se comunicava com palavras e, mesmo com gestos, não era capaz de se expressar apropriadamente. Sofreu uma pneumonia grave.

— E desde então você imagina que ele está sempre ao seu lado, em espírito?

— Adivinhou. Mas talvez não seja bem do jeito que você está pensando.

Ela fez uma pausa, imaginando que aquela seria a primeira vez — e, provavelmente, a última — que partilharia com alguém sua paranoia.

Por que não falar sobre Samuel com Thomas? Estamos sentados na areia de uma praia imaginária, quando nossos verdadeiros corpos repousam dentro do quarto, em uma cidade pequena do interior. O absurdo já não existe. Se alguém será capaz de me entender, esse alguém certamente é Thomas.

Molhando os dedos na água salgada, ela disse:

— Talvez você esteja imaginando algo bonito, como o espírito do meu irmãozinho falecido me acompanhando aonde quer que eu vá, mas a verdade é que ele me *assombra*. Samuel me persegue desde o dia de sua morte.

“Eu costumava vesti-lo com roupas confortáveis todos os dias, sempre o calçando com chinelos de dedo. Se estivesse frio, ele usava meias, mas nunca deixava de lado os chinelos.

“Samuel era uma criança inquieta. Obcecado por caminhar, andava de um lado para o outro pelos corredores da casa, a cabeça baixa e os lábios mudos, movendo-se ininterrupta e freneticamente. Lembro-me bem do barulho que seus passos produziam: os chinelos faziam *clap clap*.

“Eu escutava o som e sabia que Samuel estava por perto. Isso me irritava, pois eu sabia que ele chegaria perto de mim para puxar meu cabelo ou chutar minha canela. Ele sempre me agredia quando passava por mim.

“Samuel faleceu em uma segunda-feira; na terça-feira, realizamos seu funeral e ele foi enterrado. Naquela mesma noite, quando fechei a porta para dormir, escutei, nitidamente, o som de seus passos. Ele caminhava pelo corredor, *clap clap*, e se detinha à porta do quarto.”

— Você abriu a porta para vê-lo?

— Nunca tive coragem. Nem depois de meu casamento. Mudei-me de casa, fui morar com Guilherme, mas, ainda assim, ao me deitar, escutava o inconfundível som de seus chinelos.

— Você o escuta em minha casa?

— Todas as noites.

— Aí está a resposta que procurávamos: o trauma da morte de seu irmão a tornou sensível o suficiente para ouvir uma voz que clama de outro mundo.

Mari o fitou, pensativa.

— Thomas, você acha que... Você acha que Samuel é real?

— Em outro mundo, sim. No seu Submundo. E agora no meu. Você contou a história para mim e, enquanto detalhava, eu imaginava. Mas o Samuel que vive aqui não é realmente seu irmão. Trata-se da *minha* versão de Samuel.

— Então seu espírito sempre esteve em minha imaginação? Real, mas somente na minha imaginação?

— Provavelmente.

Mari assentiu, convencida. Levantou-se, agarrando a caneta azul.

— Melhor voltarmos, Thomas. Não quero me deparar com sua versão de Samuel caminhando para fora do bosque.

Thomas riu, segurando o livro com a mão direita. A mão esquerda ele estendeu para Mari.

— Pronta?

19/07

— Escute bem antes de julgar. — A voz de Thomas falhava e o tom era baixo e sofrível, mas ele ria. Aumentou um pouco o volume do rádio.

O dia amanhecera frio e chuvoso. Haveria de ser uma manhã entediante, mas Thomas divertia Mari ao, praticamente, obrigá-la a gostar de rock. Pegara alguns CD's de sua coleção e os tocava para ela, tentando, quase desesperadamente, provar a qualidade musical presente em cada uma das bandas. Agia como um advogado competente diante de um júri difícil.

Sentados no chão, diante do rádio portátil, Thomas segurava a caixa aberta do CD da banda Deep Purple.

— Não é possível que você não esteja curtindo esse arranjo de guitarra!

— Abaixa isso, mal consigo te escutar!

— As guitarras, Mari! — Ele elevou a voz e tossiu, em meio às risadas. — As gui-tar-ras!

— Que guitarras? É uma confusão de sons, não consigo distinguir porcaria nenhuma!

— Isso é um sacrilégio! Se Steve Morse estivesse aqui, ele certamente...

A frase foi interrompida por uma nova presença na casa. Parada à porta do quarto, boquiaberta e de olhos arregalados, Érica segurava a maçaneta.

— Eu bati na porta, mas você não ouviu. — Ela explicou para Mari, debilmente, fitando Thomas.

Ele abaixou o volume do rádio e levantou-se.

— Olá, Érica. — Cumprimentou.

Ela abriu a boca para responder, mas, como se mudasse de ideia, voltou-se para Mari:

— O que diabos está acontecendo aqui?

— Thomas acordou... — A mente encabulada parecia não encontrar as palavras apropriadas. Mas quais palavras poderia explicar o acontecido, afinal? — Thomas despertou do coma.

— Despertou do coma? — Érica deu uma risadinha nervosa. — Isso eu posso ver... Despertou do coma e agora escuta rock com você.

— O que está fazendo aqui *hoje*, Érica? — Mari indagou, ligeiramente ríspida. — Você só trabalha às quartas-feiras.

— Tenho um compromisso amanhã e decidi mudar meu dia de faxina. — Ela respondeu vagamente, sem tirar os olhos de Thomas.

— Não é o que você está pensando. — Ele disse, sentando-se na cama. O tom de voz diminuía, tornando-se ainda mais sofrível. Talvez tivesse se esforçado demais por hoje. — Eu nunca estive fingindo. Acontece que a Mari conseguiu me trazer de volta à realidade.

— O que quer dizer com trazer *de volta à realidade*? — Ela franziu o cenho, visivelmente incrédula.

— Mari lia para mim todos os dias. Talvez tenha sido esse estímulo que me trouxe de volta do... Do coma.

— Isso não é possível. — Érica murmurou.

— Se você só acredita no que seus olhos podem ver — Apontou para si mesmo. —, veja.

Ela negou.

— Você esteve mentindo durante todo esse tempo. Essa é a única explicação.

— Olha bem pra mim, carinha. — Thomas deu um suspiro cansado. — Pareço uma pessoa saudável que esteve fingindo ou um quase inválido que acabou de voltar de um estado catatônico de três anos?

Ela o observou por um instante, provavelmente considerando a palidez de sua pele, as olheiras sob os olhos, seu aspecto fatigado. Ele continuou:

— Eu vou ficar bem, mas isso vai levar um tempo. Parece que meus músculos se acostumaram à inércia.

Érica voltou-se para Mari, a voz gelada:

— A Dona Vitória sabe disso?

— Ainda não. Thomas preferiu guardar segredo por enquanto.

A menina ensaiou uma risada.

— Que palhaçada! Ela precisa saber disso imediatamente. Sendo uma farsa ou não... — Ela balançou a cabeça como se estivesse, simultaneamente, irritada e atônita. — A Dona Vitória precisa saber, já!

Girou nos calcanhares e partiu. Mari voltou-se para Thomas, estupefata e preocupada, mas ele estava rindo.

— Que menininha petulante. — Ele comentou, jocoso, deitando-se na cama com aparente exaustão física.

— Ela vai contar à sua tia.

Ele deu de ombros.

— Deixa que conte. Minha pobre tia merece uma boa notícia.

Sentada à mesa do café da manhã, o sorriso inédito no rosto de Dona Vitória a tornava dez anos mais jovem. Ela segurou a mão de Thomas.

— Você não pode imaginar o quanto me agrada vê-lo assim, querido.

— Nada disso teria sido possível sem a Mari, tia.

Dona Vitória voltou-se para Mari, os olhos transbordando genuína gratidão.

O Doutor Daniel — médico da família Liebert há anos —, levantou-se da mesa, satisfeito tanto com a refeição quanto com sua análise a respeito do paciente.

— Seu caso é realmente surpreendente, Thomas. Só conheço uma palavra para explicar a espontânea recuperação: *milagre*.

— Não se apresse em dar o veredito, doutor. — Thomas sorriu, levantando-se também. — Não houve milagre algum.

— Como pode dizer isso, querido? — Dona Vitória interferiu, paciente. — O próprio *cientista* admite que foi um milagre!

Thomas olhou para Mari com cumplicidade e deu risada. Dona Vitória captou o movimento e voltou-se para o médico:

— Eles acreditam que o fato de Mari ter lido e conversado com ele todos os dias o trouxe de volta.

— Acredito que o estímulo de Mari possa realmente ter exercido alguma influência. — O Doutor Daniel concordou. — Já houve casos em que a interação de parentes e pacientes em coma trouxe bons resultados.

— Mas eu nunca estive realmente *em coma*, não é, doutor? — Thomas exibiu um meio sorriso, quase sarcástico. — Vocês preferiam chamar de catatonia.

— Esse foi o diagnóstico do psiquiatra, não tive nada a ver com isso. — Ajeitou a jaqueta sobre os ombros, parecendo incomodado com o comentário. Voltou-se para Dona Vitória. — Vamos?

Ela deu um beijo demorado na bochecha do sobrinho.

— Cuide-se, querido. — Depois, voltou-se para Mari, apertando sua mão com entusiasmada energia. — Obrigada por tudo, meu bem. Quando a contratei, imaginei que fosse boa, mas não imaginava que seria extraordinária.

— Obrigada, Dona Vitória. — Mari baixou a cabeça, ligeiramente encabulada com o sincero elogio. — Mas saiba que a maior parte do trabalho foi feita por Thomas.

Com outro abraço apertado no sobrinho, Dona Vitória se despediu e deixou a casa, seguida pelo Doutor Daniel. Ambos carregavam pequenas malas.

— Sempre desconfiei de que minha tia e o doutor têm um caso. — Thomas comentou, pensativo.

Mari deu risada.

— Sua tia é bonita e toda chique, e o médico é bem apresentável. Acho que formam um casal bonito.

Ele deu de ombros.

— Pode ser.

Mari começou a recolher a louça suja do café da manhã. Depositou dois pratos e um copo na pia, depois se voltou para Thomas:

— Eu também já estou de saída.

Ele esboçou um sorriso triste:

— Não podemos adiar sua partida para a semana que vem?

— Você já não precisa dos meus cuidados, Thomas.

— Mas preciso de sua companhia.

— Lembro-me muito bem de que, naquele dia, na praia, você me disse que se mudou para cá porque gostava de estar sozinho.

— Sozinho para escrever. Mas estou meio enferrujado... Não sei quando conseguirei iniciar um novo livro.

— Tenho certeza de que pode fazer isso a qualquer momento. Basta sentar-se em frente a um *notebook*: as ideias virão naturalmente.

— Não é bem assim que funciona. — Ele meditou por um instante. — Mas quando eu voltar, escreverei sobre o Submundo e como é ser um prisioneiro no paraíso. Ninguém saberá que é uma história verídica. Escrever ficção é esconder a verdade a olhos vistos. Dedicarei meu romance a você.

Mari sorriu. Ela leria aquele livro.

— Prometo visitá-lo em breve. — Ela ajeitou o vaso de flores sobre a mesa.

— Você pode me visitar lá na cabana, se preferir.

— Quando eu estiver na minha casa, posso imaginar a praia e te encontrar lá? — Indagou, meditativa. — Mesmo que estejamos a quilômetros de distância? Funciona desse jeito?

— Não sei, nunca tentei. Mas pode ser que funcione. Tente quando quiser.

Ela sorriu e o abraçou. Sentiu o ombro úmido, Thomas estava chorando. Ainda entre seus braços, ele murmurou:

— Obrigado, Mari. Só tenho uma palavra para descrevê-la: você foi um verdadeiro *milagre*.

— Não seja tão rápido em dar o veredito. — Ela sorriu, afastando-se delicadamente. — Prometo aparecer em breve... Seja na Terra ou lá no seu paraíso particular. Quero que me faça uma promessa também: realize todas suas sessões de fisioterapia, certo? E lembre-se de descansar bastante. Você estará fisicamente perfeito em breve.

— Acho que já descansei o suficiente por uma vida inteira.

Ela afastou-se e apanhou as malas que estiveram descansando sobre o chão. Lá fora, o táxi buzinou, anunciando sua chegada.

— Até mais, Thomas.

O motorista ajudou-a a colocar as malas no porta-malas. Thomas acenou quando o veículo partiu.

Acomodada dentro do veículo, Mari refletiu: *Agora estou retornando para casa, de volta aos velhos problemas, aos mesmos pensamentos ruins de sempre. Uma realidade difícil, nada fantástica, nua e simples. Guilherme, o filho que nunca tivemos, o divórcio, turnos de doze horas no trabalho, contas a pagar e a solidão do meu apartamento.*

— Há previsão de chuva para hoje, senhora. — O taxista comentou, observando o céu nublado.

— Não há dúvida de que vem uma baita tempestade. Imagino que essas estradas de terra se tornem um verdadeiro lamaçal quando chove, não é?

O barulho do trovão abafou a resposta do motorista.

Ele guiava a uma velocidade reduzida, devido às más condições das estradas, embora, de qualquer maneira, o veículo antigo não pudesse trafegar em velocidade maior em condições melhores.

Distraída, Mari observou a estrada acidentada através da janela fechada. A despeito da manhã escura, pôde enxergar com precisão o caminho à frente: no

meio da estrada, um garoto pequeno caminhava vagarosamente de encontro ao carro. Vestia uma bermuda de algodão preta, uma camisa larga demais para seu pequeno corpo e calçava chinelos e meias.

O motorista reduziu ainda mais a velocidade.

— O que esse garoto faz aqui, no meio do nada? A tempestade vai apanhá-lo. Será que é maluco?

— Siga em frente. — Mari murmurou, incapaz de elevar o tom de voz. — Por favor, siga em frente e o ignore.

— O que disse? — Ele perguntou, ao mesmo tempo em que estacionava ao lado do menino. Abriu a porta do passageiro. — Ei, garoto, aonde você vai? Não há nada para você por aqui. — O menino não interrompeu a caminhada. Como se não houvesse escutado o chamado, seguiu em frente com resolução. O motorista insistiu: — Essa região costuma alagar quando chove muito. Venha, vou te levar de volta à cidade. — Voltou-se para Mari: — A senhora não se importa, não é?

O menino estacou em cerca de dois metros à frente do carro. O motorista emparelhou com ele, insistente.

— Deve ser maluco. — Sussurrou. Elevando o tom de voz, disse: — Vamos, menino, não se faça de surdo. Suba no carro.

Samuel, Mari pensou, atônita.

O garoto voltou-se e os olhos vazios encontraram o motorista. Em dois passos curtos e monótonos, aproximou-se do carro, mas não entrou. O par de olhos azuis observou Mari no banco traseiro.

— Você não... Você não é... — A voz de Mari vacilou, embargada de lágrimas perplexas. — Você não é Samuel!

Os olhos de seu falecido irmãozinho não eram azuis, eram negros; seu rosto era mais rechonchudo, suas bochechas mais proeminentes. Aquele menino não era Samuel, afinal, embora muito se assemelhasse. Ambos eram quase iguais em sua maneira de caminhar e olhar, mas a fisionomia era significativamente diferente.

O menino limitou-se a fitá-la inexpressivamente, enquanto o motorista, confuso, procurava entender o episódio.

— Ma-mi-ul. — As sílabas desprovidas de sentido saíram da boca franzida do menino. Suas bochechas estavam ruborizadas e os olhos zangados.

A expressão de Samuel, quando enraivecido, era certamente semelhante, mas o vocabulário do *verdadeiro* Samuel reduzia-se à vogais aleatórias, nunca consoantes.

Mas isso eu não contei a Thomas. Ele não dispunha dessa informação quando criou sua versão de Samuel a partir do meu relato.

O menino olhou ao redor à procura de algo e encontrou. Apanhou uma pedra grande e lançou-a contra o motorista.

Atônito, o motorista observou o sangue no braço atingido. Rapidamente, fechou a porta do passageiro e tornou a dar a partida no carro.

Mari voltou-se para trás e, através do vidro traseiro, viu quando o garoto, em meio à gargalhadas, lançou outra pedra contra o veículo e acertou o vidro traseiro. Se Mari não tivesse se desviado rápido o suficiente, sua cabeça teria sido atingida.

O táxi fez a curva, deixando de servir de alvo para o menino. Mari recostou-se no banco, procurando controlar a respiração acelerada e as lágrimas abundantes. O motorista observou-a através do espelho retrovisor, pasmado:

— A senhora conhecia aquele garoto maluco?

Os dedos trêmulos de Mari procuraram, em vão, limpar as lágrimas dos olhos. Ela balançou a cabeça em negativa.

— Não, eu não conheço aquele garoto. Definitivamente, *não*. Por favor, preciso retornar à casa do escritor. Faça o retorno. Evite a estrada onde encontramos o menino. Pode fazer um caminho diferente?

— Posso, sim, senhora.

Era impossível controlar o tremor em seu corpo. Através do espelho retrovisor, Mari teve um vislumbre da própria imagem: as bochechas redondas muito vermelhas e riscadas de lágrimas, os olhos molhados e inconsoláveis.

Thomas estivera certo. A fenda estava aberta. Os seres do Submundo emergiam livremente.



O rei e a feiticeira

A tão ansiada chuva caía naquela noite, regando as plantações e favorecendo a agricultura. Na manhã seguinte, as lavouras estariam mais verdes, a colheita seria mais promissora, os camponeses estariam mais contentes. Mas, naquele momento, nada disso importava. Naquele *exato momento*, as grossas gotas de água que despencavam do céu tão estrondosamente eram apenas mais um obstáculo em seu caminho.

A carruagem atolou. A chuva forte provocara um enorme buraco na terra, o qual o carroceiro não divisara em tempo oportuno. Como poderia? A tímida lua se escondera por trás das nuvens carregadas, deixando a noite absolutamente negra. A roda enguiçou. Aturdido, o cavalo relinchou. Saul notou que o animal estivera mais assustado durante o caminho do que o esperado em dias chuvosos. Não que ele realmente tivesse *prestado atenção* a essas coisas. Muitos pensamentos lhe ocorriam ao mesmo tempo. Ele mal conseguia separar um do outro, era impossível refletir sobre algo em particular.

E, agora, esse imprevisto!

— Maldito cego. — Saul gritou para o carroceiro. Ele se encolheu, assustado. — Não viu o enorme buraco *bem na sua frente*?

Respirando pesadamente, tentou tomar uma decisão. *Tomar decisões* sempre fora o seu forte, mas agora até isso lhe parecia dificultoso. O espantado carroceiro interrompeu sua frágil meditação:

— Perdoe seu servo, meu senhor! O cavalo é forte. Só preciso fazê-lo entender que é necessário puxar a carruagem pra trás até que a roda desatole e...

Saul fez um sinal impaciente para que ele se calasse.

— Esqueça. Vamos seguir a pé daqui. Você dá um jeito de resolver essa situação enquanto isso. — Voltou-se para os dois criados que o acompanhavam. — Vamos.

— Senhor... — Um deles chamou timidamente. Seu nome era Metusael. Dos dois, era o mais baixo em estatura, porém, o mais audacioso. Sempre se podia contar com ele nos momentos de dificuldade. — Estamos à distância de quase um estádio em relação ao nosso destino. As terras aqui são tortuosas e até

mesmo perigosas. A noite está escura. Não seria melhor esperarmos até que Bila desatole a carruagem e...

— Eu disse *vamos*. — Saul ordenou, mal acreditando em seus ouvidos. — Você está questionando a mim? Estou ouvindo bem?

— Desculpe, senhor. — Ele baixou a cabeça. — É só que...

— Vamos.

O rei saltou da carruagem, cobrindo a cabeça com o capuz. Os dois homens o seguiram, visivelmente contrafeitos. Bila também desceu da carruagem e agora tentava persuadir o pobre e assustado cavalo a obedecê-lo e desatolar a roda.

A caminhada foi difícil e tortuosa, tal como previsto pelo audacioso criado. Saul não disse uma palavra, novamente mergulhado em pensamentos nebulosos. O coração agitou-se quando venceram o espaço que faltava até chegar à pequena casa: a casa mais conhecida de En-Dor.

Ele puxou o capuz até o nariz, cobrindo o rosto parcialmente. Enxergava mal através do pano escuro. Passou pela cavidade aberta e entrou na casa. O local encontrava-se bem iluminado: a proprietária não economizava em velas.

Uma senhora de cabelo branco e coluna arqueada surgiu. Ela era corcunda o bastante para necessitar inclinar muito o pescoço, a fim de olhar no rosto dos visitantes.

— Preciso que faça algo para mim. — Saul disse, sem preâmbulos.

— Quem é o senhor? — Ela indagou, visivelmente desconfiada. Depois se voltou para os acompanhantes. — E vocês, quem são?

— Quem somos pouco importa. — Saul respondeu, rispidamente. Apontou para a mesinha bem no meio da casa, único móvel do ambiente. — Sente-se, quero que faça alguém subir para mim.

— Do que está falando, senhor? — Ela franziu o cenho, como se estranhasse o pedido.

Saul sorriu com irônica impaciência. Em algum outro momento, teria achado aquela situação muito divertida, mas não agora. A urgência martelava como um instrumento de ferreiro dentro de sua cabeça.

— Estou falando do modo como você ganha a vida, minha velha senhora. Suas feitiçarias. Você é a famosa Feiticeira de En-Dor.

Ela endureceu a expressão, mantendo os olhos muito fixos no que podia ver do rosto de Saul. Hesitou por um segundo muito breve, depois disse:

— O senhor sabe bem que o rei proferiu sentença de morte para quem praticasse adivinhação ou feitiçaria na terra de Israel. Por acaso deseja minha morte, senhor?

— Não me interessa sua morte. — Mesmo o sorriso impaciente desaparecera. — Aliás, não me interessa nada, a não ser que faça o que estou mandando. Juro pelo Senhor, Aquele que vive, que nada de mal acontecerá a você nem à sua casa.

A feiticeira estava indecisa. Saul gritou:

— Vamos nos sentar logo e você me diz o que vê!

Tomou a frente dela e sentou-se à mesa, como se fosse cear. Ela o acompanhou, ainda vacilante, e acomodou-se à frente de Saul. Os criados permaneceram em pé, parados à entrada da casa.

— A quem quer que eu faça subir? — Ela perguntou, parecendo tomar uma decisão.

— Faça subir Samuel. — Ele respirou fundo, buscando manter a respiração rítmica. Era difícil controlá-la.

A Feiticeira arregalou os olhos, ainda mais aturdida.

— Samuel, o profeta? Meu senhor, isso seria uma blasfêmia! Aqui fazemos subir os mortos das aldeias, nossos conhecidos, amigos e familiares. Não os ungidos do Senhor!

Saul bateu com as palmas das duas mãos na mesa, fazendo-a cambalear. A feiticeira estremeceu. Ele esbravejou, incapaz de suportar mais um segundo de espera:

— Faça agora o que eu estou mandando! Será que ninguém me obedece mais?

— Sim, senhor... Sim, senhor... — Ela disse, engolindo em seco. Dito isso, fechou os olhos e murmurou algumas palavras inaudíveis. Quando tornou a abri-los, estavam arregalados e fixos em algum ponto atrás de Saul. — Eu vejo um deus subir da terra.

— E como ele é? Vamos, descreva esse *deus* para mim!

— É um velho senhor. Tem cabelo branco e está envolto em uma capa. Sua expressão é muito serena. — Ela abriu a boca em formato da letra O e soltou uma exclamação. — Vive o Senhor! É o profeta!

Quando ouviu isso, Saul voltou-se para trás, seguindo a direção dos olhos da mulher. Sentiu as batidas de seu coração pararem por um segundo. Ali estava o profeta, diante dele. Exatamente como se estivesse vivo.

Exatamente como da última vez em que se encontraram em vida.

— Ah, Samuel! — Saul exclamou, caindo de joelhos. — Como precisava falar com você!

Se ele não estivesse de costas para a feiticeira, teria visto quando a mulher levantou-se do lugar em um ímpeto de surpresa temerosa. Ela observava a cena com admiração. Os criados também estavam estupefatos. Os três pareciam buscar o sujeito com quem Saul falava, mas seus olhos pasmos procuravam e não encontravam o interlocutor do rei.

— Por que me fez subir? — Saul ouviu Samuel dizer. Sua voz e expressão demonstravam aborrecimento.

— Estou tão angustiado! — O rei respondeu, mal notando a impaciência de Samuel. — Estamos em guerra contra os filisteus. Ah, Samuel! Tudo caminha para o mal. Perdemos outra batalha nos últimos dias. Pereceremos, ao que tudo indica. Deus não me responde mais, nem quando o busco entre os profetas, nem em sonhos. Preciso de você. Preciso que me dê uma direção. Não sei mais o que fazer!

— Por que pergunta isso a mim? — Samuel indagou, os olhos fixos e frios.

Quantas coisas haviam mudado desde que o profeta do Senhor o declarara rei, décadas atrás! Aquele mesmo homem fora quem derramara óleo em sua cabeça, para ungi-lo, consagrá-lo rei de Israel. A frieza na expressão de seu velho amigo o entristecia. Samuel continuou:

— Já está bem claro que Deus te desamparou e agora é seu inimigo. Eu já lhe havia avisado, e você não deu ouvidos. Não quis ouvir a Deus, não quis ouvir a mim. Esse reino logo não lhe pertencerá mais. Você sabe que ele será de Davi.

— Não! — Saul gritou, suplicante. — Tem de haver uma maneira!

— Não há outra maneira. — Samuel respondeu placidamente. — O Senhor nosso Deus entregará Israel nas mãos dos filisteus. Amanhã você e seu filho estarão mortos. Vereemo-nos em breve.

Dito isso, desapareceu. Saul rompeu em prantos.

— Não, não, não! Samuel! — Gritou, a plenos pulmões. — Volte, Santo Profeta! Não me desampare você também! Tem de haver uma maneira... Tem de haver uma maneira!

Em desespero, levantou-se. O movimento brusco fez o capuz cair para trás, revelando seu rosto.

— Vive o Senhor, este é o rei de Israel! — Exclamou a Feiticeira, reconhecendo o rosto de Saul. — Você tentou me enganar! Mas não se esqueça de sua promessa. Você prometeu que não haveria castigo sobre mim e minha casa se eu violasse a lei e fizesse o morto subir.

Saul não respondeu, mal ouvira as palavras da mulher. Deixou-se cair novamente no chão, gritando e chorando.

Metusael dirigiu-se à Feiticeira:

— Não se preocupe. O que o rei prometeu, o rei cumprirá. Você está segura. Ela assentiu, visivelmente mais tranquila e confiante.

— Ele não está bem, meu senhor. — Ela aconselhou Metusael. — Precisamos fazer algo quanto a isso.

— O rei não come desde muito cedo. — Metusael explicou, pensativo. — Vai desfalecer em breve se não se alimentar. Diz que viu o profeta, mas pode ter sido apenas um efeito da fome e do iminente esmorecimento.

O outro criado aproximou-se do companheiro e sussurrou ao seu ouvido:

— Vive o Senhor que o espírito do Profeta realmente esteve aqui, ainda que não o pudéssemos ver. Não está enlouquecido o rei.

— Seja como for — Metusael concluiu. —, as palavras do profeta não foram nada boas, é só observar o estado de espírito em que se encontra o nosso senhor.

A feiticeira ajoelhou-se junto a Saul.

— Por favor, meu senhor, permita que sua serva lhe fale algumas palavras. Coloquei a minha vida em suas mãos. Deixe-me retribuir a bondade, servindo-lhe um pedaço de pão.

Saul balançou a cabeça em negativa. As palavras de Samuel ressoavam em sua mente como trovoadas. Israel perderia a guerra, sob sua jurisdição. Quando Davi assumisse o trono... *Quando Davi assumisse o trono*, faria justiça ao povo de Israel, e o Senhor haveria de exaltá-lo perante os filisteus. E, por ocasião do próximo pôr do sol, o próprio Saul estaria morto.

Assim com seu filho.

Ah, Jônatas! Homem inteligente e corajoso. Traíra ao próprio pai, mas Saul tinha liberado o perdão para o filho. E, agora, os dois haveriam de morrer. Aquele seria seu último amanhecer.

— Coma, meu senhor. — Insistia a feiticeira.

— Sim, senhor. A mulher tem razão. — Interveio Metusael. — Coma ou desfalecerá no caminho de volta ao palácio.

— Não quero. — Saul murmurou entre lágrimas. — Não quero...

Metusael segurou o rei pela mão e o fez levantar. Entregue à desilusão, Saul deixou-se conduzir sem resistência. O criado o fez sentar-se novamente à mesa, enquanto a anfitriã preparava uma rápida ceia. O rei mal percebia o que acontecia ao seu redor.



Demônios fora da escuridão

O Mal está a um clique.

Primeira Parte

“The Eyeball: é o apelido pelo qual hoje ele é conhecido. Antes disso, havia sido um homem normal, com um nome *normal*, como você e eu. Mas não vamos chamá-lo assim desta vez; vou me referir a ele usando seu nome de batismo, em respeito à escolha de sua pobre e velha mãe. Aqui, ele será Jack.

“Talvez você já conheça sua história, ela foi noticiada por todas as mídias do mundo no final do século passado. Ou, quem sabe, você seja muito jovem para se lembrar disso.”

O garoto não aparentava mais do que vinte anos de idade. Provavelmente *nascera* no final do século passado. Enquanto falava, dirigindo-se diretamente à câmera, manuseava uma faca de aço reluzente. Estava sentado sobre uma cama revestida de lençóis brancos. De olhos fixos no expectador, ele prosseguia:

“Jack perdeu os pais aos cinco anos de idade: ambos vítimas de um latrocínio cruel. Por não possuir parentes próximos, foi encaminhado ao orfanato

da cidade, onde, diz-se, sofreu abuso e maus tratos. Aos treze anos, foi adotado pelo casal que substituiu seu antigo sobrenome por *Moore*.

“Jack Moore apreciou o novo batismo, mas foi obrigado a se esquecer dos novos pais, quando, um ano após a adoção, ambos faleceram em um incêndio de causas misteriosas.

“O adolescente solitário e azarado retornou ao orfanato. O lugar, um ano após seu retorno, foi destruído por um incêndio criminoso. Embora jamais tenha havido acusação formal, todos os indícios apontavam a culpa para Jack.

“Os adolescentes que ali viviam foram encaminhados para outro orfanato, na cidade vizinha. Foi nessa época que Jack descobriu uma aptidão antes desconhecida e passou a tirar vantagem dela. Seu método de enriquecimento não era muito ortodoxo, por certo: habilidoso, começou a falsificar documentos e forjar assinaturas.

“Mas o dinheiro adquirido com as falsificações não sanava sua sede por violência. Foi nessa época que cometeu o primeiro crime do qual foi acusado: assaltou, à mão armada, um casal de velhinhos que caminhava no parque.

“Jack foi entregue à Segurança Nacional e condenado à reclusão. Na cadeia, ele cometeu seu primeiro assassinato reconhecido: asfixiou seu colega de cela com uma sacola plástica.”

O garoto sorriu para a câmera, misterioso e divertido.

“Mas Jack foi solto ao atingir a maioridade.

“Em liberdade, arrumou emprego em um lava-jato, encontrou uma moça muito decente e casou-se com ela. Selou a união com uma linda filha chamada Anne, em homenagem à falecida segunda mãe, aquela que morrera no incêndio.

“A vida *comum* o entediou em pouco tempo, levando-o a largar o emprego no lava-jato e voltar a falsificar documentos e assinaturas. A adrenalina do trabalho o mantinha interessado, mas ainda não era o suficiente. Jack precisava de mais emoção em sua vida tranquila.

“Ele passou a visitar prostíbulos em diferentes pontos da cidade — e, mais tarde, diferentes pontos do país. Em cada bordel visitado por Jack, restava uma mulher morta em circunstâncias cruéis e misteriosas.

“Esperto o suficiente para não deixar rastros, ele afastava a Polícia e a confundia. Mas sua mulher pôde ler o crime nos olhos do marido e o abandonou para sempre em uma manhã de outono.

“Jack perdeu o senso de discrição após o abandono. Seus crimes tornaram-se evidentes, e a Polícia ligou sua identidade às prostitutas mortas.

“Ainda assim, ele não foi apanhado. Forjou documentos novos para si mesmo e, tendo juntado uma quantia considerável em dólares, mudou de Estado e sumiu da vista das autoridades. Jack Moore foi considerado oficialmente foragido.

“Decidiu viver como um cidadão comum novamente. Chamando a si mesmo de John, conseguiu alguns empregos informais como mecânico em oficinas e babá dos filhos dos vizinhos. Existe algo mais digno do que isso?

“De novo e de novo, a história se repete: Jack, agora *John*, tornou a visitar prostíbulos. Mas, desta vez, não deixou mulheres mortas em quartos sujos. Ao invés disso, roubou o coração de uma mulher em especial.”

O garoto riu com ironia.

“Calma, não estou falando literalmente. Jack não *arrancou* o coração da moça. Acontece que a jovem Dixie se apaixonou por ele.

“O casal passou a morar em uma casinha pequena e humilde, mas limpa e honesta, em uma cidade interiorana. Jack exigiu que Dixie largasse seu emprego no prostíbulo e arrumasse algo mais... Digamos... Um emprego que a permitisse juntar-se às vizinhas, conversar sobre assuntos domésticos e trocar receitas de torta de maçã.

“Jack (John) e Dixie viveram juntos por quase um ano, até o dia em que a Polícia encontrou o corpo sem vida de Dixie dentro da banheira. O marido havia desaparecido e nunca foi encontrado.

“Seria Jack apenas um cara entediado, frio e mau? Ou seria mais uma vítima de uma sociedade cruel e injusta? Ou talvez sofresse de algum distúrbio mental?

“De qualquer maneira, o final dessa história é esse: Jack, The Eyeball, nunca foi pego. Você se pergunta o que ele deve estar fazendo neste exato momento? No momento em que eu gravei esse vídeo ou no momento em que você o assiste?

“Agora que você já conhece meu mestre inspirador, vamos ao assunto pelo qual viemos.”

Sobre o criado-mudo havia uma pinça cirúrgica e um espelho de mão. O garoto colocou a faca de aço sobre o criado-mudo e pegou os outros dois objetos. Tornou a mirar a câmera.

“Ah, claro, me esqueci de comentar um detalhe importante: The Eyeball foi assim apelidado pela mídia porque arrancava um dos olhos de todas suas vítimas e os guardava em uma caixa de sapato. Inclusive Dixie, é claro.”

Ele fitou a lente pensativamente por alguns segundos. Finalmente, disse:

“Entendam, inocentes espectadores: nós precisamos aprender a lidar com a dor, pois o medo dela domina nossas vidas. Digo isso de forma literal e metafórica. Muitas vezes, deixamos de tomar atitudes que nos levariam ao sucesso, apenas porque tememos o sofrimento. Quero mostrar a vocês que a dor não nos domina: somos *nós* quem a dominamos.

“Billy, eu sei que você, sobre todas as pessoas, deve entender do que estou falando.

“Prepare-se.”

O garoto posicionou o espelho à sua frente, apoiando-o em algo invisível à posição do espectador e, de forma quase impassível e com a precisão de um cirurgião competente, removeu parte do olho esquerdo em frente à câmera.

A transmissão foi interrompida.

Rafael recostou-se na cadeira, satisfeito. Certamente, aquele era o melhor vídeo do ano. Se não o melhor *do canal*. Haveria de render algumas centenas de milhares de visualizações, com certeza. Utilizando o mouse, seguiu à página de recados e respondeu ao remetente do vídeo, cujo nome de usuário era M. Bundy:

“Data: 01/07/2016, 11:44 am

Destinatário: M. Bundy

Recado: Seu vídeo foi postado no canal, Bundy. Valeu pela participação e também por trazer à tona a história do velho The Eyeball. O cara foi um mestre e há muito tempo eu não ouvia falar dele. Lembre-se de uma coisa importante: caso esteja disposto a arrancar o olho direito também, não deixe de filmar. O Death of Patience estará sempre disposto a receber seus vídeos.

P.S.: Sinto muito se a piada parecer de mau gosto.”

Nesse caso, Rafael pensou, clicando no botão *enviar*. Alguém teria que postar o vídeo por ele, pois o novo The Eyeball autodestrutivo não estaria apto a fazê-lo.

Com um suspiro cansado, Rafael levantou-se, observando o horário. Quase meio-dia. Hora de ir para cama. Estivera acordado a madrugada e a manhã inteiras, as melhores horas do dia para trabalhar.

O Death of Patience não era um trabalho formal, é claro. A superfície da internet jamais aceitaria um site assim. Sua fonte de renda procedia do desenvolvimento de sites para companhias e indivíduos, e de seu suporte remoto em informática para clientes necessitados. O resto era apenas um *hobbie* levado muito a sério.

O Death of Patience se tornara parte de sua vida desde o momento em que fora criado. Todo seu tempo livre era dedicado a ele. Dentro do site, Rafael se tornava Billy.

Billy, o anônimo, bem humorado e sádico mediador do site mais adorado por homens e mulheres sedentos por sangue e violência da web. *Billy*, o dono da maior página de compartilhamento de *snuff videos* nas profundezas da rede. *Billy*, aquele que vivia em um lugar em que, em suas próprias palavras, *as pessoas de bem, as pessoas comuns, não ousam nem ao menos visitar*.

Rafael bebeu todo o café de uma xícara grande, escovou os dentes e deitou na cama. Apanhou um romance policial e esperou o sono obrigá-lo a cerrar os olhos. Perdera a conta de quantas vezes fizera esse ritual; já não sabia dizer há quanto tempo sua vida limitava-se à rotina inalterada.

Desde que atingira a maioridade e deixara a casa dos pais, seu cotidiano resumia-se ao apartamento. Havia um pequeno mercado ao lado do prédio, o qual ele visitava uma vez por semana. Esse era o único momento em que deixava o próprio lar.

Não que seus dias fossem exatamente iguais. Era verdade que, há seis ou sete anos, sua rotina física não sofria mudanças. Mas a vida dentro do computador se desenvolvia com novidades. E era essa a vida que valia a pena.

O Death of Patience compensava a lacuna de sua vida social e tornara-se mais importante do que qualquer relacionamento interpessoal. Nele, Rafael, sob o codinome Billy, conhecia e se relacionava com pessoas interessantes o tempo todo. Assistia aos seus vídeos, respondia aos seus recados, trocava experiências relativas ao conteúdo do site.

Incapaz de concentrar-se no romance, abandonou o livro no chão, cruzou os braços sob a cabeça e fechou os olhos. Ainda pensava no vídeo de M. Bundy e

na história de The Eyeball, o famoso assassino do Kansas dos anos 80. Mas, além das lembranças recentes, sua mente tentava levá-lo a refletir sobre outro assunto. A questão era familiar, inútil e incômoda: a velha sensação de estar fazendo algo terrivelmente errado, desperdiçando sua juventude ao viver dentro da Rede.

Toda essa reflexão inútil e essa crise existencial devem ser falta de vitamina, ele argumentou consigo mesmo. *Algumas endorfinas e dopaminas a menos, nada que um remedinho não resolva. Afinal, os comprimidos são a cura para o século 21.*

Levantou-se e abriu a gaveta da cômoda, onde encontrou a cartela de diazepam.

Acho que não lido tão bem com a dor quanto M. Bundy.

Voltou para a cama, cobriu-se com a manta e fechou os olhos.

Apesar da ansiedade anônima percorrendo sua cadeia de neurônios, Rafael imaginou que o sono viria rapidamente, graças ao diazepam. Mas estivera enganado: trinta minutos se passaram sem que a mente consciente se desligasse completamente. Um pouco mal humorado, levantou-se e retornou ao computador.

A página de recados enchera novamente. Rafael respondeu-os sem dispensar-lhes atenção individual. A maior parte de remetentes era composta por fãs gratos e elogiosos a M. Bundy, outros faziam a Billy perguntas sobre o site:

“Data: 01/07/2016, 12:19 pm

Remetente: MoonFace

Recado: E aí, Billy, beleza? Tenho um vídeo da hora e quero postar aqui: filmei a ação policial durante um assalto na loja de conveniência do centro. Um policial foi alvejado, e eu consegui captar tudo em uma câmera de alta resolução. A qualidade do vídeo está incrível.”

Rafael digitou as instruções para a postagem e seguiu para a próxima mensagem. Levemente surpreso, deteve-se.

“Data: 01/07/2016, 12:23 pm

Remetente: Nicky

Recado: Está chegando em você.”

Intrigado, Rafael releu o breve e nada significativo recado antes de clicar sobre o nome do usuário. A página pessoal do tal de Nicky havia sido deletada pelo próprio usuário há dois minutos.

Está chegando em você, Rafael meditou. É claramente uma ameaça. Provavelmente algum idiota enviou um vídeo fake e eu não aceitei a postagem. Agora está revoltado, querendo me intimidar. Não vou perder tempo com isso.

Retornou à página de recados.

“Data: 01/07/2016, 12:24 pm

Remetente: Buffalo Bill

Recado: Billy, quero subir o vídeo da minha ex-namorada que suicidou. Antes de cortar os pulsos, ela pediu para eu postar o vídeo aqui. Foi ela mesma que gravou. Como faço o upload?”

Billy respondeu com informações precisas sobre o procedimento de envio, elogiando a moça pelo feito, depois passou para a próxima mensagem.

“Data: 01/07/2016, 12:27 pm

Remetente: Filthy Darkness

Recado: Billy, preciso falar com você sobre algo sério, mas essa não é uma plataforma segura. Passe o número de seu telefone.”

Rafael sorriu diante da requisição. Passar o número de seu telefone! Billy jamais estaria disposto a fazer isso.

Filthy Darkness era um membro antigo e ativo no site. Jamais fizera um upload pessoal, mas acompanhava as postagens e comentava constantemente. Na página de recados, trocara palavras com Billy algumas vezes, mas nada que justificasse um pedido tão incomum e estranho. O igualmente *incomum* recado de Nicky lhe veio à mente, mas ele afastou a ideia, temendo tornar a situação uma paranoia. Desde muito jovem, Rafael tendia à paranoia e evitá-la era sua missão.

Ele respondeu a Filthy Darkness:

“Billy diz: Não posso lhe passar meu número pessoal, isso é óbvio. O que há de tão urgente e particular?”

On-line, o usuário respondeu imediatamente:

“Filthy Darkness diz: Não é seguro conversarmos por aqui, alguém pode estar nos vigiando. Gostaria de encontrá-lo pessoalmente. Nossas vidas podem estar em perigo. Andei pesquisando coisas sobre você e descobri mais do que pode imaginar. Suas informações não são tão secretas quanto você acha, Billy. Sei, por exemplo, que moramos na mesma cidade, e esse é o tipo de informação que não se encontra disponível no Death of Patience.

Billy diz: Aonde quer chegar com essa conversa louca?

Filthy Darkness diz: Quero dizer que se eu consigo informações sigilosas sobre um membro do site, outra pessoa também pode conseguir. E essa pessoa pode estar muito mal intencionada.

Billy diz: Isso é loucura. Terei que bloqueá-lo do site. Considero suas palavras ameaças pessoais. Você não tem o direito de me stalkear. Vou te bloquear agora mesmo.

Filthy Darkness diz: Espera! Não sou eu quem o está ameaçando. Sei que você também recebeu o recado de Nicky.

Billy diz: Nicky não disse nada além de uma frase sem sentido.

Filthy Darkness diz: Você e eu somos amigos no Death of Patience há muito tempo. Por que não acredita em mim?

Billy diz: Porque você não me explica nada.

Filthy Darkness diz: Já disse que não posso fazer isso nesta plataforma. Não é seguro. Nicky pode estar nos vigiando.

Billy diz: Sinto muito, Filthy. Adeus.”

Seguindo com o cursor até o perfil do usuário, Rafael o excluiu e bloqueou, não sem sentir certa consternação. Filthy Darkness merecia seu respeito pelo tempo de convivência on-line, mas ele não poderia deixar que um viciado em violência paranoico despertasse-lhe os sintomas de pânico novamente. Rafael acreditava ter vencido a velha síndrome há muito tempo.

Talvez o próprio Filthy Darkness tenha criado um perfil falso e enviado a mensagem sob o pseudônimo de Nicky. Seu intuito seria, então, fazer com que eu me sentisse ameaçado o suficiente para passar meu telefone e, sei lá, propor um encontro. Conversamos via chat há muito tempo, talvez deseje conhecer o criador do Death of Patience e está armando tudo isso para alcançar seu objetivo, como um fã desvairado que faz de tudo para encontrar seu ídolo.

Agora eu realmente preciso ir pra cama, disse a si mesmo, deixando a sala de estar, cuja única mobília consistia na escrivaninha que sustentava o notebook.

Naquele final de tarde, as pessoas pareciam especialmente irritantes. Felizmente, ele havia terminado a compra semanal e deixou o mercado, carregando sacolas. Caminhava a passos largos, ansioso em retornar ao lar. Um cliente solicitara um serviço de urgência que deveria estar terminado ainda antes do pôr-do-sol. Estava atrasado.

Equilibrando as compras, com sacolas plásticas suspensas em ambos os braços, Rafael tirou do bolso a chave do apartamento. Antes de inseri-la na fechadura, descobriu a porta arrombada. Examinou-a rapidamente: alguém parecia ter forçado a fechadura utilizando uma chave de fenda.

Devo chamar a Polícia?

Hesitante, empurrou a porta e entrou. O apartamento encontrava-se mergulhado no silêncio habitual, mas a lâmpada da sala de estar estava acesa.

Eu nunca acendo a luz da sala. Enquanto trabalho, a única luz desse lugar vem do computador.

Com o coração aos pulos, abandonou as compras no chão da sala de estar e voltou-se para a escrivaninha. Sobre ela, a tela inativa do *notebook* estava aberta.

De início, Rafael não pôde precisar a diferença global presente na sala de estar, mas logo percebeu. A escrivaninha havia sido arrastada do lugar. Normalmente, o móvel alinhava-se à porta, de forma a permanecer diretamente de frente para ela. Desta vez, encontrava-se virada em um ângulo de quase cento e oitenta graus.

É uma mensagem. O invasor moveu a escrivaninha para passar uma mensagem.

Há algo no computador.

Rafael deu vida à tela escura do *notebook* com apenas um clique.

Esperava se deparar com a imagem de Jason Vorhees na tela inicial, seu *wallpaper* usual, mas foi surpreendido. Sob os ícones da área de trabalho, em cor vermelha e caixa alta, uma única frase transmitia a mensagem:

ESTÁ CHEGANDO EM VOCÊ.

Ele tentou controlar a aceleração mental causada pelo estado de pânico.

Talvez o invasor ainda esteja no apartamento.

Com passos lentos e obstinadamente sorrateiros, percorreu os outros cômodos do apartamento. A sensação era a de estar protagonizando um filme de

terror B, um desses *thrillers thrashes* tão familiares para ele, um fã assíduo do gênero desde os tempos mais remotos da adolescência.

Nicky, ele pensou, ao mesmo tempo em que examinava embaixo da cama. Não encontrou mais do que um par de tênis antigo. *Nicky sabe onde eu moro.*

O que diabos ele quer de mim?

Checou atrás dos armários e das portas abertas, até compreender que o invasor já havia partido há muito tempo. Provavelmente, estivera na rua, à espreita, aguardando o momento em que Rafael deixaria o apartamento. Então, o invasor forçou a entrada destruindo a fechadura, trocou a imagem da área de trabalho, rearranjou a posição da escrivaninha e partiu sem deixar maiores vestígios.

Com intuito de quê?!

Rafael recolocou a escrivaninha na posição habitual, sentou-se e acessou o Death of Patience. Guiou o cursor até a página de usuários bloqueados e desbloqueou Filthy Darkness. Em seguida, acessou a página de recados:

“Data: 02/07/2016, 07:32 pm

Destinatário: Filthy Darkness

Recado: Filthy, me passe seu número de celular.”

Felizmente, Filthy Darkness estava on-line. Instantaneamente, ele transcreveu os dígitos de seu telefone e acrescentou:

“Filthy Darkness diz: Eu sabia que você mudaria de ideia, Billy. Me ligue imediatamente.”

Havia muito tempo desde a última vez em que conversara com alguém via telefone, e fazê-lo lhe provocava ansiedade. Optou por enviar uma mensagem de texto para o celular de Filthy:

“Meu apartamento foi invadido. O invasor deixou em meu computador o mesmo recado do Nicky. Não faço ideia de quem ele seja e o que quer de mim, mas você parece entender melhor do que eu. Acho que tem algo importante a dizer. Não podemos conversar pela página de recados do Death of Patience, mas é seguro conversarmos via mensagens de texto no celular?”

Filthy Darkness respondeu afirmativamente. Rafael replicou:

“Conhece uma cafeteria chamada Coffee Office, no centro da cidade? Pode me encontrar lá, às nove horas, esta noite?”

Pela primeira vez em seis anos, Rafael deixaria o apartamento para relacionar-se presencialmente com outro ser humano. A perspectiva era assustadora.

Mark Chapman matou John Lennon porque era seu fã, a frase atravessou a mente de Rafael, enquanto ele fitava, com o corpo trêmulo, a parede do apartamento. E se Nicky for mesmo um perfil alternativo de Filthy Darkness, o qual ele utiliza para me atrair e me matar, porque é meu fã e deseja fazer um snuff video comigo, o rei dos snuff videos? Neste caso, eu acabo de marcar um encontro com a morte.

Rafael respirou fundo, procurando manter o autocontrole e evitar o velho ataque de pânico.

Meu apartamento foi invadido. Quando um homem tem sua fortaleza atacada, não há mais tranquilidade. Tem de haver guerra. E, pensando bem, se Filthy Darkness e Nicky fossem a mesma pessoa e desejasse me matar ou Deus sabe o quê, teria aguardado no apartamento e terminado o serviço ali mesmo.

Não teria?

Segunda Parte

Brenda entrou na cafeteria. Usando a palma das mãos, secou os respingos de garoa sobre a roupa e livrou-se do capuz da blusa de moletom. Percorreu o lugar com os olhos, escolhendo a mesa mais isolada para acomodar-se. O assunto seria confidencial demais para ser ouvido pelas garçonetes e eventuais clientes que porventura surgissem apesar da forte garoa que umedecia a cidade naquela noite gelada.

O relógio no display de seu celular indicava oito e vinte e cinco: ela estava adiantada em trinta e cinco minutos. Solicitou à garçoneite um *milk shake* de chocolate, a fim de distrair-se enquanto esperava. Bebericou alguns goles, mas a ansiedade da espera persistiu. Inquieta demais para permanecer sentada, levantou-se e foi ao banheiro.

O banheiro era apertado e mal cheiroso, mas Brenda não precisava utilizá-lo realmente. Sua única necessidade no momento era gastar os trinta e cinco minutos de espera entretendo-se com algo além dos próprios pensamentos e

expectativas. Penteou o cabelo utilizando os dedos, lavou o rosto, ciente de que não havia precisão, utilizou papel toalha para secar os resquícios de respingos da chuva sobre a blusa.

Todo o processo durou apenas cinco minutos. Com um suspiro entediado, encarou o próprio reflexo no espelho. Deixou o banheiro, mas não retornou à mesa. Abandonando provisoriamente o copo de *milk shake* ainda cheio sobre a mesa, postou-se em frente à cafeteria e aguardou a chegada de seu acompanhante.

Perscrutava o rosto de cada transeunte, tentando adivinhar quem seria a pessoa pela qual ela esperava. Nunca havia passado por situação semelhante a um encontro às cegas e estava achando divertido. *Eu vou reconhecê-lo no momento em que o ver*, ela pensou. *Qualquer apresentação será dispensável.*

Tornou a consultar o relógio: ainda faltavam dez minutos, desde que Billy não se atrasasse. Ela pensou em atravessar a rua e dar uma olhada na banca de jornal do outro lado, a fim de conferir os livros e filmes à venda. Os olhos inquisitivos e desconfiados da garçonete não a abandonavam, provavelmente desconfiados de que Brenda pretendia deixar o local sem pagar o *milk shake* não aproveitado.

Vou até a banca de jornal e volto rapidinho.

Antes de deixar a cafeteria, o celular vibrou no bolso da blusa. Por um instante, ela imaginou que fosse uma mensagem de Billy, escrevendo para desmarcar o encontro. Sentiu o coração disparar e os lábios tremerem de ódio. Irritada, apanhou o celular e descobriu que não era uma mensagem de texto, tampouco seu remetente era Billy. Tratava-se de uma ligação de Miguel. Novamente bem humorada, ela atendeu.

— Onde diabos você está, Brenda? — Perguntou a voz exasperada do outro lado da linha.

— Estou no centro da cidade.

— O que está fazendo sozinha por aí? Está frio e chovendo! Tínhamos combinado de ver um filme na minha casa, esqueceu?

— Não esqueci, não. Acontece que senti vontade de dar uma volta no centro, comer um lanche, comprar alguns doces, ver o que está em cartaz no cinema.

— Passei na sua casa para buscá-la. Você disse para seu pai que estava comigo. Por que mentiu para ele? Por que você sempre faz isso, Brenda? *Por quê?*

— Não fique bravo comigo. — Um rapaz atravessou a rua, seguindo em direção à cafeteria. Por um instante, Brenda imaginou que fosse seu convidado especial, mas ele seguiu adiante. — Chego na sua casa umas onze horas, aí podemos ver o filme. Escolha algum título legal, Miguel. Não me venha com aquelas estúpidas comédias românticas.

— Seu pai está preocupado, Brenda. Volte agora.

— Dane-se meu pai. Ele nunca tem tempo para mim, nunca teve, por que vai se preocupar agora?

— Você sabe o quanto é injusta com ele, já tivemos essa conversa mil vezes. Não pode tratá-lo assim. Não o deixe preocupado de novo, Brenda, por favor. Faça isso por mim. Volte agora.

— Estarei na sua casa às onze, Miguelzito, então assistiremos ao filme e comeremos pipoca. Agora, me deixe comprar meus doces em paz, ok?

— Brenda, escute...

Ela já não escutava. Sua atenção voltara-se inteiramente ao estranho que se aproximava. Tal como previsto, Brenda o reconheceu imediatamente, ainda que jamais houvesse visto seu rosto. Era um homem magro e notavelmente introspectivo. Caminhava a passos largos sob a intensa garoa, mantinha a cabeça baixa, ocasionalmente levantando-a para não topar com algo ou alguém. Para Brenda, seus olhos se assemelhavam aos de um animal assustado que sabe que servirá de presa para um eventual caçador.

Ela desligou o celular e recolocou-o no bolso da blusa, enquanto Billy passava por ela sem levantar-lhe os olhos. Ele entrou na cafeteria e, tal como ela fizera há alguns minutos, ocupou uma das mesas do local.

Brenda ocupou a cadeira à sua frente, sorrindo com satisfação. Sempre desejara conhecê-lo, mas não nutria esperança de fazê-lo um dia. Era quase como realizar um sonho de tiete.

— Olá, Billy.

Ele ergueu em sua direção olhos grandes e aflitos. Parecia terrivelmente confuso.

— Quem... Quem é você?

— Filthy Darkness, ora! Quem você esperava encontrar aqui? Nicky, o Psicopata?

— Mas... Você... Você não pode... Sempre usou pronomes e adjetivos masculinos quando se referia a si mesmo nos chats... Como...?

Brenda jogou a cabeça para trás em uma gargalhada divertida.

— Imaginei que ficaria surpreso, mas não tanto. Qual é? Vamos deixar isso de lado. Que diferença faz o gênero de uma pessoa?

— Nenhuma, mas... — Ele tossiu, atrapalhado. Não era necessário ser especialista em comportamento humano para adivinhar que diante dela estava alguém com intenso e, talvez, patológico, embaraço. — Você ao menos... Ao menos é maior de idade?

— Que pergunta! Sim, é claro que sou *maior de idade*. — Ela riu, divertida. — Você parece um cara legal, Billy. Acho que vamos nos dar bem. A julgar pela sua criação, o Death of Patience, prevejo que não seja um sujeito socialmente ajustado e ajustável, assim como eu. — Observou-o por um segundo. — Você parece apreensivo. Ou está assustado por causa de Nicky?

— Ambos. — Ele baixou os olhos para as mãos que repousavam sobre o colo. Brenda podia ver o movimento nervoso e incansável dos dedos, entrelaçando-se uns aos outros. — Me diga o que você sabe sobre Nicky.

Com um breve sinal, ela pediu licença, levantou-se, apanhou o *milk shake* sobre a outra mesa e tornou a sentar-se à frente dele. Respondeu:

— Não sei muito sobre Nicky, o Psicopata. Mas posso te contar sobre minha história com ele.

A garçonete aproximou-se. Billy pareceu ligeiramente espantado com a intervenção quando ela perguntou:

— Quer que traga o cardápio?

— Não... Eu... Não. Obrigado.

— Você não vai pedir nada? — Brenda estranhou. — Um café, talvez? Ou uma dose de vodka? — Ela riu. — Isso, acho que você precisa de uma dose de vodka.

Billy voltou-se para a garçonete, parecendo ainda mais encabulado.

— Um café, por favor.

— E mais um *milk shake* de chocolate para mim. — Brenda emendou. Quando a moça retirou-se, ela prosseguiu: — No início da semana, recebi um

recado do tal Nicky, na minha página de recados do Death of Patience. A mensagem era bem curta: *Está chegando em você*. Não me importei muito, afinal, tenho mais o que fazer do que me preocupar com recados estranhos em sites ilegais.

“Nos dias posteriores, eu esqueci completamente do caso. Fui à faculdade na noite de segunda-feira, voltei pra casa, tive uma discussão com minha madrastra e me tranquei no quarto. Tudo aconteceu exatamente de acordo com minha rotina diária. Estava pronta para dormir, quando meu pai bateu à porta e disse que queria falar comigo.

“Em sua mão, havia um envelope sem selo direcionado a mim. Sob meu nome — meu nome completo, devo mencionar —, as palavras *Filthy Darkness*, escritas entre aspas. Estranhei imediatamente, é claro. Nem mesmo Miguel, meu noivo, sabe qualquer coisa a respeito do Death of Patience, muito menos meu nome de usuário.

“Meu pai estava preocupado. Como é de costume, já abrira o envelope e descobrira o bilhete curto e metafórico contido nele. Você já pode intuir qual era a mensagem, não pode, Billy? **ESTÁ CHEGANDO EM VOCÊ**. Nicky usou um computador para escrever a mensagem e gravou as letras em caixa alta.

“Ainda de acordo com meus costumes familiares, ralhei com meu pai a respeito da invasão de privacidade cometida ao abrir o envelope. Ele alegou abrir minhas correspondências para me proteger (normalmente, ele tenta me proteger de mim mesma). Exigia saber do que se tratava aquela mensagem estranha.

“*É uma brincadeira entre amigos*, eu expliquei, forçando uma risada. *Minhas colegas da faculdade e eu inventamos um jogo inofensivo que consiste em uma troca de presentes às cegas. O bilhete chega à casa da próxima pessoa a comprar um presente, alertando-a de que deve adivinhar quem será presenteada a seguir. Usamos apelidos, como você pode ver aqui entre aspas. Aí damos algumas pistas até que a pessoa descubra quem deve ser presenteado e... Ora, pai, não vou ficar explicando isso a você*. Tomei o envelope da mão dele e pedi que se retirasse. Eu sou uma ótima atriz, não preciso de falsa modéstia, de forma que o fiz acreditar completamente na minha história. Papai nunca mais perguntou a respeito.

“O fato de Nicky, o Psicopata conhecer meu endereço me assustou, mas não o bastante para que eu buscasse ajuda. Na verdade, dormi com bastante tranquilidade naquela noite. O mesmo não posso dizer da noite seguinte.

“Despertei com o barulho de algo se chocando contra a janela de alumínio. Eu não tinha tomado meus calmantes naquela noite, o que facilitou bastante meu despertar. Corri em direção ao barulho, levemente sobressaltada.

“Ao abrir a janela, deparei com a figura de um homem. Postado na calçada, imediatamente diante da janela do meu quarto, ele segurava uma pedra relativamente grande, pesada o suficiente para produzir o estrondo que eu havia escutado.

“Admito ter piscado algumas vezes, buscando afastar possíveis resquícios de pesadelo, mas a cena diante de mim era real. Quando ele voltou o rosto em minha direção, tive absoluta certeza da autenticidade do que estava acontecendo.

“O homem me encarou por quase um minuto inteiro. Eu não pude me mover, assustada demais para tomar qualquer atitude. Pensei em gritar por ajuda, meu pai certamente surgiria em meu auxílio, mas permaneci onde estava, estática.

“Ele levantou a pedra, como se fosse arremessá-la em minha direção, mas, ao invés disso, abaixou-a e deixou que escapasse entre seus dedos até o chão, ainda sem desviar os olhos do meu rosto.

“Então, ele virou-se e partiu. Simplesmente partiu, deixando-me perplexa e confusa. Algum tempo após sua partida, minha voz pareceu retornar e eu gritei. Meu pai despontou no quarto, assustado. Contei-lhe sobre o homem diante da minha janela. Ele disse: *você estava sonhando, Brenda. Tudo não passou de um sonho.*”

A garçonete retornou com os pedidos. Billy apanhou a xícara de café e sorveu todo o conteúdo em apenas um gole. Brenda continuou:

— Eu já tive alguns sonhos muito verossímeis, mas sei que este não foi o caso. O homem diante da minha janela era Nicky, o Psicopata, e ele estava me alertando a respeito da chegada de algo.

“Meu pai estava preocupado e talvez chamasse a Polícia se eu insistisse na história do estranho que aparecera em frente à casa durante a madrugada. *Papai, você está certo*, eu respondi. *Estou imaginando coisas de novo.* Convencido, meu

pai retornou ao próprio quarto, enquanto eu tentava imaginar qual seria a atitude correta a tomar.

“Decidi comprar uma faca grande e afiada e escondê-la na gaveta da cômoda. Pretendia segui-lo caso surgisse novamente. Ainda pretendo.

“Ontem, vi em sua página de recados a mensagem de Nicky, pois ele a postou publicamente. Ao perceber que não sou a única a receber ameaças, decidi unir-me a você.

“Acho que devemos juntar forças para combater um inimigo em comum.”

— Mas não consigo entender. — A expressão facial de Billy era confusa e assustada, quase infantil. — O que ele quer de mim? *De nós?*

— Trata-se de alguém que não aprova seu canal. Um fanático religioso, talvez. Ou um sobrevivente de algum *snuff video*, quem pode saber?

— O que fazemos agora, Filthy?

— Você sabe que alguns ditados populares são verdadeiros, e o meu preferido é: a melhor defesa é o ataque. Precisamos descobrir quem é o homem por trás de Nicky, o Psicopata. Devemos rastreá-lo, encontrar uma maneira de desvendar quem ele é e onde mora. Então, damos um susto nele.

— Não imagino como isso seria possível.

— Se ele conseguiu, nós conseguimos.

Brenda, diante de Billy transformada em Filthy Darkness, sorriu e tomou um gole de *milk shake*. Haveria de viver a maior aventura de toda sua vida. Mal podia esperar para começar.

Terceira Parte

Quatro mil duzentos e dezesseis, quatro mil duzentos e dezessete, quatro mil duzentos e dezoito, quatro mil duzentos e dezenove.

Quatro mil duzentos e vinte.

Luiz abriu os olhos.

— Nos vemos amanhã, mamãe.

Acariciou a lápide ligeiramente, sentindo a superfície áspera sob a palma da mão. Depois se levantou devagar. Respirou fundo, observando a grama iluminada pelo pálido sol crepuscular. Ajeitou a jaqueta sobre os ombros,

ponderando sobre o quão atípico era o inverno deste ano: apesar do vento gélido, o sol brilhava, resplandecente e bonito.

— Logo mais a senhora poderá vê-lo também. — Luiz murmurou, tornando a fitar a lápide. — O sol, mamãe, logo mais a senhora tornará a ver o sol.

Caminhando a passos curtos e imprecisos, ele passou pelos portões altos e largos do cemitério. Já conseguia sentir a distância física entre ele e a falecida mãe, mas ela ainda ocupava seus pensamentos.

Ela sofreu um ataque cardíaco, o paramédico explicara ao encontrá-la sem vida sobre a poltrona da sala de estar. Poucos segundos depois, ocupou-se em acomodar Luiz, desacordado, dentro da ambulância e prestar-lhe socorros emergenciais.

No hospital, já restabelecido do desmaio, Luiz tentou explicar ao médico de plantão o que realmente havia acontecido. *Minha mãe foi assassinada*. O médico sacudiu a cabeça em resoluta negativa e insistiu: *ela sofreu um infarto*. Luiz repetiu a verdade que o outro não conseguia enxergar: *ela foi assassinada, doutor, tenho certeza disso*. O médico pousou a mão sobre seu ombro e, compadecido, mas ligeiramente condescendente, perguntou: *tem alguém para cuidar de você?*

Luiz respondera que sim e não estava mentindo. Deus haveria de cuidar dele.

A mamãe foi assassinada, por que ninguém vê?, ele pensou, compreendendo de súbito. Trazer o assunto à tona seria completamente inútil. O doutor não acreditara e ninguém acreditaria. Então, ele guardaria a verdade para si, permitindo deliberadamente que os outros afundassem na escuridão do engano. Não cabia a ele explicar-lhes que o suposto ataque cardíaco tratava-se de um assassinato impiedoso. Deus revelaria quando chegasse o momento oportuno, e só Ele conhecia esse momento. Luiz não desperdiçaria tempo sentindo raiva pela cegueira espiritual dos outros, afinal, eles não tinham culpa por não entender. O raciocínio humano era limitado, poucos haviam recebido O Dom, o Grande Dom Divino de enxergar os assuntos terrenos sob uma perspectiva global, espiritual e verdadeira. Felizmente, ele entendia como funcionava a mente humana e o que ela era capaz de fazer.

Sua mãe estava morta e somente ele sabia o porquê.

O ônibus aproximou-se do ponto, mas Luiz não pôde embarcar. Sentia o Mal a rodear, invisível e sedento. Precisava manter o equilíbrio, essa era uma de suas tarefas na Terra. Fechou os olhos e recomeçou a contagem.

Um, dois, três, quatro, cinco, seis.

Manter o equilíbrio! Não que o mundo se encontrasse exatamente *equilibrado*. A contagem era um trabalho provisório, substancial e primitivo, a grande missão ainda estava por vir. Havia muitas reparações a ser feitas no Globo Terrestre. O assassinato de sua mãe era uma preparação moral, uma mensagem, um recado divino. A hora da intervenção se aproximava. Pessoas eram seduzidas, enfeitiçadas pelo Mal todos os dias, em todos os cantos do mundo. Sob o encanto do Diabo, elas cometiam assassinatos, tal como o de sua mãe, e maldades de todos os tipos, abomináveis e horrendas, a despeito de todo seu esforço e dedicação integral para manter o equilíbrio.

Sete, oito, nove, dez, onze.

O momento da reflexão estava chegando. Deus tencionava dar-lhe instruções sobre uma nova e importante missão, e Luiz estava pronto para ouvi-Lo. A contagem era útil, mas não suficiente.

Quatro mil duzentos e dezenove, quatro mil duzentos e vinte.

Luiz abriu os olhos e deparou com uma velha senhora a fitá-lo. O cabelo grisalho assemelhava-se ao de sua mãe e ele sorriu.

— Ela não pode ver o sol por enquanto, pois onde ela está é fundo e escuro. Mas a senhora pode. Deus te abençoe.

A estranha piscou algumas vezes, ensaiou um sorriso ligeiramente trêmulo e agradeceu, recuando um passo. Luiz sorriu, observando-a com admiração. *As mulheres são todas abençoadas por Deus.*

Seu ônibus havia chegado. Luiz embarcou de volta para casa.

À luz do abajur, ele sentou-se na cama. As costas apoiavam-se na cabeceira, os braços trêmulos agarravam os joelhos junto ao peito. O relógio digital sobre o criado-mudo mostrava uma e quinze de manhã, mas era impossível conciliar o sono. Ele não conseguia dormir desde que assistira aos vídeos.

Luiz entrara no Death of Patience e descobrira que o site inteiro era a personificação do Mal, e assistir às atrocidades humanas o atingira de forma quase física.

Preciso dormir, pensou, sentindo as primeiras lágrimas surgirem nos olhos abertos.

Era madrugada, o momento do dia em que as criaturas do inferno vagam pela Terra: ele sabia disso, pois, desde criança, possuía o dom de sentir o cheiro demoníaco e, dessa forma, perceber a presença dos malditos demônios. Era imperativo adormecer desde a meia-noite até o nascer do sol, pois só dessa forma as criaturas não poderiam pegá-lo. O repouso do sono transportava sua alma para longe das tenebrosas e invisíveis garras, o conduzia a um lugar impossível de ser conhecido através do contato físico, um lugar limpo, bonito e seguro.

Quando dormimos, a alma deixa nosso corpo mortal, Platão dissera, há mais de dois mil anos atrás. Saberia Platão a respeito das criaturas? Teria sido ele uma das pessoas que possuíam o Grande Dom?

Talvez.

Talvez Platão fosse um dos responsáveis por manter o equilíbrio no mundo, em sua época. Enquanto Luiz contava, Platão cumpria sua tarefa proferindo palavras sábias e ensinamentos através da Filosofia. Cada guardião agia à sua maneira pessoal e, na maioria das vezes, um não conhecia o outro.

— Ah Deus, me faça dormir. — Ele rezou, enquanto as lágrimas escorriam até encontrar os lábios entreabertos. — Não me deixe aqui, incapaz e vulnerável. O Senhor sabe qual é a intenção das criaturas infernais: elas querem me destruir porque sou Seu servo, porque cumpro na Terra o papel de guardião.

Então, ele compreendeu: Deus estava chamando agora. Tal como fizera a Samuel, ao despertar-lhe no meio da madrugada, no Velho Testamento. Luiz precisaria enfrentar as criaturas noturnas e manter-se acordado. Era hora de iniciar a grande missão de sua vida, a grande tarefa pela qual estivera esperando, silenciosa e quase inconscientemente, durante toda a vida. Deus haveria de protegê-lo até que estivesse finalizada.

— Senhor, esteja comigo.

Luiz limpou os olhos, afastou as cobertas e seguiu para o chuveiro. Estivera apenas aguardando o momento oportuno, a mensagem subliminar e divina concretizada. O chamado de Samuel. Precisava preparar-se.

Etapa por etapa, o plano estivera traçado desde o primeiro acesso ao site maldito. Luiz esquematizara cada um dos previstos movimentos, antecipara alguns contratempos e planejara formas de lidar com eles. Todos os objetos a ser utilizados estavam armazenados, aguardando. Até mesmo a pistola automática comprada no mercado negro — entre todos os itens, o mais difícil de ser adquirido — esperava sua vez para entrar em ação.

Luiz descobriu-se um dos Guardiões aos quinze anos.

Um Guardião reconhece outro imediatamente se por acaso o vir, mas não havia muitos pelo mundo. Luiz deparara-se com um deles apenas uma vez, por acaso, na época do Ensino Médio. Ele seguia a caminho da escola, trajeto cotidiano, quando se deparou com uma jovem moradora de rua. Nunca a vira antes, mas soube no exato momento em que seus olhos se cruzaram: a moça era uma Guardiã.

Luiz nascera Guardião e o compreendeu espontaneamente no seu décimo quinto aniversário. Implementou a contagem em seu dia-a-dia, mas sabia que, apesar de ajudar a manter a ordem, não era para contar que Deus o colocara na Terra.

O Todo Poderoso não revelava Seus planos antes do tempo adequado, e somente Ele conhecia Seus próprios motivos. Cabia aos Guardiões limitar-se a obedecer sem questionamentos. É o que faz um soldado em tempos de luta, e essa sabedoria é válida para todos os tipos de guerra, humanas ou espirituais.

Se bem que toda guerra é espiritual, afinal.

A contagem era tarefa básica e corriqueira, sua primeira delegação. Deus o incumbiu do segundo serviço quando Luiz terminou o Ensino Médio e começou a trabalhar. Empregado em uma fábrica de computadores caseiros, passou a interessar-se não somente pelo ofício, mas pelo papel desempenhado por computadores na história moderna. Divinamente inspirado, gastou suas economias de três meses de trabalho para comprar seu próprio computador. Uma vez adquirido o produto, ele largou o emprego na fábrica e dedicou-se em aprimorar seus próprios conhecimentos em informática.

Luiz não conhecia os objetivos de Deus, mas podia escutá-Lo perfeitamente: *aprenda tudo o que puder sobre computadores*. O Senhor exigia

seu empenho total e aprendizado integral. Feliz em obedecê-Lo, comprometeu-se a atendê-Lo com toda sua dedicação.

Apesar do notável esforço — até mesmo a mãe elogiara seu desempenho —, Luiz percebeu a vasta e, aparentemente, infinita extensão de conteúdos, formas e segredos da informática. Não poderia absorver e dominar todo o conhecimento nem se sobrevivesse a dez gerações.

Eu nunca conseguirei aprender tudo, Senhor, se é isso o que Você deseja, Luiz desabafou certa madrugada. A despeito das criaturas da noite, Deus exigira que passasse a noite em claro em frente ao computador, buscando aumentar seu conhecimento.

— O que você aprenderá — Respondeu a voz de Deus, de forma física e clara pela primeira e única vez. — será o suficiente para a realização da sua missão.

Surpreso e admirado, ele continuou a aprender e não tornou a questionar.

Passaram-se catorze anos desde que Luiz iniciara seus estudos contínuos. O primeiro sinal de que a Grande Missão haveria de começar surgiu de forma inesperada e demorou um tempo até que ele o reconhecesse como um *sinal*.

Em uma noite de sexta-feira, Luiz explorava sites da Deep Web quando ouviu o grito. Já havia acessado a *Internet Obscura* infinitas vezes antes, mas assistia a algo inédito para ele naquele momento específico. Aturdido, observava os chamados *Snuff Videos*, filmes de curta-metragem postados por internautas sádicos e comumente acessados por expectadores sanguinários. Ele detestava testemunhar a carnificina humana, assistir aos vídeos causava-lhe náuseas e sentimentos de pânico, mas Deus o conduzira até o site por algum motivo.

O moderador do Death of Patience, um sádico perverso autodenominado Billy, incitava pessoas a cometer violência contra si mesmas ou aos próximos. Em muitos vídeos, como uma espécie de ritual, as pessoas proferiam o nome do moderador antes de iniciar suas ações violentas. *Billy, essa é para você* era a frase mais popular entre os internautas sadomasoquistas do site.

Sob os vídeos, os internautas comentavam de forma positiva e entusiasmada, exultando a coragem e audácia daquele que postou o vídeo ou cometeu o ato violento. Billy respondia de forma invariavelmente elogiosa e bem humorada.

Horrorizado, Luiz recostava-se na cadeira ao assistir aos vídeos, quando escutou o grito e levantou-se em um salto. Na sala de estar, encontrou a mãe sentada no sofá, debruçada sobre o próprio corpo. Uma mão agarrava fortemente o controle remoto da televisão, como se o objeto fosse seu último elo à vida, enquanto a outra apertava o próprio coração. Seu rosto era uma máscara de confusão, dor e pânico.

— Luiz... — A voz entrecortada esforçava-se para ser ouvida. — Emergência... Ligue... Para... Emergência.

Ele pegou o telefone e digitou o número imediatamente. Em seguida, envolvendo a mãe entre seus braços, chorou.

— A senhora ficará bem, mamãe, a senhora ficará bem, mamãe. — Ele repetiu cem vezes, mesmo quando o último estertor deixou os pulmões dela.

Ao terminar a frase pela centésima vez, Luiz soluçou e limpou as lágrimas na vã tentativa de controlá-las. Lançou um olhar distraído para a televisão e captou a imagem do jornal da tarde. A reportagem transmitida falava sobre um homem assassinado, vítima de um latrocínio dentro do banco. A cena do assassinato em si, ineficazmente censurada, mostrava o momento exato em que o assassino acertava o crânio da vítima.

Minha mãe morreu por tanto assistir maldade e violência. Nenhum olho humano deveria testemunhar esses atos terríveis. Os maus devem ser isolados e esquecidos. Aos bons, somente as coisas boas devem ser apresentadas.

Jornalistas. Redatores do jornal. Âncoras. Cinegrafistas. Os espectadores sádicos que mantinham o programa no ar. Todos eles assassinaram sua mãe.

Malditos sejam.

Luiz fechou os olhos e começou a contar.

A emoção era inédita: o ódio não fazia parte da gama de sentimentos que conhecia. Era difícil lidar com a nova emoção. Mas Deus o guiou à sabedoria, e a sabedoria é antagônica ao ódio.

Recuperado do devastador e paralisante negativismo, Luiz começou a pensar sobre a causa mais profunda do falecimento de sua mãe. Seu coração, cansado de testemunhar o Mal no mundo, cedeu, e os Bons Espíritos recolheram sua alma para que descansasse antes de retornar, renovada, à Terra. Esse era o motivo imediato, óbvio e simples. Só que isso não era tudo. Deus permitiu que ela sucumbisse a abandonasse Luiz sozinho no mundo por um motivo maior: a

morte dela era o derradeiro sinal. Deus o direcionava para a maldade midiática. Essa era a questão sobre a qual ele deveria agir.

Luiz não poderia eliminar todos os praticantes do Mal que habitavam a Terra, mas podia lidar com parte deles. Os Guardiões realizavam pequenas missões porque, apesar de essencialmente seres espirituais, habitavam corpos humanos e estavam sujeitos a todas suas fraquezas e limitações. Por isso, o que parecia uma Grande Missão para Luiz, era muito pequena e ineficaz se colocada a nível global.

Sua tarefa agora estava diretamente ligada ao Death of Patience. Deveria eliminar Billy e seu principal seguidor, Filthy Darkness.

Ele sabia que os seguidores do Mal não eram fundamentalmente *maus*: espiritualmente mais fracos, esses seres humanos não compreendiam a boa moral instituída por Deus e deixavam-se levar pela tentação das criaturas da noite. Ingênuos, eles ignoravam a existência desses demônios, e corrompiam o que havia de puro e limpo em seus corações ao adorar o sangue e amar a angústia. Os assassinos de sua mãe e os membros do Death of Patience marchavam em direção ao inferno e, junto a eles, carregavam outras pessoas, ao convertê-las e cativá-las no Mal.

Os corpos humanos de Billy e Filthy Darkness seriam sacrificados. Não havia salvação para suas matérias mortais, mas suas almas seriam salvas. Filthy Darkness serviria de exemplo para os outros membros do site, outros espectadores de Snuff Videos e as demais testemunhas voluntárias do sadismo popular. Billy e Filthy Darkness reconheceriam, afinal, o mal que causaram a si mesmos e aos seus semelhantes; eles entenderiam e haveriam de agradecer-lo. Além de libertar as duas almas, o sacrifício faria da dupla um exemplo aos outros e implicaria no fim do Death of Patience, o que impediria a morte e autoflagelação de vítimas futuras.

Deus é perfeito, Luiz pensou, fascinado. Ele me preparou a vida inteira para salvar Billy, Filthy Darkness e os espectadores desse site demoníaco. Ele os ama. Ele quer que eu os livre da possessão do Mal.

Não seria um trabalho fácil, estava ciente disso. Até hoje, jamais cogitara a possibilidade de assassinar — ou mesmo *machucar* — alguém. Mas sua mente divinamente iluminada já começava a desenvolver um plano.

Descobrir a identidade de Billy e Filthy Darkness era o primeiro passo e, para isso, ele invadiu o site e criou uma conta falsa. Nicky foi o apelido aleatoriamente escolhido, embora a palavra *aleatório* não existisse no vocabulário de Deus: talvez, um dia, Luiz descobrisse um significado intrínseco naquele apelido.

Quarta Parte

Às três horas da manhã, Rafael recostou-se sobre a cadeira giratória e espreguiçou-se com um bocejo. Terminara o serviço solicitado por uma grande companhia nacional de distribuição de brinquedos, o que lhe dava um tempo de sobra: hora de checar o Death of Patience. Havia alguns vídeos para serem analisados e postados.

Ele clicou no primeiro vídeo pendente, assistiu, analisou e decidiu postá-lo. Nele, uma adolescente abria uma ferida no próprio dedo indicador e deixava um filete de sangue escorrer para dentro de um copo transparente. Nada muito interessante, mas, ao menos, não se tratava de mais um vídeo *fake*. Seguiu para o próximo filme e o iniciou, quando escutou uma batida na porta da frente. Produzido com o nó dos dedos, o barulho foi rápido e rítmico. Seu coração disparou imediatamente.

O único tipo de visita que recebia era o de entregadores de compras on-line, e não havia entregador na cidade que iniciasse seu trabalho às três horas da manhã.

A mente trabalhava rápido, procurando adivinhar quem estaria do lado de fora do apartamento. O medo o mantinha imóvel de frente ao computador.

Poder ser um engano. Algum morador bêbado confundiu o número do apartamento.

Novas batidas rítmicas, desta vez, mais urgentes e ansiosas.

— Billy? — Chamou uma voz feminina vacilante. — Billy, sou eu, Filthy Darkness.

Que diabos! Como Filthy Darkness descobriu seu endereço? O que ela estava fazendo ali no meio da madrugada?

Uma cilada, é claro. Filthy Darkness e Nicky são a mesma pessoa, afinal.

Está chegando em você: ela era a autora da ameaçadora mensagem.

Ele tentou imaginar o que aconteceria se ele abrisse a porta.

— Billy. — Ela insistiu, imediatista. — Billy, abra a porta. Talvez estejamos em perigo. Precisamos conversar.

De uma coisa ele tinha certeza: *Billy* jamais abriria a porta.

A imobilidade o abandonou, a adrenalina começou a motivá-lo. Correu até o quarto e escondeu-se no vão entre a parede e o guarda-roupas. Se Filthy Darkness quebrasse a fechadura e invadisse — tal como fizera anteriormente —, haveria de encontrá-lo rapidamente. Ainda assim, a única defesa possível era o esconderijo.

Ele escutou golpes curtos e metálicos contra a fechadura. Filthy Darkness estava arrombando a porta.

Ela pareceu tão indefesa, adolescente, magrinha!, ele pensou, quase desvairado, tentando imaginar quais seriam suas intenções.

Escutou passos na sala de estar. Ela estava à sua procura.

Os vizinhos devem ter ouvido o arrombamento, ele pensou, procurando controlar a respiração e o ritmo do coração. Temia ser denunciado pelo som do próprio desespero. *Alguém escutou e ligará para a Polícia.*

Ninguém acionou a Polícia na primeira vez em que Filthy destruiu minha fechadura, o pensamento ocorreu e acelerou ainda mais as batidas de seu coração. *Nessa cidade, cada um cuida de seus próprios assuntos. Ninguém está interessado no barulho da casa dos vizinhos, desde que não atrapalhe uma boa noite de sono.*

— Billy? — Filthy estava chamando, mas sua voz não parecia assassina, soava quase *assustada*. — Onde você está, Billy? Preciso de você.

A voz aproximava-se. Ela estava no quarto. Rafael podia escutar seus passos macios contra o tapete. Ou estaria esse som somente em sua imaginação?

Estava prestes a ser encontrado, mas permaneceu imóvel. *Ela está armada. Mas se não estiver, posso derrubá-la facilmente. Apenas um empurrão e ela cai no chão.*

Finalmente, Filthy surgiu à sua frente, bloqueando sua visão.

— Billy! — Ela exclamou, parecendo aliviada. — Me perdoe por isso, Billy! Me perdoe por isso!

— Filthy, o que está...? O quer dizer...?

Rafael tentou completar suas perguntas aturdidadas, mas calou-se. Havia mais alguém no quarto. Agora, ele podia sentir a presença de um terceiro visitante.

Filthy puxou-o delicadamente pelo braço, obrigando-o a deixar o inútil abrigo. Ele deixou-se conduzir, observando, atônito, o homem postado ao lado de sua cama. O desconhecido empunhava uma pistola automática.

— Me perdoa, Billy. — Filthy insistiu. — Ele me obrigou a enganá-lo. — Voltou-se para o homem que carregava o revólver. — Agora cumpra sua promessa e me deixe ir embora.

De estatura mediana, ombros largos e corpo musculoso, o estranho possuía olhos negros, infelizes, vagos e insanos. Exibindo um sorriso triste, ele balançou a cabeça em negativa e respondeu à solicitação de Filthy Darkness:

— Brenda, não poderei deixá-la ir embora. Você precisa vir comigo.

— Mas você disse que se eu o acompanhasse até o apartamento do Billy me libertaria...

— Desculpe por tê-la enganado, precisei mentir para cumprir minha missão. Às vezes, até mesmo os espíritos puros mentem. Lidar com o ser humano é difícil. Deus compreende a complexidade da natureza e ações humanas, portanto me permitiu mentir para te convencer.

— Merda! — Ela exclamou e voltou-se para Rafael. — Você escutou o que ele disse? Esse psicótico retardado só falou coisas sem nexos durante todo o trajeto. E agora descobro que mentiu pra mim.

— Filthy... — Rafael balbuciou, ainda atônito. — Por que você me entregou?

— Foi mal, Billy, esse maldito maluco me obrigou.

— Desculpe interrompê-los. — O estranho disse, sem demonstrar ironia. Era como se estivesse realmente constrangido por intrometer-se no diálogo. — Precisamos ir. Não há tempo a perder. Precisamos realizar nossa tarefa antes que despertem as criaturas do Bem.

— Você é o Nicky? — Rafael tornou a balbuciar.

Sentiu-se imediatamente idiota e envergonhado. Não apenas fazia uma pergunta tola, estava agindo de forma ridícula desde o momento da invasão. Primeiramente, exibira uma atitude covarde ao esconder-se atrás do armário, e agora gaguejava e mostrava-se temeroso e hesitante.

O invasor respondeu, paciente e imperturbável:

— Pode me chamar de Nicky, se quiser. Mas meu nome verdadeiro é Luiz.

Filthy Darkness jogou a cabeça para trás em uma risada quase psicótica, ainda que transparecesse alguma genuína lucidez.

— Luiz! O nome do meu assassino é *Luiz*! Fala sério, meu tio se chama assim. Vou chamá-lo de *Nicky*, pode crer. E espero que os jornais noticiem esse acontecimento divulgando seu pseudônimo. Não haverá emoção alguma em ser assassinada por um cara chamado Luiz.

— Não fale dos jornais. — Nicky, o iminente assassino, murmurou, afetado. — Vamos embora daqui.

Filthy retomou o caminho da porta, mas Rafael permaneceu imóvel, quase entorpecido. Nicky suspirou, insatisfeito e cansado, e encostou o cano do revólver em sua têmpora.

— Eu não quero matá-lo agora, Rafael, mas terei de fazê-lo se não me acompanhar.

As palavras pareceram surtir um efeito mágico, e as pernas de Rafael voltaram a funcionar. Seguiu Filthy e, sob as ordens de Nicky, deixou o apartamento.

— Ajam naturalmente, por favor. — Nicky pediu, enquanto desciam as escadas do prédio. — Esconderei a arma sob minha jaqueta, mas não hesitarei em dispará-la se alguém notar o sequestro. Não tentem se comunicar com qualquer transeunte. Devemos agir como se fôssemos um trio de amigos caminhando amigavelmente.

— *Caminhando amigavelmente* às três e tanto da manhã? — Filthy comentou, zombeteira. — Não é muito convincente. Devo mencionar que a cara do Billy também não convence muito, ele está com cara de *sequestrado*.

— Meu recado está dado. — Nicky comentou com simplicidade.

Os três caminharam em direção à rua. Nicky apontou um carro antigo, velho a ponto de desmoronar. Rafael e Filthy acomodaram-se no banco traseiro, enquanto Nicky assumia o volante.

Ele descansou o revólver no colo, usando as mãos para dar a partida no carro. Não havia chave na ignição: Nicky realizou uma ligação direta com a habilidade de um experiente ladrão de automóveis.

A mão de Filthy moveu-se em direção à maçaneta da porta. Rafael notou, horrorizado, que ela planejava fugir, aproveitando a aparente distração do motorista ocupado com os fios de ignição.

— Não faça isso. — Nicky disse, observando-a através do espelho retrovisor central. — Já disse que não hesitarei em disparar.

Filthy desistiu, cruzando os braços sobre o peito como uma criança emburrada.

— O que ele fará com a gente? — Rafael sussurrou para si mesmo, mas Filthy respondeu:

— É um psicopata retardado, cara. Vai nos matar da forma mais cruel possível.

Nicky dirigiu por cerca de cinco quilômetros até alcançar o destino: um hospital abandonado, esquecido pelas autoridades municipais há décadas.

O *assassino iminente* pediu que a dupla saltasse do carro e passasse pelo portão de entrada arrombado do prédio. Sob a mira do revólver, Rafael e Filthy Darkness entraram no hall do hospital. Não havia nada além de paredes sujas e bitucas de cigarro.

— Eu já estive aqui. — Filthy comentou. — Meus amigos e eu costumávamos pular o muro pra fumar erva.

— É bom que já esteja familiarizada com o local. — Nicky comentou e, mais uma vez, sua voz não transmitia sarcasmo.

— Uma amiga viu um espírito aqui dentro, certa vez. O espírito de um antigo paciente.

Rafael notou a mochila grande e carregada que pendia sobre as costas de Nicky. De dentro dela, o assassino iminente sacou uma lanterna e a ligou, acrescentando ao hall uma iluminação fantasmagórica. Filthy Darkness prosseguiu seu inoportuno relato:

— Histérica, ela chorou e correu para fora do hospital. Mas é claro que tudo não passava de imaginação, a garota estava completamente chapada. Não existia porra nenhuma de fantasma.

Rafael sentiu a garganta seca ao virar-se para Nicky e perguntar:

— O que há na mochila?

— Já vou mostrar.

Nicky indicou o corredor adjacente, iluminando-o com a lanterna. Filthy Darkness calou-se e obedeceu, entrando no obscuro local. Rafael a seguiu. A sensação era sufocante, como se estivesse entrando em um túnel engolido pela semiescuridão.

Pela primeira vez, Rafael perguntou-se a respeito do revólver de Nicky. E se fosse falso, afinal? A hipótese era válida, mas apostar nela e errar colocaria fim imediato à própria vida.

O prêmio aqui é a minha cabeça.

De forma igualmente inédita, ele pensou na possibilidade de escapar. Simplesmente voltar-se, empurrá-lo abruptamente e correr para longe da mira de suas balas até encontrar-se em segurança. Afinal, Nicky tinha uma arma, mas Filthy e Rafael estavam em maior número. Será que o fato conferia alguma vulnerabilidade ao assassino iminente?

O prêmio aqui é a minha cabeça.

Não valia a pena arriscar.

O longo corredor desembocou em outra sala vazia. Nicky os guiou até uma escada em formato de caracol e mirou o feixe de luz em sua direção.

— Subam. — Incitou. — Eu estarei logo atrás.

Por um segundo breve e certo, Rafael olhou para Filthy Darkness e captou no rosto de sua companheira de sina um pensamento decisivo. Ele o interpretou imediatamente e temeu pela vida dela.

Ao atingir o sétimo degrau da ampla escada, Filthy voltou-se para o assassino iminente com a agilidade de um gato. Seu objetivo era claro: aproveitar-se de um possível momento de distração e derrubá-lo escadas abaixo. Ela contava com o fator surpresa, talvez Nicky não esperasse por um contra-ataque neste momento.

Seu cotovelo o atingiu nos lábios, fazendo correr pelo queixo uma linha fina e vermelha. Mas Nicky não perdeu o equilíbrio. Ao invés disso, respondeu imediatamente, agarrando-a pela cintura e impedindo sua tentativa de ultrapassá-lo e fugir. Agilmente, Nicky a empurrou para frente, fazendo-a tombar sobre os degraus.

Filthy Darkness praguejou e apoiou-se sobre os cotovelos a fim de se levantar. Antes que pudesse fazê-lo, Nicky apontou o revólver na direção de seu ombro direito e disparou.

A bala produziu um enorme estrondo ao atingi-la. Por reflexo, Rafael protegeu o rosto, recuando contra a parede, a cintura chocou-se com o corrimão de ferro.

Filthy levou a mão ao local atingido, chocada com o ferimento. O sangue fluía.

— Levante-se. — Nicky pediu, ao mesmo tempo em que a ajudava a recompor-se. — Eu avisei para não tentar livrar-se de mim. Seu Destino já está escrito. Cabe a você me obedecer para que eu possa salvar sua alma. Mas, caso não faça o que digo, serei obrigado a matá-la agora mesmo. O próximo tiro será em sua cabeça, e sua alma terá se perdido para sempre. Sintirei muito por isso.

Ela livrou-se grosseiramente da mão que a auxiliava a levantar-se. A expressão em seus olhos transformara-se: não estava chocada, mas encolerizada.

— Faça o que ele diz. — Rafael sussurrou, suplicante.

O trio alcançou o andar de cima. Nicky os conduziu até um dos quartos.

Havia dois móveis no amplo recinto. Encostado à uma extremidade, um gabinete metálico de grandes proporções; no centro do quarto, jazia uma maca velha de pernas frouxas.

— Sentem-se na maca, por favor. — Nicky pediu, descansando a mochila no chão, à frente de seus pés.

Rafael obedeceu, mas Filthy Darkness permaneceu imóvel.

— Se vai me matar de qualquer maneira, prefiro que o faça agora. É melhor morrer com um tiro letal e instantâneo do que esperar a morte que você preparou para mim.

Nicky piscou longamente.

— O que *eu preparei para você* salvará sua alma. Se eu matá-la com um tiro, sua morte terá sido completamente em vão. Não é isso o que Deus planejou para nós. Ele quer que eu a salve.

Filthy Darkness sorriu com sarcasmo. Abriu um braço, em redenção; o outro, de onde o sangue escorria ininterruptamente, permaneceu imóvel.

— Vamos lá, servo de Deus. Mate esse corpo e perca essa alma.

— Brenda — Nicky disse, usando o tom didático de um professor paciente. —, entenda de uma vez por todas: não quero perder sua alma, mas se você me obrigar, eu a perderei. Talvez esse seja o plano de Deus, afinal. O que não posso fazer é deixá-la ir embora. Você e seu amigo incitaram a morte e autoflagelação de muitas pessoas. Deus não quer que isso continue a acontecer.

— Atire logo, seu lunático idiota!

Rafael levantou-se, alarmado. Havia compaixão nos olhos do assassino iminente, e resignação sincera na expressão de Filthy Darkness. Ele percebeu três prenúncios ao mesmo tempo: primeiro, Nicky se compadecia de sua vítima porque se via obrigado a matá-la agora mesmo, e o faria, ainda que contra sua própria vontade; segundo, Filthy reconhecia a morte iminente e estava preparada para receber o projétil que colocaria fim à sua existência; terceiro, Rafael seria o próximo. Mas sua morte seria significativamente mais cruel e lenta. Nicky usaria os utensílios em sua mochila, seja lá quais fossem, para *salvar sua alma*.

O ingresso de entrada para o Paraíso custaria muito caro.

Filthy aguardava. Nicky ergueu o revólver em sua direção, mas não disparou. Ao invés disso, sem deixar de fitá-la, começou a contar:

— Um, dois, três, quatro...

A contagem servia para preparar Filthy Darkness para a morte, dar-lhe tempo de pedir a Deus perdão dos seus pecados, Rafael imaginou. Provavelmente, contaria até dez e dispararia.

Mas a maníaca entoação prosseguiu, e o assassino iminente não fazia menção de interrompê-la.

Filthy moveu-se, trocando o peso dos pés, impaciente. Percebendo o movimento, Nicky pareceu agarrar o revólver com mais força como se temesse um novo ataque. Ela fechou os olhos e acompanhou sua contagem. Seus lábios se moviam em convergência com os lábios do assassino iminente:

— Doze, treze, catorze, quinze, dezesseis.

Nicky pareceu satisfeito com a colaboração, como se interpretasse sua cooperação como um sinal de rendição a Deus. Ele também fechou os olhos.

Nicky supõe que, ao contarem juntos, a alma dela se purifica, Rafael compreendeu. Precisava de uma ideia para aproveitar o momento e agir a fim de salvar-se. Talvez pudesse salvar Filthy Darkness também.

Suavemente, Rafael avançou um passo e esperou.

— Dezenove, vinte, vinte e um.

Nicky e Filthy não notaram o movimento.

— Vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro.

Brandamente, Rafael moveu-se em direção ao assassino iminente. Atingiu a maior proximidade possível. Se avançasse mais um único passo, Nicky perceberia e dispararia.

Até quando durará essa contagem, esse ritual insano? Quanto tempo eu tenho?

— Vinte e seis, vinte e sete, vinte e oito.

Rafael pretendia arrebatá-la, mas subitamente mudou de ideia e recuou. Com passos suaves, fez a volta na maca e aproximou-se da porta de saída do quarto.

Ele poderia correr para fora do lugar, para fora do hospital e salvar-se definitivamente. Mas, em algum momento, Nicky terminaria sua contagem maníaca e dispararia contra Filthy Darkness.

Eu deveria simplesmente abandoná-la. Ela me vendeu ao tentar ajudar o assassino a entrar em meu apartamento. Dane-se.

Mas Rafael não fugiu. Mantendo os passos largos e suaves, tornou a postar-se imediatamente em frente ao assassino. Cerca de cinquenta centímetros os separavam.

— Trinta, trinta e um, trinta e dois.

Rafael nunca havia se sentido tão confiante. De alguma forma, estava certo de que o plano daria certo. Postou-se à distância de dois passos largos, imediatamente à frente do assassino iminente. Respirou fundo rapidamente e correu em direção a Nicky, vencendo a distância a uma velocidade impressionante.

Ele agarrou as mãos que empunhavam o revólver, obrigando-as a desviar a mira de Filthy Darkness. Surpreso, Nicky interrompeu a contagem e disparou imediatamente. A bala atingiu a maca, produzindo um som estridente e metálico, e ricocheteou até a parede.

Filthy Darkness ouviu o barulho e abriu os olhos. Correu para junto de Rafael, a salvo da mira do revólver.

— Você não sabe o que está fazendo! A contagem não pode ser interrompida!— Havia desespero na voz de Nicky. Ele tornou a disparar a esmo.

— Você não pode me matar! O Bem sempre vence o Mal, é assim que deve ser. A contagem não pode ser interrompida. A contagem não pode ser interrompida. A contagem não pode ser interrompida!

Rafael lutava para manter a mira do revólver direcionada à parede nua, mas a força física de Nicky era evidentemente superior à sua. Agora, ele já não se sentia tão confiante. Mas não podia desistir: a vida de Filthy Darkness e a sua própria dependiam daquela disputa pelo revólver.

Nicky disparou mais uma vez. A bala acertou a parede e ali permaneceu. Com o cotovelo, acertou o estômago de Rafael.

O tecido do estômago pareceu se romper, mas a dor não obrigou Rafael a largar os braços do inimigo, o que permitiria que ele se voltasse em sua direção com o revólver em punho. A luta continuou. Rafael continuaria até o fim.

Filthy Darkness pareceu despertar do entorpecimento resignado sob o qual estivera submetida. Segurando o ombro ferido com uma das mãos, avançou em direção à mochila de Nicky. Sacudiu-a, despejando todo o conteúdo no chão: uma lata de gasolina, fósforos e duas cordas compridas. Ela apanhou uma das cordas e avançou na direção de Nicky e Rafael.

O assassino iminente acertou o estômago de Rafael mais uma vez. Outra onda de dor ameaçou enfraquecê-lo a ponto de derrubá-lo, mas a disputa prosseguiu.

— A contagem não deveria ter sido interrompida! — Nicky começou a chorar. Sua voz tornou-se um ganido cheio de desespero. — Não poderia... Não poderia... Não poderia... A contagem não poderia ter sido interrompida!

Eu ainda consigo manter essa batalha fisicamente injusta excepcionalmente porque Nicky está emocionado. O choro diminui sua capacidade física e força de vontade. Por isso, ainda tenho chances de vencer.

Filthy Darkness lançou a corda e enlaçou o pescoço de Nicky. Aproximou-se o suficiente para encaixá-la e apertou com força. Rafael imaginou que toda a força da menina jamais seria suficiente para esganar um homem daquele tamanho.

Nicky disparou novamente e tornou a acertar a parede, espalhando fragmentos de cimento pelo ar.

Mais uma vez, ele acertou o estômago de Rafael. Impossibilitado de resistir novamente, deixou-se cair no chão, envolvendo com os braços o abdome terrivelmente dolorido.

O assassino iminente livrou-se da corda com facilidade e empurrou Filthy Darkness contra a parede mais próxima. Encostou o cano do revólver em sua testa e, com o rosto riscado de lágrimas e os olhos marejados, puxou o gatilho.

O gatilho produziu um estalido rouco e não respondeu. O último projétil havia sido gasto contra a parede.

Nicky observou longamente a arma em sua mão, como se não compreendesse o que havia acontecido. Seus olhos demonstravam comoção quase infantil. Lançou o revólver no chão e limpou os olhos com a palma da mão. De punhos cerrados, avançou em direção a Rafael.

O primeiro golpe acertou a têmpora; o segundo, a bochecha.

Filthy Darkness procurava decidir como agir. Iluminada por uma ideia, pegou a lata de gasolina e despejou todo o conteúdo no chão.

Nicky voltou-se para ela. Livre, Rafael levantou-se, apesar da dor lancinante no estômago e rosto. Levou a mão à bochecha, encontrando um osso, provavelmente, partido.

Filthy riscou um fósforo.

O que ela pretende fazer? Vai acabar matando a todos nós!

Os olhos de Rafael depararam com o revólver esquecido no chão. Apanhou-o e avançou em direção a Nicky.

Filthy Darkness lançou o fósforo sobre a poça de gasolina, ao mesmo tempo em que Rafael, utilizando o cano do revólver, surpreendia o inimigo com um golpe na cabeça. Atônito, Nicky voltou-se e tentou arrebatá-lhe a arma. Rafael acertou-o outras duas vezes. Desfalecido, o assassino cedeu.

A chama alastrou-se pelo quarto do velho hospital. Atingiu a maca, o armário metálico e encontrou o corpo desacordado de Nicky.

— Vamos sair daqui. — Filthy gritou, iniciando uma corrida resfolegante corredor afora.

Rafael a seguiu. Surpreendeu a si mesmo ao encontrar forças para correr. Quando alcançou Filthy Darkness, de volta ao hall do hospital, observou sua blusa de moletom embebida de sangue.

Será que ela vai sobreviver à hemorragia?

Filthy Darkness parou para tomar fôlego. Sorriu para ele rapidamente, em seguida segurou sua mão e tornou a correr em direção à rua.

Ela pretendia sobreviver.

Sobreviveria.

Quinta Parte

A internet estava lenta. O vídeo demorava a carregar. Impaciente, Brenda repousou o celular sobre o peito e recostou a cabeça no travesseiro.

Pensou em Miguel. Ele vinha agindo com tanta gentileza desde sua internação! Não a responsabilizara pelo acontecido nem ao menos quando soubera, através da fala do investigador da Polícia, que todo o incidente com o psicótico assassino havia começado por causa de um site sanguinolento e de mau gosto, do qual ela fazia parte assiduamente.

Miguel não a culpara nem a repreendera. Não a alertara, de forma aborrecida, sobre o quanto era errado participar de um site ilegal que só fazia mal para as pessoas. Não a censurara por não ter reportado as ameaças sofridas desde o início, evitando um incidente de tamanha e assustadora proporção. Ele não a criticara nem ao menos quando Brenda lhe confidenciou que essa havia sido a mais significativa aventura de toda sua vida.

Talvez eu escreva um livro sobre isso.

Assim como Miguel, o pai e a madrasta a tratavam com solidariedade, compadecidos de seu estado de saúde. A tala em seu ombro e o rosto empalidecido os tornara condoídos e tolerantes.

O vídeo terminou de carregar e iniciou. Brenda aprumou-se sobre a cama do hospital, sentindo uma onda rápida de dor — dor pertinaz: resistia aos mais fortes analgésicos administrados pelas enfermeiras.

Oi, Billy. O garoto no vídeo começou, exibindo um sorriso lívido, quase doente. Não devia ter mais do que dezoito anos de idade. *Quero mostrar uma coisa que fiz. Você vai gostar.*

O garoto ergueu a mão: uma faca reluzente atravessava-lhe a palma. O sangue, de um vermelho vivo, pingava no chão.

Não dói, ele dizia. Descobri que controlo minhas próprias sensações. Se digo a mim mesmo que a dor não existe, ela deixa de ser real.

Brenda tentou imaginar o quanto o estado mental do garoto deveria estar afetado, a ponto de fazê-lo desconsiderar a dor de uma faca que atravessava a palma da mão. Talvez o abuso de drogas entorpecentes o levasse a esse estágio; ou, quem sabe, fosse louco o suficiente para não sentir nada. Ela pensou no próprio ombro dolorido.

A dor existe, independente do quanto desejamos que ela não seja real. Ela meditou. O mesmo vale para o Mal. Nicky achou que poderia erradicá-lo, mas não pôde. Afinal, não existe Bem e Mal. O mundo não é tão simples quanto ele imaginava. Tudo o que há são seres humanos tentando aproveitar a vida da melhor forma possível, procurando sobreviver e manter a sanidade em um mundo hostil.

Brenda observou o garoto no vídeo e chegou à conclusão de que, sob um estado de entorpecimento ou não, ele tinha muita coragem.

Sob o pseudônimo de Filthy Darkness, ela comentou o vídeo. Parabenizou o garoto machucado por seu feito corajoso e o evidente autocontrole diante das emoções humanas.



Zeami

31 de Maio de 2012 – Ginza, Tóquio.

Ele era Zeami, o Louco.

De Zeami Motokiyo, o compositor teatral do século 14. Nós o chamávamos assim porque, em seus dias mais agitados, ele interagia com pessoas invisíveis, ria e chorava de modo teatral, movendo-se de um lado para o outro como se atuasse em uma peça teatral Kyogen.

Seu nome verdadeiro não conhecíamos. Não tinha casa, família, parentes. Para a maioria dos habitantes do bairro de Shigawa, ele nem existia. Os adolescentes zombavam dele. Riam de suas performances, atacavam-lhe bolinhas de papel. Quando encontrava-se adormecido na calçada, o cumprimentavam com um bom dia jocoso, muitas vezes seguido de adjetivos nada agradáveis: *bom dia, Zeami, o Louco; Bom dia, Zeami Maluquinho; Bom dia, Zeami Psicótico; Bom dia, Mendigo de Kyogen*. Eu mesma participei de algumas dessas grosseiras zombarias.

Zeami, o Louco, possuía estatura descomunalmente baixa e era corcunda. Quando caçoávamos, ele erguia olhos inexpressivos em nossa direção e, enquanto nos afastávamos aos risos, seu olhar nos acompanhava. Suas pupilas quase desapareciam ao nos olhar daquela forma, de baixo para cima, devido à sua estatura: nesse momento, seus olhos se tornavam quase totalmente brancos.

Ele nunca respondia às nossas afrontas.

À noite, em meu trajeto de volta do trabalho, eu passava por ele, mas não zombava. Tinha medo de que pudesse me atacar e, sozinha, eu não pudesse me defender. Mas ele não parecia notar minha presença. Estivesse deitado em sua cama miserável e improvisada, sentado ou perambulando pelo bairro, não erguia aquele seu olhar branco se não fosse importunado.

Certa vez, compartilhei meu receio com uma amiga. Rindo, ela respondeu: *o velho mendigo é um doente mental inofensivo. Ninguém tem medo dele. Não é capaz de matar um passarinho!*

Não que eu dispensasse maior atenção a Zeami, o Louco. Só me lembro desses pequenos fatos agora, após o acontecido e seus desdobramentos misteriosos.

Acontece que Zeami, o Louco, certa manhã, seguiu para a praça, local movimentado do centro da cidade, onde mulheres levam seus filhos para brincar e transeuntes passam agitados e apressados, objetivando alcançar seus destinos. Ali instalado, ele começou a gritar para quem pudesse ouvir. O que não era nenhuma novidade, é claro. O velho mendigo havia feito aquilo muitas vezes: como um pregador, ele gritava disparates. Não foi diferente naquela manhã: ninguém prestou atenção, ninguém parou para ouvir suas palavras. Provavelmente, ele próprio não estranhasse o fato de não ser interrogado sobre suas apocalípticas afirmações, pois estava acostumado ao impiedoso desprezo.

— A tempestade vem hoje, ela vem! — Ele proclamava, tão alto quanto seus velhos pulmões permitiam. — Ela vem por causa das mãos dos Homens, pela ciência humana que se desenvolveu demasiadamente e irritou a Natureza. Nenhum de vocês se importa com a Grande Mãe! Ninguém escuta quando ela grita por socorro. Ela é frágil como uma gatinha, mas é rancorosa: se vingam como uma leoa. Escutem, Homens! Escutem, vocês, seres humanos que constroem impérios e desprezam aquilo que Ela, e somente Ela, é capaz de oferecer. Hoje, a vingança vem contra todos vocês. Ergueram seus castelos, mas não notaram o quão frágil era sua estrutura, e hoje eles serão derrubados. Seu ar será contaminado e alguns de vocês morrerão na imundícia que suas próprias mãos construíram; outros partirão para sempre, nunca mais verão sua terra natal. Hoje, ela não os ajudará, irmãos meus. Irmãos, companheiros dessa numerosa espécie egoísta e indigna do que lhes é oferecido diariamente. A Mãe arrancará de vocês tudo o que lhes foi generosamente dado. Vocês não merecem o fruto da terra, o solo que pisam e a água que bebem. Por isso, Ela os arrancará de vocês. Suas horas estão contadas, meus irmãos. Nossa terra servirá de exemplo para outras terras e, depois de hoje, nada será como antes.

Escutei aquelas palavras ao passar pela praça, a caminho de meu trabalho. Segui minha própria rotina, indiferente. Naquela manhã, todos nós trabalhávamos, íamos à escola, cuidávamos de nossos filhos e de nossas casas. Não havia nada de incomum.

Quando a terra começou a tremer sob nossos pés, não entendemos de início. Mas bastaram três segundos para que o medo dominasse nossos corações e corrêssemos para buscar refúgios. Mas não havia abrigo: a Natureza havia se revoltado contra nós. Ninguém podia nos salvar.

Os tetos desabaram sobre nossas cabeças. Postes de iluminação, árvores, residências, templos: todos cediam. O pavimento das avenidas rachou-se, mostrando suas entranhas de cimento. O chão sugava os cidadãos. Postos de combustível explodiram. Lá na praia, uma onda gigantesca engolia banhistas, guarda-sóis, barracas de sorvete.

A Leoa resolveu que era hora de ensinar à frágil Humanidade uma importante e mortífera lição. Estava irritada e faminta: a profecia se cumpria.

Zeami, o Louco, previu o imprevisível. Ele, a quem ninguém olhava, sabia o que estava para acontecer. De alguma forma, *ele sabia*, e tentou avisar a todos. Mas quem poderia acreditar naquelas palavras terríveis? Estávamos ocupados demais com nossas vidas para dar-lhes ouvido.

Quando a terra finalmente acalmou seus implacáveis tremores, deixou para trás um cenário de desolação e tristeza. Nós, os sobreviventes, fomos encaminhados para abrigos localizados na cidade mais próxima, entre soluços, pranto e feridas. Entre nós, estava Zeami, o Louco.

Ali mesmo, no abrigo, nossos olhos se cruzaram. Ele encarou-me, não com o branco dos olhos e, dessa vez, havia lucidez em seu olhar. Enquanto nos observávamos mutuamente, senti que o tempo parava e o espaço se dissolia: não existia nada além de nós dois, o velho mendigo e eu, frente à frente, compartilhando um segredo muito sério. Esqueci da desgraça, da desolação, da incerteza quanto ao paradeiro da minha família e amigos e do meu próprio destino.

Em um segundo, o encanto acabou. Zeami, o Louco, desviou o olhar, mas a sanidade não abandonou seus olhos. Ele levantou-se e começou a bradar palavras indecifráveis, súplicas histéricas e tristes. Lágrimas riscavam seu rosto enrugado. Os oficiais aproximaram-se para lhe acalmar e pedir silêncio, mas a atitude não foi necessária: Zeami, o Louco, tornou a sentar-se. Agora, seus olhos estavam fixos no chão, e suas palavras emudeceram. A loucura voltara em forma de catatonia.

Sua mente jamais retornou à vida. Ele não falava, não comia nem bebia, pouco se movia. Penso que ele mesmo se surpreendeu com o desenvolvimento dos fatos e o tamanho da destruição que previu. Talvez se sentisse culpado; talvez imaginasse que pudesse ter feito algo para salvar a todos nós.

Zeami, o Louco, desapareceu do abrigo dois dias depois e nunca mais foi visto. Alguns dizem que ele morreu, provavelmente jogando-se no mar. Outros alegam que está escondido em algum lugar, protegido de tudo e de todos para sempre.



O anjo da guarda

Era uma antiga canção. Uma música de ninar que ela tinha aprendido quando ainda morava naquela *outra* casa, com sua *outra* família. Todo o resto parecia ter acontecido em *outra* vida, mas não aquela música. Ah, aquela música sempre parecia atual e, neste momento, tão necessária como nunca antes.

Ah, minha machadinha, quem te pôs a mão, sabendo que és minha?

Quem te pôs a mão, sabendo que és minha?

Ela cantarolou baixinho, cobrindo os olhos com as mãos. Os cotovelos descansavam sobre os joelhos trêmulos, e era preciso certo esforço para manter-se encaixada no minúsculo espaço disponível dentro do guarda-roupas. Se ela esticasse as pernas apenas um centímetro, esbarraria na porta e a abriria.

Sabendo que és minha, também eu sou tua.

Sabendo que és minha, também eu sou tua.

Solta a machadinha no meio da rua.

Solta a machadinha no meio da rua.

O som de algo esbarrando do lado de fora do armário causou-lhe um sobressalto, interrompendo a cantiga por uma fração de segundo. Quase inconsciente de sua própria reação, ela apertou os olhos com mais força, enquanto a música tornava-se mais apressada e um pouco mais audível:

No meio da rua não hei eu de ficar.

No meio da rua não hei eu de ficar.

Já irei à roda escolher o meu par.

Nós de dedos bateram à porta do guarda-roupas suavemente, e ela teve outro sobressalto. O ritmo da música intensificou-se ainda mais, e a voz dela tornara-se perfeitamente audível mesmo para alguém que estivesse do lado de fora do armário.

Escolher o meu par, eu já sei quem é.

Escolher o meu par, eu já sei quem é.

É um rapazinho chamado José.

É um rapazinho chamado José.

— Gabi? — A voz feminina, ligeiramente hesitante, vinha do lado de fora do quarto, acompanhada de uma batida educada na porta.

Ela sabia que a mãe não costumava esperar muito antes de abrir a porta do quarto, e se a encontrasse novamente escondida dentro do guarda-roupas tornaria a assumir aquela expressão de preocupação consternada, e essa era a última coisa que Gabi queria naquele momento.

Ponderando se a criatura teria partido ao notar a chegada da mãe, Gabi saltou do guarda-roupas no momento exato em que a mãe abria a porta do quarto.

Ela hesitou, observando a porta do guarda-roupas aberta: sabia que Gabi estivera ali dentro. Mas não comentou nada a respeito. Sorriu para a filha:

— Vim ajudá-la a preparar sua mochila, querida. Está pronta para o grande dia?

Gabi sorriu de volta, assentindo com delicado entusiasmo. Por um momento, esqueceu-se da criatura — ela realmente partira ao escutar os nós dos dedos contra a porta. *Ainda bem.*

— Já preparei tudo! — Ela tirou a mochila do compartimento superior do guarda-roupas, imediatamente acima do esconderijo *não tão secreto assim*. Retirou os itens, dispondo-os sobre a cama, onde a mãe sentara-se. — Cadernos, estojo, lápis, caneta...

Gabi nomeava os itens enquanto apontava. Estava ansiosa pelo dia de amanhã. Parafraseando o pai: *não é todo dia que você vai pra Quinta Série*. Ela sabia que, daqui para frente, teria vários professores ao invés de uma só, cada um deles ministrando uma disciplina! Não sabia se daria conta de tantas

matérias e educadores, mas a sentia-se mais adulta, mais madura, somente pelo fato de, finalmente, deixar o Primário.

— Suas amigas estão empolgadas? — A mãe perguntou, ajudando-a a recolher os materiais e colocá-los de volta na mochila vermelha com motivos de pequenos corações.

— Estão. Ana e Luíza estarão na mesma sala que eu. — Gabi assumiu uma expressão triste. — Mas Julia e Pietra estão em outra sala: cada uma em uma turma diferente, coitadas. Terão que fazer amizade logo no primeiro dia de aula.

— Elas dão conta disso. — A mãe sorriu, colocando a mochila de volta no armário. Olhou para o compartimento inferior e hesitou. Pensou em dizer algo, mas mudou de ideia. O que falou foi: — O jantar está pronto. De sobremesa, temos pudim de chocolate.

Gabi comemorou com divertido exagero, envolvendo a mãe em um abraço, como se ambas tivessem ganhado uma importantíssima competição.

— Obrigada!

— Pudim de chocolate de caixinha, minha especialidade.

Ambas desceram as escadas, rindo da parca habilidade culinária da mãe.

— *Ah, minha machadinha, quem te pôs a mão, sabendo que és minha? Quem te pôs a mão, sabendo que és minha?* — Ela cantarolava baixinho, no ouvido de Gabi, enquanto ambas escutavam os estrondos lá fora. Ocasionalmente, havia um grito: um grito de dor ou um grito de ordem. Mas a voz dela não se alterava. Permanecia melodiosa, rítmica, suave. — *Sabendo que és minha, também eu sou tua. Sabendo que és minha, também eu sou tua.*

Gabi encolheu-se junto ao peito da mãe e pôde escutar seu coração descompassado. Era como se ali dentro houvesse um animal enclausurado, lutando para sair. Ela já não podia concentrar-se na canção. Contava as batidas do coração. Contou até vinte e parou, pois não sabia contar além do número vinte.

Pensou na avó, seu corpo estendido à porta da casa. Acontecera há apenas cinco ou seis minutos, mas a sensação era de que anos haviam transcorrido desde então. O corpo desprovido de vida a derramar sangue pelo concreto, a boca aberta de forma inumana, o maxilar quebrado e os olhos vidrados olhando para o

céu azul e sem nuvens. Em tempos vindouros, Gabi desejaria não se lembrar da avó daquele jeito, mas lembraria. Nada de passeios na praça, bolos de baunilha, feijoadas e visitas à feira. Tudo isso seria quase totalmente esquecido. Tudo, exceto a figura estendida no concreto.

O pai havia fugido. Pulou a janela e correu para Deus sabe aonde. Era ele que os homens uniformizados procuravam, mas a avó meteu-se no caminho. Gabi viu quando um deles disparou, e em seu rosto não havia nada mais do que prudente concentração. Ela pôde vê-lo, mas ele não a viu, assim como perdeu o momento em que o pai fugira pela janela.

A mãe a agarrara pela mão e fizera-a pular pela mesma janela que o pai pulara há minutos atrás. Correram para a casa vizinha, imediatamente adjacente à delas. Não havia ninguém lá dentro quando a mãe caiu pesadamente sobre uma mesa de centro de madeira velha, corroída por cupins. A mesa cedeu, e ambas caíram no chão com um estrondo. Gabi teve um rápido vislumbre da sala de estar/quarto/varanda: naquele trecho do morro, vivia uma de suas amigas.

Ainda carregada pela mão, a mãe a obrigou a entrar no quarto — *o quarto de sua amiga*. A mãe abriu o guarda-roupas e arrancou dali roupas emaranhadas, brinquedos velhos e quebrados, sapatos usados. Agora havia espaço para ambas esconderem-se.

O local era apertado e as pernas encolhidas da mãe haveriam de adormecer em pouco tempo. Ela segurava Gabi contra o peito, arfando um pouquinho, e então começou a entoar a antiga canção, aquela que usara para fazê-la ninar tantas e tantas vezes antes.

Mas não agora. Agora, não havia o menor indício de sono: os olhos grandes de Gabi estavam abertos e atentos, e ela concentrava-se nas batidas do coração da mãe. A mãe prometera matriculá-la no jardim de infância em breve, e então Gabi seria capaz de contar além do número vinte.

Ela reiniciou a contagem e havia alcançado o número cinco quando a viu pela primeira vez: a criatura de olhos laranjas.

Era mais alta que um homem, sua forma era tão imprecisa quanto uma sombra em 3D, mas estava coberta por uma pelugem negra e felpuda. Não havia feições em seu rosto: ele seria totalmente vazio se não fosse pelos olhos laranjas, grandes e brilhantes, que pareciam observá-la com atenção.

Gabi ergueu os olhos para o compartimento adjacente e superior do guarda-roupas. Ele a observava de cima para baixo, os braços longos dobrados, as mãos segurando-se às paredes do armário, os joelhos flexionados para que seu corpo coubesse no ínfimo espaço. Era improvável que alguém de sua estatura pudesse se ajustar naquele cubículo, ainda mais em meio à confusão de roupas e sapatos da proprietária, mas a enigmática criatura estava bem acomodada. Gabi não possuía maturidade para refletir sobre essas coisas agora, o questionamento viria alguns anos depois; a aparição repentina e inexplicável teria surpreendido muito mais a um adulto. Neste momento, sua única questão era: *por que a mamãe parece não vê-lo e ouvi-lo?* Pois ela prosseguia com a canção e as batidas do coração não se alteravam, embora já estivessem em compasso acelerado.

— *Escolher o meu par, eu já sei quem é. É um rapazinho chamado José.*

Dirigindo-se à criatura, Gabi sussurrou:

— Salve a minha mãe.

A mãe interrompeu a canção, surpresa. Olhou para a filha e depois seguiu o olhar dela em direção ao compartimento superior do guarda-roupas.

Em resposta ao seu pedido, a criatura balançou a cabeça negativamente.

— Não deixe que eles atirem nela. — Ela insistiu, sentindo os olhos encherem-se de lágrimas.

— Com quem está falando? — A mãe perguntou, sobressaltada agora. Seus olhos arregalaram-se como se ela tivesse acabado de ver um fantasma.

Mas Gabi não respondeu. Ao invés disso, tornou a rogar à criatura, enquanto lágrimas deslizavam pelas bochechas redondas e infantis:

— Salve a minha mãe.

A criatura tornou a sacudir a cabeça com delicadeza, e poderia haver complacência nesse gesto.

Os olhos da mãe se dirigiram à criatura e tornaram a encontrar o rosto da filha. Seus lábios trêmulos indagaram:

— Gabi, *com quem* você está falando?

Ela ia responder, mas os homens de uniforme surgiram no quarto, fazendo o chão reverberar com suas pesadas botas de couro. Ela escutou os passos e não foi capaz de proferir uma única palavra.

Um dos homens abriu a porta do guarda-roupas e não demonstrou surpresa ao encontrar mãe e filha agarradas uma à outra. Em suas mãos, o fuzil parecia reluzir.

— Saia daí. — Ele disse, e sua voz grave fez o coração de Gabi tremer dentro do peito. — Saia daí, agora, ou eu vou atirar.

Ele se dirigia à mãe, quase como se ignorasse a presença da criança. A mãe tornou a agarrar-lhe a mão e, com um suspiro de dor, levantou-se e a puxou junto consigo. Provavelmente, o que doía eram as pernas que ficaram, por alguns minutos, desconfortavelmente dobradas sob o corpo.

— Andem. — Ele ordenou, gesticulando para que elas deixassem o quarto imediatamente.

A mãe obedeceu, caminhando rapidamente em direção à porta. Mas algo chamou-lhe a atenção e ela olhou para trás. Gabi acompanhou seu olhar: a criatura deixara o guarda-roupas e sentara-se sobre a cama, as pernas longas estendidas à frente. O ressoar de seus passos pesados, ao caminhar do armário para a cama, fizera a mãe olhar para trás.

Ela levou uma mão ao coração, aturdida, e a outra mão imprimiu mais força contra os dedos pequenos de Gabi. Suas pupilas estavam dilatadas, como as de um gato na escuridão, e a boca abriu-se no formato da letra O.

— O que... O que é isso? — Ela murmurou.

— Vamos logo! — Gritou o homem de uniforme, segurando a mãe bruscamente pelo braço e tentando arrastá-la para fora do quarto.

Ela resistiu e continuou a observar a negra criatura, como se aqueles olhos brilhantes a chocassem a ponto de hipnotizá-la.

— Eu disse para irmos embora! — O homem de uniforme insistiu, tornando a puxá-la.

Ela resistiu novamente. Considerando a força física do homem, muito superior à dela, ele poderia tê-la obrigado a caminhar quarto afora, mas escolheu agir de forma diferente. Apontou o fuzil para a têmpora dela e disparou. Mais tarde, explicaria aos seus superiores que a mulher havia resistido e contra-atacado, munida de uma faca: seria imprudente deixá-la viva.

Alguns anos depois, Gabi refletiria sobre isso e compreenderia que o mundo em que vivia não era nem um pouco justo, e que nem todas as leis foram criadas para serem cumpridas.

Ela se lembraria desta última cena, o momento exato em que a bala do fuzil traspassava a cabeça da mãe e crivava-se na parede do quarto; lembraria também do momento em que a criatura levantava-se e, contornando a própria Gabi e os homens de uniforme, deixava o quarto sem olhar para trás. Depois disso, sua mente se tornaria um vazio negro durante um ano e meio.

Não era exagero nenhum afirmar que não havia *nenhuma* lembrança do tempo em que Gabi esteve no lar para crianças órfãs. Havia a bala de fuzil e a morte da mãe — a *primeira* mãe, a mãe *biológica*, explicaram mais tarde. —, depois o dia em que ela acordou e seu quarto era outro.

O lugar havia sido cuidadosa e caprichosamente planejado para uma menina pequena: havia prateleiras com bonecas, jogos, livros infantis. A parede era cercada de ponta a ponta por uma faixa com cerca de dez centímetros de largura, decorada com itens propriamente femininos, como guarda-chuvas cor-de-rosa, batons e pincéis para maquiagem facial. Algumas almofadas haviam sido colocadas no chão, pretendendo parecer displicentemente jogadas para tornar o local aconchegante. O tapete felpudo era branco como um floco de neve gigante e cobria quase todo o chão do quarto.

Gabi abriu os olhos e se deparou com aquele mundo cor-de-rosa, tão adequado para uma menina da sua idade, e começou a chorar. Nunca vira aquele lugar antes, sabia que não estava deitada sobre o colchão no quarto que dividia com os pais lá no morro, e lembrou-se repentinamente que sua mãe já não existia.

O choro transformou-se em um grito de desespero puro e sem propósito. Gabi levantou-se da cama, derrubou o cobertor da Barbie no chão, abriu a porta do quarto e encontrou uma casa estranha. Procurou a porta da frente e correu em sua direção, sem saber ao certo o que pretendia fazer.

Mas uma mulher e um homem surgiram, seus cabelos estavam desarrumados e eles vestiam pijamas combinando. O homem a segurou delicadamente pelo braço, fazendo com que ela se voltasse para ele e o olhasse nos olhos. Gabi sentiu tranquilidade naquele olhar paciente, o grito cessou, mas ela ainda soluçava.

— Calma, meu amor, calma. — Ele disse, e depois a abraçou com força reconfortante.

— Você teve um pesadelo? — A mulher perguntou, abaixando-se para ficar à sua altura. — Foi isso?

Gabi afastou-se do abraço, passando os olhos de um para o outro, sentindo-se confusa. Havia a avó deitada na calçada, o pai pulando a janela, a mãe e a bala de fuzil, os homens de uniforme e o guarda-roupas. Mas havia *eles* também, aquele homem e aquela mulher, seus olhares e abraços acolhedores. Ela não se lembrava absolutamente *deles*, mas algo dentro de seu cérebro dizia para confiar. Dizia para chamá-los de mamãe e papai.

Então ela limpou os olhos com as costas da mão, soluçou pela última vez naquela noite e enlaçou aquele homem — *ela deveria chamá-lo de papai* — em um abraço rápido. Repetiu o gesto com a *mamãe*.

— Você quer dormir com a gente esta noite? — A *mamãe* perguntou, e Gabi assentiu.

O *papai* a tomou no colo e levou até um quarto de adultos, onde havia uma cama de casal grande, muito maior do que aquela que existira em sua casa no morro. Ele a colocou entre travesseiros gigantes e macios e disse:

— Mas não vai se acostumar, hein? — Deu uma risadinha. — Uma mocinha deve dormir em seu próprio quarto.

— Deixa ela. — A *mamãe* replicou, ligeiramente irritada.

O homem assentiu com um sorriso, e os três acomodaram-se na cama.

Na manhã seguinte, a *mamãe* a levou a um lugar que parecia um consultório médico e disse à doutora que Gabi tivera *mais uma* de suas crises naquela noite. A doutora perguntou se Gabi queria conversar, e ela respondeu afirmativamente, mas não se lembrava de quase nada para contar.

As memórias retornaram depois, no dia de seu décimo aniversário.

Havia balões coloridos, doces e salgadinhos. A caixa de papelão, na qual a mãe escrevera com letras vermelhas, cursivas e caprichadas, a frase “deixe seu presente aqui”, estava decorada com motivos cor-de-rosa. Crianças assopravam suas línguas-de-sogra exaustiva e aleatoriamente, correndo até à mesa no centro do quintal para apanhar um brigadeiro ou um lanchinho, ou brincavam no pula-pula que a mãe de Gabi havia alugado por uma pequena fortuna.

Gabi encontrou a criatura escondida debaixo da mesa da cozinha. Estava sentada, com os joelhos erguidos e enlaçados pelos braços longos demais. Os olhos laranjas brilhavam como sempre e se ergueram quando ela entrou, trazendo um copo plástico cor-de-rosa para ser usado de refil. Gabi chegou a pegar a garrafa de refrigerante sobre a mesa redonda e retirou a tampa plástica, mas interrompeu o movimento de entornar o líquido no copo ao avistar a criatura.

De início, não houve qualquer reconhecimento. A tampa da garrafa caiu no chão, e um grito sufocado pareceu explodir em sua garganta. Não saiu nenhum som de seus lábios.

A criatura levantou-se e caminhou lentamente em sua direção. O rosto sem feições aproximou-se do dela, perto o suficiente para dar-lhe um beijo. Gabi recuou, enojada e assustada, mas ainda não encontrou forças para gritar. Sua intenção era gritar pela mãe e correr para fora da cozinha, mas como qualquer uma dessas coisas parecia impossível, ela simplesmente deixou-se observar e ser observada pelo ser humanoide e improvável.

As lembranças a atingiram de uma vez, de forma física. A sensação era a de uma bola de basquete contra o crânio, ferindo e desestabilizando. Ela caiu sentada no chão, machucada e confusa, vendo, como se possuísse olhos internos, cenas de uma história feia e, até então, desconhecida. Surgiam como fotos sequenciais, rápidas como só a memória pode ser: aconteceu em uma fração de segundo, não mais do que isso.

Ela viu um bebê de pele morena e cabelos negros e encaracolados engatinhando sobre um tapete velho e manchado. O cenário era uma casa pequena e pouco mobiliada, mas cheia de objetos depositados em prateleiras improvisadas ou em caixas de papelão. Uma mão — de tez mais escura do que a dela própria — a agarrava pelo braço delicadamente, a levantava e cobria suas bochechas de beijos molhados.

Mamãe.

Ela não é minha mãe. Minha mãe é a mulher que organizou essa festa, e a mão dessa mulher é branca.

Depois, uma mulher corpulenta e de rosto rabugento cozinhava algo cheiroso em uma panela gasta e corroída pelo tempo. Ela virava-se e, mesmo que

suas expressões faciais parecessem ranzinzas, ela sorria e oferecia à uma criança pequena uma colherada do que estava cozinhando.

Vovó.

A próxima sequência mostrou uma criança sorridente, correndo pela casa e pulando no sofá velho e desgastado, coberto por uma manta azul também velha e desgastada. Então, homens de uniformes munidos com rifles e submetralhadoras. A porta de madeira derrubada com um chute. O barulho, a fuga pela janela, o guarda-roupas, a criatura, o tiro e o sangue.

Gabi gritou. Não se lembrava ao certo das palavras que usara para pedir socorro, pois não raciocinava. Desejava que aquelas sequências horríveis saíssem de sua cabeça.

Elas não são reais, elas não são reais, insistiu para si mesma. Mas ela sabia que eram reais, sim.

A criatura ajoelhou-se diante dela, o rosto pairando imediatamente em frente aos olhos dela. Havia benevolência naquele olhar monstruosamente laranja. A silhueta negra estendeu a mão longa e ossuda sobre os ombros trêmulos da menina e o acariciou levemente.

A mãe surgiu na cozinha. Viera correndo do quintal, onde a festa acontecia e as crianças se divertiam com o pula-pula. Na ânsia de alcançar a filha, esbarrou em uma estante onde descansava uma pilha de pratos. Todo o conteúdo encontrou o chão, produzindo um som ensurdecedor enquanto a maioria dos pratos despedaçava-se, transformando a cozinha em uma piscina de estilhaços.

— O que aconteceu, Gabi? — A mãe quase gritou, tomando o lugar da criatura sem percebê-la. — O que aconteceu, meu bebê?

O pai aproximou-se e se agachou ao lado de mãe e filha, fazendo perguntas para compreender o que provocara os gritos de Gabi. Ela não pôde responder, o medo parecia emudecê-la. Os convidados surgiram, boquiabertos, preocupados e confusos. Alguém se ofereceu para pegar um copo de água para a menina assustada; outro alguém perguntou se Gabi tinha se ferido de alguma maneira; alguém sugeriu que ela tivesse visto um fantasma.

A mãe a envolveu em um abraço protetor e aconchegante. O coração dela pulsou junto ao seu. Gabi contava as batidas, enquanto observava, sobre os ombros da mãe, a criatura de olhos laranjas que havia se levantado e contemplava a cena em silêncio.

— Eu vi. — Gabi murmurou no ouvido da mãe, quando chegou ao número vinte na contagem do pulsar do coração. — Eu vi quando aqueles homens maus mataram minha mãe. Minha *outra* mãe.

A mãe assentiu, compreensiva, sem afrouxar o abraço. Gabi sentiu o ombro molhado e entendeu que ela estava chorando. A mãe levantou e tomou a filha nos braços, embora Gabi estivesse grande demais para ser levada confortavelmente no colo. Ambas subiram as escadas que as levariam para o quarto de Gabi. Seus braços pendiam sobre o corpo da mãe, balançando ao ritmo dos passos dela.

— Eu vi. — Gabi repetiu, e a mente parecia clarear-se aos poucos.

A mãe acomodou-a sobre a cama e sentou-se ao seu lado.

— Eu lembro da minha outra mãe, da minha avó e dos policiais.

Postado à porta, o pai as observava, encostado junto ao batente. Suas pupilas estavam ligeiramente dilatadas, mas suas feições demonstravam tranquila segurança.

— Lembro que eles atiraram nela e ela morreu. Mas não atiraram em mim. Lembro de...

Ela estava prestes a dizer. Falaria sobre a criatura, seus braços longos e seus olhos laranjas, mas deteve-se. Parecia errado falar sobre ela. Gabi jamais poderia entender o motivo, mas a existência da criatura parecia um segredo implícito.

— Lembro de tudo agora. — Ela concluiu, com um suspiro curto e conformado.

O rosto da mãe, riscado de lágrimas, estava transtornado pelo medo preocupado. Ela tornou a abraçá-la e seu abraço foi trêmulo.

A criatura voltara outras vezes. Gabi se recordava de todas elas com clareza.

Ela voltou no dia do teste de Matemática — quando ela precisou tirar uma boa nota ou ficaria de recuperação nas férias de inverno; no dia da morte da avó — sua *avó branca*; quando o pai sofreu um grave acidente de carro e precisou ficar internado no hospital duas semanas inteiras até se recuperar completamente.

Em todas essas ocasiões, Gabi entrou no guarda-roupas, impelida a esconder-se da incompreensível silhueta viva. Mas ela não podia deixar de admitir que sua presença oferecia um conforto melancólico.

Agora, havia retornado. Gabi estava atrasada para o primeiro dia de aula, mas precisou esconder-se e entoar a velha canção para se sentir segura. A criatura esperava do lado de fora. Talvez soubesse de sua ansiedade: *não é todo dia que você vai para a Quinta Série*, seu pai havia dito e ela achou a frase coerente.

Então a mãe a descobriu escondida e achou que ela poderia chorar e gritar de medo, mas Gabi sentia-se bem. Ansiosa, sim, mas *bem*. As crianças da Quarta Série comentavam sobre o quanto os adolescentes do Ginásio podiam ser maus, praticavam *bullying* contra os novatos e não deixavam as meninas da Quinta Série em paz. Mas a perspectiva de uma nova etapa da vida sobressaía-se à tensão e ao medo de que tudo isso pudesse ser verdade.



Saída 21

(A história de Guilherme)

Se seus cálculos estivessem certos, ele dirigia há doze horas ininterruptas e o sol já deveria ter despontado há um bom tempo. A escuridão da meia-noite insistia em permanecer ao meio-dia. A temperatura — mais baixa do que a temperatura *lá fora* — prosseguia inalterada, eternamente permanente. É claro que, a essa altura, Guilherme já sabia onde estava: em uma inesperada, enigmática e incompreensível fenda no espaço-tempo, talvez em outra dimensão.

Ou talvez a Saída 21 seja precisamente a linha que divide as dimensões, como uma espécie de muro na dobradura do tempo, ele pensou, vagamente, com certa ironia.

Afinal, tudo aquilo *era* irônico, se você analisasse bem. Primeiramente, Guilherme nunca fora do tipo que se entrega à conjecturas sobre o obscuro, sobre a Ciência e, principalmente, sobre o espaço-tempo. Nem ao menos gostava de filmes de ficção científica: se ia ao cinema, assistia somente a filmes de ação,

preferindo as películas de enredo simples. Não compreendia aqueles sujeitos estranhos que escolhiam filmes para estimular o raciocínio; se estava sentado confortavelmente em frente à tela, com um balde de pipoca na mão, seu intuito seria unicamente relaxar. E quem pode *relaxar* se é obrigado a *pensar*? De qualquer maneira, ele não era nenhum fã de cinema. A vida real era sempre mais empolgante.

Quanto à Ciência, esta o interessava tanto quanto as telas. Sabia muito pouco sobre a efetiva probabilidade de *haverem* rachaduras no espaço-tempo capazes de impedir a noite de tornar-se dia, manter o indicador de combustível eternamente estável e permitir a existência de uma estrada que nunca acaba, a estender-se por quilômetros e quilômetros, repetindo-se infinitamente.

Ele poderia atribuir tal fenômeno à alguma divindade ou efeito sobrenatural, mas tampouco se considerava uma pessoa espiritual. Na verdade, jamais chegara a refletir com seriedade a respeito da existência ou não existência de seres divinos, imateriais, etéreos ou qualquer uma dessas babaquices que a mãe o incentivava a acreditar desde pequeno. Guilherme faltara a todas as aulas dominicais que o levariam à Primeira Comunhão, preferindo jogar futebol com os colegas nas manhãs de domingo.

Era irônico que ele — justamente *ele* — estivesse preso àquela situação ridícula, observando as mesmas árvores de novo e de novo, escutando o canto dos pássaros mais uma vez, sob o mesmo céu escuro, sob as mesmas estrelas estáticas, na mesma estrada estreita e desprovida de curvas. Ainda assim, o mais irônico de tudo não era o fato de *ele* cair em um *looping* absurdo, mas ter acontecido *naquele momento*, quando as sirenes gritavam atrás de seu veículo e ele estava prestes a ser cercado pela Polícia.

Por que acontecera justamente quando a namorada e os amigos estavam mortos?

Talvez eu não tenha escapado da morte, eu mesmo, afinal, ele pensou, mas não levava o próprio pensamento a sério. *Vai ver que meu corpo está estendido no chão do quintal, o sangue escorrendo do meu peito falecido e o assassino capturado pela Polícia; é só minha alma que está aqui, na Estrada do Looping. Nessa hipótese, o Inferno do qual minha mãe sempre falou é a Saída 21: você fica condenado a rodar em uma estrada escura e fria para além da eternidade, sozinho, entediado e morto de fome.*

Ah sim, a fome! Não havia tempo naquele lugar, mas seu corpo não parecia se importar com isso. O sistema biológico permanecia vivo, alheio à estrada sem fim, à noite sem fim.

O que, afinal, pode significar uma coisa boa. Não estou preso nessa droga de atalho para o resto da eternidade. Em algum momento, vou desfalecer devido à inanição ou, mais provável ainda, em três dias estarei completamente desidratado, pois não imagino onde poderia conseguir um único gole de água nesse maldito lugar.

Havia a floresta, é claro. Guilherme poderia simplesmente encostar o carro à beira da floresta e aventurar-se matagal adentro. Talvez encontrasse uma fonte de água, uma cachoeira ou um rio. Poderia também deparar-se com um animal que viesse a servir de alimento. As possibilidades eram verdadeiras e traziam certa esperança, mas como ele abateria sua presa, julgando que o suposto animal fosse fraco o suficiente para deixar-se apanhar e não atacá-lo mortalmente antes? Ele não possuía qualquer objeto que pudesse servir de arma e, mesmo que possuísse, nunca havia caçado antes.

Estava disposto a tentar. Dirigia há doze horas, e Deus sabia o quanto estava cansado e irritado. E com fome. A lanterna de seu celular serviria como guia em meio à floresta noturna. Se terminasse por deparar-se com um animal feroz (um lobo, por que não? Nada fazia sentido naquele lugar), caísse em uma armadilha para ursos ou escorregasse em um lamaçal e morresse afogado, o que importava? Qualquer coisa seria melhor do que dirigir infinitamente, solitário, faminto e, acima de tudo, entediado.

Estacionou o carro ao meio-fio, acionou o aplicativo *lanterna* em seu aparelho celular — descobrira que, por algum motivo, a bateria do telefone se tornara tão infinita quanto o combustível no tanque—, e atravessou a linha que dividia a estrada e a floresta. Em algum lugar do céu, talvez um tanto distante, os pássaros insistiam em seu canto noturno, rítmico e cíclico, como cantores condenados a um refrão infinito.

De difícil acesso, a floresta possuía, além de árvores monumentais, matagal alto, jamais tocado por mãos humanas. *Um pequeno passo para o homem, um grande passo para a Humanidade*, Guilherme pensou e sentiu-se meio idiota por isso.

O feixe de luz prateada abria o caminho, fazendo-o imaginar que, provavelmente, haveria cobras em meio à mata. Uma delas poderia enlaçá-lo pelo pé, transformando seu tênis caro em fatias de couro irreconhecíveis em poucos segundos. Ele apontou a mira da lanterna para baixo, na tentativa de iluminar os próprios passos, mas o matagal quase alcançava seus joelhos. *Se uma serpente se aproxima, você ouve o barulho, não ouve?*, a pergunta era tola, pois, ainda que ele escutasse a aproximação de qualquer predador, não haveria possibilidade de fuga ou contra-ataque.

Ainda assim, explorar a floresta é menos horrível do que o tédio de dirigir pela estrada sem ter um objetivo.

Pelos seus cálculos, cerca de trinta minutos transcorreram sem novidades. Nada de presa ou predadores; nem cobras, lobos ou armadilhas de urso. Só a floresta, suas árvores que pareciam tocar o céu e a mata alta sob seus pés. Era bem provável que a própria floresta, tal como a estrada, estivesse tão envolvida em seu *looping* eterno que se esquecesse de dar atenção ao invasor de outra dimensão, de outro tempo, de outro mundo. Tudo na Saída 21 parecia alheio a Guilherme.

Convencido de que a floresta não ofereceria qualquer novidade, ele decidiu retornar ao veículo. Ao menos, estaria confortável dentro do carro, poderia deitar e acionar o aquecedor. Afinal, estava cansado, com frio e precisava mesmo tirar um cochilo. Prestes a retornar à estrada, ele hesitou ao notar uma luz diferente a cerca de um quilômetro à frente, do outro lado da floresta.

O céu encoberto de nuvens inverniais impedia a luz da lua de alcançar Guilherme, de forma que a única claridade disponível emanava da lanterna. Pelo menos, até aquele momento. Ele avançou, a passos largos e obstinados, em direção à repentina luz, certo de não tê-la visto anteriormente. Conforme prosseguia, seus ouvidos capturavam sons familiares e promissores: roncos de motores e o barulho de pneus contra o asfalto. A luz parecia intensificar-se a cada passo.

A luz do sol.

O sol brilhava na saída da floresta, pois, na estrada paralela à Saída 21, era dia.

Guilherme recebeu com alívio os raios pálidos e sem calor, observou dois ou três veículos passarem a cem quilômetros por hora e deixou-se cair sentado à

beira da estrada, repentinamente exausto, como se as doze horas de direção, a fome e a sede o tivessem abatido somente agora, repentina e simultaneamente.

Eu ainda existo, ele pensou, sentindo-se meio débil.

Recuperado, — embora as necessidades biológicas ainda o incomodassem — começou a caminhar, tentando imaginar onde estaria e o quanto deveria andar até encontrar uma cidade, fosse ela qual fosse. É claro que pedir carona seria mais confortável e infinitamente mais apropriado, mas deixaria essa opção por último. Afinal, mesmo o destino fora da Saída 21 era incerto.

Ao lembrar-se disso, examinou a jaqueta de couro: a mancha de sangue que a embotava há doze horas tornara-se uma nódoa vermelho-escuro de sangue coagulado. Despiu-a, sentindo o vento gélido do inverno castigar os braços sob a camisa leve de algodão. Arremessou a jaqueta entre o matagal, fazendo-a desaparecer de vista. Inspeccionou a calça jeans e o tênis, mas não encontrou outros indícios de que estivera envolvido em uma luta. Penteou o cabelo usando os dedos, mas as olheiras sob os olhos cansados não ajudavam a melhorar seu aspecto.

Reiniciando a caminhada, consultou o relógio no display do celular: treze e trinta e sete. O dispositivo tornara a funcionar.

O mundo ainda existe.

Percorreu trezentos metros de estrada antes de encontrar a cidade. *Sua cidade*, ele reconheceu. A metrópole permanecia onde sempre estivera, intocada, efêmera em seu ritmo febril.

Consultou os bolsos, mas constatou o que já sabia: a carteira havia sido esquecida na casa de Laura. Afinal, quem se lembraria de apanhar uma carteira enquanto sua namorada é assassinada e você começa a ser perseguido pela Polícia?

Parou em frente a um bar fechado e, utilizando o aplicativo de carona do celular, solicitou um automóvel particular. Notou o indicador de uso de bateria do aparelho: diminuía gradativamente.

Enquanto aguardava, procurava decidir o que fazer a seguir: devia simplesmente ir até sua casa e esperar até que a Polícia o buscasse, provavelmente invadindo sua residência aos chutes, deixando a conta do chaveiro para que ele resolvesse mais tarde? Ou deveria seguir direto à delegacia? Afinal,

ele era inocente. Ao menos, a respeito da chacina na casa de Laura, ele *era* inocente.

O carro de aluguel estacionou ao meio-fio. O motorista hesitou visivelmente ao deparar-se com o cliente de aspecto lastimoso, talvez tenha pensado em recusar a carona e dar a partida para longe dali, mas decidiu por permitir que ele entrasse no carro. Com um sorriso polido, quase como em um pedido de desculpas, Guilherme comentou:

— Noite difícil no trabalho.

O motorista assentiu educadamente. A justificativa espontânea pareceu deixá-lo aliviado.

O endereço fornecido havia sido o de sua casa: decidira deixar que a polícia o buscasse no conforto do lar, se não como fugitivo, como testemunha.

Recostou a cabeça no banco traseiro, tencionando cochilar durante o trajeto até sua casa, mas descobriu-se incapaz de cerrar os olhos. Já não pensava na obscura experiência na Saída 21, mas em Laura e Thales.

E naquele maldito invasor.

É uma pena que a Polícia tenha aparecido antes que eu pudesse acabar com ele, aquele maldito viadinho. E não terei outra chance, pois, se ele não está morto, está preso. Uma das duas alternativas é certa.

Guilherme sabia disso porque, um décimo de segundo antes de assumir a direção do próprio carro e dirigir na mais alta velocidade, viu quando ele largou a arma e levantou os braços, em uma lacrimosa e ridícula redenção final.

Espero que não tenha morrido, Guilherme pensou, cerrando os dentes inconscientemente. Morrer teria sido muito fácil. Quero que seja preso e sofra todos os horrores imagináveis, o pior que a Terra pode oferecer a um homem.

Se é que você pode chamar aquele viadinho de merda de homem.

O motorista estacionou em frente à casa. Ele saiu do carro e pulou o portão baixo de entrada. Estava sem a chave, é claro, a tinha esquecido na casa de Laura. Pois, tal como não pensara na carteira deixada sobre o criado-mudo do quarto dela, não poderia ter pensado no molho de chaves. Precisou forçar a porta, e ela só cedeu depois que ele finalizou o arrombamento com um chute estrondoso.

Com a mão sobre o peito e o rosto ligeiramente pálido, Laura o observou entrar forçosamente na própria sala de estar. A boca dela estava aberta no formato da letra O, os olhos arregalados de susto.

— Por que você fez isso? — Ela perguntou, atônita. Depois, deu uma risadinha ligeiramente nervosa. — Pelo amor de Deus, Guilherme, por que você arrombou a porta?

Ele não conseguiu responder. Afinal, o que *responderia*, pelo amor de Deus? Laura estava morta. Ele testemunhou o momento exato em que a bala prateada atravessava seu coração, derrubando o corpo sem vida que teria caído no chão se ele não o amparasse.

Ainda assim, a mulher que deveria estar morta o fitava em sua sala de estar, e seus olhos estavam divertidos apesar de um pouco preocupados. Ela vestia uma de suas blusas de moletom — as blusas dele ficavam muito grandes nela, mas ela usava mesmo assim, e ficava sexy *mesmo assim*.

— O que aconteceu com você? — Ela perguntou, aproximando-se. Examinou as olheiras sob seus olhos e o aspecto geral de cansaço que emanava dele. — Onde você estava, Gui?

— Como... Como você...? — Não foi capaz de pronunciar mais do que débeis balbucios.

Ela o tomou pela mão e o fez sentar-se no sofá.

— Você estava com os caras? — Ela indagou, mas sua pergunta pareceu uma afirmação. — O que estavam usando e por que tão cedo? Estava cheirando pó? Que hora você saiu? Eu não te vi saindo. — Sentou-se ao lado dele e deu uma risadinha. — Se bem que eu estava tão alta ontem que não teria visto se um rinoceronte invadissem a casa. — Refletiu por um instante. — Ah, entendi, você não usou nada hoje, está chapado desde ontem. *Bad trip*, hein?

Ah sim, aquela havia sido uma *bad trip*, mas não uma daquelas com as quais ambos estavam acostumados.

— Ontem à noite... — Guilherme ouviu-se dizer, e sua voz era apenas um sussurro perplexo. — Ontem à noite aquele maldito *viadinho* atirou em você. Ele atirou em todo mundo. Matou o Thales também.

Ela o encarou com seriedade por apenas um segundo, depois desatou a rir.

— Cara, você não está nada bem. Que tal tomar um banho? Depois tome um café e vai pra cama. Precisa de algumas horas de sono pra fazer a viagem passar.

— Eu não estou viajando, Laura. — Ele explicou, mas sabia que soava confuso. — Você morreu. É diferente quando a gente *viaja*. Não posso ter imaginado tudo isso, é impossível.

— E quem é o *maldito viadinho* que me matou? — Ela ainda estava divertida.

— Eric. Foi o Eric.

Suas feições endureceram e ela levantou-se.

— Vai tomar um café e depois vá para a cama. Eu preciso ir para minha casa, agora.

— Você se lembra dele, não se lembra? — Ele a agarrou pelo braço e sua pergunta era uma súplica. — Você lembra que ele te deu um tiro?

— O quê? — Ela retirou o braço abruptamente e tomou o caminho do quarto. — Deixa pra lá. Vou me vestir.

— Espera, Laura. — Ele a seguiu. — Por favor, me diga se você se lembra do tiro!

— Escuta. — Ela voltou-se para ele com impaciência. — Se você começar a envolver terceiros em cada uma das suas *bad trips*, vai ser bem ruim pra todo mundo.

— Por favor, Laura, me escute! Tem algo estranho acontecendo, você não vê?

Ao invés de responder, ela o empurrou com violência e entrou no quarto. Trocava a blusa dele por uma calça preta e sua própria jaqueta de couro.

— Ele te deu um tiro ontem, Laura! — Guilherme insistiu, observando o local onde deveria haver um buraco entre os seios dela. — E você estava... Você caiu morta em cima de mim.

Ela terminou de vestir-se e calçou as botas. Apanhou a bolsa e deixou a casa a passos largos e irritados.

Ele sentou-se na cama e enterrou o rosto entre as mãos: *A Saída 21. Toda essa loucura só pode ter a ver com a Saída 21.*

Ainda vestido, deixou-se cair na cama e, antes que pudesse perceber, adormeceu. A fome intensa o despertou seis horas depois, e ele seguiu até a cozinha.

Com o corpo alimentado e descansado, tornou-se mais fácil concluir que todos os últimos fatos haviam realmente acontecido. Não havia *bad trip* nenhuma. Ainda assim, Laura estava viva e a Polícia não derrubara sua porta para levá-lo à delegacia.

Guilherme ainda pensava a respeito, à mesa da cozinha, quando seu telefone tocou. Era Thales, uma das vítimas de Eric na noite anterior. Ele deveria estar morto, mas ligava para seu celular.

— E aí, cara? Estava pensando em reunir a galera hoje à noite. — A voz do velho amigo era tão real quanto a de qualquer pessoa viva. — Tenho um pó da hora aqui, de primeira qualidade, *qualidade garantida*, sem misturas. Nada de bicabornato. Tô pensando em chamar a galera e dividir o pão. — Deu risada. — Na casa da Laura, o que acha?

Claro que Thales estava vivo. Ele não levava tiro algum. A bala do fuzil de Eric não o tinha acertado e estilhaçado seu crânio, não o havia derrubado sobre a mesa de centro, feita de cristal, da sala de estar de Laura. Essas coisas não haviam acontecido. *Ainda* não.

Aconteceriam naquela noite.

Laura trocava de roupa quando Guilherme desligou o telefone e colocou-o sobre o criado-mudo.

— Está planejando algo para essa noite, amor? O Thales tá a fim de dar uma festa na sua casa. Disse que vai levar um pó legal, sem misturas, sem bicabornato.

— Hã hum, acredito. — Ela despiu a blusa de moletom dele e vestiu a própria jaqueta de couro. — O Thales sempre faz propaganda do produto do traficantezinho preferido dele, mas o bagulho é sempre uma merda. — Sorriu com ironia. — Sem mistura? Tá de brincadeira.

— Sei lá, amor. — Guilherme espreguiçou-se. — De qualquer maneira, acho que seria legal uma festa essa noite. Coisa pequena. Você, eu, o Thales e mais alguns poucos amigos.

— Pode ser. — Ela concordou, dando de ombros. Estava pronta e de partida. — Vou passar no mercado e comprar as bebidas, então. Até mais tarde.

— Até à noite.

O convite de Thales deveria estender-se à cerca de dez pessoas, no máximo, colegas em comum com Laura e Guilherme, mas o velho amigo não fez as contas com muita precisão. Às onze horas da noite, havia cerca de quarenta pessoas na casa de Laura. Foi necessária uma nova visita ao supermercado para garantir bebida a todos os convidados.

— Da próxima vez — Laura repreendeu Thales com sarcasmo. —, vamos fazer a festa em um buffet.

Mas Laura estava se divertindo e não se importava realmente com o número imprevisto de visitantes. O essencial estava ali, pessoas interessantes, fartura em bebidas, boa erva e um ótimo pó: afinal, o produto do *trafincantezinho* amigo de Thales surpreendeu com a impressionante qualidade. A casa era grande o suficiente para acomodar as quarenta pessoas — entre elas, algumas semidesconhecidas —, e o ambiente estava aprazível. No potente aparelho de som, cujos autofalantes haviam custado uma pequena fortuna, ela colocou para tocar sua banda de Thrash Metal preferida.

À uma hora da manhã, na sala de estar, enquanto a voz de Phil Anselmo exigia *respect, walk, what did you say?*, Guilherme, Laura, Thales e sua nova namorada — Guilherme ainda não conseguira gravar o nome dela —, finalizavam o que restava do pó tão branco quanto um punhado de açúcar. Cerca de vinte pessoas já haviam partido, mas o restante ainda se divertia. Alguém distribuía pastilhas de estimulantes, prolongando o tempo da festa e mantendo as pessoas entusiasmadas.

— Não sei como a Polícia ainda não apareceu aqui. — Laura comentou, após finalizar a última carreira. — Por causa do som alto.

— Esse bairro é repleto de gente velha e careta. — Guilherme arrematou, acendendo um cigarro e passando o maço para Laura. — Mas os vizinhos não têm coragem de chamar a Polícia contra nós, pode crer.

— Todo bairro de *bacana* é assim. — Thales comentou com uma risadinha. — Você não pode ouvir música um pouco mais alto do que o som ambiente que a galera chama a Polícia. É mesmo inacreditável que à essa hora ninguém tenha se

incomodado com a gente. Será que seus vizinhos curtem Pantera, Laura? — Observou com sarcasmo.

Ela deixou a fumaça escapar entre os lábios.

— Pode estar certo de que eles preferem não se meter com a gente.

Thales calou-se, subitamente introspectivo. Guilherme podia adivinhar os pensamentos do amigo: o comentário de Laura o fizera lembrar-se de Caio. Comprovando sua predição, Thales comentou:

— Estive pensando no *viadinho* esses dias.

Laura revirou os olhos, suspirou com impaciência e curvou-se sobre a mesa de centro, feita de cristal, e abasteceu seu copo de bebida.

— Por que você tem que relembrar dessa merda, Thales?

— Na verdade, eu sonhei com ele ontem. — Thales prosseguiu como se não notasse o aborrecimento de Laura. — No sonho, ele surgiu no meu quarto, sentou na poltrona e acendeu um cigarro. Quando eu acordei, deparei com seu rosto parcialmente escondido sob a fumaça. Ele estava sorrindo e disse algo do tipo: *eu voltei e vou acabar com vocês*.

— Que *bichisse*. — Guilherme riu alto. — Você fica sonhando com *viados* mortos agora? Que tipo de fantasia pervertida é essa?

Laura e a namorada de Thales riram também. Thales calou-se, pensativo e ligeiramente sombrio. Guilherme tornou a encher seu copo com a vodca importada e bebeu em silêncio. Não pretendia admitir, mas também pensava no *maldito viadinho* e na forma abrupta com que ele tinha perdido a vida.

No ano antecedente à festa na casa de Laura — e à chacina que ocorreria á uma e meia da manhã —, Guilherme dirigiu até a casa de Thales a fim de buscá-lo para um passeio sem destino definido. No banco do passageiro, Laura tragava um cigarro demoradamente, como se o saboreasse, enquanto o batom vermelho deixava uma mancha bem marcada na ponta. Guilherme estacionou em frente á casa do amigo, buzinou suavemente e tomou o cigarro de Laura com delicadeza; devolveu-o após longa tragada.

— Qual o plano pra hoje? — Thales indagou ao entrar no carro. Recostou-se contra o banco traseiro enquanto Guilherme dava a partida. — Ninguém tá dando festa em lugar nenhum. Não consigo pensar em um bar interessante o

suficiente. Estou ficando entediado, fazemos a mesma coisa sempre. *Same old, same old*. Têm alguma ideia nova?

— Nós é que estamos ficando velhos. — Laura comentou com seriedade.

Guilherme deu risada:

— Talvez tenha chegado a hora de casar, ter filhos e dedicar-se ao trabalho em tempo integral. Os cabelos brancos não demoram a chegar.

Thales deu risada, mas Laura não pareceu prestar atenção. Estava pensando em outra coisa, e seu rosto iluminou-se, como se ela tivesse concebido uma *gestalt*:

— Gui, dirija até o Spicy. Vamos nos divertir por lá.

— O Spicy? — Thales aproximou-se dos bancos dianteiros com uma expressão divertida no rosto. — Tá brincando? O que *você* quer fazer em um *gay bar*?

— Desse lugar eu só quero distância. — Guilherme comentou, irritado. A simples ideia de *existirem* bares gays na cidade o aborrecia.

— Vamos colocar algumas das bichinhas do Spicy em seus devidos lugares. — Laura explicou com um sorriso empolgado. — Ou seja, com a cara no asfalto.

— Que maneira de acabar com o tédio. — Thales comentou, contagiado pelo entusiasmo. — Vamos lá no Spicy, a Laura teve uma boa ideia.

Guilherme não respondeu, mas dirigiu até o bar. Preferia não demonstrar hesitação, mas a verdade era que ele não tinha um bom pressentimento sobre aquela noite. Uma coisa era você estar em um bar qualquer, avistar um bando de bichinhas e dar-lhes uma merecida e espontânea surra, isso era quase natural; mas seguir até um bar gay com intuito programado era algo diferente, algo que Guilherme nunca havia feito. Mas Laura estava naquele estado de espírito que ele conhecia e adorava, mas quase não testemunhava: exibia seu sorriso muito branco e animado, quase eufórico, ria com facilidade e demonstrava vontade especial em interagir e conversar. *Vai ser divertido*, decidiu.

Às três horas da manhã de sexta-feira, o Spicy estava apinhado e, de acordo com o usual, vivaz. Com o carro estacionado do outro lado da calçada, Guilherme observou, sem deixar de sentir a velha e familiar repugnância, três ou quatro grupos de pessoas que conversavam à porta do bar. Alguns homens vestiam minissaias apesar do vento frio, outros trajavam fantasias cor-de-rosa ou temáticas — ele notou, com particular asco, um rapaz muito jovem fantasiado de

fada: em suas mãos havia uma delicada varinha de condão —, e quase todos utilizavam maquiagem brilhante. Até mesmo as moças, quando não travestidas de personagens masculinos, aderiram ao brilho de *glitter* sobre as pálpebras e bochechas.

— Festa á fantasia. — Thales constatou, divertido. — O Spicy tá dando uma festa à fantasia essa noite. Ah, Cristo nos salve! Retorne à Terra, Senhor Jesus! O pecado já a contaminou e só Você pode nos salvar.

Laura o acompanhou quando ele riu. Guilherme procurava estabelecer uma espécie de plano. Afinal, não poderiam simplesmente entrar no bar e escolher a vítima aleatoriamente: misturar-se às *bichas fantasiadas* não seria fácil. Provavelmente, a julgar por sua aparência, o grupo seria facilmente descoberto e expulso pelos seguranças.

— Caramba, não posso acreditar. — Laura comentou, entre surpresa e fascinada. — Olha só quem tá ali, saindo do bar.

Ele acompanhou o dedo que apontava e não reconheceu a dupla de rapazes que deixava o Spicy. Ambos vestiam calças jeans muito apertadas, jaquetas curtas e tinham os rostos parcialmente cobertos de *glitter*. Se Guilherme reparasse bem, perceberia que o brilho sobre seus rostos formavam desenhos: uma borboleta e uma flor, respectivamente. Ambos os garotos tinham pouco mais de vinte anos, eram namorados e estavam embriagados.

— O que é que tem, Laura? — Thales quis saber. — Quem são aqueles *viados*?

— Eric e Caio! — Ela acompanhava a dupla com os olhos com a avidez de um predador faminto a observar sua presa. — Estudávamos juntos no Ensino Médio. Eram duas *bichas* ridículas, ficavam namorando no fundo da sala enquanto a professora tentava dar aula. — A voracidade em seu rosto foi parcial e rapidamente substituída por um sentimento que Guilherme não pôde decifrar. — Eu era amiga do Caio antes de ele sair do armário. Tipo, éramos muito próximos mesmo, até o dia em que ele se revelou. Não quis mais andar com ele, é claro. Os caras do fundão deram um pau neles uma vez, mas foi tão fraco que não deixou nem um olho roxo. Claro que não adiantou em nada. Os malditos continuaram se agarrando na frente de todo mundo. Vamos lá, Gui, siga-os.

Ele baixou os faróis e seguiu o trôpego casal. Ambos caminhavam a passos vagarosos, abraçados como se pretendessem amparar a embriaguez um do outro.

Riam de algo. O rapaz de cabelo cumprido — a quem mais tarde Guilherme conheceria como Caio — tropeçou e quase caiu. O namorado o segurou em um reflexo lento, porém bem sucedido, e ambos tornaram a rir, desta vez com mais ênfase. Talvez, se não estivessem bêbados, teriam notado com antecipação o carro que deliberadamente os seguia.

O casal virou a esquina e adentrou uma rua deserta, na qual as casas trancadas e silenciosas mantinham as luzes apagadas. Tratava-se de uma via de mão única, contramão para Guilherme, mas ele transpassou assim mesmo.

Finalmente, os garotos pareceram notar o veículo misterioso. O dono do cabelo longo e muito liso estacou na calçada e olhou para trás, encontrando os olhos observadores de Guilherme. Ele desligou o carro e parou no meio a rua. A mão sôfrega de Laura encontrou a maçaneta, mas não se moveu mais do que isso: ela aguardava o momento certo para sair do carro.

O rapaz de cabelo cumprido colocou a mão na cintura, os olhos pousados e obstinados sobre o perseguidor. O outro garoto, cujo rosto exibia uma flor brilhante em tons vermelhos, segurou o braço do namorado, puxando-o suavemente: procurava interromper o evidente desafio lançado ao motorista. Ele estava prestes a ceder e tornar a caminhar, quando Laura finalmente decidiu abrir a porta e saltar do veículo.

— Que porra é essa na sua cara? — Ela tentou soar divertida, mas a voz tremulava ligeiramente. — É uma *flor*?

— Mas que linda florzinha! — Thales zombou, aproximando-se do casal. Seus punhos estavam cerrados.

— O que vocês querem da gente? — Era o desafiante quem perguntava. O namorado tornou a puxar seu braço, dessa vez com menos delicadeza. — Por que não cuidam das próprias vidas?

— Deixa pra lá. — Pediu o namorado ao rapaz de cabelo cumprido. — Vamos embora.

Não havia mais vestígios de embriaguez. Guilherme ouvira dizer que ao liberar adrenalina, a ebriedade do sujeito suavizava. Não saberia precisar se essa informação era correta, mas, a julgar pela cena à sua frente, diria que sim.

O rapaz de cabelo cumprido perguntou:

— Qual é o seu problema, Laura? O amor te incomoda? — Suas palavras estavam carregadas de ira, mas não somente ira: havia mágoa. Provavelmente, já

fizera a mesma pergunta muitas vezes antes e estava cansado disso. Ele voltou-se para Thales e Guilherme: — O *meu* amor incomoda vocês? Por quê? Porque não conseguem ser felizes como eu? É por isso?

Laura sorriu e seus olhos brilharam. Em um movimento deliberadamente lento, ela despiu o cordão que carregava em volta do pescoço: um soco inglês de metal. Guilherme acreditara, até o presente momento, que o adereço jamais havia passado de um componente decorativo, mas agora estava certo de que ela o possuía como item utilitário. Sob o olhar inquisidor do rapaz de cabelo cumprido, ela o encaixou entre os dedos com notável habilidade.

— Vamos embora. — O namorado sussurrou, insistente. — Não vale a pena brigar com essa gente.

— Com *essa gente*? — Laura arqueou uma sobrancelha. — Gente normal, você quer dizer? Heterossexual, de acordo com as leis da Natureza? A aberração aqui é vocês. Vocês são um erro da Criação.

Laura ergueu a mão e investiu o primeiro soco: atingiu o rapaz de cabelo cumprido. O golpe atingiu-o parcialmente: ele conseguiu agarrar o braço dela antes que o soco inglês o acertasse em cheio. Guilherme avançou imediatamente, lançando-o para trás, de forma a derrubá-lo pesadamente contra o asfalto.

— Caiu! — O rapaz cujo rosto exibia uma flor vermelha gritou, correndo em direção ao namorado.

Thales interceptou-o no caminho, derrubando-o com uma rasteira eficaz. O rosto bateu contra o pavimento, transformando a rosa em uma mancha vermelha imprecisa. Quando constatou que ele havia perdido os sentidos tão logo o crânio encontrou o chão, Thales juntou-se a Guilherme e Laura.

Caio tentou levantar, mas Guilherme o impediu com um chute no estômago. Seu rosto transformou-se em uma máscara de dor, enquanto ele dobrava-se sobre o próprio corpo a fim de recobrar a respiração.

Laura tencionava usar o soco inglês de novo. Desta vez, atingiu o alvo com precisão. Alguns dentes voaram enquanto Caio lutava para não sufocar com o sangue que invadia a garganta.

— Não tenho nada contra o amor. — Laura declarou. — Mas o que vocês dois têm não é *amor*, é abominação. Morra, sua aberração do inferno!

Ela atingiu-o novamente, desta vez na têmpora. Repetiu o movimento e, quando ela estava prestes a reproduzi-lo mais uma vez, Guilherme segurou seu braço com delicadeza, impedindo-a no ato.

— Já deu, amor. Ele já aprendeu a lição.

Laura soltou o braço bruscamente. Seus olhos faiscaram na direção dele, fulminantes e furiosos. De forma quase inconsciente, Guilherme retrocedeu um passo como se pretendesse abrandar sua fúria ao demonstrar obediência. Ela ergueu o punho de novo e de novo, investindo contra o corpo sem vida inúmeras vezes.

O outro rapaz recuperou os sentidos e levantou-se com dificuldade. Cambaleante, segurava a cabeça dolorida com um leve e monótono choramingo. Ainda não notara os olhos de Caio, eternamente abertos a fitar o céu noturno sem estrelas. Quando notasse, Guilherme poderia apostar, o choramingo se transformaria em um choro lastimoso e gritante.

Por um momento, ele achou que Laura lançar-se-ia sobre o rapaz ainda vivo a fim de extrair dele seu último suspiro, mas ela limitou-se a encará-lo com certa impassividade e depois retornou para o carro. Guilherme e Thales a acompanharam. Através do espelho retrovisor, ele notou a tez lívida e as pupilas dilatadas do amigo.

Laura abriu o porta-luvas e pegou uma flanela para limpar as mãos. Guilherme pensou no quanto o paninho amarelo já havia sido útil para limpar o painel ou o vidro do carro: agora serviria para limpar o sangue de um *viadinho*.

O trajeto de volta para casa foi silencioso.

Guilherme já estivera com o Dr. César em outras ocasiões, inclusive em quatro ou cinco jantares, mas a sensação de profundo respeito e subserviente admiração não mudava. O futuro sogro era, de fato, um homem que inspirava reverência naturalmente. Esta condição ia além de sua posição política e social, mas também não se delimitava ao elegante porte físico, ao cabelo grisalho sofisticadamente cortado ou ao terno de corte fino.

Normalmente, o Dr. César o fazia se sentir um colegial imaturo e estúpido. Neste momento, a sensação era intensificada pelo olhar altivo e repreensivo que lhe dispensava. Ele dizia:

— Minha ideia inicial era deixá-los ir a julgamento por conta própria, tendo Laura como testemunha incriminadora dos réus. — Ele disse, alternando o temível olhar de Guilherme para Thales.

O escritório, mobiliado com sofisticado minimalismo, parecia tão quente quanto uma sauna. Talvez o motivo de tão demasiada sudorese se devesse ao aquecedor ligado em temperatura exageradamente alta — o Sr. César era um homem *frio* — ou, quem sabe, se devesse ao seu próprio nervosismo; ou os dois fatores combinados. Ao seu lado, no aconchegante sofá almofadado, sentado com os braços cruzados e uma expressão ridiculamente infantilizada no rosto, Thales mordida o lábio inferior e desviava o olhar quando fitado pelo Dr. César. Alheia a tudo isso, Laura ocupara a cadeira do pai, atrás da escrivaninha repleta de papéis e livros. Ela apoiava o cotovelo na mesa e o rosto na mão, acompanhando a conversa com uma expressão impassível, quase desinteressada.

— O advogado da minha família me orientou a colocar Laura na cena do crime como inocente testemunha: uma moça impotente diante da violência masculina. — O Dr. César explicava. — Não tenha dúvidas de que o plano teria dado certo. Mas Laura negou categoricamente. Ela não quer incriminá-los. O que me leva à única solução possível: procurar absolver os três.

Guilherme disfarçou um suspiro de alívio, mas Thales não foi tão bem sucedido: duas lágrimas escaparam de seus olhos. Ele limpou-as rapidamente com as costas da mão. Guilherme estava certo de que o Dr. César as tinha percebido, nada escapava daqueles olhos escuros e perscrutadores. Ele prosseguiu:

— Não será fácil. É provável que a cadeia seja inevitável, ainda que por um curtíssimo período. Mas procuraremos adiar esse momento o máximo que pudermos. O primeiro passo é conseguir que aguardem a sentença em liberdade. Isso vai lhes garantir dois ou três anos longe da prisão.

Thales sonhara com Caio porque hoje era o aniversário de sua morte. Guilherme havia pensado muito a respeito durante a semana inteira.

À uma e meia da manhã, Thales ainda tragava o cigarro demorada e pensativamente, quando sua namorada levantou-se e seguiu até à cozinha, a fim

de apanhar outra garrafa de vodca. Quando retornou, sua testa estava franzida e seus olhos traziam uma indagação intrigada. Ela voltou-se para Laura:

— Tem um cara esquisito lá na porta. Ele disse que foi convidado pra festa e queria entrar. Falou: *eu sou o convidado de honra*. — Ela deu uma risadinha. — Que coisa esquisita de se dizer!

Laura não deu importância à novidade. Talvez alguém abrisse a porta para ele, havia gente no quintal da frente. Desconhecido ou não, ela não se importaria se ele entrasse e curtisse o final da festa. Tomou a garrafa das mãos da moça e encheu o próprio copo. Em seguida, encheu o copo de Guilherme.

— Amor — Guilherme sugeriu, pensando no tal *convidado de honra*. —, acredito que seja melhor eu dar uma olhada no que está acontecendo lá fora.

Ela deu de ombros e ele levantou. Deixou o copo ainda cheio sobre a mesinha de centro e, um segundo antes de passar pela porta da sala de estar, escutou o primeiro tiro.

O estalido rouco e estrepitoso causou grande comoção. No quintal, os convidados foram os primeiros a gritar. Ele escutou o baque surdo de algo se chocando contra o chão, inferindo imediatamente tratar-se do corpo de um convidado.

As pessoas amontoavam-se, procurando atravessar o pequeno hall que dividia a sala de estar e o imenso quintal que era entrada da casa. Empurrada para frente, Guilherme viu quando Viviane, uma velha conhecida, caiu de bruços no chão e foi pisoteada por desesperados pares de pés. O atirador surgiu logo atrás.

Guilherme não o reconheceu imediatamente. Um capuz, ligado à jaqueta preta de moletom, protegia sua cabeça e ocultava a parte superior do rosto. Ao longo desse ano, Eric deixara a barba crescer, de forma a quase alcançar-lhe o pescoço; o bigode também dificultava a identificação. O fuzil em sua mão, tão habilidosamente manejado, combinava bem com o atirador postado à porta de vidro do hall de entrada, mas destoava completamente do rapaz que Guilherme conhecera na estrada naquela fatídica e inesquecível noite.

Eric disparou novamente: desta vez, acertou o crânio da pobre Viviane, cuja mão já apresentava um ferimento anterior, causado pelo pisoteio. Ele escolhia suas vítimas aleatoriamente, acertando-as com a destreza de alguém que vem

treinando há um bom tempo, mas seus olhos perscrutadores e absolutamente frios, quase indiferentes, pareciam buscar por alguém em específico.

Alarmada, Laura surgiu atrás de Guilherme, observando a cena com espanto. Guilherme não saberia dizer se ela reconhecera Eric ou não. Afinal, neste exato momento, ele só conseguia ponderar sobre duas coisas: em primeiro lugar, Eric viera para matá-los: Thales, a ele mesmo e, principalmente, Laura. O segundo pensamento era uma indagação quase desvairada: como o maldito *viadinho* teria conseguido uma arma daquele porte e onde aprendera a manejá-la tão bem?

O assassino alcançara a sala de estar. As pessoas buscavam abrigar-se ou fugir da melhor forma que podiam. Guilherme viu quando um casal de amigos escondeu-se atrás do sofá, levando-o a pensar em uma brincadeira de esconde-esconde grotesca. Outros corriam escadas acima, tencionando esconderem-se nos dormitórios e banheiros. Esse último era também o plano de Laura: ela apanhou a mão de Guilherme e puxou-a bruscamente em direção às escadas.

O movimento não passou despercebido aos olhos do assassino. Guilherme poderia jurar ter contemplado, por uma fração de segundo, um sorriso entre o bigode e a barba longa de Eric, enquanto ele se aproximava com deliberada tranquilidade. O fuzil disparou contra Laura. A bala atingiu-a com precisão, mas ricocheteou e alcançou o braço de Thales. Enquanto o amigo levava a mão até o ferimento e o seu rosto demonstrava horror, o corpo desprovido de vida de Laura despencou. Em um reflexo, Guilherme a impediu de cair no chão. O sangue que emanava de seu peito tingiu parcialmente sua jaqueta de couro. O assassino mirou o peito de Thales e tornou a disparar.

Em sua perspectiva, toda a cena parecia ter durado dois ou três minutos, mas a verdade era que entre um disparo e outro nem um segundo inteiro havia transcorrido. Apesar da confusão de gritos, choros e baques surdos de corpos colidindo entre si devido à cegueira causada pelo pânico, Guilherme escutou com clareza as palavras de Eric:

— Agora você sabe como eu me senti.

Ditas essas palavras, destravou a arma e deu as costas com intuito de partir.

Guilherme não compreendeu o teor da mensagem imediatamente, mas entendeu algo mais importante: Eric não pretendia matá-lo. O assassino já

alcançara o quintal quando, desperto do choque e tomado pela fúria, Guilherme jogou-se sobre as costas do inimigo, derrubando imediatamente seu corpo franzino no chão. O fuzil também caiu sobre a grama rente do quintal. Ele cerrou os punhos e golpeou o inimigo cegamente, até escutar o som das sirenes.

Não pôde raciocinar com clareza: em sua mente surgiu um turbilhão de imagens desconexas. Entre elas, o soco inglês a atingir o rosto de Caio e os dentes que saíram voando até encontrar o asfalto; o escritório do Dr. César e a ameaça iminente da prisão; Laura despencando em seu colo, o peito de onde esvaía sangue, a jaqueta manchada; Thales assassinado, tombando sobre a mesa de cristal; o fuzil largado sobre a grama do quintal; Eric caído no chão, sob seus golpes furiosos.

Os policiais surgiram em frente ao portão. Incapaz de levantar-se do chão, Caio ergueu as mãos em redenção. Guilherme lançou-se em uma corrida desvairada, pretendendo somente alcançar o quintal dos fundos e dar o fora daquela cena. Cruzou o hall de entrada e a sala de estar, deparando com cadáveres espalhados e rostos chocados a inspecionar o que restara da chacina. Ele não conseguia raciocinar e estava impelido a correr. Pulou o portão dos fundos, provocando o sensor do alarme. As mãos trêmulas agarraram a chave do carro e retiraram-na do bolso da calça. Ele ouviu-se agradecer mentalmente pelo fato de estarem ali.

Dirigiu por cerca de um minuto antes de tornar a escutar o som estridente e atordoante da sirene policial. Felizmente, ele conseguira alcançar a estrada principal e ganhava velocidade a cada quilômetro. Seu veículo, mais moderno e potente do que a viatura, se afastava rapidamente. Ainda escutava o barulho ameaçador e enxergava as luzes vermelhas e azuis, distantes, mas visíveis, quando deparou-se com a Saída 21.

Uma bifurcação, ele pensou com alegria desvairada. Nunca havia reparado nesse atalho antes.

— Guilherme? Cara, tá me ouvindo? — A voz divertida e simultaneamente impaciente de Thales insistia. — Vamos fazer a festa rolar na casa da Laura ou não?

A vida o presenteara com uma nova chance. Guilherme jamais poderia entender por que ou como, mas o fato *era* que a Saída 21 o trouxera de volta, e agora ele poderia fazer com que aquela noite tomasse um rumo diferente. Poderia salvar a vida de Laura, Thales e dos outros.

— Seu tio! — Guilherme exclamou ao telefone, acalorado diante do repentino surgimento de uma ideia. — Seu tio tem um revólver, Thales! Vamos pegá-lo emprestado. Mataremos o assassino antes que ele se *torne* um assassino.

— O quê?

— Consiga esse revólver agora, cara. Eu dou um jeito de descobrir onde ele mora.

Desligou o telefone e jogou-o distraidamente sobre a cama. Descobrir onde Eric morava não seria tarefa fácil. Laura era a única pessoa que o conhecia e, muito provavelmente, não faria ideia da localização do maldito *viadinho*, mas ele precisava tentar. Retomou o celular. Um segundo antes de iniciar a ligação para o celular de Laura, Thales o chamou. Ele ignorou o telefonema do amigo e prosseguiu com a chamada para a namorada.

— O que foi, Guilherme? — A voz impaciente de Laura atendeu.

— Eric. Você sabe me dizer onde o Eric mora? Ou tem qualquer pista a respeito?

— O que diabos está acontecendo com você hoje?

— Não interessa agora. Talvez você entenda mais tarde. Apenas me diga se você sabe ou não.

Pausa. O interlúdio silencioso de Laura pareceu interminável. Guilherme estava prestes a incitá-la novamente, pedir que se apressasse em contar tudo o que sabia, quando a voz hesitante e deliberadamente monótona retornou:

— O que está acontecendo com você? Primeiro, arrombou a porta da própria casa, depois começou a dizer um monte de merda sem sentido. Agora quer o endereço do Eric, sendo que você o conhece muito bem. O que você usou? Alguma anfetamina ou sei lá o quê?

— Como assim, *conheço muito bem*? Você tá louca?

— Escuta, eu vou desligar. Estou ocupada agora. Pense em algo divertido para fazermos à noite e nos falamos mais tarde.

— O Thales quer dar uma festa na sua casa. Não podemos dar essa festa porque...

— Boa ideia, podemos chamar uma galera aqui em casa esta noite. Diga ao Thales que eu topo.

— Não! — Ele quase gritou. — Não podemos...!

— Recupere-se da sua ressaca e leve o que você cheirou ou fumou para partilhar com a gente essa noite. Não sei o que foi, mas parece do bom. Até mais tarde. — Ela desligou sem esperar resposta.

Atordado, com o aparelho celular entre as mãos, Guilherme começou a refletir. Chegou à sensata conclusão de que suas palavras soavam ridículas aos ouvidos alheios.

Claro, se eu fosse a Laura, também me julgaria louco. Não posso simplesmente explicar: querida, peguei um atalho na estrada e voltei no tempo. Sei absolutamente tudo o que acontecerá nesta noite e quero um final diferente. Um final feliz, desta vez.

Sentindo-se mais tranquilo e com maior capacidade de raciocínio, Guilherme chegou à conclusão de que não conseguiria encontrar Eric sozinho, principalmente por causa da total falta de conhecimento ao seu respeito. O melhor a fazer, então, seria preparar-se e surpreendê-lo no momento do ataque desta noite.

Na falta de um revólver — e da desenvoltura e treino para atirar —, ele viu-se obrigado a aderir ao improvisado. Remexeu nas gavetas da cozinha em busca de uma faca afiada o suficiente. Efetivamente, encontrou um facão reluzente, utilizado nas frequentes churrascadas que ele fazia em casa. Serviria ao seu propósito.

Enfrentarei com uma faca um viadinho bem treinado e habilidoso, armado com um fuzil. O fator surpresa é tudo o que tenho e tudo com que posso contar.

Antes do início da festa, ele escolheu um local apropriado para o contra-ataque. Lembrou-se de que o assassino conversaria com a namorada de Thales antes de começar a chacina, nomeando a si mesmo o *convidado de honra*. Guilherme o acometeria antes que ele pudesse proferir a frase de efeito. Aguardaria dentro do carro, escondido pelos vidros escuros, até o momento oportuno. Quando Eric desse as costas, ele o surpreenderia e o esfaquearia até escutar o estertor final deixar seus pulmões.

É à uma e meia da manhã que tudo acontece, ele pensou, enquanto os primeiros convidados chegavam à casa.

— Sente-se melhor? — Laura perguntou com uma risadinha divertida, deixando uma garrafa de vodka sobre a mesinha de cristal da sala de estar. — Você estava *muito* estranho hoje.

Ele fingiu um sorriso casual.

— Efeitos do ácido. Mas estou bem agora.

— Parece um pouco distante, distraído.

— Restou a dor de cabeça, meu amor. Mas não é nada. Tomei alguns analgésicos e logo passa.

Ela assentiu e foi atender aos convidados. Guilherme sentou-se ao lado de Thales, no sofá, e explicou a respeito dos supostos efeitos colaterais do ácido, desculpando-se pelo seu comportamento naquela tarde. O amigo deu risada.

— Cara, o ácido deveria ser do bom, mesmo. Você estava pedindo o revólver do meu tio emprestado. Não falávamos a respeito desde a adolescência, quando, por acaso, o descobrimos escondido debaixo da cama dele, lembra?

— Pois é. — Guilherme concordou com uma risadinha. Olhou ao redor, ligeiramente alarmado. Á esta hora, a namorada de Thales já não deveria estar ali? — Onde está sua namorada? Como é o nome dela, mesmo?

Thales tomou um gole de sua bebida e franziu o cenho:

— Que namorada?

— A sua nova namorada!

— Do que você tá falando? — Thales tornou a rir, observando-o como se ele estivesse enlouquecendo.

— Nada, cara. Esquece.

Guilherme levantou e afastou-se.

Á uma e meia da manhã. Eric só pode chegar á uma e meia da manhã, quando eu estiver preparado para recebê-lo. Já houve uma alteração no passado, a namorada de Thales não está aqui; mais precisamente, Thales parece não ter uma namorada. E se o horário em que o assassino chega for alterado? E se houver alguma outra mudança? Meu plano será arruinado.

Ele não pretendia desperdiçar a segunda chance que a vida lhe dera.

A fim de ficar a sós com os pensamentos negativos, Guilherme seguiu para a sala de jantar e acendeu um cigarro. Tragou-o, refletindo sobre as

consequências de uma possível troca de cenários. *Por que Thales não tem uma namorada? O que mais estará diferente desta vez?*

Enquanto refletia, escutou a campainha. Ligeiramente alarmado, controlou as feições do rosto para não ser traído pelas próprias emoções e seguiu em direção à porta da frente. Laura já havia atravessado o quintal e conversava animadamente com o convidado recém-chegado.

— Que bom que você veio! — Ela dizia e parecia genuinamente empolgada. — Nenhuma festa começa antes de você chegar.

Guilherme poderia ter ido ao encontro de Laura e do visitante, mas, atendendo a um impulso de causa desconhecida, estacou em frente à porta de vidro do hall de entrada, acobertado pelas cortinas vermelhas. De onde estava, não podia vê-los, mas os escutava com clareza, apesar do barulho das pessoas que conversavam no cômodo adjacente.

— E você acha que eu teria deixado de vir? — O visitante perguntou, e o volume de sua voz baixou ao tom de uma confidência. — O Guilherme já está aí?

— Está, sim. — A voz de Laura soou mais baixa, também. Sua resposta deixou transparecer aborrecimento. — Podemos nos encontrar mais tarde, depois da festa? Preciso muito conversar com você.

— Você poderia ter falado por mensagem. — A voz masculina pareceu contrariada. — O que há de tão importante para falar?

— Sinto saudade quando não estamos juntos.

— Eu sei, mas o que eu posso fazer? Esse cara tá sempre na sua cola.

Guilherme respirou fundo e controlou o impulso de lançar-se quintal adentro e socar a cara de quem quer que fosse.

— Não é isso. — As palavras de Laura foram firmes, severas. Ele conhecia esse tom: ela o usava quando estava extremamente irritada, quando sentia que determinada situação fugia de seu controle. — Não tem nada a ver com o Guilherme. O problema é *você*. Eu me importo com nossa relação muito mais do que você se importa. Eu sou sempre a primeira a mandar mensagem. Se eu não te falo *bom dia*, você simplesmente se esquece de mim. Às vezes me pergunto qual é a sua. Parece que está comigo para matar tempo ou, sei lá, provar alguma coisa para si mesmo.

— O que quer dizer com isso?

— Esquece. — Ela suspirou com irritação. — Eu queria conversar sobre isso depois da festa, mas parece que você não quer falar a respeito. Você nunca quer tocar no assunto. Você sabe... Você sabe que eu o deixaria pra ficar com você.

— Laura — Ele hesitou. —, você está certa. Vamos deixar essa conversa para depois. Vamos curtir a festa agora, beleza?

Não houve respostas. Guilherme escutou passos aproximando-se e seguiu para a sala de estar. Apanhou um copo de bebida e juntou-se aos demais.

Laura entrou no local e já não havia traços de aborrecimento em seu rosto. Todas as suas emoções estavam novamente sob controle. Ela voltou-se para o recém-chegado.

— Fique à vontade, pegue uma bebida.

Lutando para controlar a vontade de esmurrar o amante de sua namorada, Guilherme lhe lançou um olhar pela primeira vez. Não compreendeu imediatamente o que via.

Thales passou à sua frente, cruzando a sala para cumprimentar o amante secreto de Laura:

— Olá, Caio. — Ele disse com um sorriso. — Agora sim podemos começar a festa.

Guilherme piscou algumas vezes, sentindo a cabeça latejar. Incapaz de controlar-se, aproximou-se de Thales e Caio. Sua voz falhou quando ele começou a falar:

— Como... Como isso pode estar acontecendo?

Thales o observou com uma expressão preocupada e cautelosa.

— Escute, cara, nenhum ácido tem efeito colateral desse jeito. Tem alguma coisa errada com você. Talvez precise de um médico.

As pupilas de Caio dilataram-se ligeiramente e ele recuou um passo. Provavelmente, adivinhava que Guilherme escutara ou percebera algo entre ele e Laura. Jamais poderia inferir a verdadeira causa da abordagem de Guilherme.

— Me diga uma coisa. — Guilherme segurou o braço de Caio com força. Alarmado, Thales alternava os olhos de um para o outro. — De onde você conhece a Laura?

— Cara, você deve estar imaginando coisas... — Caio começou a defender-se, ao mesmo tempo em que se entregava acidentalmente. — Não sei o que ouviu ou o que pensa, mas a Laura e eu...

— Não estou perguntando nada disso! — Ele gritou, e todas as conversas paralelas cessaram abruptamente. Ele tinha a atenção aturdida de todos. — Limite-se a responder o que eu perguntei!

— Conheço a Laura desde... Você sabe, cara, você e eu já conversamos muitas vezes antes...

— Responda!

— Estudávamos na mesma classe no Ensino Médio. Somos amigos desde então. Solte meu braço, cara, está me machuc...

— O que machuca *mesmo* é um soco inglês contra seus dentes. — Guilherme exclamou, soltando-o com rispidez.

Thales interferiu:

— O que aconteceu, Gui? Do que está desconfiado?

— O Eric. — Guilherme tornou a gritar. — Me diga, você conhece o Eric?

Seu rosto enrubesceu perceptivelmente e ele desviou os olhos. Guilherme insistiu:

— O que você sabe sobre ele, seu *viadinho* de merda?

— Nós somos apenas amigos. — Ele murmurou, mas não tornou a erguer os olhos. — Se você está insinuando que... Não tem nada a ver... Ele e eu... Nós apenas...Somos amigos.

Caio não conseguia concluir nenhuma frase. Laura deixou o recinto, visivelmente aborrecida. O falatório reiniciou. Ao que parecia, todos tinham alguma ideia conclusiva sobre a amizade de Caio, Eric e Laura, mas ninguém pretendia trazê-la à tona neste momento. Thales segurou o braço de Guilherme e afastou-o com delicadeza. Guiou-o até a sala de jantar vazia.

— Por que está fazendo isso, Gui? Não precisa expor o cara desse jeito.

— Thales, minha namorada está apaixonada por esse *viadinho* de merda. Como você espera que eu reaja?

Sem esperar resposta, Guilherme deu as costas e deixou a casa. Entrou em seu carro, mas não deu partida.

O veículo havia sido estacionado no ponto estratégico, de acordo com o plano traçado anteriormente. Ele abriu o porta-luvas e observou a faca reluzente

ali dentro. Não haveria necessidade de usá-la, é claro. Desta vez, Eric não apareceria para vingar o amante morto.

A Saída 21 não me jogou de volta no tempo, ela me trouxe para outra vida. Em algum lugar da dimensão espaço-tempo, Laura está morta e Caio e Eric foram namorados. Mas não aqui, não agora.

Ele fechou os olhos, procurando ordenar os pensamentos. Em uma breve reflexão, pôde compreender algumas coisas que não compreendera na outra realidade que conhecia, *sua* realidade verdadeira, e entendeu o motivo pelo qual Laura odiara tanto Caio, a ponto de matá-lo naquela estrada fria.

Seus olhos depararam-se novamente com a faca cintilante. Talvez o final dessa história não estivesse destinado a ser feliz, afinal de contas.

Ele pegou a faca e desceu do carro.

